NÃO TE ESQUEÇAS DE TE LEMBRAR DE MIM

NUNCA JAMAIS

COLLEEN HOOVER

AUTORAS BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TARRYN FISHER

TOP SELLER

COLLEEN
HOOVER

TARRYN
FISHER

NUNCA JAMAIS

TOP SELLER
os livros em primeiro lugar



Edição em formato digital: novembro de 2023

NUNCA JAMAIS
Título original: *Never Never*
© 2017, Colleen Hoover e Tarryn Fisher
© 2023, Tarryn Fisher, edição revista
Publicado originalmente por CreateSpace Independent Publishing Platform.
A edição revista foi publicada em 2023 por Canary Street Press, Toronto, Canadá.
Todos os direitos reservados.

© desta edição:
2023, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.
Esta edição foi publicada por acordo com Dystel, Goderich & Bourret LLC.,
através de International Editors & Yáñez' Co.

Topseller é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal
correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.
Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Ana Beatriz Manso
Coordenação Editorial: Vanessa Domingos
Tradução: Marlene Campos
Revisão: Teresa Antunes
Capa: © 2023, Harlequin Enterprises ULC, adaptada por
Wonder Studio / Ana Teixeira sobre design de Sean Kapitain
Fotografia da capa: Jonathan Knowles / Getty Images

ISBN: 978-989-787-527-4

Composição digital: leerendigital.com
Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt
Twitter: @PenguinLivrosPT
Facebook: topseller.editora
Instagram: topseller.suma

Índice

Nunca Jamais
Créditos
Dedicatória
Parte 1
Parte 2
Parte 3
Epílogo
Sobre este livro
Sobre as autoras

Este livro é dedicado a todos os que
não são a Sundae Colletti.

PARTE 1

1

Charlie

Um estrondo. Livros caem no chão de linóleo manchado. Escorregam alguns metros, a rodopiar, e param perto de pés. Os *meus* pés. Não reconheço as sandálias pretas, nem as unhas vermelhas, mas mexem-se quando os mando mexer, por isso devem ser meus. *Certo?*

Uma campainha toca. Estridente.

Dou um salto na cadeira, com o coração acelerado. Os meus olhos movem-se da esquerda para a direita, enquanto observo o que me rodeia, tentando não me denunciar.

Que campainha foi aquela? Onde é que eu estou?

Miúdos com mochilas entram apressados na sala, a conversar e a rir. Uma campainha de escola. Eles sentam-se nas suas mesas, a competir para ver quem fala mais alto. Apercebo-me de um movimento junto aos meus pés e estremeço com a surpresa. Alguém está baixado a apanhar os livros do chão, uma miúda de rosto corado e óculos. Antes de se levantar, ela olha para mim com uma expressão de medo e depois afasta-se. As pessoas estão a rir-se. Quando olho em volta, penso que estão a rir-se de mim, mas é para a miúda de óculos que estão a olhar.

— Charlie! — chama alguém. — Não viste isso? — E depois: — Charlie… qual é o teu problema… Olá…?

O meu coração está a bater muito, muito depressa.

Que lugar é este? Porque é que não me consigo lembrar?

— Charlie! — sussurra alguém.

Olho em volta.

Quem é o Charlie? Qual destes miúdos é o Charlie?

Há tantos miúdos: de cabelo loiro, cabelo despenteado, cabelo castanho, com óculos, sem óculos…

Um homem entra com uma mala na mão. Senta-se à secretária.

O professor. Estou numa sala de aula, e aquele deve ser o professor. Escola ou faculdade?

Levanto-me de repente. Estou no lugar errado. Todos estão sentados, mas eu estou de pé… a caminhar.

— Aonde é que vai, menina Wynwood?

O professor olha para mim por cima dos óculos enquanto folheia uma pilha de papéis. Bate com eles com força na secretária e eu salto. A menina Wynwood devo ser eu.

— Ela está com cólicas! — diz alguém.

Ouvem-se risadas. Sinto um arrepio subir-me pelas costas e rastejar pela parte de cima dos braços. Estão a rir-se de mim, mas eu não sei quem são estas pessoas.

— Está calado, Michael — ouço uma rapariga dizer.

— Não sei — respondo, ouvindo a minha voz pela primeira vez. Sai alta demais. Pigarreio e tento de novo: — Não sei. Eu não devia estar aqui.

Mais risos. Olho em redor para os pósteres nas paredes, os rostos dos presidentes com uma data por baixo. *Aula de História? Escola secundária?*

O homem, o professor, inclina a cabeça para o lado como se eu tivesse dito a maior idiotice do mundo.

— E onde é que deveria estar no dia do teste?

— Eu… eu não sei.

— Sente-se — diz ele.

Não sei para onde iria se tivesse saído. Volto-me para regressar ao meu lugar. A rapariga de óculos olha de relance para mim quando passo por ela. Desvia o olhar imediatamente.

Mal me sento, o professor começa a distribuir os testes. Caminha entre as mesas, explicando, com uma voz monocórdica, a percentagem que o teste representará na nossa nota final. Quando chega à minha mesa, faz uma pausa, com um vinco profundo entre as sobrancelhas.

— Não sei o que está a tramar — diz ele, pressionando a ponta do indicador gordo na minha mesa. — O que quer que seja, estou farto. Mais uma gracinha e mando-a ir ter com o diretor.

Bate com o teste na minha mesa e segue caminho.

Não anuo, não faço nada. Estou a tentar decidir o que fazer. Anunciar a toda a sala que não faço ideia de quem sou nem de onde estou… ou chamar o professor à parte e contar-lhe baixinho. Ele disse que estava farto de gracinhas. Os meus olhos fixam-se no teste à minha frente. Os outros já estão debruçados sobre os testes, a escrever.

Quarto Período
História
Professor Dulcott

Há um espaço para o nome. É suposto eu escrever o meu nome, mas eu não sei qual é o meu nome. Ele chamou-me «Menina Wynwood».

Porque é que não reconheço o meu próprio nome? Ou *onde* estou?

Ou *o que* sou?

Todas as cabeças estão debruçadas sobre os testes menos a minha. Limito-me a ficar sentada a olhar em frente. O professor Dulcott está a olhar para mim da sua secretária. Quanto mais tempo permaneço sentada, mais vermelho fica o rosto dele.

O tempo passa, mas meu mundo parou. O professor Dulcott acaba por se levantar, abre a boca para me dizer algo, mas a campainha toca.

— Deixem os testes na minha secretária à saída — diz ele, ainda de olhos postos em mim.

Todos estão a sair da sala. Eu levanto-me e sigo-os, porque não sei o que fazer. Mantenho os olhos no chão, mas sinto a raiva dele. Não percebo porque está tão zangado comigo. Estou agora num corredor, com cacifos azuis de ambos

os lados.

— Charlie! — chama alguém. — Charlie, espera!

Um segundo depois, um braço entrelaça-se no meu. Imagino que seja a rapariga de óculos, não sei porquê. Não é. Mas agora sei que me chamo Charlie. Charlie Wynwood.

— Esqueceste-te da mochila — diz ela, entregando-me uma mochila branca.

Pego nela, na esperança de encontrar uma carteira com uma carta de condução no interior. Ela mantém o braço entrelaçado no meu enquanto caminhamos. É mais baixa do que eu, e tem cabelo comprido e escuro e olhos castanhos orvalhados que ocupam metade do seu rosto. É surpreendente e bonita.

— Porque é que estavas tão estranha lá dentro? — pergunta ela. — Deitaste ao chão os livros da Camarão e depois apagaste.

Sinto o cheiro do perfume dela. É familiar e demasiado doce, como se um milhão de flores competissem por atenção. Penso na miúda de óculos, no olhar dela quando se baixou para apanhar os livros. Se eu fiz aquilo, porque é que não me lembro?

— Eu…

— É hora do almoço, porque é que estás a ir por aí?

Ela puxa-me para outro corredor, passando por mais alunos. Pergunto-me se me conhecerão, e por que razão *eu* não me conheço. Não sei porque é que não lhe conto, não conto ao professor Dulcott, porque é que não agarro numa pessoa à sorte e lhe digo que não sei quem sou nem onde estou. Quando começo a considerar essa possibilidade, passamos por portas duplas e entramos no refeitório. Ruído e cor, corpos que têm todos um cheiro particular, luzes fluorescentes brilhantes que fazem tudo parecer feio. *Oh, meu Deus*. Agarro-me à minha camisa.

A rapariga agarrada ao meu braço continua a tagarelar. O Andrew isto, a Marcy aquilo. Ela gosta do Andrew e odeia a Marcy. Não sei quem é nenhum dos dois. Ela encaminha-me para a fila da comida. Pegamos em saladas e *Coca-Cola Zero*. Depois, pousamos os tabuleiros numa mesa. Já há pessoas lá sentadas: quatro rapazes e duas raparigas. Percebo que estamos num grupo com um número par de pessoas. Todas as raparigas têm um par. Todos olham para

mim na expectativa, como se esperassem que eu dissesse ou fizesse algo. O único lugar vago é ao lado de um rapaz de cabelo escuro. Sento-me devagar, com as mãos pousadas na mesa. Os olhos dele voltam-se para mim e depois ele debruça-se sobre o seu tabuleiro de comida. Noto delicadas gotas de suor na testa dele, logo abaixo da raiz dos cabelos.

— Às vezes vocês os dois são tão estranhos — diz uma rapariga loira sentada à minha frente.

Ela olha para mim e para o rapaz sentado ao meu lado. Ele ergue os olhos do macarrão e percebo que estava apenas a brincar com a comida no prato. Não tinha comido nada, apesar de parecer muito ocupado. Olha para mim e eu olho para ele, e depois olhamos ambos para a rapariga loira.

— Aconteceu alguma coisa que devêssemos saber? — pergunta ela.

— Não — respondemos em uníssono.

Ele é meu namorado. Percebo-o pela forma como nos tratam. De repente, ele sorri para mim com os seus dentes brancos e brilhantes e põe um braço à volta dos meus ombros.

— Está tudo bem — diz ele, apertando-me o braço.

Contraio-me automaticamente, mas, quando vejo seis pares de olhos fixos no meu rosto, inclino-me para ele e entro no jogo. É assustador não saber quem somos, e ainda mais assustador achar que nos vamos enganar. Agora estou assustada, muito assustada. Isto foi longe demais. Se eu disser alguma coisa agora, vou parecer… *louca*. A demonstração de afeto dele parece deixar todos mais tranquilos. Todos exceto… ele. Eles recomeçam a conversa, mas as palavras misturam-se: futebol, uma festa, mais futebol. O rapaz sentado ao meu lado ri-se e junta-se à conversa, sempre com o braço à volta dos meus ombros. Chamam-lhe Silas. Chamam-me Charlie. A rapariga de cabelo escuro com olhos grandes chama-se Annika. O nome dos outros passa-me ao lado por causa do barulho.

Quando o almoço termina finalmente, todos nos levantamos. Caminho ao lado do Silas, ou melhor, ele caminha ao meu lado. Não faço ideia do local para onde estou a ir. A Annika aparece do meu outro lado, entrelaça o braço no meu e conversa sobre *cheerleaders*. Está a fazer-me sentir claustrofóbica. Quando

chegamos a um recanto no corredor, inclino-me para ela e falo de forma que mais ninguém ouça.

— Podes acompanhar-me até à minha próxima aula?

Ela fica séria. Afasta-se para dizer qualquer coisa ao namorado e depois volta a entrelaçar o braço no meu. Eu volto-me para o Silas.

— A Annika vai acompanhar-me até à próxima aula.

— OK — responde ele. Parece aliviado. — Vemo-nos… depois.

Ele segue na direção oposta.

A Annika volta-se para mim mal ele desaparece de vista.

— Aonde é que ele vai?

Encolho os ombros.

— Para as aulas.

Ela abana a cabeça, como se estivesse confusa.

— Não vos percebo. Num dia estão agarradinhos e no outro parece que não suportam sequer estar no mesmo lugar. Tens mesmo de te decidir em relação a ele, Charlie.

Ela para em frente a uma porta.

— A minha aula é aqui… — digo, para ver se ela me contraria. Ela não o faz.

— Liga-me depois. Quero saber tudo sobre ontem à noite.

Aquiesço. Quando ela desaparece no mar de rostos, entro na sala de aula. Não sei onde me sentar, pelo que vagueio até ao fundo da sala e sento-me junto à janela. Cheguei cedo, por isso abro a mochila. Há uma carteira encaixada entre alguns cadernos e uma bolsa de maquilhagem. Pego nela e abro-a. Encontro uma carta de condução com a fotografia de uma rapariga sorridente de cabelo escuro. *Eu*.

Charlize Margaret Wynwood
2417 Holcourt Way
Nova Orleães, LA

Tenho 17 anos. Faço anos no dia 21 de março. Vivo no Louisiana. Estudo a fotografia no canto superior esquerdo e não reconheço o rosto. É o meu rosto, mas eu nunca o tinha visto. Sou… *bonita*. Tenho apenas vinte e oito dólares.

A sala começa a encher-se. O lugar ao lado do meu permanece vazio, quase como se todos tivessem medo de se sentar ali. Estou na aula de Espanhol. A professora é bonita e nova, chama-se professora Cardona. Não olha para mim como se me odiasse, como muitas outras pessoas têm feito. Começamos com os tempos verbais.

Eu não tenho passado. Eu não tenho passado.

Cinco minutos depois do início da aula, a porta abre-se. O Silas entra de olhos baixos. Penso que está aqui para me dizer alguma coisa, ou para me entregar alguma coisa. Preparo-me, pronta para fingir, mas a professora Cardona brinca com o atraso dele. Ele senta-se no único lugar vazio, ao meu lado, e olha em frente. Eu olho para ele. Não paro de olhar para ele até que ele, finalmente, volta a cabeça para mim. Uma gota de suor escorre-lhe pelo rosto.

Tem os olhos arregalados. Arregalados… *como os meus.*

2

Silas

Três horas.

Passaram-se quase três horas e a minha mente continua numa névoa.

Não, não é uma névoa. Nem sequer é um nevoeiro denso. Sinto-me como se estivesse a vaguear numa sala escura como breu, à procura do interruptor da luz.

— Estás bem? — pergunta a Charlie.

Estou a olhar para ela há alguns segundos, a tentar encontrar alguma familiaridade num rosto que aparentemente deveria ser o *mais* familiar de todos para mim.

Nada.

Ela olha para a mesa e o seu cabelo preto e espesso cai entre nós como uma cortina. Quero observá-la melhor. Preciso de algo que me agarre, algo familiar. Quero antever um sinal de nascença ou uma sarda nela antes de a ver, porque preciso de *algo* reconhecível. Agarrar-me-ei a qualquer pedaço dela que me convença de que não estou a perder o juízo.

Reparo que leva a mão ao cabelo e o prende atrás da orelha. Fita-me com uns olhos arregalados, totalmente desconhecidos para mim. O vinco entre as suas sobrancelhas fica mais profundo e ela começa a morder o polegar. Está preocupada comigo. Connosco, talvez.

Connosco.

Quero perguntar-lhe se ela sabe o que se terá passado comigo, mas não a

quero assustar. Como é que lhe explico que não a conheço? Como é que explico isto a *quem quer que seja*? Passei as últimas três horas a tentar agir naturalmente. A princípio pensei que pudesse ter usado alguma substância ilegal que me fez apagar, mas isto é diferente. É diferente de estar pedrado ou bêbedo, e nem sequer faço ideia de como sei isso. Não me lembro de nada antes das últimas três horas.

— Ei. — A Charlie estica o braço como se fosse tocar-me, e depois retrai-se. — Estás bem?

Limpo o suor da testa à manga da camisa. Quando ela olha de novo para mim, vejo que os seus olhos ainda estão cheios de preocupação. Forço os lábios a esboçarem um sorriso.

— Estou bem — murmuro. — Tive uma longa noite.

Mal o digo, encolho-me. Não faço ideia de como foi a minha noite, e, se esta rapariga sentada ao meu lado é mesmo minha namorada, uma frase como esta provavelmente não é muito reconfortante.

Vejo os olhos dela estremecerem ligeiramente e depois ela inclina a cabeça.

— Porque é que tiveste uma longa noite?

Merda.

— Silas — chama uma voz da frente da sala. Olho para cima. — Nada de conversas — diz a professora.

Ela retoma a aula, sem se preocupar muito com a minha reação por ter sido chamado à atenção. Olho de relance para a Charlie, por breves instantes, e depois olho imediatamente para a mesa. Os meus dedos percorrem os nomes gravados na madeira. A Charlie continua a olhar para mim, mas eu não olho para ela.

Viro a mão para cima e passo dois dedos pelos calos que tenho na palma.

Será que trabalho? Será que aparo relva?

Talvez seja do futebol americano. Durante o almoço, decidi usar o meu tempo para observar toda a gente à minha volta e descobri que tenho treino de futebol esta tarde. Não sei a que horas ou onde, mas de alguma forma consegui passar as últimas horas sem saber quando ou onde era suposto estar. Posso não ter qualquer tipo de recordação neste momento, mas estou a aprender que sou muito

bom a fingir. *Demasiado* bom, talvez.

Viro a outra mão e descubro os mesmos calos.

Talvez viva numa quinta.

Não. Não vivo.

Não sei como sei, contudo, mesmo sem me conseguir lembrar de nada, parece que tenho uma noção imediata de quais as suposições que estão corretas e de quais não estão. Pode ser apenas um processo de eliminação, e não intuição ou memória. Por exemplo, não me parece que alguém que vive numa quinta use o tipo de roupas que tenho vestidas. Roupas bonitas. *Roupas da moda*? Olhando para os meus sapatos, se alguém me perguntasse se tenho pais ricos, responder-lhe-ia: «Sim, tenho.» E não sei como, porque não me lembro dos meus pais.

Não sei onde vivo, com quem vivo, ou se me pareço mais com a minha mãe ou com o meu pai.

Nem sequer sei qual é o meu aspeto.

Levanto-me abruptamente, empurrando a secretária uns centímetros barulhentos para a frente no processo. Toda a turma se vira para mim, exceto a Charlie, porque ela não desviou o olhar de mim desde que me sentei. Os olhos dela não são inquisitivos ou gentis.

Os olhos dela são acusadores.

A professora olha para mim, mas não parece nada surpreendida por a atenção de todos se ter voltado para mim. Fica parada, complacente, à espera de que eu anuncie o motivo da súbita interrupção.

Engulo em seco.

— Casa de banho.

Tenho os lábios pegajosos. Tenho a boca seca. Tenho a mente em frangalhos. Não espero pela permissão dela para começar a ir nessa direção. Sinto os olhares de toda a gente postos em mim quando atravesso a porta.

Viro à direita e chego ao fim do corredor, mas não encontro a casa de banho. Volto para trás, passo pela porta da sala e continuo até dobrar a esquina e encontrar a casa de banho. Abro a porta, na esperança de encontrar a solidão, mas está alguém de pé junto ao urinol, de costas para mim. Viro-me para o lavatório, mas não olho para o espelho. Olho fixamente para o lavatório,

agarrando-o com força com uma mão de cada lado. Inspiro.

Se olhar para mim próprio, talvez o meu reflexo desencadeie uma memória, ou talvez me dê uma leve sensação de reconhecimento. Alguma coisa. *Qualquer coisa*.

O rapaz que estava no urinol há uns segundos está agora ao meu lado, encostado ao lavatório com os braços cruzados sobre o peito. Quando olho para ele, vejo que me observa. Tem o cabelo tão loiro, quase branco. E a pele é tão pálida, faz-me lembrar uma alforreca. Quase translúcida.

Lembro-me de como é uma alforreca, mas não faço ideia do que irei encontrar quando me vir ao espelho?

— Estás com péssimo aspeto, Nash — diz ele, com um sorriso.

Nash?

Todos os outros me chamaram Silas. Nash deve ser o meu apelido. Eu até confirmava na carteira, mas não tenho nenhuma no bolso. Apenas um punhado de notas. A carteira foi a primeira coisa que procurei depois… Bem, depois do que aconteceu.

— Não me estou a sentir muito bem — resmungo em resposta.

O rapaz fica alguns segundos sem responder. Continua a olhar para mim, da mesma forma que a Charlie olhou para mim na aula, mas com menos preocupação e muito mais satisfação. Sorri afetadamente e afasta-se do lavatório. Endireita-se, mas mesmo assim continua uns três centímetros mais baixo do que eu. Dá um passo em frente, e percebo pelo olhar dele que não se está a aproximar por estar preocupado com a minha saúde.

— Ainda não resolvemos o que aconteceu na sexta-feira à noite — diz ele. — É por isso que estás aqui agora?

As narinas dele dilatam-se quando fala e as suas mãos caem para os lados, e ele fecha-as e abre-as duas vezes.

Tenho um debate de dois segundos comigo próprio, consciente de que, se me afastar dele, irei parecer um cobarde. No entanto, também sei que, se avançar, estarei a desafiá-lo a fazer alguma coisa com a qual não quero ter de lidar no momento. É óbvio que ele tem algum problema comigo e com o que quer que eu tenha feito na sexta-feira à noite e o deixou furioso.

Chego a um compromisso, e não mostro qualquer tipo de reação. *Mostra indiferença.*

Desvio preguiçosamente a atenção para o lavatório e abro um dos manípulos até que um jato começa a sair da torneira.

— Guarda isso para o campo — digo-lhe.

Arrependo-me imediatamente. Não tinha pensado que ele talvez nem sequer jogasse futebol. Presumi que jogasse, devido ao seu tamanho, mas, se não jogar, o meu comentário não terá feito o mínimo sentido. Sustenho a respiração e espero que ele me corrija ou me chame à atenção.

Nenhuma dessas coisas aconteceu.

Ele fica a olhar mais alguns segundos, e depois dá-me um encontrão no ombro enquanto se dirige para a porta. Ponho as mãos em concha debaixo do jato de água e dou um gole. Limpo a boca com as costas da mão e olho para cima. Para *mim*.

Para o Silas Nash.

Mas que raio de nome é esse, afinal?

Estou a olhar, sem emoção, para um par de olhos escuros que não me são familiares. Sinto-me como se estivesse a olhar para dois olhos que nunca vi antes, apesar do facto de, muito provavelmente, ter olhado para eles diariamente desde que tinha idade suficiente para alcançar um espelho.

Esta pessoa no reflexo é-me tão familiar como a rapariga que — *de acordo com um tipo chamado Andrew* — ando a «comer» há dois anos.

Esta pessoa no reflexo é-me tão familiar como todos os aspetos da minha vida neste momento.

Ou seja, nada.

— Quem *és* tu? — sussurro-lhe.

A porta da casa de banho começa a abrir-se devagar, e os meus olhos deslocam-se do meu reflexo para o reflexo da porta. Uma mão aparece, agarrando a porta. Reconheço o verniz vermelho brilhante. *A rapariga que ando a «comer» há mais de dois anos*.

— Silas?

Endireito-me e volto-me totalmente para a porta quando ela espreita. Os seus

olhos encontram os meus, mas apenas por dois segundos. Ela desvia o olhar, perscrutando o resto da casa de banho.

— Só estou cá eu — digo.

Ela anui e entra, apesar de hesitante. Gostava de saber como lhe assegurar que está tudo bem para que ela não fique desconfiada. Também gostava de me lembrar dela, ou de qualquer coisa sobre a nossa relação, porque quero contar-lhe. Preciso de lhe contar. Preciso que mais alguém saiba, para que eu possa fazer perguntas.

Mas como é que um tipo diz à namorada que não faz ideia de quem ela é? De quem é que ele próprio é?

Não lhe diz. Finge, tal como tem fingido com toda a gente.

Cem perguntas silenciosas enchem os olhos dela ao mesmo tempo, e eu quero imediatamente esquivar-me a todas elas.

— Eu estou bem, Charlie. — Sorrio, porque sinto que é algo que deveria fazer. — Só não me estou a sentir muito bem. Volta para a aula.

Ela não se mexe. Não sorri.

Fica onde está, sem reagir ao meu pedido. Faz-me lembrar um daqueles animais com molas que se montam num parque infantil. Daqueles que se empurram, mas que saltam logo para cima. Sinto que, se alguém lhe desse um empurrão nos ombros, ela se inclinaria para trás, com os pés no sítio, e voltaria para cima.

Não me lembro de como se chamam esses brinquedos, mas faço uma nota mental de que, de alguma forma, me lembro deles. Fiz muitas notas mentais nas últimas três horas.

Sou finalista.

Chamo-me Silas.

O meu apelido é Nash. A minha namorada chama-se Charlie. Jogo futebol.

Sei como é uma alforreca.

A Charlie inclina a cabeça e o canto da boca dela contorce-se ligeiramente. Entreabre os lábios e, por momentos, apenas ouço a sua respiração nervosa. Quando finalmente forma palavras, quero esconder-me delas. Quero pedir-lhe que feche os olhos e conte até vinte, para eu poder fugir para longe, para não

ouvir a pergunta dela.

— Qual é o meu apelido, Silas?

A voz dela é como fumo. Suave e fina, e depois desvanece-se.

Não percebo se é extremamente intuitiva ou se estou a sair-me muito mal a disfarçar o facto de não saber nada. Por momentos, pergunto-me se devo ou não contar-lhe. Se lhe contar e ela acreditar em mim, talvez consiga responder a muitas das minhas perguntas. Mas se lhe contar e ela *não* acreditar…

— Querida — digo eu, com uma gargalhada dissimulada. *Será que a trato por querida?* — Que raio de pergunta é essa?

Ela levanta o pé que eu tinha a certeza de que estava preso ao chão e dá um passo em frente. Dá outro. Continua na minha direção até estar a cerca de um metro de distância, suficientemente perto para que eu consiga sentir o cheiro dela.

Lírios.

Ela cheira a lírios, e eu não faço a mais pálida ideia de como é que me consigo lembrar do cheiro dos lírios, mas não me consigo lembrar da pessoa que está à minha frente e que cheira a lírios.

Ela não desvia os olhos dos meus, nem por um segundo.

— Silas — diz ela. — Qual é o meu apelido?

Movo o maxilar para trás e para a frente, e depois volto-me de novo para o lavatório. Inclino-me e agarro-me firmemente a ele com ambas as mãos. Ergo os olhos lentamente até me fixar nos dela no espelho.

— O teu apelido?

A minha boca está novamente seca e as minhas palavras saem arranhadas.

Ela espera.

Desvio o olhar dela e volto a fixar-me nos olhos do tipo desconhecido no espelho.

— Não me lembro.

Ela desaparece do reflexo, e imediatamente ouço uma pancada forte. Faz-me lembrar o som que os peixes fazem no Pike Place Market, quando são lançados e agarrados com papel-manteiga.

Pum!

Viro-me e vejo-a deitada na tijoleira, de olhos fechados e braços abertos. Ajoelho-me imediatamente e levanto-lhe a cabeça, mas mal lhe ergo a cabeça uns centímetros do chão, ela começa a abrir as pálpebras.

— Charlie?

Ela inspira um pouco de ar e senta-se. Afasta-se dos meus braços e empurra-me, quase como se tivesse medo de mim. Mantenho as mãos perto dela para o caso de ela tentar levantar-se, mas não o faz. Deixa-se ficar sentada no chão com as palmas das mãos pressionadas contra a tijoleira.

— Desmaiaste — digo-lhe.

Ela franze a testa.

— Já percebi.

Não volto a falar. Se calhar devia saber o que significam todas as expressões dela, mas não sei. Não sei se ela está assustada ou zangada ou…

— Estou confusa — diz ela, abanando a cabeça. — Eu… Podes…

Ela faz uma pausa e depois tenta levantar-se. Levanto-me com ela, mas percebo que ela não fica satisfeita pela forma como olha para as minhas mãos, ligeiramente levantadas, à espera de a apanhar se ela voltar a cair.

Afasta-se dois passos de mim e cruza um braço sobre o peito. Levanta a mão oposta e recomeça a morder o polegar. Por momentos, estuda-me em silêncio e depois tira o polegar da boca e cerra o punho.

— Tu não sabias que tínhamos aulas juntos depois do almoço. — As palavras dela soam a acusação. — Não sabes o meu apelido.

Abano a cabeça, admitindo as duas verdades que não consigo negar.

— De que é que te lembras? — pergunta ela.

Ela está com medo. Nervosa. Desconfiada. As nossas emoções são reflexos umas das outras, e é então que percebo tudo.

Talvez *ela* não me pareça familiar. Talvez *eu* não me pareça familiar. Mas as nossas ações, o nosso comportamento… são exatamente iguais.

— De que é que eu me lembro?

Repito a pergunta numa tentativa de ganhar mais alguns segundos para que as minhas suspeitas ganhem força.

Ela fica à espera da minha resposta.

— História — respondo, tentando recordar-me do acontecimento mais antigo que consigo. — Livros. Vi uma rapariga deixar cair os livros.

Seguro de novo o pescoço e aperto.

— Oh, meus Deus.

Ela dá um passo rápido na minha direção.

— Isso… isso é a primeira coisa de que *eu* me lembro.

Fico ainda mais nervoso.

Ela começa a abanar a cabeça.

— Não gosto disto. Não faz sentido.

Ela parece calma… mais calma do que eu me sinto. A voz dela é firme. O único medo que vejo é no branco dos seus olhos. Puxo-a para mim sem pensar, mas acho que é mais para meu próprio alívio do que para a pôr à vontade. Ela não se afasta e, por um segundo, pergunto-me se isto é normal entre nós. Pergunto-me se estaremos apaixonados.

Aperto-a mais até sentir o corpo dela ficar tenso contra o meu.

— Precisamos de entender o que se passa — diz ela, afastando-se de mim.

O meu primeiro instinto é dizer-lhe que vai ficar tudo bem, que vou resolver o problema. Sou inundado por uma necessidade avassaladora de a proteger. Só que não sei como o fazer, já que estamos os dois a viver a mesma realidade.

A campainha toca, assinalando o fim da aula de Espanhol. Em segundos, a porta da casa de banho vai abrir-se. Os cacifos vão fechar-se. Vamos ter de descobrir quais são as nossas próximas aulas. Pego na mão dela e puxo-a para trás de mim, enquanto abro a porta da casa de banho.

— Aonde é que vamos? — pergunta ela.

Olho para ela e encolho os ombros.

— Não faço ideia. Só sei que quero sair daqui.

3

Charlie

Este tipo — este rapaz, o Silas — agarra na minha mão como se me conhecesse e arrasta-me atrás dele como se eu fosse uma criança. E é assim que eu me sinto — uma criança pequena num mundo muito, muito grande. Não percebo nada, e muito menos reconheço seja o que for. Tudo aquilo em que consigo pensar, enquanto ele me puxa pelos corredores discretos de uma qualquer escola secundária, é que desmaiei, desmaiei como uma donzela em perigo. E no chão da casa de banho dos rapazes. *Imundo*. Estou a avaliar as minhas prioridades, perguntando-me como é que o meu cérebro consegue encaixar os germes na equação, enfrentando eu claramente um problema muito maior, quando saímos para a luz do sol. Protejo os olhos com a minha mão livre enquanto o Silas tira as chaves da mochila. Segura-as acima da cabeça e faz um círculo, clicando no botão de alarme. De algum canto do parque de estacionamento, ouvimos o som agudo de um alarme.

Corremos até lá, com os sapatos a baterem no cimento com urgência, como se alguém nos estivesse a perseguir. E talvez esteja. Descobrimos que o carro é um SUV. Sei que se destaca porque fica acima dos outros carros, fazendo-os parecer pequenos e insignificantes. Um *Land Rover*. Ou o Silas conduz o carro do pai, ou está a nadar no dinheiro do pai. Talvez não tenha pai. De qualquer forma, ele também não me conseguiria responder. E como é que eu sei quanto custa um carro destes? Tenho memórias de como as coisas funcionam: um carro, as regras

de trânsito, os presidentes, mas não de quem sou.

Ele abre-me a porta enquanto espreita por cima do ombro para a escola, e eu tenho a sensação de que me estão a pregar uma partida. Ele pode ser o responsável por isto. Ele pode ter-me dado algo que me fez perder a memória temporariamente, e agora está apenas a fingir.

— Isto é a sério? — pergunto, suspensa sobre o banco da frente. — Tu não sabes quem és?

— Não — responde ele. — Não sei.

Acredito nele. Mais ou menos. Afundo-me no assento.

Ele analisa os meus olhos mais um pouco antes de bater com a minha porta e correr para o lado do condutor. Sinto-me mal. Como se estivesse de ressaca. Será que bebo? A minha carta de condução dizia que eu só tenho 17 anos. Mordo o polegar enquanto ele entra e liga o motor carregando num botão.

— Como é que sabes como fazer isso? — pergunto.

— Fazer o quê?

— Ligar o carro sem a chave.

— Eu… eu sei lá!

Observo a cara dele quando ele arranca do estacionamento. Pisca muito os olhos, olha ainda mais para mim, passa a língua pelos lábios. Quando paramos num semáforo, ele encontra o botão «Casa» no GPS e prime-o. Fico impressionada por ele ter pensado nisso.

«A redirecionar», articula uma voz feminina. Quero perder as estribeiras, saltar do carro em movimento e correr como um veado assustado. Estou com muito medo.

A casa dele é imponente. Não vemos carros na entrada quando paramos junto ao passeio, com o motor a ronronar baixinho.

— Tens a certeza de que esta é a tua casa? — pergunto.

Ele encolhe os ombros.

— Parece que não está ninguém — diz ele. — Vamos?

Eu aquiesço. Não deveria ter fome, mas tenho. Quero entrar e comer alguma

coisa, talvez pesquisar os nossos sintomas e ver se tivemos contacto com alguma bactéria que come cérebros e roubou as nossas memórias. Uma casa destas deve ter alguns portáteis espalhados pelas muitas divisões. O Silas vira para a entrada e estaciona. Sai do carro timidamente, olhando para os arbustos e as árvores à sua volta, como se pudessem ganhar vida. Encontra uma chave no seu porta-chaves que abre a porta da frente. Enquanto espero, atrás dele, analiso-o. O cabelo e as roupas dão-lhe um ar despreocupado, mas a postura dos seus ombros denuncia que se preocupa até demais. Também cheira a natureza: relva, pinho e terra preta. Está prestes a rodar a maçaneta.

— Espera!

Ele volta-se lentamente, apesar da urgência na minha voz.

— E se estiver alguém lá dentro?

Ele esboça um sorriso amarelo, ou uma careta, talvez.

— Talvez nos possam dizer que diabo se está a passar…

Entramos. Ficamos imóveis por momentos, a olhar em volta. Eu encolho-me atrás do Silas como uma cobarde. Não está frio, mas estou a tremer. Tudo é pesado e impressionante — a mobília, o ar, a minha mochila, pendurada no meu ombro como um peso morto. O Silas avança. Eu agarro-me à parte de trás da camisa dele enquanto atravessamos o *hall* e entramos na sala de estar. Andamos de divisão em divisão, parando para analisar as fotografias nas paredes. Dois pais sorridentes e bronzeados, com os braços à volta de dois rapazes sorridentes e de cabelo escuro, o oceano ao fundo.

— Tens um irmão mais novo — digo-lhe. — Sabias que tens um irmão mais novo?

Ele diz que não com a cabeça. Os sorrisos nas fotos ficam mais escassos à medida que o Silas e a miniatura dele crescem. Há muito acne e aparelhos dentários, fotografias de pais a esforçarem-se por parecer alegres enquanto puxam para si rapazes de ombros rígidos. Passamos para os quartos… para as casas de banho. Pegamos em livros, lemos os rótulos nos frascos de medicamentos castanhos que encontramos nos armários. A mãe dele tem flores secas espalhadas pela casa: aninhadas entre as páginas dos livros na mesa de cabeceira, na gaveta da maquilhagem e alinhadas nas prateleiras do quarto deles.

Toco em cada uma delas, sussurrando os seus nomes. Lembro-me do nome de todas as flores. Por alguma razão, isso faz-me rir. O Silas estanca quando entra na casa de banho dos pais e me encontra debruçada a rir.

— Desculpa — digo. — Passou-me uma coisa pela cabeça.

— O quê?

— Percebi que me esqueci de tudo sobre mim, mas sei o que é um jacinto.

Ele anui.

— Pois.

Ele olha para as mãos, franzindo a testa.

— Achas que devíamos contar a alguém? Ir ao hospital, talvez?

— E achas que iam acreditar em nós? — pergunto.

Ficamos a olhar um para o outro. Contenho mais uma vez a vontade de perguntar se ele me está a pregar uma partida. Isto não é uma partida. É demasiado real.

Em seguida, passamos para o escritório do pai, remexendo nos papéis e abrindo gavetas. Não há nada que nos explique por que razão estamos assim, nada de anormal. Observo-o atentamente pelo canto do olho. Se isto for uma partida, ele é muito bom ator. *Talvez seja uma experiência*, penso. Faço parte de uma experiência psicológica do governo e vou acordar num laboratório. O Silas também me observa. Vejo os olhos dele na minha direção, a pensar… a avaliar. Não falamos muito. Apenas: «Olha para isto.» Ou: «Achas que isto nos pode ajudar?»

Somos desconhecidos e há poucas palavras entre nós.

O quarto do Silas é o último. Ele agarra na minha mão ao entrar e eu deixo, pois começo a sentir-me novamente tonta. A primeira coisa que vejo é uma fotografia nossa na secretária dele. Eu estou mascarada, com um tutu demasiado curto com padrão de leopardo e asas de anjo pretas que se abrem elegantemente atrás de mim. Tenho pestanas espessas e brilhantes. O Silas está vestido de branco, com asas de anjo brancas. Está bonito. *O bem contra o mal*, penso. Era esse o tipo de jogo que fazíamos? Ele olha para mim e ergue as sobrancelhas.

— Escolhemos mal as fantasias — digo eu, encolhendo os ombros.

Ele sorri e depois seguimos para lados opostos do quarto.

Eu ergo o olhar para as paredes cobertas de fotografias: um sem-abrigo encostado a uma parede, embrulhado num cobertor; uma mulher sentada num banco de jardim, a chorar com as mãos no rosto. Uma cartomante, com a mão agarrada ao pescoço, olha para a objetiva de olhar vazio. As fotografias são mórbidas. Quero afastar-me, envergonhada. Não percebo porque é que alguém *quereria* fotografar coisas tão tristes, quanto mais pendurá-las nas paredes para as ver todos os dias.

E depois volto-me e vejo uma câmara fotográfica dispendiosa em cima da secretária. Está numa posição de destaque, no topo de uma pilha de livros de fotografia. Olho para o Silas, também a analisar as fotografias. Um artista. As fotos serão dele? Estará ele a tentar reconhecê-las? Não vale a pena perguntar. Avanço, olho para as roupas dele, olho para dentro das gavetas da sua luxuosa secretária de mogno.

Estou tão cansada. Estou prestes a sentar-me na cadeira da secretária quando ele de repente se anima e me chama.

— Olha para isto.

Eu ergo-me lentamente e aproximo-me dele. Está a olhar para a cama por fazer. Tem os olhos brilhantes e devo dizer… chocados? Sigo-os até aos lençóis. E então o meu sangue congela.

— Oh, meu Deus.

4

Silas

Afasto o edredão para ver melhor a bagunça aos pés da cama. Manchas de lama endurecida no lençol. Seca. Pedaços racham e desfazem-se quando estico o tecido.

— Isto é… — A Charlie para de falar, arranca-me o canto do lençol de cima da mão e afasta-o para ver melhor o lençol de baixo. — Isto é *sangue*?

Sigo o olhar dela até ao lençol, perto da cabeceira da cama. Ao lado da almofada há uma marca de mão manchada e esbatida. Olho imediatamente para as minhas mãos.

Nada. Não há qualquer sinal de sangue ou de lama.

Ajoelho-me ao lado da cama e ponho a mão direita sobre a marca no colchão. Encaixa perfeitamente. Ou *imperfeitamente*, dependendo da interpretação. Olho para a Charlie e ela desvia os olhos, quase como se não quisesse saber se a marca da mão é minha ou não. O facto de ser minha levanta ainda mais questões. O facto de ser minha só aumenta as questões. Nesta altura, temos tantas acumuladas que parece que a pilha está prestes a desmoronar-se e a enterrar-nos em tudo menos respostas.

— Provavelmente é meu — arrisco. Ou talvez o diga a mim próprio. Tento afastar os pensamentos que sei que se estão a desenvolver na cabeça dela. — Talvez eu tenha caído lá fora ontem à noite.

Sinto que estou a inventar desculpas para alguém que não sou eu. Para um

amigo. Esse tal de *Silas*. Alguém que, decididamente, não sou eu.

— Onde estiveste ontem à noite?

Não é uma pergunta de verdade, apenas algo em que ambos pensamos. Puxo o lençol e o edredão e estico-os em cima da cama para esconder a bagunça. As provas. As pistas. O que quer que seja, só quero tapá-lo.

— O que é que isto significa? — pergunta ela, virando-se para mim.

Segura um papel. Aproximo-me dela e tiro-lho da mão. Um pequeno buraco de desgaste bem no meio dá a entender ter sido dobrado e desdobrado muitas vezes. Leio a frase lá escrita: «Nunca deixes. Nunca te esqueças.»

Deixo cair o papel na secretária. Não o quero nas minhas mãos. O papel também me parece uma prova. Não lhe quero tocar.

— Não sei o que significa.

Preciso de água. É a única coisa de cujo sabor me lembro. Talvez porque a água não tem sabor.

— Foste tu que escreveste isso? — exige ela saber.

— Como é que eu vou saber?

Não gosto do tom da minha voz. Pareço irritado. Não quero que ela ache que estou irritado com ela.

Ela volta-se e dirige-se rapidamente à sua mochila. Procura no interior e tira uma caneta, depois volta a aproximar-se de mim e entrega-ma.

— Copia.

É mandona. Olho para a caneta e rodo-a entre os dedos. Passo o polegar nas palavras gravadas numa das suas arestas.

GRUPO FINANCEIRO WYNWOOD-NASH

— Vê se a tua letra é igual — diz ela.

Então, vira o papel para o lado em branco e empurra-o na minha direção. Encontro o olhar dela, e perco-me nele por instantes. Mas depois fico irritado.

Odeio o facto de ela ter pensado nestas coisas primeiro. Seguro na caneta com a mão direita. Sinto-me desconfortável. Mudo a caneta para a mão esquerda e encaixa melhor. *Sou canhoto.*

Escrevo as palavras de memória e, depois de ela olhar bem para a minha letra, volto a virar a folha.

A letra é diferente. A minha é nítida, concisa. A outra é frouxa e desleixada. Ela pega na caneta e reescreve as palavras.

É uma correspondência perfeita. Ficamos os dois a olhar em silêncio para o papel, sem saber se significa alguma coisa. Pode não significar nada. Pode significar *tudo*. A sujidade nos meus lençóis pode significar tudo. A marca de mão manchada de sangue pode significar tudo. O facto de nos lembrarmos de coisas básicas, mas não de pessoas pode significar tudo. A roupa que estou a usar, a cor do verniz das unhas dela, a câmara fotográfica na minha secretária, as fotografias na parede, o relógio por cima da porta, o copo de água meio vazio na secretária. Rodo o corpo, absorvendo tudo. *Tudo* pode significar tudo.

Ou pode não significar absolutamente nada.

Não sei o que catalogar na minha mente e o que ignorar. Talvez, se eu adormecer, acorde amanhã completamente normal.

— Tenho fome — diz ela.

Percebo que me observa, mechas de cabelo impedem-me de lhe ver completamente o rosto. É bonita, mas de uma forma indigna. Como se eu não devesse apreciá-la. Tudo nela é cativante, como o rescaldo de uma tempestade. As pessoas não devem sentir prazer com a destruição de que a Mãe Natureza é capaz, mas são incapazes de desviar o olhar. A Charlie é a destruição deixada após um tornado.

Como é que eu sei isso?

Neste momento, ela parece calculista, ao olhar para mim deste modo. Quero pegar na câmara fotográfica e tirar-lhe uma fotografia. O meu estômago contorce-se, e não tenho a certeza se são os nervos, a fome ou a minha reação à rapariga que está ao meu lado.

— Vamos descer — digo.

Pego na mochila dela e entrego-lha. Vou buscar a câmara fotográfica que está na cómoda.

— Vamos comer enquanto procuramos as nossas coisas.

Ela caminha à minha frente, fazendo uma pausa em cada fotografia entre o

meu quarto e o fundo das escadas. Em cada fotografia que passamos, ela passa o dedo no meu rosto, e apenas no meu rosto. Observo, em silêncio, a sua tentativa de me conhecer através de uma sequência de fotografias. Quero dizer-lhe que está a perder tempo. Quem quer que esteja naquelas lembranças impressas, não sou eu.

Mal chegamos ao fundo das escadas, um grito irrompe. A Charlie para subitamente e eu esbarro contra as suas costas. O grito veio de uma mulher parada à porta da cozinha.

Tem os olhos arregalados, a olhar da Charlie para mim, e de mim para a Charlie. Leva as mãos ao peito e respira de alívio.

Não a vi em nenhuma das fotografias. É rechonchuda e mais velha, deve estar na casa dos 60. Está a usar um avental onde se lê «Super *Chef*».

Tem o cabelo apanhado, mas afasta os fios soltos e grisalhos enquanto expira para se acalmar.

— Credo, Silas! Quase me mataste de susto!

Ela dá meia-volta e dirige-se à cozinha.

— É melhor vocês voltarem para a escola antes que o teu pai descubra. Não vou mentir por tua causa.

A Charlie ainda está paralisada à minha frente, por isso ponho uma mão nas costas dela e empurro-a. Ela olha por cima do ombro.

— Conheces…

Abano a cabeça, não a deixando acabar a pergunta. Está prestes a perguntar se eu conheço a mulher que está na cozinha. A resposta é não. Não a conheço a *ela*, não conheço a *Charlie*, não conheço a família nas fotografias.

O que eu *conheço* é a câmara fotográfica nas minhas mãos. Olho para ela, perguntando-me como é que posso saber tudo o que há para saber sobre esta câmara, mas não me lembrar como aprendi todas essas coisas. Sei como ajustar o ISO. Sei como ajustar a velocidade do obturador para que uma cascata pareça um rio tranquilo, ou cada gota de água se destaque. Esta câmara consegue realçar os mínimos detalhes, como a curva da mão da Charlie ou as suas pestanas, enquanto o resto do seu corpo fica um borrão. Sei que, por alguma razão, conheço melhor os detalhes desta câmara do que a voz do meu irmão mais

novo.

Ponho a fita ao pescoço e deixo a câmara balançar ao meu peito enquanto sigo a Charlie até à cozinha. Ela caminha com determinação. Percebi, até agora, que tudo o que ela faz é com determinação. Não desperdiça nada. Cada passo que dá parece ter sido planeado antes de o dar. Cada palavra que profere é necessária. Quando os olhos dela pousam em algo, ela foca-se nisso com todos os sentidos, como se, só com o olhar, conseguisse determinar o gosto, o cheiro, o som e a sensação daquilo. E apenas olha para alguma coisa quando tem motivo para tal. E isso inclui o chão, as cortinas, e as fotografias onde eu não apareço. Não perde tempo com coisas que lhe são inúteis.

E é por essa razão que a sigo quando ela entra na cozinha. Não sei qual é o objetivo dela. Ou é conseguir mais informações com a empregada ou ir atrás de comida.

A Charlie senta-se ao balcão, puxa a cadeira ao lado dela e bate nela sem olhar para mim. Eu sento-me e pouso a câmara à minha frente. Ela deixa cair a mochila na bancada e começa a abri-la.

— Ezra, estou esfomeada. Há alguma coisa para comer?

Embora todo o meu corpo se vire para ela na cadeira, sinto que o meu estômago caiu algures no chão. *Como é que ela sabe o nome dela?*

A Charlie olha para mim e faz um rápido aceno com a cabeça.

— Acalma-te — sussurra. — Está escrito ali.

Aponta para um bilhete, uma lista de compras à nossa frente. É um bloco de notas cor-de-rosa, personalizado, com gatinhos no fundo da página. No topo do bloco está escrito: «Os *miaus* momentos da Ezra».

A mulher fecha um armário e olha para a Charlie.

— Ficaste com fome enquanto estavam lá em cima? Porque, caso não saibas, servem almoço na escola, onde vocês deviam estar neste momento.

— Neste *miau* momento? — digo sem pensar.

A Charlie ri-se e depois eu também me rio. E parece que finalmente alguém deixou o ar entrar. A Ezra, menos divertida, revira os olhos. Isso faz-me pensar se eu costumava ser engraçado. Também sorrio, porque o facto de ela não parecer confusa por a Charlie se referir a ela como Ezra significa que a Charlie

tinha razão.

Aproximo-me e passo a mão pela nuca da Charlie. Ela estremece quando eu lhe toco, mas relaxa quase imediatamente quando percebe que faz parte do teatrinho. *Estamos apaixonados, Charlie. Lembras-te?*

— A Charlie não se estava a sentir bem. Trouxe-a aqui para ela dormir um pouco, mas ela não comeu nada hoje.

Volto a minha atenção para a Ezra e sorrio.

— Temos alguma coisa que possa fazer com que a minha miúda se sinta melhor? Sopa, ou biscoitos, talvez?

A expressão no rosto da Ezra suaviza-se quando vê o carinho que demonstro pela Charlie. Pega num pano de cozinha e pousa-o no ombro.

— E que tal se eu te fizer a minha tosta de queijo especial, Char? Costumavas adorar quando nos visitavas.

A minha mão enrijece no pescoço da Charlie. *Quando nos visitavas?* Olhamos um para o outro, com ainda mais perguntas nos olhos. A Charlie anui.

— Obrigada, Ezra — agradece.

A Ezra fecha a porta do frigorífico com a anca e começa a pousar coisas no balcão. Manteiga. Maionese. Pão. Queijo. *Mais* queijo. Queijo *parmesão*. Coloca uma frigideira ao lume e liga-o.

— Vou fazer uma para ti também, Silas. Deves ter apanhado a mesma virose da Charlie, porque não falavas tanto comigo desde que entraste na puberdade.

Ri-se do próprio comentário.

— Porque é que eu não falo contigo?

A Charlie bate-me na perna e estreita os olhos. Eu não devia ter perguntado aquilo.

A Ezra passa a faca na manteiga e depois barra-a no pão.

— Oh, sabes como é… — comenta ela, encolhendo os ombros. — Os miúdos crescem. Tornam-se homens. As empregadas deixam de ser a «Tia Ezra» e voltam a ser apenas empregadas.

A voz dela é triste.

Faço uma careta, porque não gosto de conhecer este meu lado. Não quero que a *Charlie* conheça este meu lado.

Os meus olhos pousam na câmara à minha frente. Ligo-a. A Charlie começa a remexer na mochila, inspecionando objeto por objeto.

— Oh, não! — exclama ela.

Tem um telemóvel na mão. Inclino-me por cima do ombro dela e olho para o ecrã com ela, no momento em que ela o tira do silêncio. Tem sete chamadas perdidas e ainda mais mensagens de texto, todas de «Mãe».

Abre a última mensagem, enviada há apenas três minutos.

Tens três minutos para me ligar.

Acho que não pensei nas consequências de faltar às aulas. Sendo as consequências, no caso, os nossos pais, de quem nem nos lembramos.

— Temos de ir — digo-lhe.

Levantamo-nos ao mesmo tempo. Ela põe a mochila ao ombro e eu agarro na minha câmara.

— Esperem — diz a Ezra. — A primeira sanduíche está quase pronta.

Ela vai até ao frigorífico e agarra em duas latas de *Sprite*.

— Isto vai fazer-lhe bem ao estômago.

Ela entrega-me as duas latas e depois embrulha a tosta de queijo em papel de cozinha. A Charlie já está à espera à porta. Quando estou prestes a afastar-me da Ezra, ela aperta-me o pulso. Olho de novo para ela, e os seus olhos desviam-se da Charlie para mim.

— É bom vê-la aqui outra vez — diz-me, baixinho. — Estava com medo de que tudo o que aconteceu entre os vossos pais vos pudesse ter afetado. Tu já amavas aquela rapariga mesmo antes de saberes andar.

Olho para ela, sem saber como processar toda a informação que recebi.

— Mesmo antes de saber andar, é?

Ela sorri como se guardasse um dos meus segredos. Quero-o de volta.

— Silas — chama a Charlie.

Esboço um sorriso rápido à Ezra e dirijo-me para a Charlie. Quando chego à porta da frente, o toque do telemóvel dela assusta-a e ela deixa-o cair ao chão. Ajoelha-se para o apanhar.

— É ela — diz, ao levantar-se. — O que é que eu faço?

Abro a porta e puxo-a para fora pelo cotovelo. Depois de fechar a porta, fito-a de novo. Ouve-se o terceiro toque.

— Tens de atender.

Ela olha para o telemóvel, os dedos segurando-o com firmeza. Como não atende, eu pego nele e deslizo o botão para a direita a fim de atender. Ela franze o nariz e fulmina-me com o olhar enquanto leva o aparelho ao ouvido.

— Estou?

Dirigimo-nos para o carro, mas eu ouço em silêncio as frases entrecortadas que saem do telemóvel: «… devias saber…» e «… faltar às aulas…» e «… como é que pudeste?» As palavras continuam a sair do telemóvel dela, até nos sentarmos no meu carro com as portas fechadas. Ligo a ignição e a voz da mulher fica em silêncio por alguns segundos. De repente, a voz sai das colunas do carro. *Bluetooth*. *Lembro-me do que é o Bluetooth.*

Pouso as bebidas e a sanduíche na consola central e começo a fazer marcha-atrás. A Charlie ainda não conseguiu responder à mãe, mas vejo-a revirar os olhos.

— Mãe — diz a Charlie, tentando interrompê-la. — Mãe, estou a caminho de casa. O Silas está a levar-me até ao meu carro.

Há um longo silêncio depois das palavras da Charlie e, de alguma forma, a mãe dela é muito mais intimidante quando as palavras *não estão* a ser gritadas. Quando ela volta a falar, as suas palavras são lentas e demasiado pronunciadas.

— Diz-me que não deixaste que *aquela* família te comprasse um *carro*.

Os nossos olhares cruzam-se e a Charlie articula a palavra «merda».

— Eu… Não. Não, eu queria dizer que o Silas me vai levar a casa. Estou aí dentro de alguns minutos.

A Charlie atrapalha-se com o telemóvel nas mãos, a tentar encontrar a melhor forma de desligar a chamada. Eu primo o botão «desligar» no volante e desligo-a por ela.

Ela inspira lentamente e vira-se para a janela. Quando expira, forma um pequeno círculo embaciado no vidro.

— Silas? — Então olha para mim e ergue uma sobrancelha. — Acho que a minha mãe é capaz de ser uma cabra.

Rio-me, mas não a contrario. Concordo com ela.

Conduzimos em silêncio durante vários quilómetros. Mentalmente, reproduzo vezes sem conta a breve conversa que tive com a Ezra. Não consigo tirar a cena da cabeça, e ela nem sequer é minha mãe. Não consigo imaginar como a Charlie deve estar a sentir-se depois de falar com a mãe. Penso que, no fundo, ambos achávamos que a nossa memória voltaria quando estivéssemos em contacto com alguém tão próximo de nós como os nossos próprios pais. Percebo, pela reação da Charlie, que ela não reconheceu nada da mulher com quem falou ao telemóvel.

— Eu não tenho carro — diz ela, baixinho. Olho para ela e vejo-a desenhar uma cruz com o dedo no vidro embaciado. — Tenho 17 anos. Porque será que não tenho carro?

Mal ela menciona o carro, lembro-me de que continuo a dirigir em direção à escola, e não aonde quer que tenha de a levar.

— Por acaso sabes onde moras, Charlie?

Ela fixa os olhos em mim e, numa fração de segundos, a confusão no seu rosto é substituída por lucidez. É fascinante a facilidade com que consigo ler as expressões dela agora, em comparação com esta manhã. Os seus olhos são como dois livros abertos e eu, de repente, quero devorar cada página.

Tira a carteira da mochila e lê a morada na carta de condução.

— Se encostares o carro, podemos pôr no GPS — diz ela.

Eu primo o botão de navegação.

— Estes carros são feitos em Londres. Não é preciso parar para pôr um endereço novo no GPS.

Começo a digitar o número da rua dela e sinto-a a olhar para mim. Nem preciso de olhar para ela para perceber que transborda de desconfiança.

Abano a cabeça mesmo antes de ela fazer a pergunta.

— Não, não sei como sei isso.

Uma vez introduzida a morada, faço inversão de marcha e começo a dirigir-me para a casa dela. Estamos a onze quilómetros de distância. Ela abre as duas latas de refrigerante, parte a sanduíche ao meio e entrega-me uma metade. Percorremos cerca de dez quilómetros sem falarmos. Quero aproximar-me e

agarrar-lhe a mão para a confortar. Quero dizer-lhe alguma coisa tranquilizadora. Se fosse ontem, tenho a certeza de que o teria feito sem pensar duas vezes. Mas não é ontem. É hoje, e eu e a Charlie somos completamente estranhos hoje.

No décimo primeiro e último quilómetro, ela fala, mas tudo o que diz é:

— Esta tosta de queijo estava deliciosa. Não te esqueças de dizer à Ezra que adorei.

Abrando. Conduzo bem abaixo do limite de velocidade até chegarmos à rua dela, e paro mal entro na rua. Ela está a olhar pela janela, para todas as casas. São pequenas. Casas térreas, todas com garagem para um único carro. Qualquer uma destas casas caberia dentro da minha cozinha e ainda sobraria espaço para preparar uma refeição.

— Queres que eu entre contigo?

Ela diz que não.

— É melhor não. Parece que a minha mãe não gosta muito de ti.

A Charlie tem razão. Gostava de saber a que é que a mãe dela se estava a referir quando disse *aquela* família. Gostava de saber a que é que a Ezra se estava a referir quando mencionou os nossos pais.

— Acho que é aquela — diz, apontando para uma casa um pouco mais à frente.

Tiro o pé do acelerador e deslizo nessa direção. É de longe a mais bonita da rua, mas apenas porque o relvado foi recentemente aparado e a tinta das janelas não está a descascar.

O meu carro abranda até parar em frente à casa. Olhamos ambos para ela, assimilando em silêncio a imensa distância entre a minha vida e a dela. No entanto, não se compara ao vazio que sinto por saber que vamos passar o resto da noite separados. Ela tem sido um ótimo amortecedor entre mim e a realidade.

— Faz-me um favor — digo-lhe, enquanto estaciono o carro. — Procura o meu nome no teu telemóvel. Quero saber se tenho o meu por aqui.

Ela anui e começa a procurar nos contactos dela. Passa o dedo pelo ecrã e leva o aparelho ao ouvido, mordendo o lábio inferior para disfarçar o que parece ser um sorriso.

Quando estou prestes a perguntar-lhe por que motivo está a sorrir, ouço um

toque abafado vindo da consola. Abro-a e procuro até encontrar o telemóvel. Quando olho para ele, leio o contacto.

Charlie querida

Acho que isso responde à minha pergunta. Ela também deve ter uma alcunha para mim. Deslizo para atender, e levo o telemóvel ao ouvido.

— Olá, *Charlie querida*.

Ela ri-se, e eu ouço-a duas vezes. Uma pelo telemóvel e a outra no banco ao meu lado.

— Parece que éramos um casal bem piroso, *Silas querido* — diz ela.

— Parece que sim.

Passo o polegar pelo volante, à espera de que ela fale novamente. Não o faz. Continua a olhar para a casa desconhecida.

— Liga-me mal possas, OK?

— Está bem — responde ela.

— Pode ser que tenhas um diário. Procura alguma coisa que nos possa ajudar.

— Está bem — responde ela, novamente.

Continuamos ambos com o telemóvel ao ouvido. Não tenho a certeza se ela está a hesitar em sair porque tem medo do que vai encontrar lá dentro ou porque não quer deixar a única pessoa que compreende a situação dela.

— Achas que vais contar a alguém? — pergunto.

Ela tira o telemóvel do ouvido e desliga a chamada.

— Não quero que ninguém pense que estou a ficar maluca.

— Não estás a ficar maluca — asseguro. — Não se isso estiver a acontecer-nos a ambos.

Ela contrai os lábios, formando uma linha fina e firme. Acena com a cabeça suavemente, como se fosse feita de vidro.

— Exatamente. Se eu estivesse a passar por isto sozinha, seria fácil dizer que estou a ficar maluca. Mas *não* estou sozinha. Estamos os dois a passar por isto, o que significa que é algo completamente diferente. E isso assusta-me, Silas.

Ela abre a porta e sai. Eu desço o vidro enquanto ela bate com a porta atrás dela. Apoia os braços na janela e força um sorriso enquanto gesticula por cima

do ombro para a casa atrás de si.

— Creio que posso afirmar que não vai haver nenhuma empregada para me fazer uma tosta de queijo.

Eu retribuo com outro sorriso forçado.

— Sabes o meu número. Liga-me se quiseres que te venha salvar.

O sorriso falso dela é engolido por um franzir de sobrolho genuíno.

— Como uma donzela em perigo.

E revira os olhos. Estica a mão através da janela e pega na mochila.

— Deseja-me sorte, *Silas querido*.

O seu termo afetuoso está carregado de sarcasmo, e eu não gosto muito disso.

5

Charlie

— Mãe? — A minha voz é fraca, quase um chiado. Pigarreio. — Mãe? — chamo, de novo.

Ela surge do corredor e eu penso imediatamente num carro sem travões. Recuo dois passos até ficar com as costas encostadas à porta da frente.

— O que estavas a fazer com aquele rapaz? — sibila ela.

Consigo sentir o cheiro a álcool no seu hálito.

— Eu… Ele deu-me boleia da escola.

Franzo o nariz e respiro pela boca. Ela invadiu o meu espaço pessoal. Estico-me para trás e agarro a maçaneta da porta, para o caso de ter de sair rapidamente. Estava à espera de sentir alguma coisa quando a vi. Ela foi o útero que me incubou e quem organizou as minhas festas de aniversário nos últimos dezassete anos. Esperava uma onda de carinho ou memórias, alguma familiaridade. Estremeço e afasto-me da desconhecida à minha frente.

— Faltaste às aulas. Estavas com *aquele* rapaz! Podes explicar-te?

Parece que um bar inteiro vomitou em cima dela.

— Não estou a sentir-me… eu mesma. Pedi que ele me trouxesse a casa. — Dou outro passo atrás. — Porque é que estás bêbeda a meio do dia?

Os olhos dela arregalam-se e, por um minuto, penso que ela pode realmente bater-me. No último instante, ela tropeça para trás e desliza pela parede até se sentar no chão. As lágrimas invadem-lhe os olhos e eu tenho de desviar o olhar.

OK, assumo que não estava à espera disto.

Consigo lidar com gritos. Mas o choro deixa-me nervosa. Especialmente quando se trata de um completo estranho e eu não sei o que dizer. Passo por ela quando ela enterra o rosto nas mãos e começa a soluçar com força. Não tenho a certeza se isto é normal nela. Hesito, pairando exatamente onde termina o *hall* e começa a sala de estar. Por fim, deixo-a entregue às suas lágrimas e decido procurar o meu quarto. Não a posso ajudar. Nem sequer a conheço.

Quero esconder-me até descobrir alguma coisa. Como quem raio sou eu. A casa é mais pequena do que eu pensava. Logo a seguir ao sítio onde deixei a minha mãe a chorar, há uma cozinha e uma pequena sala de estar. São atarracadas e apinhadas, cheias até ao limite com mobília que não parece pertencer aqui. Coisas caras numa casa barata. Há três portas. A primeira está aberta. Espreito para o interior da divisão e vejo uma colcha axadrezada. O quarto dos meus pais? Pela colcha axadrezada, sei que não é o meu. Gosto de flores. Abro a segunda porta: uma casa de banho. A terceira dá para outro quarto, do lado esquerdo do corredor. Entro. Duas camas. Solto um gemido. Tenho um irmão ou uma irmã.

Tranco a porta atrás de mim e os meus olhos vagueiam pelo quarto partilhado. Tenho uma irmã. Pelo aspeto das coisas dela, deve ser uns anos mais nova do que eu. Olho com aversão para os pósteres de bandas que decoram o lado dela do quarto. O meu lado é mais simples: uma cama de solteiro com um edredão roxo e uma fotografia a preto-e-branco na parede por cima da cama. Percebo imediatamente que se trata de uma fotografia tirada pelo Silas. Um portão quebrado pendurado pelas dobradiças, com videiras abrindo caminho e estrangulando as pontas metálicas enferrujadas — não é tão sombria quanto as fotografias do quarto dele, portanto, talvez seja mais adequado para mim. Há uma pilha de livros na minha mesa de cabeceira. Estendo o braço para ler o título de um deles quando o meu telemóvel dá sinal.

Silas: Estás bem?

Eu: Acho que a minha mãe é alcoólica. E tenho uma irmã.

A resposta dele chega uns segundos depois.

Silas: Não sei o que dizer. Isto é tão estranho.

Rio-me e pouso o telemóvel. Quero dar uma olhadela em volta, ver se encontro alguma coisa suspeita. As minhas gavetas estão arrumadas. Devo ser obsessivo-compulsiva. Desarrumo as meias e a roupa interior para ver se fico irritada com isso.

Nada me chama a atenção nas gavetas ou na mesa de cabeceira. Encontro uma embalagem de preservativos enfiada numa bolsa debaixo da cama. Procuro um diário, recados escritos por amigos, mas não encontro nada. Sou um ser humano estéril, diria até entediante, se não fosse pela fotografia que encima a minha cama. Uma fotografia que o Silas me deu, não uma que eu própria escolhi.

A minha mãe está na cozinha. Ouço-a a fungar e a preparar qualquer coisa para comer. *Ela está bêbeda*, penso. Se eu fizer algumas perguntas, talvez nem se lembre depois.

— Mãe… — digo, aproximando-me dela. Ela para de fazer a torrada para olhar para mim com os olhos turvos. — Eu estava estranha ontem à noite?

— Ontem à noite? — repete ela.

— Sim. Sabes… quando cheguei a casa.

Ela passa a faca pelo pão até este estar coberto de manteiga.

— Estavas suja — repreende ela. — Eu disse-te para tomares um duche.

Vêm-me à memória a lama e as folhas na cama do Silas. Isso significa que provavelmente estivemos juntos.

— A que horas cheguei a casa? Estava sem bateria no telemóvel — minto.

Ela semicerra os olhos.

— Por volta das dez.

— Eu disse alguma coisa… estranha?

Ela vira-se e vagueia até ao lava-louça, onde morde a torrada e se deixa ficar a observar o ralo.

— Mãe! Presta atenção. Preciso que me respondas.

Porque é que isto me parece tão familiar? Eu a implorar e ela a ignorar-me.

— Não — responde ela, simplesmente.

Depois ocorre-me o seguinte: a roupa que usei ontem à noite. Junto à porta da

cozinha há um armário com uma máquina de lavar e uma máquina de secar empilhadas. Abro a porta da máquina de lavar e encontro um pequeno monte de roupas molhadas no fundo. Tiro-as de lá de dentro. São sem dúvida do meu tamanho. Devo tê-las colocado aqui dentro ontem à noite, tentando apagar as evidências. *Evidências de quê?* Abro os bolsos das calças de ganga e vasculho lá dentro com os dedos. Encontro um pedaço de papel amarrotado, agora uma bola húmida. Deixo as calças de ganga cair e levo-o para o quarto. Se o tentar desdobrar, ele pode desfazer-se. Decido pousá-lo no parapeito da janela e esperar que seque.

Envio uma mensagem ao Silas.

Eu: Onde estás?

Espero uns minutos e, quando ele não responde, tento de novo.

Eu: Silas!

Pergunto-me se será um hábito meu: ser insistente, chata, até ele me responder.

Envio mais cinco mensagens e depois atiro o telemóvel para o outro lado do quarto e enterro a cara na almofada da Charlie Wynwood para chorar. Provavelmente a Charlie Wynwood nunca chorava. Pelo aspeto do quarto dela, não tem personalidade. A mãe dela é alcoólica e a irmã ouve música da treta. E como é que eu sei que o póster por cima da cama da minha irmã é uma referência a uma música que compara o amor a uma explosão ou um estalo, mas não me lembro do nome dessa irmã? Vou até ao lado dela no pequeno quarto e remexo nas suas coisas.

— Bingo! — digo, tirando um diário às bolinhas cor-de-rosa de debaixo da almofada.

Deito-me na cama dela e abro-o.

Propriedade de Janette Elise Wynwood.
NÃO LER!

Ignoro o aviso e abro a primeira página, com o título:

A Charlie não presta.
A minha irmã é a pior pessoa do planeta. Espero que ela morra.

Fecho o diário e volto pô-lo debaixo da almofada.
— Correu bem.
A minha família odeia-me. Que tipo de ser humano somos quando a nossa própria família nos odeia? Do outro lado da sala, o meu telemóvel diz-me que tenho uma mensagem. Levanto-me, pensando que é o Silas, e sinto-me subitamente aliviada. Há duas mensagens. Uma é da Amy.

Amy: Onde estás?!!

E a outra é de um tipo chamado Brian.

Brian: Ei, senti a tua falta hj. Contaste-lhe?

A quem? E o quê?
Pouso o telemóvel sem responder a nenhum dos dois. Decido dar outra oportunidade ao diário, e salto até à última entrada da Janette, que foi escrita ontem à noite.

Título: Talvez eu precise de aparelho, mas estamos demasiado falidos. A Charlie usou aparelho.

Passo com a língua pelos dentes. Sim, parecem-me bastante direitos.

Os dentes dela estão todos alinhadinhos e perfeitos e eu vou ficar com um dente encavalitado para sempre. A mãe disse que ia tratar do financiamento, mas desde que aconteceu aquela coisa com a empresa do pai que não temos dinheiro para as coisas normais. Detesto levar marmita para a escola. Sinto-me como uma criança do jardim de infância!

Salto o parágrafo em que ela descreve ao pormenor o último período da amiga Payton.

Discorre empoladamente sobre a sua falta de menstruação, quando a sua escrita é perturbada por mim.

Tenho de ir. A Charlie acabou de chegar a casa e está a chorar. Ela quase nunca chora. Espero que o Silas tenha acabado com ela! Era bem feito.

Então eu estava a chorar quando cheguei a casa ontem à noite? Dirijo-me ao parapeito da janela, onde o papel que estava no meu bolso já secou um pouco. Aliso-o com muito cuidado e levo-o para a secretária, que aparentemente partilho com a minha irmã. Parte da tinta desapareceu, mas aparenta ser um recibo. Envio uma mensagem ao Silas.

Eu: Silas, preciso de boleia.

Espero novamente, cada vez mais irritada com o atraso da resposta dele. *Sou impaciente*, penso.

Eu: Há um tipo chamado Brian a enviar-me mensagens. É muito sedutor. Posso pedir-lhe boleia, se estiveres ocupado...

O meu telemóvel apita um segundo depois.

Silas: Nem pensar. Estou a ir!

Sorrio.

Não deve haver problema em sair de casa, pois a minha mãe adormeceu no sofá. Observo-a por momentos, estudando o seu rosto adormecido, tentando desesperadamente lembrar-me dele. Ela parece-se com a Charlie, só que mais velha. Antes de ir lá para fora esperar pelo Silas, cubro-a com um cobertor e vou buscar dois refrigerantes ao frigorífico vazio.

— Até logo, mãe — digo, baixinho.

6

Silas

Não sei dizer se estou a ir ter com ela de novo porque me sinto protetor ou possessivo em relação a ela. Seja como for, não gosto da ideia de ela estar a falar com outra pessoa. Faz-me pensar quem é o tal Brian e porque é que ele acha que é legítimo enviar-lhe mensagens a dar em cima dela quando eu e a Charlie estamos obviamente juntos.

A minha mão esquerda ainda está agarrada ao telemóvel quando este volta a tocar.

Não há nenhum número no ecrã. Apenas a palavra «Mano». Deslizo o dedo e atendo o telemóvel.

— Estou?

— Onde é que te meteste?

É uma voz masculina. Uma voz muito parecida com a minha. Olho para a esquerda e para a direita, mas nada me é familiar no cruzamento por onde estou a passar.

— Estou no meu carro.

Ele resmunga.

— Não me digas. Se continuas a faltar aos treinos, vais direitinho para o banco.

O Silas de ontem provavelmente teria ficado irritado com isso. O Silas de hoje está aliviado.

— Que dia é hoje?

— Quarta-feira. Antes de amanhã, depois de ontem. Vem buscar-me, o treino acabou.

Porque é que ele não tem o seu próprio carro? Nem sequer conheço este miúdo e ele já me parece inconveniente. Só pode ser meu irmão.

— Tenho de ir buscar a Charlie primeiro — respondo.

Ele faz uma pausa.

— A casa dela?

— Sim.

Outra pausa.

— Queres morrer?

Detesto não saber o que todos os outros parecem saber. Porque é que eu não deveria ir a casa da Charlie?

— Como queiras, mas despacha-te — diz ele, antes de desligar.

A Charlie está parada na rua quando eu viro a esquina. Está a olhar para a sua própria casa. Tem os braços estendidos ao lado do corpo e segura dois refrigerantes. Um em cada mão. Segura-os como se fossem armas, como se os quisesse atirar à casa à sua frente, na esperança de que sejam granadas. Abrando o carro e paro a alguns metros dela.

Mudou de roupa. Está a usar uma saia preta comprida que lhe cobre os pés. Tem um cachecol preto enrolado à volta do pescoço, que lhe cai sobre o ombro, e uma camisola bege de mangas compridas, mas mesmo assim parece estar com frio. Uma rajada de vento sopra e a saia e o cachecol esvoaçam, mas ela parece não se incomodar. Nem sequer pestaneja. Está perdida nos seus pensamentos.

Perco-me nela.

Quando estaciono o carro, ela vira a cabeça, olha para mim e imediatamente desvia os olhos para o chão. Dirige-se à porta do passageiro e entra. O silêncio dela parece implorar pelo meu silêncio, por isso não digo nada enquanto nos dirigimos para a escola. Uns quilómetros depois, ela relaxa no assento e pousa uma bota no tabliê.

— Para onde estamos a ir?

— O meu irmão ligou. Precisa de boleia.

Ela anui.

— Parece que estou metido em sarilhos por não ter ido ao treino de futebol hoje.

Tenho a certeza de que ela consegue perceber, pelo tom indiferente da minha voz, que não estou muito preocupado por ter faltado ao treino. O futebol não está na minha lista de prioridades neste momento, por isso ficar no banco é provavelmente melhor para todos.

— Tu jogas futebol — diz ela, de forma natural. — Eu não faço nada. Sou aborrecida, Silas. O meu quarto é aborrecido. Não tenho um diário. Não coleciono nada. A única coisa que tenho é uma fotografia de um portão, e nem sequer fui eu que a tirei. Foste *tu*. O único objeto que tenho com alguma personalidade no meio de todos os meus pertences é algo que tu me deste.

— Como é que sabes que a fotografia é minha?

Ela encolhe os ombros e estica a saia sobre os joelhos.

— Tu tens um estilo único. Como uma impressão digital. Percebi que era tua porque só tiras fotografias de coisas para as quais as pessoas têm demasiado medo de olhar na vida real.

Ela não deve gostar das minhas fotografias.

— Então… — pergunto, olhando fixamente para a frente. — Quem é esse tal de Brian?

Ela pega no telemóvel e abre as mensagens. Estou a tentar olhar para elas, sabendo que estou demasiado longe para as ler, mas faço o esforço na mesma. Reparo que ela inclina ligeiramente o telemóvel para a direita, escondendo-o da minha vista.

— Não tenho a certeza — responde. — Estive a ler as mensagens antigas para ver se conseguia descobrir alguma coisa, mas as nossas mensagens são confusas. Não consigo perceber se andava com ele ou contigo.

Tenho a boca seca outra vez. Pego numa das bebidas que ela trouxe e abro-a. Bebo um longo gole e volto a pô-la no suporte para copos.

— Talvez andes com os dois. — A minha voz soa irritada. Tento suavizá-la.

— O que é que dizem as mensagens dele de hoje?

Ela bloqueia o telemóvel e vira-o para baixo no colo, quase como se tivesse vergonha de olhar para ele. Não me responde. Sinto o meu pescoço corar e reconheço o calor do ciúme que me invade como um vírus. Não estou a gostar.

— Responde-lhe à mensagem — incentivo. — Diz-lhe que não queres que ele te envie mais mensagens e que queres resolver as coisas comigo.

Ela olha na minha direção.

— Não sabemos qual é a nossa situação — replica. — E se eu não gostar de ti? E se quisermos acabar?

Volto a olhar para a estrada e cerro os dentes.

— Eu só acho que é melhor ficarmos juntos até percebermos o que se passou. Tu nem sequer sabes quem é esse tal de Brian.

— Também não sei quem tu és — retruca ela.

Viro para o parque de estacionamento da escola. Ela observa-me atentamente, à espera da minha resposta. Sinto que está a tentar provocar-me.

Estaciono o carro e desligo-o. Agarro o volante com a mão direita e o maxilar com a esquerda. Aperto-os a ambos.

— Como é que vamos fazer isto?

— Podes ser mais específico?

Abano subtilmente a cabeça. Não sei se ela está sequer a olhar para mim para reparar.

— Não consigo ser específico, porque estou a referir-me a tudo. A nós, às nossas famílias, às nossas vidas. Como é que vamos perceber isto, Charlie? E como é que o vamos fazer sem descobrir coisas um sobre o outro que nos vão irritar?

Antes de ela me conseguir responder, alguém sai pelo portão e começa a dirigir-se a nós. É parecido comigo, mas mais novo. Talvez ande no décimo ano. Ainda não é tão alto como eu, mas, pela aparência dele, talvez vá ficar mais alto do que eu.

— Isto vai ser divertido — diz ela, ao ver o meu irmão mais novo aproximar-se do carro. Ele dirige-se para a porta de trás e escancara-a. Atira lá para dentro uma mochila, um par de sapatilhas extra, um saco de ginástica e, finalmente,

entra.

Bate com a porta.

Depois pega no telemóvel e começa a ler as mensagens. Tem a respiração pesada e o cabelo suado e colado à testa. O nosso cabelo é igual. Quando olha para mim, vejo que também temos os mesmos olhos.

— O que é que se passa contigo? — pergunta ele.

Não lhe respondo. Viro-me para a frente e olho para a Charlie. Ela tem um sorriso sarcástico no rosto e está a enviar uma mensagem a alguém. Sinto vontade de lhe tirar o telemóvel e ver se ela está a falar com o Brian, mas o meu telemóvel vibra com as mensagens dela mal ela prime enviar.

Charlie: Sabes sequer o nome do teu irmão mais novo?

Não faço a mais pequena ideia de como é que o meu irmão mais novo se chama.

— Merda! — sai-me.

Ela ri-se, mas para subitamente quando repara em algo no parque de estacionamento. O meu olhar segue o dela até um rapaz. Ele está a dirigir-se para o carro, olhando fixamente para a Charlie.

Reconheço-o. É o tipo que estava na casa de banho esta manhã. Aquele que tentou provocar-me.

— Deixa-me adivinhar — digo. — O Brian?

Ele vai direito à porta do passageiro e abre-a. Afasta-se e aponta um dedo à Charlie. Ignora-me completamente, mas vai passar a conhecer-me muito bem se acha que pode dirigir-se assim à Charlie.

— Precisamos de falar — ordena ele, num tom seco.

A Charlie leva a mão ao puxador para fechar a porta.

— Desculpa — diz ela. — Estamos de saída. Falamos amanhã.

Todo o rosto dele é incredulidade, mas também lhe noto uma grande dose de raiva. Quando o vejo agarrá-la pelo braço e puxá-la para ele, saio do carro e contorno-o pela frente. Caminho tão depressa que escorrego na gravilha e tenho de me agarrar ao capô para não cair. *Boa.* Corro para a porta do passageiro, preparado para agarrar o sacana pelo pescoço, mas ele está curvado, a gemer.

Tem a mão a tapar o olho. Ele endireita-se e olha para a Charlie com o seu olho bom.

— Eu disse para não me tocares — diz a Charlie com os dentes cerrados.

Ela está de pé ao lado da porta, ainda com o punho cerrado.

— Não queres que eu te toque? — repete ele, sarcástico. — Deve ser a primeira vez.

Quando eu avanço para ele, a Charlie empurra o meu peito com a mão. Lança-me um olhar ameaçador, e abana ligeiramente a cabeça. Forço-me a respirar fundo e dou um passo atrás.

A Charlie volta a concentrar-se no Brian.

— Isso foi ontem, Brian. Hoje é um novo dia e eu vou com o Silas. Percebeste?

Ela volta-se e entra de novo no carro. Espero que ela feche e tranque a porta e depois regresso ao lugar do condutor.

— Ela anda a trair-te — grita-me o Brian.

Paro.

Viro-me lentamente e olho para o Brian. Ele está agora de pé e, pela sua postura, espera que eu lhe bata. Como não o faço, ele continua a provocar-me.

— Comigo — acrescenta. — Mais de uma vez. Já dura há mais de dois meses.

Olho para ele, tentando manter-me calmo por fora, mas, na minha cabeça, tenho as mãos à volta do pescoço dele, a espremer-lhe todo o oxigénio dos pulmões.

Olho, então, para a Charlie. Os olhos dela imploram-me que eu não cometa nenhuma idiotice. Volto a virar-me para ele e, não sei como, sorrio.

— Que bom para ti, Brian. Queres um troféu?

Queria poder guardar a expressão do rosto dele numa garrafa e abri-la sempre que precisasse de me rir.

Já no carro, saio do parque de estacionamento de modo mais dramático do que provavelmente deveria. De volta à estrada, em direção à minha casa, consigo, por fim, encarar a Charlie. Ela está a olhar diretamente para mim. Mantemos os olhos fixos durante alguns segundos, avaliando a reação um do outro. Mesmo antes de ser forçado a olhar para a estrada à minha frente, vejo-a sorrir.

Desatamos os dois a rir. Ela relaxa no banco e diz:

— Não acredito que te estava a trair com aquele tipo. Deves ter feito alguma coisa que me irritou muito.

Sorrio.

— Então devo ter cometido um homicídio, para me traíres com aquele tipo.

Ouço alguém pigarrear no banco de trás, e olho imediatamente pelo retrovisor. Tinha-me esquecido do meu irmão. Ele inclina-se para a frente até ficar entre os dois assentos. Olha para a Charlie e depois para mim.

— Deixem-me ver se eu percebo… Vocês acham *graça* a isto?

A Charlie olha para mim pelo canto do olho. Paramos de nos rir e a Charlie aclara a garganta.

— Há quanto tempo andamos juntos, Silas?

Eu finjo contar pelos dedos quando o meu irmão responde.

— Quatro anos. Caramba, o que se passa com vocês?

A Charlie inclina-se para a frente e fixa os olhos em mim. Sei exatamente o que ela está a pensar.

— *Quatro anos?* — murmuro.

— Uau — diz a Charlie. — É muito tempo.

O meu irmão abana a cabeça e volta a encostar-se no assento.

— Vocês são piores do que um episódio do Jerry Springer.

O Jerry Springer é apresentador de um talk show. Como é que eu sei isso? Será que a Charlie também se lembra?

— Lembras-te do Jerry Springer? — pergunto-lhe.

Tem os lábios cerrados, em contemplação. Responde-me que sim com a cabeça e vira-se para a janela do passageiro.

Nada disto faz sentido. Como é que nos podemos lembrar de celebridades? Pessoas que nunca conhecemos? Como é que eu sei que o Kanye West se casou com uma Kardashian? Como é que eu sei que o Robin Williams morreu?

Consigo lembrar-me de toda a gente que nunca conheci, mas não me lembro da rapariga por quem estou apaixonado há mais de quatro anos? A inquietação apodera-se de mim, percorrendo as minhas veias até se instalar no coração. Passo os quilómetros seguintes a enumerar em silêncio todos os nomes e rostos

de pessoas de que me lembro. Presidentes. Atores. Políticos. Músicos. Estrelas de *reality shows*.

Porém, não me consigo recordar do nome do meu irmão mais novo, que está a sair do banco de trás neste momento. Observo-o enquanto ele entra em nossa casa. Continuo a fitar a porta muito depois de ela se fechar atrás dele. Estou a olhar para a minha casa, tal como a Charlie estava a olhar para a dela.

— Estás bem? — pergunta ela.

É como se o som da voz dela fosse uma sucção, tirando-me da minha cabeça a uma velocidade vertiginosa e empurrando-me de volta para o momento. O momento em que imagino a Charlie e o Brian e as palavras que ele disse e que eu tive de fingir que não me afetaram.

Ela anda a trair-te.

Fecho os olhos e apoio a cabeça no encosto.

— Porque pensas que aconteceu?

— Precisas mesmo de aprender a ser mais específico, Silas.

— OK — respondo, levantando a cabeça e olhando-a nos olhos. — O Brian. Porque é que achas que andaste a dormir com ele?

Ela suspira.

— Não podes estar chateado comigo por isso.

Inclino a cabeça e olho para ela com descrença.

— Estivemos juntos *quatro* anos, Charlie. Não me podes culpar por ficar um pouco chateado.

Ela abana a cabeça.

— *Eles* estiveram juntos quatro anos. A Charlie e o Silas. Não nós os dois! Além disso, quem nos diz que tu eras um anjo? Já viste sequer todas as tuas mensagens?

Abano a cabeça.

— Agora tenho medo de olhar. E não faças isso.

— Não faço o quê?

— Não te refiras a nós na terceira pessoa. Tu *és* ela. E eu sou ele. Quer gostemos quer não.

Quando estou a arrancar da entrada, o telemóvel da Charlie toca.

— É a minha irmã — diz ela, mesmo antes de atender. Ouve em silêncio por alguns segundos, sempre com os olhos fixos em mim. — Ela estava bêbeda quando cheguei a casa. Estou aí dentro de alguns minutos.

Desliga a chamada.

— De volta à escola — diz ela. — Era suposto a minha mãe alcoólica ter ido buscar a minha irmã ao treino de natação. Parece que estamos prestes a conhecer outro irmão.

Eu rio-me.

— Sinto que fui motorista na minha vida anterior.

A expressão da Charlie fica tensa.

— Eu paro de me referir a nós na terceira pessoa se tu parares de te referir a isto como uma vida passada. Nós não *morremos*, Silas. Só não nos lembramos de nada.

— Nós lembramo-nos de *algumas* coisas — clarifico.

Começo a dirigir-me à escola. Pelo menos vou aprender o caminho de tanto ir e voltar.

— Havia uma família no Texas — começa ela. — Elas tinham um papagaio, mas ele desapareceu. Quatro anos depois, ele reapareceu do nada… a falar espanhol. — Ri-se. — Porque é que eu me lembro desta história inútil, mas não me lembro do que fiz há doze horas?

Não respondo, porque é uma pergunta retórica, ao contrário de todas as perguntas na minha cabeça.

Quando paramos de novo em frente à escola, vemos uma cópia da Charlie à entrada com as mãos cruzadas sobre o peito. Sobe para o banco de trás e senta-se no mesmo lugar onde o meu irmão estava sentado.

— Como foi o teu dia? — pergunta-lhe a Charlie.

— Cala-te — responde a irmã.

— Mau, presumo?

— Cala-te — replica ela, novamente.

A Charlie olha para mim de olhos arregalados, mas com um sorriso malicioso no rosto.

— Estiveste muito tempo à espera?

— *Cala-te* — volta a dizer.

Percebo agora que a Charlie está apenas a instigá-la. Sorrio quando ela continua a insistir.

— A mãe estava bastante bêbeda quando cheguei a casa hoje.

— E o que há de novo nisso? — pergunta a irmã dela.

Pelo menos desta vez ela não disse «cala-te».

A Charlie faz mais algumas perguntas, mas a irmã ignora-a completamente, dando toda a sua atenção ao telemóvel que tem nas mãos. Quando chegamos à entrada da casa da Charlie, a irmã começa a abrir a porta antes mesmo de o carro parar.

— Avisa a mãe de que vou chegar tarde — diz a Charlie, enquanto a irmã sai do carro. — E quando é que achas que o pai chega a casa?

A irmã para. Olha para a Charlie com desprezo.

— Daqui a dez ou quinze anos, de acordo com o juiz.

Bate com a porta.

Eu não estava à espera daquilo e, aparentemente, a Charlie também não. Ela vira-se lentamente no seu lugar até estar virada para a frente. Inspira devagar e solta o ar com cuidado.

— A minha irmã odeia-me. Vivo numa espelunca. A minha mãe é alcoólica. O meu pai está preso. Eu traio-te — conclui, olhando para mim. — Por que raio andas comigo?

Se a conhecesse melhor, abraçava-a. Segurava-lhe a mão. *Qualquer coisa*. Não sei o que fazer. Não há nenhum protocolo sobre como consolar a namorada de quatro anos que acabámos de conhecer esta manhã.

— Bem, segundo a Ezra, eu amo-te desde antes de poder andar. Acho que isso é difícil de esquecer.

Ela ri-se baixinho.

— Deves ter uma lealdade feroz, porque até *eu* começo a odiar-me.

Quero aproximar-me e tocar-lhe no rosto. Fazê-la olhar para mim. Mas não o faço. Ao invés, faço marcha-atrás e aquieto as mãos.

— Talvez haja muito mais em ti do que apenas a tua situação financeira e a tua família.

— Sim — diz ela. Então, olha para mim e a desilusão é momentaneamente substituída por um breve sorriso. — Talvez.

Sorrio também, mas olhamos os dois para as nossas respetivas janelas para nenhum ver o sorriso do outro. Quando estamos de novo na estrada, a Charlie liga o rádio. Passa por várias estações e escolhe uma música que ambos começamos imediatamente a cantar. Assim que repetimos a primeira frase da letra, viramo-nos um para o outro.

— Letras — diz ela, baixinho. — Lembramo-nos das letras das músicas.

Nada faz sentido. Nesta altura, a minha mente está tão exausta que nem me apetece tentar perceber mais nada. Só quero o descanso que a música me dá. Aparentemente, ela também quer, porque fica em silêncio durante a maior parte da viagem. Passados alguns minutos, sinto-a a olhar para mim.

— Odeio ter-te traído.

Ela aumenta de imediato o volume do rádio e encosta-se ao banco. Não quer uma resposta minha, mas se quisesse eu dir-lhe-ia que está tudo bem. Que a perdoo. Porque a rapariga que está sentada ao meu lado neste momento não me parece que possa ser a rapariga que me traiu anteriormente.

Em nenhum momento me pergunta para onde estamos a ir. Eu nem sequer sei para onde estamos a ir. Apenas conduzo, porque conduzir parece ser a única altura em que a minha mente se acalma. Não faço ideia de quanto tempo conduzimos, mas o sol está finalmente a pôr-se quando decido dar meia-volta e regressar. Passamos o tempo todo perdidos nos nossos próprios pensamentos, o que é irónico no caso de duas pessoas que não têm memória.

— Temos de ver os nossos telemóveis — digo-lhe. É a primeira coisa dita entre nós em mais de uma hora. — Verificar mensagens de texto antigas, e-mails, voicemail. Talvez encontremos algo que possa explicar isto.

Ela puxa do telemóvel.

— Tentei fazer isso há pouco, mas não tenho um telemóvel sofisticado como o teu. Só recebo mensagens de texto, mas quase não tenho nenhuma.

Desvio para uma estação de serviço e estaciono no parque lateral, onde é mais escuro. Não sei porque é que sinto que precisamos de privacidade para fazer isto. Só não quero que ninguém se aproxime se nos reconhecer, porque é provável

que não o conheçamos.

Desligo o carro e começamos a vasculhar os nossos telemóveis. Começo pelas mensagens de texto entre nós os dois. Percorro várias, mas são todas curtas e diretas. Horários, horas para nos encontrarmos. «Adoro-te» e «sinto a tua falta». Nada que revele o que quer que seja sobre a nossa relação.

Com base no meu histórico de chamadas, falamos durante pelo menos uma hora quase todas as noites. Percorro todas as chamadas guardadas no meu telemóvel, que correspondem a mais de duas semanas.

— Falamos ao telemóvel durante pelo menos uma hora todas as noites — digo-lhe.

— A sério? — replica ela, genuinamente chocada. — De que é que podíamos falar durante uma hora todas as noites?

Sorrio.

— Se calhar não *conversamos* muito.

Ela abana a cabeça e ri-se baixinho.

— Porque é que as tuas piadas sobre sexo não me surpreendem, apesar de não me lembrar de absolutamente nada sobre ti? — O seu riso transforma-se num gemido. — Oh, Deus — diz ela, virando o telemóvel na minha direção. — Olha para isto.

Ela percorre as fotografias do telemóvel com o dedo.

— *Selfies*. Só *selfies*, Silas. Até tirei *selfies* na *casa de banho* — exclama ela, fechando a galeria de fotografias. — Mata-me já.

Rio-me e abro as fotografias do meu telemóvel. Na primeira estamos os dois. Em frente a um lago, a tirar uma *selfie*, naturalmente. Mostro-lha e ela geme ainda mais alto, deixando cair a cabeça com dramatismo contra o encosto de cabeça.

— Estou a começar a não gostar de quem somos, Silas. Tu és um miúdo rico com uma atitude idiota para a empregada. Eu sou uma adolescente má, sem personalidade nenhuma, que tira *selfies* para se sentir importante.

— De certeza que não somos tão maus como aparentamos. Pelo menos parece que gostamos *um do outro*.

Ela ri-se baixinho.

— Eu andava a trair-te. Pelos vistos, não éramos assim tão felizes.

Abro o e-mail no meu telemóvel e encontro um ficheiro de vídeo com a indicação «Não apagar». Clico nele.

— Vê isto.

Levanto o apoio de braço e aproximo-me dela para que possa ver o vídeo. Aumento o volume das colunas do carro para que o som possa ser ouvido através do *Bluetooth*. Ela levanta o apoio de braço e aproxima-se para ver melhor.

Carrego no *play*. A minha voz sai pelas colunas, tornando evidente que sou eu que estou a segurar a câmara no vídeo. Está escuro, e aparentemente estou no exterior.

«Estamos oficialmente juntos há dois anos.» A minha voz é baixa, como se não quisesse ser apanhado a fazer o que quer que esteja a fazer. Viro a câmara para mim e a luz da câmara acende-se, iluminando o meu rosto. Pareço mais novo, talvez um ano ou dois. Suponho que tinha 16 anos, visto que acabei de dizer que era o nosso aniversário de dois anos. Estou a aproximar-me sorrateiramente de uma janela.

«Estou prestes a acordar-te para te desejar feliz aniversário, mas é quase uma da manhã, e é um dia de semana. Por isso estou a filmar isto para o caso de o teu pai me matar.»

Volto a virar a câmara e foco-a numa janela.

A câmara escurece, mas podemos ouvir a janela a ser levantada e o som da minha dificuldade em entrar. Uma vez dentro do quarto, viro a câmara para a cama da Charlie.

Há um volume debaixo dos cobertores, mas ela não se mexe. Percorro o resto do quarto com a câmara. A primeira coisa em que reparo é que o quarto não parece ser um quarto na casa onde a Charlie vive agora.

— Esse não é o meu quarto — comenta a Charlie, olhando mais de perto para o vídeo. — O meu quarto agora nem sequer tem metade desse tamanho. E eu partilho-o com a minha irmã mais nova.

De facto, o quarto no vídeo não parece ser um quarto partilhado, mas não conseguimos ver bem, porque a câmara aponta para a cama. O volume debaixo dos cobertores mexe-se e, pelo ângulo da câmara, parece que estou a rastejar

para cima da cama.

«Charlie querida», sussurro-lhe. Ela puxa os cobertores para cima da cabeça, mas protege os olhos da luz da câmara.

«Silas?», sussurra ela. A câmara ainda está apontada para ela de um ângulo estranho, como se eu me tivesse esquecido de que a tinha na mão. Há sons de beijos. Devo estar a beijar o braço ou o pescoço dela.

Só o som dos meus lábios a tocar na pele dela é razão suficiente para desligar o vídeo. Não quero tornar isto embaraçoso para a Charlie, mas ela está concentrada no meu telemóvel com tanta intensidade como eu. E não por causa do que está a acontecer entre nós no vídeo, mas porque não nos *lembramos* disso. Sou eu… é ela… somos nós juntos. Mas eu não me lembro de nada daquele encontro, por isso parece que estamos a ver dois completos estranhos a partilhar um momento íntimo.

Sinto-me um *voyeur*.

«Feliz aniversário de namoro», sussurro-lhe. A câmara afasta-se e parece que a movo para a almofada ao lado da cabeça dela. A única imagem que temos agora é o perfil do rosto da Charlie enquanto a sua cabeça repousa na almofada.

Não é o melhor ângulo, mas é o suficiente para ver que ela está exatamente na mesma. O seu cabelo escuro está espalhado pela almofada. Ela está a olhar para cima, pelo que presumo que estou em cima dela, mas não me consigo ver no vídeo. Só vejo um sorriso formar-se na boca dela.

«És tão rebelde», sussurra ela. «Não acredito que entraste aqui às escondidas para me dizeres isso.»

«Eu não entrei aqui às escondidas para te dizer isso», sussurro. «Entrei aqui às escondidas para fazer isto.»

O meu rosto aparece finalmente no vídeo e os meus lábios encostam-se suavemente aos dela.

A Charlie mexe-se no seu lugar ao meu lado. Eu engulo o nó que se formou na minha garganta. E, de repente, dou por mim a pensar que gostava de estar sozinho a ver isto. Estaria a repetir este beijo vezes e vezes sem conta.

Sinto-me tenso e percebo que é porque estou com ciúmes do tipo do vídeo, o que não faz sentido nenhum. Parece que estou a ver um completo estranho a

curtir com ela, apesar de ser eu. São os meus lábios contra os dela, mas isso está a irritar-me porque não me lembro de qual é a sensação.

Debato-me se devo ou não parar o vídeo, especialmente porque o beijo parece estar a transformar-se em algo mais do que um simples beijo. A minha mão, que estava encostada à bochecha dela, desapareceu. Pelos sons que saem da boca da Charlie no vídeo, parece que ela sabe exatamente onde está a minha mão.

Ela afasta a boca da minha e olha para a câmara, ao mesmo tempo que a sua mão aparece em frente da lente, e a vira para baixo na cama. O ecrã fica preto, mas o som continua a gravar.

«A luz estava a cegar-me», murmura ela.

Tenho o dedo bem perto do botão de pausa no telemóvel. Devia carregar nele, mas consigo sentir o calor da respiração dela a namoriscar com a pele do meu pescoço. Com isso e os sons que vêm das colunas, não quero que o vídeo acabe. Nunca.

«Silas», sussurra ela.

Ainda estamos os dois a olhar para o ecrã, apesar de estar escuro como breu desde que ela virou a câmara para baixo. Não há nada para ver, mas não conseguimos desviar o olhar. O som das nossas vozes soa à nossa volta, enchendo o carro, enchendo-nos a nós.

«Nunca, jamais, Charlie», sussurro eu.

Um gemido.

«Nunca, jamais», repete ela em resposta.

Um suspiro.

Outro gemido.

Um farfalhar.

O som de um fecho de correr.

«Amo-te tanto, Charlie.»

Sons de corpos a mexerem-se na cama.

Respirações ofegantes. Muitas. Vêm das colunas que nos rodeiam e também das nossas bocas enquanto estamos aqui sentados a ouvir isto.

«Oh, céus… Silas.»

Duas respirações agudas. Beijos desesperados.

Uma buzina a tocar, abafando os sons que saem das colunas.

Eu atrapalho-me com o telemóvel e deixo-o cair. Faróis iluminam o meu carro. De repente, punhos batem na janela da Charlie e antes que eu possa recuperar o telemóvel do chão, a porta dela está a ser escancarada.

«Tu és incrível, Charlie», estronda a minha voz nas colunas.

Gargalhadas sonoras escapam da boca da rapariga que está agora a segurar a porta da Charlie. Ela esteve sentada connosco hoje ao almoço, mas não me lembro do nome dela.

— Oh, meu Deus! — diz ela, empurrando o ombro da Charlie. — Vocês estão a ver um filme porno? — Ela vira-se e grita para o carro cujos faróis ainda estão direcionados para as nossas janelas. — A Char e o Si estão a ver um filme porno!

Ela ainda se está a rir quando pego finalmente no telemóvel e carrego na pausa. Baixo o volume do rádio do carro. A Charlie desvia os olhos arregalados da rapariga para mim.

— Estávamos de saída — digo eu à rapariga. — A Charlie tem de ir para casa.

A rapariga ri-se, abanando a cabeça.

— Oh, por favor — diz ela, olhando para a Charlie. — A tua mãe deve estar tão bêbeda que acha que já estás a dormir. Venham connosco, vamos para casa do Andrew.

A Charlie sorri e abana a cabeça.

— Não posso, Annika. Vejo-te amanhã na escola, está bem?

A Annika parece muito ofendida. Troça quando a Charlie continua a puxar a porta para a fechar, apesar de ela estar no caminho. A rapariga afasta-se e a Charlie bate com a porta e tranca-a.

— Vamos — indica-me ela.

E eu obedeço. Com todo o gosto.

Estamos a mais de um quilómetro da estação de serviço quando a Charlie aclara a garganta. Não se revela o suficiente para melhorar a voz, porque continua a sair num sussurro rouco.

— Devias apagar esse vídeo.

Não gosto da sugestão dela. Estava a planear voltar a vê-lo quando chegasse a

casa.

— Pode haver uma pista nele — tento. — Acho que o devia ver outra vez. Ouvir como acaba.

Ela sorri, ao mesmo tempo que o meu telemóvel indica que está a receber uma mensagem. Viro-o e vejo no topo do ecrã a notificação «Pai». Abro as minhas mensagens de texto.

Pai: Vem para casa. Sozinho, por favor.

Mostro a mensagem à Charlie e ela apenas acena com a cabeça.

— Podes deixar-me em casa.

O resto da viagem é ligeiramente desconfortável. Sinto que o vídeo que acabámos de ver juntos nos fez ver um ao outro de uma forma diferente. Não necessariamente má, apenas diferente. Até então, quando eu olhava para ela, a Charlie era apenas a rapariga que estava a viver este estranho fenómeno comigo. Agora, quando olho para ela, a Charlie é a rapariga com quem supostamente faço amor. A rapariga com quem aparentemente fiz amor durante algum tempo. A rapariga que aparentemente *ainda* amo. Só gostava de me lembrar como é que é suposto sentir isso.

Depois de ver a ligação óbvia que tivemos em tempos, fico ainda mais confuso quando me lembro de que ela se envolveu com o tal Brian. Ao pensar nele agora, sinto muito mais raiva e ciúme do que antes de nos ver juntos naquele vídeo.

Quando paramos em frente da casa da Charlie, ela não sai imediatamente. Fica a olhar para a casa escura diante de nós. Há uma luz ténue acesa numa janela da frente, mas nenhum sinal de movimento no interior da casa.

— Vou tentar falar com a minha irmã esta noite. Talvez descubra mais coisas sobre o que aconteceu ontem à noite quando cheguei a casa.

— Provavelmente é uma boa ideia. Vou fazer o mesmo com o meu irmão. E talvez até descubra como é que ele se chama.

Ela ri-se.

— Queres que te leve à escola amanhã?

— Sim — anui. — Se não te importares.

— Não me importo.

Faz-se silêncio outra vez. O silêncio faz-me lembrar os sons suaves que ela fazia no vídeo que ainda está no meu telemóvel, felizmente. Vou passar a noite toda a ouvir a voz dela na minha cabeça. Na verdade, até estou ansioso por isso.

— Sabes — diz ela, tamborilando com os dedos na porta —, podemos acordar amanhã e estar perfeitamente bem. Podemos até esquecer que hoje aconteceu e tudo voltará ao normal.

Podemos torcer para que isso aconteça, mas o meu instinto diz-me que isso não vai acontecer. Vamos acordar amanhã tão confusos como estamos agora.

— Eu não acredito muito — respondo. — Vou ver o resto dos meus e-mails e mensagens esta noite. Devias fazer o mesmo.

Ela anui de novo, virando finalmente a cabeça para estabelecer contacto visual direto comigo.

— Boa noite, Silas.

— Boa noite, Charlie. Liga-me se…

— Eu fico bem — diz ela rapidamente, interrompendo-me. — Vejo-te amanhã de manhã.

Ela sai do carro e começa a caminhar em direção a casa. Quero gritar-lhe, pedir-lhe que espere. Quero saber se ela se está a perguntar o mesmo que eu: *O que significa «nunca, jamais»?*

7

Charlie

Para mim, se é para trair, que seja com alguém digno do nosso pecado. Não tenho a certeza se isto são os pensamentos da antiga Charlie ou da nova Charlie. Ou talvez porque estou a observar a vida da Charlie Wynwood como alguém de fora, consiga pensar na traição dela com distanciamento, sem a julgar. Tudo o que sei é que, se é para trair o Silas Nash, que seja com o Ryan Gosling.

Viro-me para trás para o poder ver antes de ele se afastar e vislumbro o seu perfil, o poste de iluminação atrás do carro a iluminar-lhe o rosto. A ponte do seu nariz não é reta. Na escola, os outros rapazes tinham narizes bonitos, ou narizes demasiado grandes para o rosto. Ou pior, narizes cheios de acne. O Silas tem um nariz de adulto. Isso faz-nos levá-lo mais a sério.

Depois ganho coragem para me virar para a casa da Charlie. O meu estômago está meio estranho. Não vejo ninguém por perto quando abro a porta e espreito lá para dentro. Sinto-me uma intrusa a entrar na casa de alguém desconhecido.

— Olá? — chamo. — Está alguém em casa?

Fecho a porta devagar atrás de mim e vou em bicos de pés até à sala de estar.

Dou um salto.

A mãe da Charlie está no sofá a ver o *Seinfeld* sem som, e a comer feijão-catarino diretamente da lata. Ocorre-me de repente que a única coisa que comi hoje foi a tosta de queijo que partilhei com o Silas.

— Tens fome? — pergunto-lhe timidamente. Não sei se ela ainda está zangada

comigo ou se vai voltar a chorar. — Queres que prepare alguma coisa para comermos?

Ela inclina-se para a frente sem olhar para mim e pousa os seus feijões na mesa de centro. Dou um passo em direção a ela e forço a palavra: «Mãe?»

— Ela não te vai responder.

Viro-me e vejo a Janette entrar na cozinha, com um pacote de *Doritos* na mão.

— Foi isso que comeste ao jantar?

Ela encolhe os ombros.

— Tu tens o quê, 14 anos?

— E tu és o quê, atrasada mental? — responde ela. E depois: — Sim, tenho 14 anos.

Tiro-lhe os *Doritos* da mão e levo-os até onde a nossa mãe bêbeda fita a televisão.

— Miúdas de 14 anos não devem comer salgadinhos ao jantar — declaro, deixando-lhe cair o saco no colo. — Vê lá se ficas sóbria e porta-te como uma mãe.

Não obtenho resposta.

Dirijo-me ao frigorífico, mas lá dentro há apenas uma dúzia de latas de *Coca-Cola Zero* e um frasco de pickles.

— Vai buscar o teu casaco, Janette — digo, lançando um olhar fulminante à mãe. — Vamos arranjar-te um jantar a sério.

A Janette olha para mim como se eu estivesse a falar chinês. Acho que preciso de dizer alguma coisa má, só para manter as aparências.

— Despacha-te, pirralha!

Ela volta a correr para o nosso quarto enquanto eu procuro as chaves do carro pela casa. Que tipo de vida estava eu a viver? E quem era aquela criatura no sofá? De certeza que ela não foi sempre assim. Olho para a parte de trás da cabeça dela e repentinamente sinto compaixão. O marido dela — *o meu pai* — está na prisão. *Na prisão!* Isso é grave. Onde é que arranjamos dinheiro para viver?

Por falar em dinheiro, verifico a minha carteira. Os vinte e oito dólares ainda lá estão. Deve chegar para comprar alguma coisa que não *Doritos*.

A Janette sai do quarto com um casaco verde vestido no mesmo instante em que encontro as chaves. O verde fica-lhe bem. Faz com que não pareça tanto uma adolescente angustiada.

— Pronta? — pergunto.

Ela revira os olhos.

— Muito bem, mamã querida. Vamos comer qualquer coisa! — grito, antes de fechar a porta, sobretudo para ver se ela tenta impedir-nos. Deixo a Janette abrir caminho até à garagem, antecipando o tipo de carro que vamos conduzir. Não vai ser um *Land Rover*, de certeza.

— Oh, céus — exclamo. — Esta coisa funciona?

Ela ignora-me e põe os auriculares enquanto eu olho para o carro. É um *Oldsmobile* muito antigo. Mais velho do que eu. Fede a tabaco e a pessoas velhas. A Janette entra para o lado do passageiro sem dizer uma palavra e fica a olhar pela janela.

— Muito bem, Tagarela — digo-lhe. — Vamos ver quantos quarteirões conseguimos percorrer antes de esta coisa avariar.

Tenho um plano. O recibo que encontrei tem data de sexta-feira passada e é do Electric Crush Diner, no Bairro Francês. Só que esta porcaria de carro não tem GPS. Vou ter de o encontrar sozinha.

A Janette continua calada quando saímos da entrada. Traça padrões na janela com a ponta do dedo, embaciando e voltando a embaciar o vidro com a sua respiração. Observo-a pelo canto do olho, pobre miúda. A mãe dela é alcoólica e o pai está na prisão. É um bocado triste. E também me odeia. Isso deixa-a praticamente sozinha no mundo. Apercebo-me, com surpresa, de que a Charlie está na mesma situação. Mas talvez ela tenha o Silas — ou *tinha* o Silas antes de o trair com o Brian. *Argh*. Abano os ombros para me livrar de todos os meus sentimentos. Odeio estas pessoas. São tão irritantes. Mas até gosto do Silas.

Mais ou menos.

O Electric Crush Diner fica na North Rampart Street. Encontro um lugar de estacionamento numa esquina cheia de gente e tenho de estacionar em paralelo

entre um camião e um *Mini Cooper*. *A Charlie é excelente a estacionar em paralelo*, penso com orgulho. A Janette sai depois de mim e deixa-se ficar no passeio, com um ar perdido. O restaurante fica do outro lado da rua. Tento espreitar pelas janelas, mas estão quase todas tapadas. *Electric Crush* pisca em néon cor-de-rosa sobre a porta da frente.

— Anda — digo. Estendo-lhe a mão e ela recua. — Janette! Vamos lá!

Aproximo-me dela, no que só pode ser um movimento agressivo da Charlie, e agarro-lhe a mão. Ela tenta afastar-se de mim, mas eu agarro-a com força, arrastando-a para o outro lado da rua.

— Deixa. Me. Deixa-me!

Assim que chegamos ao outro lado, eu viro-me e olho para ela.

— Qual é o teu problema? Para de agir como uma… — *rapariga de 14 anos*, termino na minha cabeça.

— O quê? — diz ela. — E porque é que te importas com o que eu faço?

Ela está a fazer beicinho com o lábio inferior, como se estivesse prestes a chorar. De repente, sinto-me muito mal por ter sido tão dura com ela. Não passa de uma miúda com mamas pequenas e um cérebro perturbado pelas hormonas.

— És a minha irmã — digo-lhe num tom delicado. — Está na altura de nos unirmos, não achas?

Por instantes, penso que ela vai dizer alguma coisa — talvez algo delicado, simpático e fraterno —, mas depois dirige-se furiosa para o restaurante à minha frente e escancara a porta. *Raios*. Ela é uma miúda difícil. Sigo-a — um pouco envergonhada — e fico imediatamente paralisada.

Não é o que eu pensava que ia ser. Não é bem um restaurante. É mais uma discoteca com mesas de bancos corridos ao longo das paredes. No meio da sala há o que parece ser uma pista de dança. A Janette está perto do bar, a olhar em volta com perplexidade.

— Vens aqui muitas vezes? — pergunta-me ela.

Olho para os bancos corridos de couro preto e para o chão de mármore preto. Tudo é preto, exceto os letreiros cor-de-rosa nas paredes. É mórbido e cor de pastilha elástica.

— Posso ajudá-las? — pergunta um homem que sai de uma porta na outra

extremidade do balcão, carregando várias caixas nos braços.

É jovem, deve ter uns 20 e poucos anos. Gosto dele logo à primeira vista, porque está a usar um colete preto sobre uma t-shirt cor-de-rosa. *A Charlie deve gostar de cor-de-rosa.*

— Temos fome — digo.

Ele sorri e acena com a cabeça para uma das mesas.

— A cozinha só abre daqui a uma hora, mas vou ver o que ele vos pode preparar, se quiserem sentar-se.

Anuo e dirijo-me para a mesa, puxando a Janette.

— Eu estive aqui — digo-lhe. — No fim de semana passado.

— Ah. — É tudo o que ela diz, antes de observar as próprias unhas.

Alguns minutos depois, o tipo da t-shirt cor-de-rosa sai das traseiras, a assobiar. Aproxima-se e assenta as duas mãos em cima da mesa.

— Charlie, certo? — pergunta ele. Eu assinto, sem saber o que fazer. *Como é que ele…? Quantas vezes é que eu…?*

— A cozinha estava a fazer-me um frango assado. E se eu o dividisse convosco? Só vai haver movimento daqui a umas horas.

Aquiesço novamente.

— Boa.

Ele bate com a palma da mão na mesa e a Janette salta.

Então, aponta para ela.

— *Coca-Cola*? *Sprite*? *Shirley Temple*?

— *Coca-Cola Zero* — responde ela.

— E tu, Charlie?

Não gosto da forma como ele diz o meu nome. É demasiado… familiar.

— *Coca-Cola* — respondo rapidamente.

Quando ele se vai embora, a Janette inclina-se para a frente, com as sobrancelhas juntas.

— Tu pedes sempre *Coca-Cola Zero* — diz ela num tom acusador.

— A sério? Bem, não me estou a sentir eu própria.

Ela pigarreia.

— Não me digas!

Eu ignoro-a e tento dar uma boa olhadela em redor. O que é que eu e o Silas estávamos a fazer aqui? Será que vínhamos aqui muitas vezes? Lambo os lábios.

— Janette, alguma vez te falei deste sítio?

Ela parece surpreendida.

— Durante as várias conversas íntimas que tivemos quando apagamos a luz à noite?

— Está bem, está bem, eu percebo. Sou uma péssima irmã. Caramba! Dá-me um desconto. Estou a estender o ramo de oliveira.

A Janette enruga o nariz.

— O que é que isso quer dizer?

Suspiro.

— Estou a tentar compensar-te. Começar de novo.

Nesse momento, o tipo da t-shirt cor-de-rosa traz-nos as bebidas. Trouxe um *Shirley Temple* para a Janette, apesar de ela ter pedido uma *Coca-Cola Zero*. Ela fica desapontada.

— Ela queria uma *Coca-Cola Zero* — afirmo.

— Ela vai gostar disto — retruca ele. — Quando eu era miúdo…

— Traz uma *Coca-Cola Zero*.

Ele ergue as mãos, rendendo-se.

— É para já, princesa.

A Janette olha para mim por entre as pestanas.

— Obrigada — diz ela.

— Não foi nada. Não dá para confiar num tipo que usa uma t-shirt cor-de-rosa.

Ela esboça uma espécie de sorriso e eu sinto-me vitoriosa. Não acredito que achei que gostava daquele tipo. Não acredito que gostava do Brian. Mas que raio se passa comigo?

Pego no telemóvel e vejo que o Silas me enviou várias mensagens. *Silas*. Eu gosto do Silas. Há alguma coisa na voz suave dele e nas suas boas maneiras. E o nariz dele — ele tem um nariz muito fixe.

Silas: O meu pai...

Silas: Onde estás?

Silas: Olá?

O tipo volta com o frango e uma travessa de puré de batata.

É muita comida.

— Como é que te chamas mesmo? — pergunto.

— És mesmo cabra, Charlie — diz ele, pousando a travessa à minha frente e olhando de seguida para a Janette. — Desculpa.

Ela encolhe os ombros.

— Como *é* que te chamas? — pergunta, com a boca cheia de comida.

— Dover. É assim que meus amigos me chamam.

Assinto. *Dover*.

— Então, no último fim de semana… — começo a dizer.

O Dover morde o isco.

— Pois é, foi uma loucura. Não esperava ver-te aqui tão cedo.

— Porque não? — pergunto.

Tento ser casual, mas sinto o estômago às voltas.

— Bem, o teu homem estava bastante irritado. Pensei que ele se ia passar da cabeça antes de ser expulso.

— Passar-se da cabeça…? — Mudo de tom para que não pareça tanto uma pergunta. — Passar-se. Sim. Foi…

— Parecias muito chateada — comenta o Dover. — Não te posso censurar. Podias ter gostado deste sítio se o Silas não te tivesse estragado tudo.

Recosto-me no banco, e de repente o frango deixou de me parecer apetitoso.

— Pois — digo, olhando para a Janette, que está a observar-nos com curiosidade. — Já acabaste, fedelha? — pergunto-lhe.

Ela acena que sim com a cabeça e limpa os dedos gordurosos num guardanapo. Tiro uma nota de vinte da carteira e deixo-a em cima da mesa.

— Não é preciso — diz o Dover, afastando-a.

Inclino-me até nos fitarmos olhos nos olhos.

— Só o meu namorado é que me paga o jantar — afirmo, deixando o dinheiro na mesa.

Dirijo-me para a porta, e a Janette vem atrás de mim.

— Pois! — diz o Dover. — Se viveres segundo essa regra, podes comer de graça sete dias por semana!

Não paro até chegar ao carro. Aconteceu alguma coisa ali dentro. O que quer que tenha sido fez com que o Silas quase perdesse a cabeça. Ligo o carro e a Janette solta um arroto alto. Começamos a rir-nos as duas ao mesmo tempo.

— Acabaram-se os *Doritos* para o jantar — anuncio. — Podemos aprender a cozinhar.

— Se o dizes — responde ela, encolhendo os ombros.

Ninguém cumpre o que promete à Janette. Ela tem um ar amargurado. Não falamos durante o resto da viagem e, quando encosto à entrada de casa, ela salta para fora antes de eu desligar o motor.

— Foi bom passar algum tempo contigo, também — digo.

Imagino que quando atravessar a soleira, a mãe da Charlie esteja à espera dela — talvez para a repreender por ter levado o carro —, mas, quando entro em casa, está tudo escuro, exceto a luz por baixo da porta do quarto que partilho com a Janette. A mãe foi dormir. A mãe não se importa. O que é perfeito para a situação em que me encontro. Posso bisbilhotar e tentar descobrir o que me aconteceu sem as perguntas e as regras, mas não consigo deixar de pensar na Janette, em como ela é apenas uma criança que precisa dos pais. Está tudo tão lixado.

A Janette está a ouvir música quando abro a porta.

— Ei — chamo. De repente tenho uma ideia. — Viste o meu *iPod*?

A música diz muito sobre uma pessoa. Não preciso de ter memória alguma para saber disso.

— Sei lá — responde ela, encolhendo os ombros. — Talvez esteja com o resto das tuas outras porcarias no sótão.

As minhas outras porcarias? No sótão?

De repente, sinto-me excitada.

Talvez haja mais em mim do que uma colcha sem graça e uma pilha de maus romances. Quero perguntar-lhe que tipo de porcaria, e porque é que a minha porcaria está no sótão em vez de estar no nosso quarto partilhado, mas a Janette

voltou a pôr os auscultadores nos ouvidos e está a esforçar-se por me ignorar.

Decido que o melhor será subir ao sótão para ver as coisas por mim própria. *Mas onde é que fica o sótão?*

8

Silas

A porta da frente da minha casa abre-se quando estou a estacionar o carro e a Ezra sai, torcendo as mãos nervosamente. Saio do carro e vou ter com ela, de olhos arregalados.

— Silas — diz ela, com a voz a tremer. — Eu pensei que ele soubesse. Eu não teria dito que a Charlie esteve aqui, mas tu não parecias estar a esconder, por isso pensei que as coisas tinham mudado e que ela tinha autorização para vir cá…

Levanto a mão para tentar impedi-la de continuar a desculpar-se desnecessariamente.

— Está tudo bem, Ezra. A sério.

Ela suspira e passa a mão pelo avental que ainda está a usar. Não percebo o nervosismo da Ezra, nem porque é que ela pensou que eu ia ficar zangado com ela. Sorrio mais do que necessário para a tranquilizar, porque ela parece precisar.

Ela aquiesce e segue-me para dentro de casa. Faço uma pausa no *hall*, sem conhecer suficientemente bem a casa para saber onde é que o meu pai poderá estar neste momento. A Ezra passa por mim, murmurando «Boa noite», e sobe as escadas. Aparentemente, ela mora cá em casa connosco.

— Silas.

A voz é semelhante à minha, mas mais desgastada. Viro-me e vejo-me de repente frente a frente com o homem que aparece em todas as fotografias de família que revestem as paredes. Mas falta-lhe o sorriso falso e brilhante.

Ele olha-me de cima a baixo, como se ver o próprio filho o deixasse desapontado.

Vira-se e entra numa das portas do *hall*. O seu silêncio e a determinação dos seus passos exigem que o siga, por isso eu sigo-o. Entramos no seu escritório, e ele contorna lentamente a secretária e senta-se. Inclina-se para a frente e cruza os braços sobre a madeira de mogno.

— Queres explicar-te?

Sinto-me tentado a explicar. Sinto mesmo. Quero dizer-lhe que não faço ideia de quem ele é, não faço ideia do motivo por que está zangado, não faço ideia de quem *eu sou*.

Provavelmente, devia sentir-me nervoso ou intimidado por ele. Tenho a certeza de que o Silas de ontem teria ficado, mas é difícil sentir-me intimidado por alguém que não conheço de todo. No que me diz respeito, ele não tem poder sobre mim, e o poder é o principal ingrediente da intimidação.

— Explicar o quê? — pergunto.

Os meus olhos dirigem-se para uma prateleira de livros na parede atrás dele. Parecem clássicos. Colecionáveis. Pergunto-me se ele leu algum dos livros ou se são apenas mais ingredientes para a sua intimidação.

— Silas!

A voz dele é tão profunda e aguda que parece a ponta de uma faca a furar-me os ouvidos. Levo a mão ao pescoço e aperto-a antes de voltar a olhar para ele. O meu pai olha para a cadeira à sua frente, ordenando silenciosamente que eu me sente.

Tenho a sensação de que o Silas de ontem diria «Sim, senhor».

O Silas de hoje sorri e caminha lentamente até à cadeira.

— Porque é que ela esteve nesta casa hoje?

Ele refere-se à Charlie como se ela fosse um veneno. Refere-se a ela da mesma forma que a mãe dela se referia a mim. Olho para o braço da cadeira e remexo num pedaço de couro gasto.

— Ela não se estava a sentir bem na escola. Precisava de boleia para casa e fizemos um desvio rápido.

O homem… *o meu pai*… recosta-se na cadeira. Leva uma mão ao maxilar e

esfrega-o.

Passam-se cinco segundos. E depois passam-se dez segundos. *Quinze*.

Por fim, ele inclina-se para a frente.

— Voltaste a andar com ela?

É uma pergunta com rasteira? Porque parece.

Se eu disser que sim, é óbvio que o vou irritar. Se disser que não, vai parecer que estarei a deixá-lo ganhar. Não sei porquê, mas não quero mesmo que este homem ganhe. Parece que ele está habituado a ganhar.

— E se tiver voltado?

A mão dele já não está a esfregar o maxilar, porque agora está a atravessar a secretária e a agarrar-se à gola da minha camisola. Puxa-me para ele, enquanto as minhas mãos agarram os cantos da secretária para resistir. Estamos agora olhos nos olhos, e acredito que ele está prestes a bater-me. Pergunto-me se este tipo de interação com ele é comum.

Em vez de me bater, como eu sei que quer fazer, pressiona o punho contra o meu peito e solta-me. Caio de novo no meu lugar, mas só por um segundo. Levanto-me da cadeira e dou alguns passos para trás.

Eu até teria batido no idiota, mas ainda não o odeio o suficiente para o fazer. Também não gosto dele o suficiente para me sentir afetado pela sua reação. Mas isso confunde-me.

Ele pega num pesa-papéis e atira-o para o outro lado do escritório, felizmente não na minha direção. O objeto atinge uma prateleira de madeira e atira o conteúdo ao chão. Alguns livros. Uma moldura. Uma pedra.

Fico parado e vejo-o andar para trás e para a frente, com gotas de suor a escorrerem-lhe da testa. Não percebo porque é que ele está tão aborrecido com o facto de a Charlie ter estado aqui hoje. Especialmente porque a Ezra disse que crescemos juntos.

As palmas das mãos dele estão agora encostadas à secretária. Está a respirar pesadamente, com as narinas dilatadas como um touro enfurecido. Imagino-o a começar a levantar poeira com os pés a qualquer momento.

— Nós tínhamos um acordo, Silas. Tu e eu. Eu não te iria obrigar a testemunhar se me jurasses que não voltarias a ver a filha daquele homem.

Uma das mãos dele agita-se em direção a um armário fechado, enquanto a outra passa pelo que resta do seu cabelo ralo.

— Sei que achas que ela não tirou os documentos deste escritório, mas eu sei que tirou! E só não fui mais longe porque tu me *juraste* que não teríamos de voltar a lidar com aquela família. E aqui estás tu… — Ele estremece. *Literalmente* estremece. — Aqui estás tu a trazê-la para esta casa como se os últimos doze meses nunca tivessem acontecido! — As mãos voltam a abanar frustradamente, as expressões faciais voltam a ficar distorcidas. — O pai daquela rapariga quase *arruinou* esta família, Silas! Isso não significa nada para ti?

«Na verdade, não», quero dizer.

Faço uma nota mental para nunca ficar tão zangado. Os Nashes não ficam nem um pouco atraentes assim.

Procuro algum tipo de emoção que transmita remorso, para que ele o veja no meu rosto. É difícil, porém, quando a única coisa que estou a sentir é curiosidade.

A porta do escritório abre-se e ambos voltamos a nossa atenção para quem está a entrar.

— Landon, isto não te diz respeito — diz o meu pai, com a voz suave.

Volto a encarar o meu pai, só para ter a certeza de que as palavras saíram mesmo da boca dele e não de outra pessoa. Quase parece a voz de um pai carinhoso, e não do monstro que acabei de testemunhar.

O Landon — *é bom saber finalmente o nome do meu irmão mais novo* — olha para mim.

— O treinador está ao telefone e quer falar contigo, Silas.

Olho de relance para o meu pai, que está agora de costas para mim. Presumo que isso signifique que a nossa conversa terminou. Dirijo-me à porta e saio alegremente da sala, seguido de perto pelo Landon.

— Onde é que está o telefone? — pergunto-lhe, quando chego às escadas. É uma pergunta válida. Como é que eu vou saber se ele ligou para um telemóvel ou para um telefone fixo?

O Landon ri-se e passa por mim.

— Não há nenhuma chamada telefónica. Eu só estava a tentar tirar-te dali.

Ele continua a subir as escadas e eu vejo-o chegar ao topo e depois virar à esquerda, desaparecendo no final do corredor. *É um bom irmão*, penso. Dirijo-me ao que presumo ser o quarto dele e bato ao de leve na porta. Está ligeiramente entreaberta, por isso empurro-a para abrir.

— Landon?

Abro a porta até ao fim e vejo-o sentado a uma secretária. Ele olha brevemente por cima do ombro e depois volta a concentrar-se no computador.

— Obrigado — digo, entrando no quarto.

Os irmãos agradecem uns aos outros? Provavelmente não. Devia ter dito qualquer coisa do género «Demoraste, idiota».

O Landon vira-se na cadeira e inclina a cabeça. Uma combinação de confusão e admiração transparece no seu sorriso.

— Não sei o que se passa contigo. Andas a faltar aos treinos, e isso nunca aconteceu. Ages como se não te importasses com o facto de a Charlie ter andado a comer o Brian Finley. E depois tens a coragem de a trazer *aqui*? Depois de toda a merda pela qual o pai e o Brett passaram? — Ele abana a cabeça. — Nem sei como é que conseguiste escapar ileso do escritório dele.

Ele vira-se e deixa-me a processar tudo. Dou meia-volta e corro para o meu quarto.

Brett Wynwood, Brett Wynwood, Brett Wynwood.

Repito o nome dele na minha cabeça para saber exatamente o que procurar quando chegar ao computador. *Eu devo ter um computador*.

Quando chego ao meu quarto, a primeira coisa que faço é ir até ao armário. Pego na caneta que a Charlie me deu antes e leio de novo a inscrição.

GRUPO FINANCEIRO WYNWOOD-NASH

Procuro no quarto até que finalmente encontro um portátil enfiado na gaveta da mesa de cabeceira. Ligo-o e introduzo a palavra-passe.

Lembro-me da palavra-passe? Mais uma coisa para a lista de *merdas que não fazem sentido*.

Digito «Grupo Financeiro Wynwood-Nash» no motor de busca. Clico no

primeiro resultado e sou levado para uma página onde se lê *Nash Finanças*, com o *Wynwood* visivelmente ausente. Percorro rapidamente a página e não descubro nada que ajude. Apenas um monte de informações inúteis sobre os contactos da empresa.

Volto a sair da página e percorro o resto dos resultados, lendo cada um dos principais títulos e os artigos que se seguem:

> *Os gurus das finanças Clark Nash e Brett Wynwood, cofundadores do Grupo Financeiro Wynwood-Nash, foram acusados de quatro crimes de conspiração, fraude e transações ilegais.*
>
> *Sócios há mais de vinte anos, os dois magnatas dos negócios estão agora a culpar-se mutuamente, afirmando ambos não ter conhecimento das práticas ilegais descobertas durante uma investigação recente.*

Leio outro.

> *Clark Nash foi ilibado das acusações. O copresidente da empresa, Brett Wynwood, foi condenado a quinze anos de prisão por fraude e desvio de fundos.*

Chego à segunda página de resultados de pesquisa quando a luz da bateria começa a piscar no portátil. Abro a gaveta, mas não vejo nenhum carregador. Procuro em todo o lado. Debaixo da cama, no armário, nas gavetas da cómoda.

O portátil desliga-se durante a pesquisa. Começo a usar o telemóvel para pesquisar, mas também está prestes a ficar sem bateria e o único carregador que consigo encontrar só serve para o ligar ao portátil. Continuo a procurar, porque preciso de saber exatamente o que aconteceu para que estas duas famílias se odeiem tanto.

Levanto o colchão, pensando que talvez o carregador possa estar enfiado atrás da cama. Não encontro o carregador, mas encontro o que parece ser um caderno. Tiro-o de debaixo do colchão e sento-me na cama. Mal abro a primeira página, o meu telemóvel vibra com uma mensagem de texto.

Charlie: Como é que estão as coisas com o teu pai?

Quero saber mais antes de decidir o que partilhar com ela. Ignoro a mensagem e abro o caderno, encontrando pilhas de papéis enfiadas numa pasta. No topo de todos os papéis está escrito «Grupo Financeiro Wynwood-Nash», mas não percebo nenhum deles. Também não percebo porque estavam escondidos debaixo do meu colchão.

Relembro as palavras do Clark Nash, lá em baixo: «Sei que achas que ela não tirou os documentos deste escritório, Silas, mas eu sei que tirou.»

Parece que ele estava errado, mas porque é que *eu* os teria tirado? Para que é que eu precisaria deles?

Quem é que eu estava a tentar proteger?

O meu telemóvel vibra de novo com outra mensagem.

Charlie: Há uma funcionalidade muito gira no teu telemóvel chamada «recibos de leitura». Se vais ignorar as mensagens, é melhor desligares isso. 😉

Pelo menos ela usou um *emoji*.

Eu: Não te estou a ignorar. Só estou cansado. Temos muito para resolver amanhã.
Charlie: Pois.

É tudo o que ela diz. Não tenho a certeza se devo responder à mensagem dela, mas não quero que fique irritada se eu *não* responder.

Eu: Boa noite, Charlie querida. 😉

Assim que carrego no botão enviar, quero voltar atrás. Não sei qual era a minha intenção com aquela resposta. Não era sarcasmo, mas de certeza que também não era namoriscar.

Decido arrepender-me amanhã. Neste momento, só preciso de dormir para me certificar de que estou suficientemente acordado de manhã para lidar com tudo isto.

Volto a enfiar o caderno debaixo do colchão e vejo um carregador de parede,

por isso ligo-o ao meu telemóvel. Estou demasiado exausto para continuar a procurar, então descalço-me. Só quando me deito é que reparo que a Ezra trocou os lençóis.

Assim que desligo o candeeiro e fecho os olhos, o meu telemóvel vibra.

Charlie: Boa noite, Silas.

Não deixo de notar a falta de carinho dela, mas, por alguma razão inexplicável, a mensagem faz-me sorrir. Típico da Charlie.

Acho.

9

Charlie

Não é uma boa noite.

O alçapão para o sótão fica no armário que partilho com a minha irmã. Depois de enviar uma mensagem de boas-noites ao Silas, trepo as três prateleiras — que estão a abarrotar de roupa — e empurro-o para cima com a ponta dos dedos até que ele se desloque para a esquerda. Olho para trás por cima do ombro e vejo que a Janette não levantou os olhos do telemóvel. Isto deve ser normal — eu entrar no sótão e deixá-la para trás. Gostava de lhe perguntar se quer vir comigo, mas já foi cansativo demais convencê-la a ir jantar. *Fica para outra altura*, penso. Hei de descobrir como resolver as coisas entre nós.

Não sei porquê, mas enquanto me iço pelo buraco e entro num espaço ainda mais pequeno, imagino o rosto do Silas, a pele bronzeada e macia. Os seus lábios cheios. Beijei a boca dele tantas vezes e mesmo assim não me lembro de um único beijo.

O ar está quente e abafado. Rastejo de joelhos até uma pilha de almofadas, encosto-me a elas e estico as pernas à minha frente. Há uma lanterna em cima de uma pilha de livros. Acendo-a e examino as lombadas: histórias que conheço, mas que não me lembro de ter lido. Que estranho ser feita de carne, equilibrar-me em ossos e ter uma alma que nunca conheci.

Pego nos livros dela e leio a primeira página de cada um. Quero saber quem ela é, quem sou *eu*. Quando estou prestes a esgotar a pilha, reparo que o livro na

base é maior e encadernado a couro vermelho enrugado. O meu pensamento imediato é que encontrei um diário. Tremem-me as mãos quando abro as páginas.

Mas não se trata de um diário. É um álbum de recortes. Com cartas do Silas.

Sei-o porque ele assina cada uma delas com um S curvo que quase parece um relâmpago. E sei que gosto da letra dele, firme e distinta. No topo de cada bilhete está presa, com um clipe, uma fotografia — todas presumivelmente tiradas pelo Silas. Leio bilhete atrás de bilhete, debruçando-me sobre as palavras. Cartas de amor. O Silas está apaixonado.

É lindo.

Ele gosta de imaginar uma vida comigo. Numa carta, escrita na parte de trás de um saco de papel pardo, descreve ao pormenor a forma como passaremos o Natal quando tivermos a nossa própria casa: sidra misturada com álcool junto à árvore de Natal, massa de bolacha crua que comemos antes mesmo de a levar ao forno. Diz-me que quer fazer amor comigo apenas com velas a iluminar o quarto, para que possa ver o meu corpo a brilhar à luz das velas. A fotografia presa ao bilhete é de uma pequena árvore de Natal que parece estar no quarto dele. Devemos tê-la montado juntos.

Encontro outra escrita na parte de trás de um recibo, na qual ele descreve ao pormenor a sensação de estar dentro de mim. O meu rosto aquece enquanto leio o bilhete vezes sem conta, deliciando-me com a sua luxúria. A fotografia presa a este bilhete é do meu ombro nu. As fotografias dele têm um grande impacto, tal como as suas palavras. Tiram-me o fôlego, e não tenho a certeza se a parte de mim de que não me lembro está apaixonada por ele. Sinto apenas curiosidade em relação ao rapaz de cabelo escuro que olha para mim com tanta sinceridade.

Ponho o bilhete de lado, com a sensação de estar a bisbilhotar a vida de outra pessoa, e fecho o livro. Isto pertencia à Charlie. Eu não sou ela. Adormeço rodeada pelas palavras do Silas, as cartas e frases a rodopiarem na minha cabeça até que…

Uma rapariga cai de joelhos à minha frente. «Ouve-me», diz num sussurro. «Não temos muito tempo.»

Mas eu não a ouço. Empurro-a para longe e ela vai-se embora. Estou no exterior. Há uma fogueira a arder num velho caixote do lixo de metal. Esfrego as mãos para me aquecer. Algures atrás de mim, ouço um saxofone a tocar, mas o som transforma-se num grito. É nessa altura que corro. Corro através do fogo que estava no caixote do lixo, mas que agora está por todo o lado, lambendo os prédios ao longo da rua. Corro, sufocada pelo fumo, até que vejo uma loja com uma fachada cor-de-rosa que não tem chamas nem fumo, embora tudo à sua volta arda. É uma loja de curiosidades. Abro a porta sem pensar, porque é o único sítio seguro contra as chamas. O Silas está lá à minha espera. Ele conduz-me por entre ossos, livros e garrafas e leva-me para uma sala nas traseiras. Uma mulher está sentada num trono feito de espelhos partidos, olhando para mim com um sorriso fino nos lábios. Os pedaços de espelho refletem feixes de luz nas paredes, onde se agitam e dançam. Viro-me para olhar para o Silas, para lhe perguntar onde estamos, mas ele desapareceu. «Depressa!»

Acordo sobressaltada.

A Janette está a inclinada através da ripa do teto do armário, a abanar o meu pé.

— Tens de te levantar — diz ela. — Não podes dar mais faltas injustificadas.

Ainda estou no sótão, um espaço húmido e frio. Esfrego os olhos, comovida por ela saber que estou no meu limite de faltas injustificadas e ter-se preocupado a ponto de me acordar. Estou a tremer quando chego à casa de banho e abro o chuveiro. O sonho continua na minha cabeça. Ainda consigo ver o meu reflexo nos cacos partidos do trono.

O fogo entra e sai da minha visão, esperando atrás das minhas pálpebras cada vez que pestanejo. Se me concentrar, o cheiro a cinzas sobrepõe-se ao do gel de banho que estou a usar, ao do champô enjoativamente doce que despejo na mão. Fecho os olhos e tento lembrar-me das palavras do Silas… «Estás quente e molhada, e o teu corpo agarra-me como se não quisesse que eu me vá embora.»

A Janette bate à porta.

— Estás atrasada! — grita ela.

Apresso-me a vestir-me e estamos a sair pela porta da frente quando me apercebo de que nem sequer sei como é que a Janette espera que cheguemos à escola hoje. Eu ontem pedi ao Silas que me viesse buscar.

— A Amy já devia estar aqui — diz ela.

Cruza os braços sobre o peito e olha para a rua. É como se nem sequer conseguisse olhar para mim. Pego no telemóvel e envio uma mensagem ao Silas a avisá-lo de que não me venha buscar. Também verifico se a tal Amy me enviou uma mensagem, mesmo na hora em que um *Mercedes* prateado contorna a esquina.

— Amy — digo.

Pergunto-me se é uma das raparigas com quem me sentei ontem ao almoço. Quase não reparei em nomes e caras. O carro encosta à berma e nós avançamos. A Janette senta-se no banco de trás sem dizer uma palavra e, após alguns segundos de deliberação, abro a porta da frente. Fico a olhar para ela com surpresa durante um minuto antes de entrar no carro.

— Olá — diz a Amy, sem olhar para mim. Fico grata pela distração dela, porque assim posso estudá-la.

— Olá.

É bonita. O seu cabelo, mais claro do que a pele, está entrançado até à cintura. Parece à vontade comigo — já para não dizer que me dá boleia a mim e à minha irmã mal-humorada para a escola. Devemos ser boas amigas, penso.

— Fico contente por ver que te sentes melhor. Já decidiste o que vais fazer em relação ao Silas? — pergunta-me ela.

— Eu… eu… hã… o Silas?

— Ahã — diz ela. — Foi o que eu pensei. Continuas a não saber. É uma pena, porque vocês ficam muito bem juntos quando se esforçam.

Mantenho-me em silêncio até estarmos quase a chegar à escola, a pensar no que é que ela quer dizer.

— Amy… Como é que descreverias a minha relação com o Silas a alguém que nunca nos conheceu?

— Vês? É esse o teu problema — diz ela. — Tu estás sempre a fazer joguinhos.

Ela encosta à frente da escola para a Janette sair. Os passos já são automáticos.

— Adeus — digo-lhe, quando a porta se fecha. — Ela é tão má — sai-me, virando-me de novo para a frente.

A Amy faz uma careta.

— E tu és a rainha da simpatia? A sério, não sei o que é que te deu. Estás ainda mais estranha do que o normal.

Mordo os lábios quando entramos no parque de estacionamento da escola. Abro a porta antes mesmo de o carro ter parado.

— Mas que raio, Charlie?

Não fico à espera de ouvir o que mais ela tem para dizer. Corro para a escola, com os braços bem apertados à volta do tronco. Será que *todos* me odeiam? Baixo a cabeça ao passar pelas portas. Preciso de encontrar o Silas. As pessoas olham para mim enquanto vou percorrendo o corredor. Não olho para a esquerda nem para a direita, mas consigo sentir os seus olhares. Quando procuro o telemóvel para enviar uma mensagem ao Silas, não o encontro. Cerro os punhos. Eu tinha o telemóvel quando lhe enviei a mensagem a dizer que não precisava de boleia. Devo tê-lo deixado no carro da Amy.

Começo a dirigir-me à porta principal para regressar ao parque de estacionamento quando alguém me chama.

Brian.

Olho em volta para ver quem nos está a observar enquanto ele corre na minha direção. O olho dele ainda parece um pouco magoado do soco que lhe dei. Gosto disso.

— O que é que queres? — pergunto.

— Tu bateste-me.

Ele para a alguns metros de distância, como se tivesse medo de que eu o fizesse de novo. De repente, sinto-me culpada. Não devia ter feito aquilo. O jogo que eu estava a fazer com ele antes de tudo isto acontecer não era culpa dele.

— Desculpa — digo-lhe. — Não tenho estado em mim ultimamente. Não devia ter feito aquilo.

Parece que lhe disse exatamente o que ele queria ouvir.

O rosto do Brian descontrai e ele passa uma mão pela nuca sem desviar os

olhos de mim.

— Podemos ir para um sítio mais privado para falarmos?

Olho em volta para o corredor cheio de gente e abano a cabeça.

— Não.

— Está bem. Então podemos fazer isto aqui.

Mudo de um pé para o outro e olho por cima do ombro. Dependendo do tempo que ele demorar, ainda consigo apanhar a Amy, pegar nas chaves do carro dela e…

— É o Silas ou eu.

A minha cabeça volta-se para trás para olhar para ele.

— O quê?

— Eu amo-te, Charlie.

Oh, meu Deus. Sinto comichão por todo o lado. Dou um passo atrás, olhando em volta à procura de alguém que me ajude a sair desta situação.

— Agora é uma altura muito má para mim, Brian. Preciso de encontrar a Amy e…

— Eu sei que vocês têm uma história, mas há muito tempo que são infelizes. Aquele tipo é um parvo, Charlie. Tu viste o que aconteceu com a Camarão. Estou surpreendido…

— Do que é que estás a falar?

Ele parece aborrecido por eu ter interrompido o seu discurso.

— Estou a falar do Silas e…

— Não… que camarão?

As pessoas começam a parar para nos observar. Um grupo de curiosos nos cacifos: olhos, olhos, olhos postos na minha cara. Sinto-me constrangida. Odeio isto.

— Ela.

O Brian aponta com a cabeça para a esquerda no momento em que uma rapariga atravessa as portas e passa por nós. Quando ela me vê a olhar, o seu rosto cora, e fica como um camarão. Reconheço-a da minha aula de ontem. Era ela que estava no chão, a apanhar os livros. É pequenina. O cabelo dela tem um tom feio de castanho-esverdeado, como se ela própria o tivesse tentado pintar e

tivesse corrido terrivelmente mal. Mas mesmo que não o tivesse pintado, parece… triste. Franja irregular e desigual, oleosa e rala. Tem muitas espinhas na testa e um nariz achatado. O meu primeiro pensamento é «feia». Mas é mais um facto do que uma opinião. Ela afasta-se antes que eu possa pestanejar, desaparecendo no meio de uma multidão de espectadores. Tenho a sensação de que ela não se foi embora. Está à espera atrás das costas deles, a tentar ouvir. Senti qualquer coisa… quando vi a cara dela, senti qualquer coisa.

Tenho a cabeça às voltas quando o Brian me agarra. Deixo que ele me segure pelo cotovelo e me puxe para o seu peito.

— Sou eu ou o Silas — repete ele.

Ele está a ser arrojado, pois já lhe dei um murro por me ter tocado. Ainda assim, ele é a menor das minhas preocupações. Estou a pensar na rapariga, na Camarão, se ela estará ali atrás, escondida atrás de todos os outros.

— Preciso de uma resposta, Charlie.

Ele tem-me tão perto que quando olho para o rosto dele consigo ver as sardas nos seus olhos.

— Então escolho o Silas — respondo, baixinho.

Ele fica paralisado. Sinto o corpo dele contrair-se.

10

Silas

— Vais ao treino hoje? — pergunta o Landon.

Ele já está parado do lado de fora da minha porta, e nem me lembro de chegar ao estacionamento da escola, muito menos de desligar o carro. Assinto, mas não consigo olhá-lo nos olhos. Estava tão imerso nos meus pensamentos durante o caminho até aqui que nem considerei a possibilidade de tentar obter informações com ele.

Estava focado no facto de não ter acordado com memórias. Tinha esperança de que a Charlie tivesse razão… que acordaríamos e tudo voltaria ao normal. Mas isso não aconteceu e nada é normal.

Ou, pelo menos, *eu* não acordei com memórias. Não falo com a Charlie desde a noite passada, e a mensagem dela esta manhã não foi muito esclarecedora.

Nem sequer a abri. Ela apareceu no ecrã bloqueado e eu li o suficiente da primeira frase para saber que não gostava do que estava a sentir. Comecei logo a imaginar quem a iria buscar e se ela não se importaria com isso.

Os meus instintos protetores vêm à tona sempre que o assunto é a Charlie, e eu não sei se foi sempre assim ou se é porque a Charlie é a única pessoa com quem me consigo identificar neste momento.

Saio do carro, determinado a encontrá-la. Certificar-me de que ela está bem, apesar de saber que provavelmente está. Não preciso de a conhecer melhor do que já conheço para saber que não precisa que eu tome conta dela. Ela é

extremamente independente.

Mas isso não significa que eu não tente.

Quando entro na escola, lembro-me de que não sei onde começar a procurar por ela. Nenhum de nós se recorda de quais são os nossos cacifos e, tendo em conta que isto nos aconteceu a ambos durante a quarta aula de ontem, não fazemos ideia de onde são as nossas primeira, segunda e terceira aulas.

Decido ir à secretaria pedir uma cópia do meu horário. Espero que a Charlie se tenha lembrado do mesmo, pois duvido que me deem o horário dela.

Não reconheço a funcionária, no entanto, ela sorri como se me conhecesse.

— Estás aqui para ver a menina Ashley, Silas?

Menina Ashley.

Começo a abanar a cabeça, mas ela já está a apontar para a porta aberta de um gabinete. Quem quer que seja a menina Ashley, devo visitá-la vezes suficientes para me reconhecerem assim na secretaria.

Antes que eu consiga entrar pela porta do gabinete, uma mulher sai. É alta, atraente e parece demasiado nova para ser uma funcionária. O que quer que ela faça aqui, não o deve fazer há muito tempo. Ela mal parece ter idade para ter acabado a faculdade.

— Sr. Nash — diz ela, com um sorriso vago, lançando o cabelo loiro para trás do ombro. — Tem hora marcada?

Paro de andar na direção dela. Olho para a funcionária no preciso momento que a menina Ashley faz um aceno com a mão.

— Não há problema, eu tenho uns minutos. Entre.

Passo cuidadosamente por ela, registando a placa na porta quando entro no gabinete.

AVRIL ASHLEY, ORIENTADORA

Ela fecha a porta atrás de mim e eu olho em volta do gabinete, decorado com frases motivacionais e pósteres típicos com mensagens positivas. Sinto-me repentinamente desconfortável. Encurralado. Devia ter dito que não precisava de a ver, mas espero que esta orientadora — *que eu aparentemente visitava com*

regularidade — saiba algumas coisas sobre o meu passado que nos possam ajudar.

Viro-me no mesmo instante em que a mão da menina Ashley desliza pela porta e chega à fechadura. Tranca-a e aproxima-se lentamente de mim. As mãos dela tocam no meu peito e, pouco antes de a boca dela encontrar a minha, cambaleio para trás e apoio-me num armário.

Uau.

Mas que raio?

Ela parece ofendida por eu ter rejeitado os avanços dela. Este comportamento não deve ser invulgar entre nós.

Ando a dormir com a orientadora?

Penso imediatamente na Charlie e, com base na nossa óbvia falta de compromisso um com o outro, questiono-me sobre o tipo de relação que tínhamos. *Porque é que estávamos juntos?*

— Passa-se alguma coisa? — pergunta a menina Ashley.

Viro-me ligeiramente e afasto-me alguns passos dela, em direção à janela.

— Não me estou a sentir muito bem hoje — olho-a nos olhos e forço um sorriso. — Não quero que fique doente.

As minhas palavras põem-na à vontade e ela volta a encurtar o espaço entre nós, desta vez inclinando-se e pressionando os lábios contra o meu pescoço.

— Coitadinho — ronrona ela. — Queres que te ponha bom?

Tenho os olhos bem abertos, percorrendo a sala, traçando a minha rota de fuga. A minha atenção recai sobre o computador na secretária dela e depois sobre uma impressora atrás da cadeira.

— Menina Ashley — digo, afastando-a gentilmente do meu pescoço.

Isto é tão errado.

Ela ri-se.

— Nunca me chamas isso quando estamos sozinhos. É estranho.

Ela está demasiado à vontade comigo. Preciso de sair daqui.

— *Avril* — digo, sorrindo para ela novamente. — Preciso de um favor. Podes imprimir uma cópia do meu horário e do da Charlie?

Ela endireita-se imediatamente, e sorriso dela desaparece ao ouvir o nome da

Charlie. *Pelos vistos, é um ponto de discórdia*.

— Estou a pensar mudar algumas das minhas aulas para não ter de estar tanto com ela.

Não poderia estar mais longe da verdade.

A menina Ashley — *a Avril* — desliza os dedos pelo meu peito, e o sorriso reaparece no seu rosto.

— Bem, já estava na hora. Estou a ver que finalmente decidiste seguir o conselho da orientadora.

A voz dela é extremamente sensual. Percebo como as coisas devem ter começado com ela, mas isso faz-me sentir fútil. Faz-me odiar quem eu era.

À medida que ela se dirige à secretária e começa a clicar no teclado, o meu desconforto aumenta.

Depois tira páginas recém-impressas da impressora e entrega-mas. Tento tirar-lhe os horários da mão, mas ela afasta-os com um sorriso.

— Não, não — diz, abanando a cabeça lentamente. — Isto tem um preço.

Ela encosta-se à secretária e pousa as folhas de papel ao lado dela, viradas para baixo. Volta a olhar para mim e percebo que não me poderei ir embora sem lhe fazer a vontade, que é a última coisa que quero fazer neste momento.

Dou dois passos lentos em direção a ela e posiciono uma mão de cada lado dela. Inclino-me para o seu pescoço e ouço-a ofegar quando começo a falar.

— Avril, só faltam cinco minutos para o início das aulas. É impossível fazer tudo o que te quero fazer em apenas cinco minutos.

Deslizo a mão até aos horários pousados na secretária e afasto-me com eles. Ela morde o lábio inferior e olha-me intensamente.

— Então, regressa à hora do almoço — sussurra. — Uma hora chega, Sr. Nash?

Pisco-lhe o olho.

— Vai ter de chegar — respondo, já a caminho da porta. Não paro até estar no corredor e virar a esquina, bem distante do olhar dela.

O meu lado irresponsável de 18 anos quer dar-me os parabéns por ter aparentemente engatado a orientadora da escola, mas o meu lado sensato quer dar-me um murro por ter feito isso à Charlie.

A Charlie é, obviamente, a melhor escolha, e odeio pensar que com estas atitudes estava a pôr o nosso relacionamento em risco.

Mas, por outro lado, a Charlie também o fez.

Felizmente, os horários têm os números e as combinações dos nossos cacifos. O dela é o 543 e o meu é o 544. Imagino que tenha sido intencional.

Abro o meu cacifo e encontro três manuais lá dentro. Está um café meio bebido à frente dos livros e a embalagem vazia de um bolo de canela. Vejo duas fotografias coladas no interior do cacifo: uma minha e da Charlie, e outra apenas da Charlie.

Pego na fotografia e olho para ela. Porque é que eu tinha fotografias dela no meu cacifo, se não éramos felizes? Especialmente esta. É óbvio que fui eu que a tirei, pois tem um estilo semelhante às fotografias no meu quarto.

Ela está sentada num sofá com as pernas cuzadas. Tem a cabeça ligeiramente inclinada e olha diretamente para a câmara. O olhar dela é intenso, e ela olha para a câmara como se estivesse a olhar para mim. Está confiante e confortável, e, apesar de não estar a sorrir ou a rir, percebo que está feliz. Quando quer que esta foto tenha sido tirada, foi um dia feliz para ela. Para nós. Os olhos dela gritam mil coisas nesta fotografia, mas o grito mais alto diz: «Amo-te, Silas!»

Fico a olhar para ela durante mais algum tempo e depois volto a pô-la onde estava. Verifico o telemóvel para ver se ela enviou alguma mensagem. Não enviou. Olho em volta, no momento em que o Landon se aproxima vindo do fundo do corredor. Quando passa por mim, diz-me por cima do ombro:

— Parece que o Brian ainda não está fora de cena, mano.

A campainha toca.

Olho na direção de onde o Landon veio e vejo uma multidão de estudantes naquela ponta do corredor. As pessoas parecem estar paradas, a olhar por cima do ombro. Algumas estão a olhar para mim, outras estão fixas no que quer que esteja ao fundo do corredor. Começo a caminhar nessa direção e a atenção de todos recai sobre mim quando passo.

Começa a abrir-se um espaço na multidão e é então que a vejo. Ela está

encostada a uma fila de cacifos, com os braços enrolados a si própria. O Brian está encostado a um dos cacifos, a olhar atentamente para ela. Ele parece estar envolvido na conversa, enquanto ela parece apenas reservada. Ele vê-me quase imediatamente e retesa-se, assim como a expressão do seu rosto. A Charlie segue o olhar dele até os seus olhos encontrarem os meus.

Por mais que eu presuma que ela não precisa de ser salva, vejo o alívio tomar conta dela quando os nossos olhos se encontram. Um sorriso surge-lhe no rosto, e o que eu mais quero é afastá-lo dela. Pondero durante dois segundos. Devo ameaçá-lo? Devo bater-lhe como queria fazer ontem no parque de estacionamento? Nenhuma dessas atitudes terá o efeito desejado.

— Devias ir para as aulas — ouço-a dizer-lhe. As palavras dela são rápidas, um aviso, como se receasse que eu o atacasse. Ela não precisa de se preocupar. O que estou prestes a fazer irá magoar muito mais o Brian Finley do que se lhe batesse simplesmente.

Ouve-se a segunda campainha. Ninguém se mexe. Não há alunos a correr para as aulas para não chegarem atrasados. Ninguém à minha volta se apressa pelo corredor ao som da campainha.

Estão à espera. A observar. À espera de que eu instigue uma cena de pancadaria. Pergunto-me se o antigo Silas faria isso. Pergunto-me se o novo Silas deveria fazer isso.

Ignoro todos menos a Charlie e dirijo-me com confiança para ela, sempre com os olhos postos nela. Mal o Brian me vê aproximar-me, afasta-se dois passos. Encaro-o quando estendo a mão para ela, dando-lhe a opção de a agarrar e vir comigo ou ficar onde está.

Sinto os dedos dela deslizarem entre os meus quando ela agarra a minha mão com força. Puxo-a dos cacifos, para longe do Brian, para longe da multidão de alunos. Quando viramos a esquina, ela solta-me a mão e detém-se.

— Foi um pouco dramático, não achas? — pergunta ela.

Encaro-a. Tem os olhos semicerrados, mas a boca parece estar a sorrir. Não consigo perceber se está divertida ou furiosa.

— Eles estavam à espera de algum um tipo de reação da minha parte. O que é que querias que eu fizesse? Que lhe desse uma palmadinha no ombro e lhe

pedisse delicadamente se podia interromper?

Ela cruza os braços sobre o peito.

— Porque é que achas que eu precisava que fizesses alguma coisa?

Não percebo a hostilidade dela. Ontem à noite parecia estar tudo bem entre nós, por isso não percebo porque é que ela parece tão zangada comigo.

Ela passa as mãos pelos braços e depois olha para o chão.

— Desculpa — murmura. — Eu estava… — Depois olha para o teto e geme. — Eu estava só a tentar arrancar-lhe informação. Era por isso que estava com ele no corredor agora. Não estava a namoriscar.

A resposta dela apanha-me desprevenido. Não gosto de ver o ar culpado dela. Não foi por isso que a afastei dele, mas agora percebo que a Charlie acha que eu estou aborrecido por ela estar com o Brian. Eu percebi que ela não queria estar ali, mas talvez ela ainda não tenha reparado que já a consigo interpretar bem.

Dou um passo na sua direção. Quando ela ergue os olhos em direção aos meus, sorrio.

— Sentias-te melhor se soubesses que eu andava a trair-te com a orientadora da escola?

Ela inspira uma rápida lufada de ar e o choque surge no seu rosto.

— Tu não eras a única que não estava empenhada na nossa relação, Charlie. Aparentemente, ambos tínhamos problemas que precisávamos de resolver, por isso não sejas tão dura contigo própria.

Alívio não é provavelmente a reação que uma rapariga deve ter ao descobrir que o namorado a anda a trair, mas é sem dúvida o que a Charlie sente neste momento. Consigo vê-lo nos seus olhos e consigo ouvi-lo na sua respiração.

— Uau… — exclama ela, deixando as mãos descair ao lado das ancas. — Então, tecnicamente, estamos empatados?

Empatados? Abano a cabeça.

— Este não é um jogo que eu queira vencer, Charlie. Pelo contrário, eu diria que ambos perdemos.

Os lábios dela abrem-se num sorriso fantasmagórico, e depois ela olha por cima do ombro.

— Devíamos descobrir onde são as nossas aulas.

Lembro-me dos horários e tiro o dela do meu bolso de trás.

— Só estamos juntos na quarta aula, em História. Tu tens Inglês primeiro. É no outro corredor — digo, apontando para a sala de aula da primeira disciplina.

Ela anui com a cabeça em sinal de apreço e desdobra o horário.

— Bem pensado — diz ela, passando os olhos por ele. Volta a olhar para mim com um sorriso malicioso. — Suponho que recebeste isto da tua amante orientadora escolar?

As palavras dela fazem-me estremecer, embora eu não devesse sentir remorsos pelo que aconteceu antes de ontem.

— *Ex*-amante orientadora — esclareço, com um sorriso.

Ela ri-se, e é um riso solidário. Por mais confusa que seja a nossa situação, e por mais confusa que seja a nova informação sobre a nossa relação, o facto de nos podermos rir dela prova que, pelo menos, partilhamos o absurdo de tudo isto. E o único pensamento na minha cabeça enquanto me afasto é o quanto eu gostaria que o Brian Finley pudesse engasgar-se com o riso dela.

As três primeiras aulas do dia pareceram-me estranhas. Ninguém ou nada do que foi discutido me parecia familiar. Senti-me um impostor, deslocado.

Porém, assim que entrei na quarta aula e me sentei ao lado da Charlie, a minha disposição mudou. Ela é-me familiar. A única coisa que reconheço num mundo de inconsistência e confusão.

Olhámos de relance um para o outro, mas nunca falámos durante as aulas. Nem sequer estamos a falar agora, quando entramos juntos no refeitório. Olho para a nossa mesa e toda a gente de ontem já está sentada, só os nossos dois lugares permanecem vazios.

Inclino a cabeça para a fila do almoço.

— Vamos buscar a comida primeiro.

Ela olha para mim, por breves instantes, antes de voltar a olhar para a mesa.

— Não tenho muita fome — diz ela. — Vou esperar por ti na mesa.

Ela dirige-se ao nosso grupo e eu dirijo-me para a fila do almoço.

Depois de pegar no meu tabuleiro e numa *Pepsi*, vou até à mesa e sento-me. A

Charlie está a olhar para o telemóvel, excluindo-se da conversa que a rodeia.

O tipo à minha direita — *Andrew, creio* — dá-me uma cotovelada.

— Silas — diz ele, batendo-me repetidamente. — Conta-lhe quanto peso levantei na segunda-feira.

Olho para o tipo sentado à nossa frente. Ele revira os olhos e bebe o resto do seu refrigerante antes de bater com ele na mesa.

— Vá lá, Andrew. Achas que sou estúpido a ponto de acreditar que o teu melhor amigo não mentiria por ti?

Melhor amigo.

O Andrew é o meu melhor amigo, mas eu nem sequer sabia o nome dele há trinta segundos.

A minha atenção desvia-se dos dois para a comida à minha frente. Abro o refrigerante e bebo um gole, no momento em que a Charlie leva a mão à barriga. Está muito barulho no refeitório, mas mesmo assim ouço o ronco do estômago dela. Ela está com fome.

Se está com fome, porque é que não está a comer?

— Charlie? — Inclino-me para ela. — Porque é que não comes?

Ela rejeita a minha pergunta com um encolher de ombros. Baixo ainda mais o tom de voz.

— Tens dinheiro?

Os olhos dela olham para os meus como se eu tivesse acabado de revelar um grande segredo a toda a sala. Engole em seco e desvia o olhar, envergonhada.

— Não — responde calmamente. — Dei os meus últimos dólares à Janette esta manhã. Fico bem até chegar a casa.

Pouso a minha bebida na mesa e empurro o tabuleiro para a frente dela.

— Toma. Eu vou buscar outro.

Levanto-me e volto à fila para ir buscar outro tabuleiro. Quando regresso à mesa, ela já tinha dado algumas garfadas na comida. Não me agradece e sinto-me aliviado. Certificar-me de que ela tem comida para comer não é um favor pelo qual eu queira que ela me agradeça. É algo que espero que ela espere de mim.

— Queres boleia para casa hoje? — pergunto-lhe, quando estamos a acabar a

refeição.

— Meu, não podes faltar ao treino hoje — lança o Andrew na minha direção. — O treinador não te deixa jogar amanhã se faltares hoje.

Passo a palma da mão pelo rosto e depois tiro as chaves do bolso.

— Toma — digo, pousando-as na mão dela. — Leva a tua irmã a casa quando as aulas terminarem. Vem buscar-me depois do treino.

Ela tenta devolver-me as chaves, mas eu não as aceito.

— Fica com elas — digo-lhe. — Podes precisar do carro hoje, e eu não o vou usar.

O Andrew interrompe.

— Vais deixá-la conduzir o teu carro? Estás a brincar? Nunca me deixaste sequer sentar à frente da porcaria do volante!

Olho para o Andrew e encolho os ombros.

— Não é por ti que eu estou apaixonado.

A Charlie cospe a bebida durante um ataque de riso. Eu olho para ela, e ela tem um sorriso enorme. Ilumina-lhe todo o rosto, fazendo com que o castanho dos olhos pareça menos escuro. Posso não me lembrar de mais nada, mas quase podia apostar que o sorriso da Charlie era a coisa que eu mais adorava nela.

Este dia tem sido extenuante. Sinto que estive num palco durante horas, a interpretar cenas para as quais não tenho guião. A única coisa que me apetecia agora era estar na minha cama ou estar com a Charlie. Ou talvez as duas coisas juntas.

No entanto, eu e a Charlie ainda temos ambos um objetivo: perceber o que nos aconteceu ontem. Apesar do facto de nenhum dos dois ter vontade de estar na escola hoje, sabemos que a resposta poderá estar aí. Afinal, isto aconteceu ontem a meio das aulas, por isso a resposta pode estar relacionada com isso.

O treino de futebol também pode ser uma ajuda. Estarei junto de pessoas com quem não passei muito tempo nas últimas vinte e quatro horas. Posso descobrir algum detalhe sobre mim ou sobre a Charlie. Alguma coisa que esclareça a nossa situação.

É com alívio que percebo que todos os cacifos têm nomes, por isso não é difícil encontrar as minhas coisas. O difícil é perceber como vestir o equipamento. Travo uma luta com as calças, ao mesmo tempo que finjo que sei o que estou a fazer. O balneário vai ficando vazio à medida que os rapazes se vão dirigindo para o campo e eu fico completamente sozinho.

Quando penso que já tenho tudo pronto, tiro a minha camisola da prateleira de cima do cacifo para a vestir. Uma caixa ao fundo da prateleira chama-me a atenção. Puxo-a para mim e sento-me no banco. É uma caixa vermelha, muito maior do que uma mera caixa de joias. Abro a tampa e encontro algumas fotografias.

Não há pessoas nas fotografias. São paisagens, ou locais específicos. Vou passando por todas até chegar à fotografia de um baloiço: está a chover e no chão por baixo do baloiço formou-se uma poça. Viro-a e, no verso, está escrito «O nosso primeiro beijo».

A fotografia seguinte é do banco de trás de um carro, mas parece tirada a partir do chão. Viro-a. «A nossa primeira discussão».

A terceira é uma fotografia do que parece ser uma igreja, mas apanha apenas as portas. «Onde nos conhecemos».

Passo por todas as fotografias até que finalmente chego a uma carta, dobrada, no fundo da caixa. Pego nela e desdobro-a. É uma carta curta, com a minha letra, dirigida à Charlie. Começo a lê-la, mas o meu telemóvel toca, por isso aproximo-me e desbloqueio-o.

Charlie: A que horas acaba o teu treino?
Eu: Não sei bem. Encontrei uma caixa com coisas no balneário. Não sei se ajuda, mas há uma carta.
Charlie: O que é que diz?

— Silas! — grita alguém atrás de mim. Volto-me e deixo cair duas das fotografias das mãos. Está um homem à entrada da porta com um ar furioso. — Já para o campo!

Anuo e ele avança para o corredor. Volto a pôr as fotografias na caixa e a guardá-la no cacifo. Respiro fundo e dirijo-me ao campo.

Formam-se duas filas, ambas com rapazes curvados para a frente e a olhar para o tipo que está à sua frente. Há uma abertura óbvia, por isso corro em direção ao lugar vazio e copio o que os outros jogadores estão a fazer.

— Por amor de Deus, Nash! Porque é que não estás a usar as tuas ombreiras? — grita alguém.

Ombreiras. Merda.

Saio da fila e corro de volta para o balneário. Esta vai ser a hora mais longa da minha vida. É estranho não me conseguir lembrar das regras do futebol. Mas não deve ser assim tão difícil. Basta correr para trás e para a frente umas quantas vezes e o treino acaba.

Localizo as ombreiras atrás da fila de cacifos. Felizmente, são fáceis de colocar. Volto a correr para o campo e toda a gente se dispersa, correndo como formigas. Hesito antes de entrar no campo. Quando soa o apito, alguém me empurra por trás.

— Vai! — grita ele, frustrado.

As linhas, os números, as traves. Não significam nada para mim quando estou no campo entre os outros rapazes. Um dos treinadores grita uma ordem e, quando dou por mim, a bola é lançada na minha direção. Apanho-a.

E agora?

Correr. Se calhar devia correr.

Corro um metro e meio antes de a minha cara ir de encontro à relva sintética. Um apito soa.

Um homem grita.

Levanto-me, no momento em que um dos treinadores vem na minha direção.

— Que raio foi isso? Concentra-te!

Olho à minha volta, o suor começando a escorrer pela minha testa. A voz do Landon soa atrás de mim.

— Meu. Que raio se passa contigo?

Viro-me e olho para ele, enquanto toda a gente se junta à minha volta. Sigo os movimentos dele e coloco os braços sobre as costas dos rapazes à minha esquerda e à minha direita. Ninguém fala durante alguns segundos, e depois apercebo-me de que estão todos a olhar para mim. Estão à espera. Acho que

querem que eu diga alguma coisa. Tenho a sensação de que não é um círculo de oração.

— Vais indicar a jogada ou quê? — diz o tipo à minha esquerda.

— Hã… — gaguejo. — Tu — aponto para o Landon. — Faz aquela… coisa.

Antes que eles pudessem questionar-me, afasto-me e o grupo separa-se.

— O treinador vai pô-lo no banco — ouço alguém murmurar atrás de mim.

Um apito soa e, antes mesmo de o som me sair dos ouvidos, um comboio de mercadorias embate no meu peito.

Ou pelo menos é o que parece.

Vejo o céu lá em cima, tenho os ouvidos a zumbir, não consigo respirar.

O Landon está a pairar sobre mim. Pega no meu capacete e sacode-o.

— Que *raio* se passa contigo? — Ele olha em volta e depois olha de novo para mim. Semicerra os olhos. — Fica no chão. Faz de conta que estás doente.

Faço o que ele diz e ele levanta-se de um salto.

— Eu disse-lhe que não viesse ao treino, treinador — argumenta o Landon. — Ele tem andado a semana toda com a garganta inflamada. Acho que está desidratado.

Fecho os olhos, aliviado pela presença do meu irmão. Até gosto deste miúdo.

— Que raio estás a fazer aqui, Nash?

O treinador está agora a ajoelhar-se.

— Vai para o balneário e hidrata-te. Temos um jogo amanhã à noite.

Levanta-se e faz sinal a um dos treinadores-adjuntos.

— Dá-lhe um antibiótico e certifica-te de que ele está pronto para o jogo de amanhã.

O Landon ajuda-me a levantar. Os meus ouvidos ainda estão a zumbir, mas já consigo respirar. Dirijo-me para os balneários, aliviado por estar fora do campo. Onde nunca deveria ter entrado. *Não foi inteligente, Silas*.

Já no balneário, troco de roupa. Assim que calço os sapatos, ouço passos a aproximarem-se vindos do fundo do corredor. Olho em volta e vejo uma porta na parede mais distante, por isso corro para ela e abro-a. Por sorte, dá diretamente para o parque de estacionamento.

Fico imediatamente aliviado ao ver o meu carro. Corro até ele enquanto a

Charlie sai do lugar do condutor e se põe de pé quando me aproximo. Estou tão emocionado por a ver — por ter alguém com quem me relacionar — que nem sequer penso bem no que vou fazer a seguir.

Agarro no pulso dela, puxo-a para mim, e envolvo-a com os braços num abraço apertado. Enterro o rosto no cabelo dela e solto um suspiro. É uma sensação familiar. De segurança. Faz-me esquecer que nem sequer me lembro…

— O que estás a fazer?

Ela retesa o corpo contra o meu. A reação fria dela lembra-me que não fazemos coisas destas. O Silas e a Charlie é que faziam coisas destas. *Merda*.

Pigarreio, solto-a e dou um rápido passo atrás.

— Desculpa — murmuro. — Força do hábito.

— Nós não *temos* hábitos.

Ela passa por mim e dá a volta ao meu carro.

— Achas que sempre foste assim tão má para mim? — pergunto.

A Charlie olha para mim por cima do capô e anui.

— Aposto que sim. Tu deves adorar ser castigado.

— Devo ser masoquista — murmuro.

Entramos, e há dois lugares onde planeio ir esta noite. O primeiro é a minha casa, para tomar um duche, mas tenho a certeza de que, se a convidasse para vir comigo, ela recusaria só para me irritar. Em vez disso, vou para minha casa, deixando-a sem escolha.

— Porque é que estás a sorrir? — pergunta ela, após cinco quilómetros de viagem.

Nem tinha reparado que estava a sorrir. Encolho os ombros.

— Estou só a pensar.

— Em quê?

Olho para ela e ela está à espera da minha resposta com um ar impaciente.

— Estava a pensar como é que o velho Silas conseguiu amolecer-te.

Ela ri-se.

— O que te faz pensar que ele conseguiu?

Eu sorriria de novo, mas acho que ainda não parei de o fazer.

— Tu viste o vídeo, Charlie. Tu amava-lo. — Faço uma pausa por um

segundo, depois reformulo a frase. — *A mim*. Tu amavas-*me*.

— Ela amava-te — diz a Charlie, e depois sorri. — Eu ainda nem sei se *gosto* de ti.

Abano a cabeça e rio-me baixinho.

— Não me conheço muito bem, mas devo ter sido extremamente competitivo. Porque vejo isso como um desafio.

— Vês *o quê* como um desafio? Achas que podes fazer com que eu volte a gostar de ti?

Olho para ela e abano ligeiramente a cabeça.

— Não. *Vou* fazer com que te apaixones por mim outra vez.

Consigo ver o movimento suave da garganta dela enquanto engole, mas tão depressa como baixou a guarda, volta a levantá-la.

— Boa sorte com isso — replica, virando-se novamente para a frente. — Tenho quase a certeza de que serás o primeiro homem a competir consigo próprio pelo afeto de uma rapariga.

— Talvez — respondo, quando paramos na entrada da minha casa. — Mas eu aposto em mim.

Desligo o carro e saio. Ela não tira o cinto.

— Vens? Preciso de tomar um duche rápido.

Ela nem sequer olha para mim.

— Eu espero no carro.

Não discuto. Fecho a porta e entro para tomar um duche, pensando no breve sorriso que podia jurar que estava a surgir no canto da boca dela.

E embora conquistá-la de novo não seja a minha principal prioridade, é decididamente o novo plano de reserva no caso de nenhum de nós conseguir descobrir como voltar a ser quem éramos antes de ontem. Porque, mesmo com todas as tretas — ela a trair-me com o Brian, eu a traí-la com a orientadora, a confusão com as nossas famílias —, nós ainda tentámos, obviamente, fazer com que funcionasse. Tinha de haver ali qualquer coisa, algo mais profundo do que atração ou um simples laço de infância, que me fez lutar para ficar com ela.

Quero voltar a sentir isso. Quero lembrar-me de como é amar assim alguém. E não uma pessoa qualquer. Quero saber qual é a sensação de amar a *Charlie*.

11

Charlie

Estou parada à beira do relvado, a olhar para a rua dele, quando ele se aproxima por trás de mim. Não o ouço a aproximar-se, mas sinto-lhe o cheiro. Não sei como, uma vez que o cheiro dele se confunde com o que nos rodeia, a natureza.

— Para onde estás a olhar? — pergunta ele.

Continuo a contemplar as casas, todas elas imaculadas e bem cuidadas a ponto de me irritarem. Dá-me vontade de disparar uma arma para o ar, só para ver todas as pessoas sossegadas lá dentro a fugir. Este bairro precisa de um pouco de animação.

— É estranho como o dinheiro pode silenciar um lugar — digo, baixinho. — Na minha rua, onde ninguém tem dinheiro, é tudo muito barulhento. As sirenes tocam, as pessoas gritam, as portas dos carros batem, as aparelhagens tocam. Há sempre alguém, algures, a fazer barulho.

Viro-me e encaro-o, sem antecipar a reação que tenho ao ver o seu cabelo húmido e o seu maxilar macio. Decido concentrar-me nos olhos dele, mas não é muito melhor. Aclaro a garganta e desvio o olhar.

— Acho que prefiro o barulho.

Ele dá um passo em frente e ficamos lado a lado, a olhar para a rua taciturna.

— Não preferes, não. Não preferes nada disso — responde ele, como se me conhecesse, e quero lembrar-lhe que ele não me conhece de todo, mas ele leva a mão ao meu cotovelo. — Vamos sair daqui. Vamos fazer algo que não tenha

nada que ver com a Charlie e o Silas. Vamos fazer qualquer coisa nossa.

— Estás a falar como se fôssemos invasores de corpos.

O Silas fecha os olhos e inclina a cabeça para trás.

— Não fazes ideia de quantas vezes por dia penso em invadir o teu corpo.

Não pretendia rir tanto quanto ri, mas tropeço nos meus próprios pés e o Silas baixa-se para me apanhar. Estamos os dois a rir quando ele me ergue e passa as mãos pelos meus braços.

Desvio o olhar. Estou cansada de gostar dele. Só tenho um dia e meio de lembranças, mas em nenhuma delas odeio o Silas. E agora a sua missão pessoal é fazer com que o ame novamente. Irrita-me o facto de eu gostar disso.

— Afasta-te — digo.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição e dá um passo atrás.

— Até aqui?

— Mais afastado.

Mais um passo.

— Está melhor?

— Sim — respondo, irritada.

O Silas sorri.

— Não me conheço bem, mas posso afirmar que tenho muito jeito para este tipo de jogo.

— Oh, por favor… Se isto fosse um jogo, Silas, seria o Monopólio. Jogas, jogas, jogas, e os outros acabam por fazer batota só para acabar com o jogo.

Ele fica calado por instantes. Sinto-me mal por ter feito um comentário tão estranho, mesmo que fosse uma piada.

— Provavelmente tens razão — concorda ele, rindo-se. — Foi por isso que me traíste com aquele idiota, o Brian. A tua sorte é que eu já não sou o Silas do Monopólio. Sou o Silas do *Tetris*. Todas as minhas peças e partes vão encaixar nas tuas peças e partes.

Bufo.

— E nas da orientadora também, aparentemente.

— Golpe baixo, Charlie — diz ele, abanando a cabeça.

Espero uns segundos, mordendo o lábio.

— Acho que não quero que me chames isso.

O Silas olha para mim.

— Charlie?

— Pois. É estranho? Não me sinto ela. Nem sequer a conheço. Não me parece que seja o meu nome.

Ele anui com a cabeça enquanto caminhamos em direção ao carro dele.

— Então, posso escolher outro nome para ti?

— Até percebermos tudo isto… sim.

— Poppy — diz ele.

— Não.

— Lucy.

— É claro que não. O que se passa contigo?

Ele abre a porta do lado do passageiro do *Land Rover* e eu entro.

— Está bem… está bem. Estou a ver que não gostas de nomes tradicionalmente bonitos. Podemos tentar algo mais exótico.

Ele dá a volta até ao lado do condutor e entra.

— Xena…

— Não.

— Rogue.

— *Argh*. Não.

Ficamos nesta discussão até o GPS do Silas nos dizer que chegámos. Olho em volta, surpreendida por estar demasiado envolvida com ele para reparar na viagem até aqui. Quando consulto o telemóvel, vejo que o Brian já me enviou seis mensagens. Não quero lidar com ele neste momento. Enfio o telemóvel e a carteira debaixo do banco, fora de vista.

— Onde é que estamos?

— Bourbon Street — responde ele. — O lugar mais badalado de Nova Orleães.

— Como é que sabes isso? — pergunto, desconfiada.

— Pesquisei no *Google*.

Ficamos a olhar um para o outro por cima do capô, e depois fechamos as portas ao mesmo tempo.

— Como é que sabias o que era o *Google*?

— Pensei que era isso que era suposto estarmos a descobrir juntos.

Encontramo-nos na parte da frente do carro.

— Acho que somos extraterrestres — anuncio. — É por isso que não temos nenhuma das memórias da Charlie e do Silas. Mas lembramo-nos de coisas como o *Google* e o *Tetris* por causa dos *chips* de computador nos nossos cérebros.

— Então, posso chamar-te Extraterrestre?

Antes que eu possa pensar no que estou a fazer, bato com as costas da mão no peito dele.

— Concentra-te, Silas!

Ele ri-se e eu aponto para a frente.

— O que é aquilo?

Caminho à frente dele.

É um edifício branco, de estrutura semelhante a um castelo. Tem três pináculos que se erguem em direção ao céu.

— Parece uma igreja — comenta ele, pegando no telemóvel.

— O que estás a fazer?

— Estou a tirar uma fotografia… para o caso de nos esquecermos outra vez. Acho que devíamos documentar o que está a acontecer e para onde vamos.

Fico em silêncio enquanto penso no que ele disse. É mesmo uma boa ideia.

— É para lá que devemos ir, certo? As igrejas ajudam as pessoas…

A minha voz perde-se.

— Sim — responde o Silas. — Ajudam as *pessoas*, não os extraterrestres. E como nós…

Volto a bater-lhe. Gostava que ele levasse isto a sério.

— E se nós somos anjos e é suposto ajudarmos alguém, e nos foram dados estes corpos para cumprirmos a nossa missão?

Ele suspira.

— Estás a ouvir o que estás a dizer?

Chegamos às portas da igreja, que, ironicamente, estão trancadas.

— Muito bem — digo eu, virando-me para trás. — Qual é a *tua* sugestão para

o que nos aconteceu? Será que batemos com a cabeça um no outro e perdemos a memória? Ou talvez tenhamos comido alguma coisa que nos deixou mesmo mal!

Desço as escadas a correr.

— Ei! Ei! — chama-me ele. — Não podes ficar zangada comigo. A culpa não é minha.

Ele desce as escadas a correr atrás de mim.

— Como é que sabemos isso? Nós não sabemos *nada*, Silas! Isto pode ser tudo culpa tua!

Estamos agora ao fundo das escadas, a olhar um para o outro.

— Se calhar, é. Mas o que quer que eu tenha feito, tu também o fizeste. Porque, caso não tenhas reparado, estamos no mesmo barco.

Eu cerro e abro os punhos, respiro fundo, e concentro-me em olhar para a igreja até os meus olhos lacrimejarem.

— Olha — diz o Silas, aproximando-se. — Desculpa ter transformado isto numa piada. Eu quero descobrir tanto quanto tu. Quais são algumas das tuas outras ideias?

Fecho os olhos.

— Contos de fadas — digo, voltando a olhar para ele. — Há sempre alguém amaldiçoado. Para quebrar o feitiço, a pessoa tem de descobrir algo sobre si própria… e depois…

— E depois o quê?

Percebo que ele está a tentar levar-me a sério, mas isso de alguma forma deixa-me mais zangada.

— Há um beijo…

Ele sorri.

— Um beijo, é? Eu nunca beijei ninguém antes.

— Silas!

— *O que é*? Se não me lembro, não conta!

Cruzo os braços sobre o peito e observo um músico de rua a pegar no seu violino. Ele lembra-se da primeira vez que pegou num violino, das primeiras notas que tocou, de quem lho deu. Invejo as memórias dele.

— Vou falar a sério, Charlie. Desculpa.

Olho para o Silas pelo canto do olho. Ele parece genuinamente arrependido, as mãos enfiadas nos bolsos, o pescoço a pender como se de repente estivesse muito pesado.

— Então, o que é que achas que temos de fazer? Beijarmo-nos?

Encolho os ombros.

— Vale a pena tentar, certo?

— Disseste que nos contos de fadas eles têm de descobrir qualquer coisa primeiro…

— Sim. Por exemplo, a Bela Adormecida precisava de alguém corajoso que a beijasse e a acordasse da maldição do sono. A Branca de Neve precisava do beijo do verdadeiro amor para a trazer de volta à vida. A Ariel precisava que o Eric a beijasse para quebrar o feitiço que a bruxa do mar lhe lançou.

Ele anima-se.

— Isso são filmes — diz ele. — Lembras-te de os ver?

— Não me lembro de os ver, só sei que já os vi. O professor Deetson falou hoje sobre contos de fadas em Inglês. Foi daí que tirei a ideia.

Começamos a caminhar em direção ao músico de rua, que está a tocar uma melodia lenta e triste.

— Parece que a quebra da maldição depende sobretudo do rapaz — diz o Silas. — Ele precisa de significar algo para ela.

— Sim… — concordo, baixinho, quando paramos para ouvir. Gostava de conhecer a música que ele está a tocar. Parece-me familiar, mas não sei o nome. — Há uma rapariga — sussurro. — Quero falar com ela… Acho que talvez ela saiba alguma coisa. Algumas pessoas referiram-se a ela como «Camarão».

O Silas franze as sobrancelhas.

— O que é que queres dizer? Quem é ela?

— Não sei. Temos algumas disciplinas juntas. Não passa de um pressentimento.

Estamos no meio de um grupo de espectadores, e o Silas pega na minha mão. Pela primeira vez, não me afasto dele. Deixo que os seus dedos quentes se entrelacem nos meus. Com a mão livre, ele tira uma fotografia do violinista e depois olha para mim.

— Para me lembrar da primeira vez que segurei a tua mão.

12

Silas

Já percorremos dois quarteirões e ela ainda não largou a minha mão. Não sei se é porque gosta de a segurar, ou se é porque a Bourbon Street é… *bem*…

— Oh, meu Deus — exclama ela, virando-se para mim. Aperta a minha camisa com a mão e pressiona a testa contra o meu braço. — Aquele tipo acabou de me mostrar… — diz ela, rindo-se para a manga da minha camisa. — Silas, acabei de ver o meu primeiro pénis!

Eu rio-me enquanto continuo a guiá-la por entre a multidão embriagada da Bourbon Street. Depois de andar um pouco, ela espreita novamente. Estamos agora a aproximar-nos de um grupo ainda maior de homens beligerantes que, no lugar das camisas, usam montes de colares de contas. Estão todos a rir e a gritar com as pessoas que nos observam das varandas. Ela aperta-me a mão com mais força até conseguirmos passar por eles. Descontrai-se e afasta-se um pouco.

— Para que são os colares? — pergunta ela. — Porque é que alguém gastaria dinheiro em joias tão foleiras?

— Faz parte da tradição do Mardi Gras — explico-lhe. — Li sobre isso quando estava a pesquisar sobre a Bourbon Street. Começou por ser uma celebração na última terça-feira antes da Quaresma, mas acho que se transformou numa coisa que dura o ano inteiro.

Puxo-a para o meu lado e aponto para o passeio à frente dela. Ela desvia-se do que parece ser vomitado.

— Tenho fome — diz ela.

Rio-me.

— Passar por cima do vomitado deu-te fome?

— Não, o vomitado fez-me pensar em comida, e a comida fez o meu estômago roncar. Dá-me de comer.

Ela aponta para um restaurante ao cimo da rua. O sinal está a piscar em néon vermelho.

— Vamos ali.

Ela passa à minha frente, ainda agarrada à minha mão. Olho para o telemóvel e sigo o exemplo dela. Tenho três chamadas não atendidas. Uma do «treinador», uma do meu irmão e uma da «mãe». É a primeira vez que penso na minha mãe. Pergunto-me como é que ela é. Pergunto-me porque é que ainda não a conheci.

O meu corpo inteiro esbarra nas costas da Charlie, quando ela estaca bruscamente para deixar passar um carro. Ela leva a mão à parte de trás da cabeça, onde o meu queixo bateu.

— Ai — geme, esfregando a cabeça.

Eu esfrego o queixo e observo-a enquanto puxa o cabelo para a frente, por cima do ombro. Os meus olhos fixam-se no que parece ser uma tatuagem a espreitar de debaixo da camisola dela.

Ela começa a andar outra vez, mas eu agarro-lhe o ombro.

— Espera — digo. Levo os dedos à gola da camisola dela e puxo-a para baixo alguns centímetros. Há pequenas silhuetas de árvores em tinta preta logo debaixo da nuca. Percorro com os dedos o contorno. — Tens uma tatuagem.

A mão dela voa para o sítio onde estou a tocar.

— O quê?! — grita ela. Dá meia-volta e olha para mim. — Não tenho nada.

— Tens, sim. — Viro-a de costas e puxo a camisola para baixo outra vez. — Aqui — digo, enquanto traço de novo as árvores.

Desta vez, reparo que ela sente um arrepio no pescoço. Sigo com o olhar a linha de pelos eriçados que começa no seu ombro e se esconde por baixo da camisola. Volto a observar a tatuagem, porque os dedos dela estão agora a tentar sentir o que eu estou a sentir. Pego em dois deles e pressiono-os contra a sua própria pele.

— Uma silhueta de árvores — acrescento. — Aqui mesmo.

— *Árvores*? — diz ela, inclinando a cabeça para o lado. — Porque é que eu havia de ter árvores?

Ela vira-se.

— Eu quero ver. Tira uma fotografia com o telemóvel.

Puxo-lhe a camisola para baixo o suficiente para que ela possa ver a tatuagem toda, apesar de não ter mais de oito centímetros de largura. Volto a colocar-lhe o cabelo por cima do ombro, não por uma questão de imagem, mas porque tenho muita vontade de o fazer. Também reposiciono a mão dela de modo que passe pela parte da frente do corpo, por cima do ombro dela.

— Silas — resmunga ela. — Tira o raio da fotografia. Isto não é uma aula de arte.

Sorrio e pergunto-me se sou sempre assim — se me recuso a tirar uma simples fotografia, sabendo que basta um pouco mais de esforço para a tornar excecional. Levanto o telemóvel e tiro, então, a fotografia, depois olho para o ecrã, admirando como a tatuagem lhe fica bem. Ela volta-se e tira-me o telemóvel das mãos.

Olha para a fotografia e suspira.

— Oh, meu Deus.

— É uma tatuagem muito bonita — asseguro.

Ela devolve-me o telemóvel e revira os olhos, caminhando novamente na direção do restaurante.

Ela pode revirar os olhos quanto quiser. Isso não muda a forma como reagiu quando os meus dedos percorreram a nuca dela.

Observo-a a caminhar em direção ao restaurante e apercebo-me de que já a conheço. Quanto mais ela gosta de mim, mais fechada fica. Mais sarcasmo usa comigo. A vulnerabilidade fá-la sentir-se fraca, por isso finge ser mais forte do que realmente é. Acho que o antigo Silas também sabia isso sobre ela. E é essa a razão por que ele a amava, porque pelos vistos ele gostava do jogo que jogavam.

Aparentemente, eu também, porque mais uma vez, estou a segui-la.

Atravessamos a porta do restaurante e, antes mesmo de a rececionista ter oportunidade de perguntar, a Charlie diz:

— Duas pessoas, mesa de bancos corridos, por favor.

Pelo menos ela disse «por favor».

— Por aqui — diz a mulher.

O restaurante é calmo e escuro, um forte contraste com o barulho e as luzes de néon da Bourbon Street. Ambos soltamos um suspiro de alívio quando nos sentamos. A empregada entrega-nos ementas e pergunta-nos o que queremos beber. De vez em quando, a Charlie leva a mão à nuca, como se pudesse sentir o contorno da tatuagem.

— O que achas que significa? — pergunta ela, ainda a olhar para a ementa à sua frente.

Encolho os ombros.

— Não sei. Se calhar gostavas de florestas? — Olho para ela. — Esses contos de fadas de que falaste. Passavam-se todos em florestas? Se calhar o homem que precisa de quebrar o teu feitiço com um beijo é um lenhador robusto, que vive na floresta.

Os olhos dela encontram-se com os meus e eu consigo perceber que as minhas piadas a estão a irritar. Ou talvez esteja irritada porque me acha engraçado e não o quer admitir.

— Para de gozar comigo — diz ela. — Nós acordámos sem as nossas memórias exatamente ao mesmo tempo, Silas. Não há nada mais absurdo do que isso. Nem sequer os contos de fadas com lenhadores.

Sorrio inocentemente e olho para a minha mão.

— Eu tenho calos — digo-lhe, levantando a mão e apontando para a pele áspera da minha palma. — Eu podia ser o teu lenhador.

Ela revira os olhos outra vez, mas desta vez ri-se.

— Provavelmente tens calos por te masturbares tanto.

Levanto a mão direita.

— Mas é em ambas as mãos, não apenas na esquerda.

— Ambidestro — dispara logo.

Ambos sorrimos quando as nossas bebidas são pousadas à nossa frente.

— Já escolheram? — pergunta a empregada.

A Charlie passa rapidamente os olhos pela ementa e diz:

— Detesto que não nos consigamos lembrar do que gostamos. — Olha para a empregada. — Eu quero uma tosta de queijo — pede ela. — É seguro.

— Para mim, hambúrguer e batatas fritas, sem maionese — peço. Entregamos-lhe as nossas ementas e eu volto a concentrar-me na Charlie. — Tu ainda não tens 18 anos. Como é que fizeste uma tatuagem?

— A Bourbon Street não parece ser muito rigorosa com as regras — comenta ela. — Provavelmente tenho um BI falso escondido algures.

Abro o motor de busca do meu telemóvel.

— Vou tentar descobrir o que significa. Tornei-me muito bom nesta coisa do *Google*.

Passo os minutos seguintes a pesquisar todos os significados possíveis de árvores, florestas e grupos de árvores. Quando penso que descobri alguma coisa, ela tira-me o telemóvel e coloca-o em cima da mesa.

— Levanta-te — diz ela, já de pé. — Vamos à casa de banho.

Ela agarra a minha mão e puxa-me para fora da mesa.

— Juntos?

— Sim. — Acena com a cabeça.

Olho para a parte de trás da cabeça dela enquanto se afasta de mim e depois para a mesa vazia. *Mas o que é que…*

— *Vamos* — ordena ela, por cima do ombro.

Sigo-a até ao corredor que leva às casas de banho. Ela abre a porta da casa de banho das mulheres e espreita lá para dentro.

— Só tem uma casa de banho. Está vazia — diz-me, segurando a porta aberta para eu entrar.

Faço uma pausa e olho para a casa de banho dos homens, que parece perfeitamente boa, por isso não sei porque é que ela…

— Silas!

Ela agarra-me no braço e puxa-me para dentro da casa de banho. Uma vez lá dentro, quase espero que lance os braços em volta do meu pescoço e me beije, afinal… *por que outra razão estaríamos aqui juntos?*

— Tira a camisola.

Olho para a minha camisola.

Volto a olhar para ela.

— Estamos… estamos prestes a curtir? Porque eu não imaginava que fosse assim.

Ela resmunga e estende a mão para a frente, puxando a bainha da minha camisola. Ajudo-a a puxá-la sobre a minha cabeça quando ela diz:

— Quero ver se tens alguma tatuagem, idiota.

Fico desanimado.

Sinto-me um miúdo de 18 anos que acabou de levar uma tampa. Acho que até sou…

Ela vira-me e, quando estou de frente para o espelho, arfa. Os olhos dela estão fixos nas minhas costas. Os meus músculos ficam tensos sob o seu toque quando as pontas dos dedos dela encontram a minha omoplata direita. Ela traça um círculo, com um raio de vários centímetros. Fecho os olhos e tento controlar a minha pulsação. De repente, sinto-me mais embriagado do que toda a gente que se passeia na Bourbon Street. Estou a agarrar a bancada à minha frente porque os dedos dela… a minha pele.

— *Meu Deus* — gemo, deixando a cabeça pender entre os ombros. *Concentra-te, Silas.*

— O que se passa? — pergunta ela, parando a inspeção da minha tatuagem. — Não está a doer, pois não?

Solto uma gargalhada, porque as mãos dela em mim são o oposto de dor.

— Não, Charlie. Não está a doer.

Os meus olhos encontram os dela no espelho e ela fica a olhar para mim durante vários segundos. Quando, por fim, percebe o que me está a fazer, desvia o olhar e tira a mão das minhas costas. As suas bochechas ficam coradas.

— Veste a camisola e vai esperar pela nossa comida — ordena ela. — Tenho de fazer chichi.

Solto a bancada e inspiro profundamente enquanto volto a vestir a camisola por cima da cabeça. No caminho de volta à nossa mesa, noto que não lhe cheguei a perguntar o que era a tatuagem.

— Um fio de pérolas — diz ela, enquanto desliza para se sentar. — Pérolas negras. Tem cerca de quinze centímetros de diâmetro.

— *Pérolas*?

Ela anui com a cabeça.

— Tipo… um *colar*?

Ela anui novamente com a cabeça e dá um gole na bebida.

— Tens uma tatuagem de um colar de mulher nas costas, Silas. — Ela ri-se. — Típico de um lenhador.

Ela está a gostar disto.

— Pois é. Tu tens árvores nas costas. Não tens muito de que te gabar. Provavelmente vais acabar por ficar com bicho-da-madeira.

A Charlie solta uma gargalhada e eu acabo por me rir também. Põe-se a mexer a bebida com a palhinha e olha para o copo.

— Conhecendo-me… — Faz uma pausa. — Conhecendo a *Charlie*, ela não faria uma tatuagem se não tivesse significado para ela. Tinha de ser algo de que ela *nunca* se cansasse. *Jamais* deixasse de gostar.

Duas palavras familiares destacam-se na frase.

— Nunca, jamais — sussurro.

Ela olha para mim, reconhecendo a frase que repetimos um ao outro no vídeo. Inclina a cabeça para o lado.

— Achas que teve alguma coisa que ver contigo? Com o Silas?

Ela abana a cabeça, discordando silenciosamente da minha sugestão, mas eu começo a mexer no telemóvel.

— A Charlie não seria tão estúpida — acrescenta. — Ela não ia gravar na pele algo que estivesse relacionado com um rapaz. Além disso, o que é que as árvores têm que ver contigo?

Encontro exatamente o que procuro e, por muito que tente manter uma expressão séria, não consigo impedir o sorriso. Sei que é um sorriso presunçoso e que provavelmente não deveria estar a olhar para ela assim, mas não consigo evitar. Entrego-lhe o telemóvel e ela olha para o ecrã e lê em voz alta.

— Hum... Pois... Deriva de um nome grego que significa «florestas» ou «bosques».

Ela olha para cima.

— Então é um nome?

Anuo com a cabeça. *Continuo presunçoso*.

— Anda para cima.

Ela desliza o ecrã com o dedo e entreabre os lábios, arfando.

— Derivado do termo grego «Silas».

A sua boca fecha-se e o maxilar fica tenso. Ela devolve-me o telemóvel e fecha os olhos. A sua cabeça move-se lentamente para trás e para a frente.

— Ela tem uma tatuagem com o significado do teu nome?

Como seria de esperar, finge estar desiludida consigo própria. Como seria de esperar, sinto-me triunfante.

— *Tu* tens uma tatuagem — digo-lhe, apontando o dedo na direção dela. — Está em *ti*. Na *tua* pele. O *meu* nome.

Não consigo impedir o sorriso estúpido que tenho estampado no rosto. Ela revira os olhos outra vez quando a comida é posta à nossa frente.

Empurro o meu prato para o lado e procuro o significado do nome Charlie. Não encontro nada que possa significar pérolas. Após alguns minutos, ela finalmente suspira e diz:

— Tenta Margaret. O meu segundo nome.

Procuro esse nome e leio os resultados em voz alta.

— Margaret, do termo grego que significa «pérola».

Pouso o telemóvel na mesa. Não sei por que razão acho que acabei de ganhar uma aposta, mas sinto-me vitorioso.

— Pelo menos estás a atribuir-me um nome novo — diz ela, inexpressiva.

Um nome novo, uma ova!

Puxo o prato para a minha frente e pego numa batata frita. Aponto-a para ela e pisco-lhe o olho.

— Estamos marcados. Tu e eu. Estamos tão *apaixonados*, Charlie. Já estás a sentir? Eu faço o teu coração bater mais forte?

— Estas não são as *nossas* tatuagens — contrapõe.

Abano a cabeça.

— Marcados — repito. Levanto o indicador como se estivesse a fazer um

gesto por cima do ombro dela. — Aqui mesmo. Permanentemente. Para sempre.

— Meu Deus — resmunga ela. — Cala-te e come o raio do hambúrguer, por favor.

Eu como-o. Devoro-o com um sorriso presunçoso.

— E agora? — pergunto, recostando-me no meu lugar. Ela mal tocou na comida e eu tenho quase a certeza de que bati um recorde de rapidez com a minha.

A Charlie olha para mim e eu consigo ver, pela sua inquietação, que ela já sabe o que quer fazer a seguir, só não quer falar nisso.

— O que é?

Ela semicerra os olhos.

— Não quero uma resposta engraçadinha ao que estou prestes a sugerir.

— Não, Charlie — respondo imediatamente. — Não vamos fugir para casar esta noite. As tatuagens são compromisso suficiente para já.

Desta vez, ela não revira os olhos à minha piada. Suspira, derrotada, e recosta-se no seu lugar.

Detesto a reação dela. Gosto muito mais quando ela revira os olhos para mim.

Estendo o braço por cima da mesa e cubro-lhe a mão com a minha, esfregando o polegar sobre a dela.

— Desculpa. O sarcasmo faz com que tudo isto pareça um pouco menos assustador. — Tiro a mão da dela. — O que é que querias dizer? Estou a ouvir. Prometo. Promessa de lenhador.

Ela ri-se com um pequeno revirar de olhos e eu fico aliviado. Então, muda de lugar, e depois começa a brincar com a palhinha outra vez.

— Passámos por algumas lojas de… *tarot*. Acho que talvez devêssemos pedir uma leitura.

Nem sequer me surpreendo com o comentário. Apenas aceno com a cabeça e tiro a carteira do bolso. Ponho dinheiro suficiente na mesa para pagar a nossa conta e depois levanto-me.

— Concordo — digo, estendendo a mão para ela.

Na verdade, eu *não* concordo, mas sinto-me mal. Estes últimos dois dias têm

sido esgotantes e sei que ela está cansada. O mínimo que posso fazer é facilitar-lhe a vida, apesar de saber que esta treta de *hocus pocus* não nos vai esclarecer minimamente.

Passamos por algumas lojas de *tarot* durante a nossa procura, mas a Charlie abana a cabeça cada vez que lhe indico uma. Não sei bem do que ela está à procura, mas gosto de passear nas ruas com ela, por isso não me queixo. Ela segura a minha mão e, por vezes, ponho o braço à volta dela e puxo-a contra mim quando os caminhos se tornam demasiado estreitos. Não sei se ela reparou, mas tenho-nos conduzido por muitos destes caminhos estreitos desnecessariamente. Sempre que vejo uma grande multidão, dirijo-me a ela. Afinal de contas, ela continua a ser o meu plano de reserva.

Depois de mais meia hora de caminhada, parece que estamos a chegar ao fim do Bairro Francês. As multidões estão a diminuir, o que me dá menos desculpas para a puxar para mim. Algumas das lojas por onde passamos já fecharam. Quando chegamos à Philip Street, ela detém-se em frente à montra de uma galeria de arte.

Eu paro ao lado dela e olho para as vitrinas iluminadas no interior do edifício. Há partes de corpos de plástico suspensas no teto e animais marinhos metálicos gigantescos agarrados às paredes. A exposição principal, que está mesmo à nossa frente, é um pequeno cadáver com um colar de pérolas.

Ela bate com o dedo no vidro, apontando para o cadáver.

— Olha — diz ela. — Sou eu.

Ri-se e desvia a sua atenção para outro sítio dentro da loja.

Eu já não estou a olhar para o cadáver. Já não estou a olhar para o interior da loja.

Estou a olhar para ela.

As luzes dentro da galeria estão a iluminar-lhe a pele, criando um brilho à sua volta que a faz parecer um anjo. Quero passar-lhe a mão pelas costas e verificar se tem asas.

Os olhos dela movem-se de um objeto para outro enquanto ela estuda tudo o que está atrás da montra. Olha para todos os objetos com assombro. Faço uma anotação mental de que tenho de trazê-la aqui quando a galeria estiver aberta.

Nem consigo imaginar como ela ficaria se pudesse de facto tocar numa das peças.

A Charlie fica a olhar para a montra durante mais alguns minutos e eu continuo a contemplá-la, só que dois passos mais próximo, estou mesmo atrás dela. Quero voltar a ver a tatuagem, agora que sei o que significa. Ponho a mão à volta do cabelo dela e passo-o para a frente, por cima do seu ombro. Fico à espera de que ela se estique para trás e me dê uma bofetada, mas, em vez disso, ela inspira rapidamente e olha para os pés.

Sorrio, lembrando-me da sensação que tive quando ela passou os dedos pela minha tatuagem. Não sei se a faço sentir o mesmo, mas ela fica imóvel, permitindo que os meus dedos deslizem novamente para o interior da camisola dela.

Engulo o que parecem ser três batimentos cardíacos inteiros. Pergunto-me se ela sempre teve este efeito em mim.

Puxo-lhe a camisola para baixo, revelando a sua tatuagem. Sinto uma pontada no estômago, porque odeio o facto de não termos esta recordação. Quero lembrar-me da conversa que tivemos quando decidimos tomar uma decisão tão permanente. Quero lembrar-me de quem teve a ideia primeiro. Quero lembrar-me do aspeto que ela tinha quando a agulha lhe furou a pele pela primeira vez. Quero lembrar-me de como nos sentimos quando tudo acabou.

Passo o polegar sobre a silhueta das árvores enquanto aconchego a palma da mão sobre o ombro ela, sobre a pele novamente arrepiada. Ela inclina a cabeça para o lado e o mais pequeno dos gemidos escapa-lhe da garganta.

Fecho os olhos.

— Charlie? — a minha voz parece uma lixa. Pigarreio para a suavizar. — Mudei de ideias — sussurro. — Não quero dar-te um nome novo. Até gosto do antigo.

Fico à espera.

Espero pela resposta sarcástica dela. Espero pelo seu riso.

Espero que ela afaste a minha mão da sua nuca. Não obtenho qualquer reação da parte dela. Nada. *O que significa que obtive tudo*.

Mantenho a mão nas costas dela enquanto passo lentamente à sua volta. Estou

agora entre ela e a montra, mas ela mantém os olhos fixos no chão. Não olha para mim, porque sei que não gosta de se sentir fraca. E, neste momento, estou a fazê-la sentir-se fraca. Levo a mão livre ao queixo dela e passo os dedos pelo seu maxilar, inclinando-lhe o rosto para que os nossos olhos se encontrem.

Quando isso acontece, sinto que estou a conhecer um lado completamente novo dela. Um lado sem determinação. Um lado vulnerável. Um lado que está a permitir-se sentir. Quero sorrir e perguntar-lhe qual é a sensação de estar apaixonada, mas sei que provocá-la neste momento a irritaria e faria com que ela se afastasse, e não posso deixar que isso aconteça. Não agora. Não quando finalmente consigo catalogar uma memória real juntamente com as inúmeras fantasias que tive com a boca dela.

Ela passa a língua pelo lábio inferior, fazendo com que o ciúme me percorra, porque queria ser eu a fazer-lhe aquilo.

Na verdade… acho que o vou fazer.

Começo a inclinar a cabeça, no instante em que ela coloca as mãos nos meus antebraços.

— Olha — diz ela, apontando para o prédio ao lado.

A luz bruxuleante roubou-lhe a atenção e eu quero amaldiçoar o universo pelo simples facto de uma *lâmpada* ter interferido com o que estava prestes a tornar-se a minha memória favorita entre as poucas que tenho.

Sigo o olhar dela até um letreiro igual a todos os outros letreiros de lojas de *tarot* por que passámos antes. A única coisa diferente neste é ter arruinado completamente o meu momento com ela. E *caramba*, foi um bom momento. Um momento *ótimo*. Um que eu sei que a Charlie também estava a sentir, e não sei quanto tempo vou demorar a conseguir isso de novo.

Ela está agora a caminhar em direção à loja. Eu sigo-a como um cachorrinho apaixonado.

O edifício não está identificado e isso faz-me pensar no que haverá naquela lâmpada idiota e fajuta para a afastar da minha boca. As únicas palavras que indicam que se trata de uma loja são as placas de «Proibido Fotografar» afixadas em todas as janelas escurecidas.

A Charlie leva as mãos à porta e empurra-a para a abrir. Eu sigo-a até ao

interior e entramos no que parece ser o centro de uma loja de recordações turísticas de vudu. Há um homem de pé atrás de uma caixa registadora e algumas pessoas a percorrer os corredores.

Tento absorver tudo enquanto a sigo pela loja. Ela toca em tudo, toca nas pedras, nos ossos, nos recipientes de bonecos de vudu em miniatura. Percorremos silenciosamente cada corredor até chegarmos à parede do fundo. A Charlie para um pouco, agarra a minha mão e aponta para uma fotografia na parede.

— Aquele portão — diz ela. — Tu tiraste uma fotografia daquele portão. É a que está pendurada na minha parede.

— Posso ajudar?

Viramo-nos os dois e um homem grande — *muito grande* — com alargadores nas orelhas e uma argola no lábio está a olhar para nós.

Apetece-me pedir-lhe desculpa e ir embora o mais depressa possível, mas a Charlie tem outros planos.

— Sabe o que é que este portão está a guardar? O que está na fotografia? — pergunta-lhe ela, apontando por cima do ombro.

O homem olha para a fotografia. Encolhe os ombros.

— Deve ser novo — responde. — Nunca tinha reparado.

Ele olha para mim, arqueando uma sobrancelha adornada com vários *piercings*. Um deles é um pequeno… *osso*? *Aquilo é um osso espetado na sobrancelha dele?*

— Estão à procura de alguma coisa em particular?

Abano a cabeça e começo a responder, mas as minhas palavras são interrompidas pelas de outra pessoa.

— Eles estão aqui para me ver.

Uma mão surge por entre uma cortina de contas à nossa direita. Uma mulher aparece e a Charlie encosta-se imediatamente a mim. Eu envolvo-a com o meu braço. Não sei porque é que ela está a permitir que este lugar a assuste. Não parece ser o tipo de pessoa que acredita nestas coisas, mas não me estou a queixar. Uma Charlie assustada significa um Silas com muita sorte.

— Por aqui — diz a mulher, fazendo-nos sinal para a seguirmos.

Começo a opor-me, mas depois lembro-me de que lugares como este… são todos teatrais. É Halloween 365 dias por ano. Ela está apenas a interpretar um papel. É como eu e a Charlie, a fingirmos ser duas pessoas que não somos.

A Charlie olha para mim, pedindo-me silenciosamente permissão para a seguir. Eu aceno com a cabeça e seguimos a mulher através da cortina de — *toco numa das contas e olho mais de perto* — caveiras de plástico. *Belo pormenor*.

A divisão é pequena e todas as paredes estão cobertas por grossas cortinas pretas de veludo. Há velas acesas por todo o lado, feixes de luz a lamber as paredes, o chão, nós. A mulher senta-se numa pequena mesa no centro da divisão e faz sinal para que nos sentemos nas duas cadeiras à sua frente. Seguro com firmeza a mão da Charlie enquanto nos sentamos.

A mulher começa a baralhar lentamente um baralho de cartas de *tarot*.

— Uma leitura conjunta, presumo? — pergunta ela.

Assentimos. Ela entrega o baralho à Charlie e pede-lhe que segure nele. A Charlie assim faz e fecha as mãos à volta dele. A mulher acena-me com a cabeça.

— Os dois. Segurem nele.

Sinto vontade de revirar os olhos, mas, em vez disso, estendo a mão e coloco-a no baralho juntamente com a Charlie.

— Têm de querer a mesma coisa desta leitura. Por vezes, as leituras múltiplas podem sobrepor-se quando não há coesão. É importante que o vosso objetivo seja o mesmo.

A Charlie anui com a cabeça.

— E é.

Odeio o desespero na voz dela, como se fôssemos mesmo obter uma resposta. *Não é possível que ela acredite nisto.*

A mulher estende a mão para tirar as cartas das nossas mãos. Os seus dedos roçam nos meus e são frios como gelo. Afasto a mão e agarro na da Charlie, pousando-a no meu colo.

Ela começa a dispor as cartas na mesa, uma a uma. Estão todas viradas para baixo. Quando acaba, pede-me que retire uma carta do baralho. Quando lhe entrego a carta, ela separa-a das outras. Aponta para a carta.

— Esta carta dá-te a resposta, mas as outras cartas explicam o caminho para a tua pergunta.

Coloca os dedos sobre a carta do meio.

— Esta posição representa a tua situação atual.

Vira-a ao contrário.

— *Morte?* — sussurra a Charlie.

A mão dela aperta-se à volta da minha.

A mulher olha para a Charlie e inclina a cabeça.

— Não é necessariamente uma coisa má — explica ela. — A carta da Morte representa uma grande mudança. Uma reforma. Vocês os dois sofreram uma espécie de perda.

Toca noutra carta.

— Esta posição representa o passado imediato.

Vira-a e, antes de eu olhar para a carta, vejo-a semicerrar os olhos. Os meus olhos incidem na carta. *O Diabo*.

— Isto indica que algo ou alguém vos estava a escravizar no passado. Pode representar uma série de coisas próximas de vocês. Influência dos pais. Uma relação pouco saudável. — Os olhos dela encontram os meus. — As cartas invertidas refletem uma influência negativa e, apesar de representarem o passado, também podem significar algo pelo qual estão atualmente a passar.

Os dedos dela tocam noutra carta.

— Esta carta representa o vosso futuro imediato.

A mulher desliza a carta na sua direção e vira-a. Arfa baixinho e eu sinto a Charlie estremecer. Olho para ela e ela está a fitar atentamente a mulher, à espera de uma explicação. Parece aterrorizada.

Não sei que tipo de brincadeira esta mulher está a fazer, mas começa a irritar-me…

— A carta da Torre? — diz a Charlie. — O que é que significa?

A mulher vira a carta como se fosse a pior carta do baralho. Fecha os olhos e expira longamente. Então, reabre os olhos e encara a Charlie.

— Significa… destruição.

Eu reviro os olhos e afasto-me da mesa.

— Charlie, vamos embora daqui.

A Charlie olha para mim com ar suplicante.

— Estamos quase a acabar — diz ela.

Eu cedo e volto a aproximar-me da mesa.

A mulher vira mais duas cartas, explicando-as à Charlie, mas eu não ouço uma única palavra do que ela diz. Os meus olhos vagueiam pela sala enquanto tento ser paciente e deixá-la acabar, mas sinto que estamos a perder tempo.

A mão da Charlie começa a apertar a minha, por isso volto a prestar atenção à leitura. Os olhos da mulher estão bem fechados e os seus lábios estão a mexer-se. Está a murmurar palavras que não consigo decifrar.

A Charlie aproxima-se de mim, e eu instintivamente envolvo-a com o meu braço.

— Charlie — sussurro, fazendo-a olhar para mim. — É tudo teatro. Ela é paga para fazer isto. Não tenhas medo.

A minha voz deve ter tirado a mulher do seu transe convenientemente programado. Ela bate na mesa, a tentar chamar a nossa atenção como se não tivesse estado no mundo dos sonhos durante o último minuto e meio.

Os seus dedos caem sobre a carta que tirei do baralho. Os seus olhos encontram-se com os meus e depois deslocam-se para os da Charlie.

— Esta carta — diz ela lentamente — é a vossa carta do resultado. Combinada com as outras cartas da leitura, dá-vos a resposta para o porquê de estarem aqui.

Vira a carta ao contrário.

A mulher não se mexe. Os seus olhos estão fixos na carta sob a ponta dos seus dedos. A sala fica estranhamente silenciosa e, como que obedecendo a uma deixa, uma das velas apaga-se. *Outro belo pormenor*, penso.

Olho para a carta com o resultado. Não tem nenhuma palavra. Nenhum título. Nenhuma imagem.

A carta está em branco.

Sinto a Charlie enrijecer nos meus braços enquanto olha para a carta em branco na mesa. Afasto-me da mesa e tento levantar a Charlie.

— Isto é ridículo — digo em voz alta, derrubando acidentalmente a minha

cadeira.

Não estou chateado por a mulher estar a tentar assustar-nos. É o trabalho dela. Estou chateado porque ela está mesmo a *assustar* a Charlie, e ainda assim continua com esta farsa ridícula.

Seguro a cara da Charlie e olho-a nos olhos.

— Ela pôs ali aquela carta para te assustar, Charlie. Isto é tudo uma treta.

Pego nas duas mãos dela e começo a virá-la para a saída.

— Não *há* cartas em branco no meu baralho de *tarot* — diz a mulher.

Faço uma pausa e viro-me para a encarar. Não pelo que ela disse, mas pela *forma* como o disse. Parecia assustada.

Com medo por nós?

Fecho os olhos e expiro. *Ela é uma atriz, Silas. Acalma-te.*

Abro a porta e puxo a Charlie para fora. Não paro de andar até darmos a volta ao edifício e estarmos noutra rua. Quando nos encontramos longe da loja e longe do maldito letreiro a piscar, paro e puxo-a para mim. Ela envolve os braços à volta da minha cintura e enterra a cabeça no meu peito.

— Esquece isto tudo — sereno-a, desenhando círculos tranquilizadores nas suas costas. — Adivinhação, *tarot*… é ridículo, Charlie.

Ela afasta o rosto da minha camisa e olha para mim.

— Sim. Tão ridículo como o facto de acordarmos ambos na escola sem nos lembrarmos de quem somos?

Fecho os olhos e afasto-me dela. Passo as mãos pelo cabelo, deixando a frustração do dia vir ao de cima. Posso fazer piadas para brincar com a situação. Posso ignorar as teorias dela — desde leituras de *tarot* a contos de fadas — simplesmente porque não fazem sentido para mim. Mas ela tem razão. Nada disto faz sentido. E quanto mais tentamos desvendar o mistério, mais sinto que estamos a perder o nosso maldito tempo.

13

Charlie

Ele cerra os lábios e abana a cabeça. Quer sair daqui. Consigo perceber a sua irritação.

— Talvez devêssemos voltar e pedir-lhe mais pormenores — sugiro.

— Nem pensar — responde ele. — Não caio nessa outra vez.

Ele começa a afastar-se e eu pondero voltar lá para dentro. Estou prestes a dar o meu primeiro passo em direção à loja quando o sinal de «Aberto» na montra se apaga. A loja fica numa escuridão súbita. Mordo o interior da bochecha. Podia voltar quando o Silas não estivesse por perto. Talvez ela falasse mais comigo.

— Charlie! — chama-me ele.

Corro atrás dele até estarmos a caminhar lado a lado novamente. Podemos ver a nossa respiração enquanto caminhamos. Quando é que ficou assim tão frio? Esfrego as mãos uma na outra.

— Tenho fome — digo.

— Tu estás sempre com fome. Nunca vi alguém tão pequeno comer tanto.

Desta vez, ele não se oferece para me dar de comer, por isso continuo a caminhar ao lado dele.

— O que é que aconteceu ali atrás? — pergunto.

Estou a tentar fazer uma piada, mas sinto uma sensação estranha no estômago.

— Alguém tentou assustar-nos. Só isso.

Olho para o Silas. Parece confiante, exceto pelos ombros, que estão tensos.

— Mas e se ela tiver razão? E se não houvesse nenhuma carta em branco no baralho de *tarot*?

— Não — responde ele. — Não mesmo.

Mordo o lábio e desvio-me de um homem que está a dançar para trás no passeio.

— Não percebo como é que podes descartar uma coisa tão facilmente, tendo em conta as nossas circunstâncias — digo por entre dentes. — Não achas que…

— Porque é que não falamos de outra coisa?

— Claro, tipo o que vamos fazer no próximo fim de semana? Ou que tal falarmos do que fizemos no fim de semana *passado*? Ou talvez possamos falar sobre… — Bato com a mão na testa. — O Electric Crush Diner.

Como é que me pude esquecer disso?

— O quê? — pergunta o Silas. — O que é isso?

— Nós estivemos lá. Tu e eu, no fim de semana passado. Encontrei um recibo no bolso das minhas calças.

O Silas está a ver-me contar tudo isto com um ar de ligeira irritação no rosto.

— Levei a Janette a jantar lá ontem à noite. Um empregado reconheceu-me.

— Ei! — grita ele por cima do meu ombro. — Se lhe tocas com isso, parto-te ao meio!

Olho para trás e vejo um homem apontar um dedo de espuma para o meu rabo. Afasta-se quando vê a cara do Silas.

— Porque é que não me contaste isso? — diz o Silas baixinho, dirigindo a sua atenção de volta para mim. — Isso não é como as leituras de *tarot*, é importante.

— Não sei mesmo. Eu queria…

Ele agarra na minha mão, mas desta vez não é pelo prazer que sente quando a nossa pele se toca. Arrasta-me pela rua enquanto escreve qualquer coisa no telemóvel com a outra. Fico impressionada e ligeiramente irritada por me falarem assim. Podemos ter tido uma relação na nossa outra vida, mas nesta vida nem sequer sei o segundo nome dele.

— Fica na North Rampart Street — informo-o, para ajudar.

— Sim.

Ele está zangado. Até gosto da emotividade dele. Passamos por um parque

com uma fonte. Vendedores ambulantes colocaram as suas obras de arte ao longo da vedação, olhando para nós quando passamos. O Silas dá um passo por cada três dos meus. Troto para o acompanhar. Andamos tanto que até me doem os pés e finalmente arranco a minha mão da dele.

Ele detém-se e vira-se.

Não sei o que dizer, nem porque é que estou zangada, por isso ponho as mãos nas ancas e olho para ele.

— O que é que se passa contigo? — diz ele.

— Não sei! — grito. — Mas não me podes arrastar pela cidade! Não consigo andar tão depressa como tu e doem-me os pés.

Isto parece-me familiar. Porque é que isto me parece familiar?

Ele desvia o olhar e eu consigo ver os músculos do seu maxilar a trabalhar. Volta-se para mim e tudo acontece rapidamente. Dá dois passos e levanta-me do chão. Depois retoma o seu ritmo comigo a balançar ligeiramente nos seus braços. Já mais calma, abraço-lhe o pescoço. Gosto de estar aqui em cima, onde posso sentir o cheiro do perfume dele e tocar na pele dele. Não me lembro de ter visto perfume entre as coisas da Charlie, e duvido que me tivesse lembrado de o pôr. *O que é que isso diz sobre o Silas?* Que, no meio de tudo isto, ele se lembrou de pegar num frasco e de borrifar perfume no pescoço antes de sair de casa esta manhã. Será que ele sempre foi o tipo de pessoa que se preocupava com as pequenas coisas… como cheirar bem?

Enquanto penso nisto, o Silas para ao ver uma mulher caída na rua e pergunta-lhe se está bem. Percebo que está bêbeda e desequilibrada. Quando tenta levantar-se, pisa a bainha do vestido e volta a cair. O Silas pousa-me no passeio e vai ajudá-la.

— Está a sangrar? Magoou-se? — pergunta.

Ajuda-a a levantar-se e leva-a até onde eu estou à espera. Ela arrasta a fala e dá-lhe uma palmadinha na bochecha, e eu pergunto-me se ele sabia, quando foi ajudá-la, que ela era uma sem-abrigo. Eu não lhe tocaria. Ela cheira mal. Afasto-me dos dois e vejo-o a olhar para ela. Está preocupado. Mantém os olhos na mulher até ela, de modo vacilante, chegar à rua seguinte, e então vira a cabeça para me procurar.

Neste momento — agora mesmo — é muito claro para mim quem é a Charlie. Ela não é tão boa como o Silas. Ela ama-o porque ele é muito diferente dela. Talvez por isso ela tenha escolhido o Brian, porque não conseguia estar à altura do Silas.

Como eu não consigo.

Ele sorri-me, e eu acho que ele está envergonhado por ser apanhado a preocupar-se.

— Pronta?

Quero dizer-lhe que o que ele fez foi simpático, mas *simpático* é uma palavra muito parva para descrever a bondade. Qualquer um pode fingir ser simpático. O que o Silas fez foi inato. Uma bondade desmedida. Eu nunca pensei assim. Penso na rapariga da aula, na primeira manhã, que deixou cair os livros aos meus pés. Ela olhou para mim com medo. Esperava que eu não ajudasse. E mais. O que mais?

Eu e o Silas caminhamos em silêncio. Ele verifica o telemóvel de poucos em poucos minutos para se certificar de que estamos a ir na direção certa e eu verifico o rosto dele. Pergunto-me se é isto sentir uma paixoneta por alguém. Se ver um homem ajudar uma mulher é suposto provocar este tipo de sentimentos. E depois chegamos. Ele aponta para o outro lado da rua e eu aceno com a cabeça.

— Sim, é isso mesmo.

Mas quase não é. O restaurante transformou-se desde que estive aqui com a Janette. Está barulhento e a bombar. Há homens alinhados no passeio a fumar; afastam-se para nós passarmos. Consigo sentir o baixo reverberar nos meus tornozelos quando paramos do lado de fora das portas. Elas abrem-se para nós quando um grupo sai. Uma rapariga passa por mim a rir, e o seu casaco de pelo cor-de-rosa roça no meu rosto. Lá dentro, as pessoas defendem o seu espaço abrindo os cotovelos e lançando o quadril para a frente. Olham para nós quando passamos. *Este é o meu espaço, afastem-se. Estou à espera do resto do meu grupo. Continuem a andar*. Passamos por alguns lugares vazios, mas preferimos entrar mais no estabelecimento.

Avançamos por entre a multidão, caminhando de lado, e estremecemos

quando risos estridentes irrompem ao nosso lado. Uma bebida entorna-se nos meus sapatos. Alguém pede desculpa. Nem sequer sei quem é, porque está muito escuro. E depois alguém chama pelos nossos nomes.

— Silas! Charlie! Aqui!

Um rapaz e… como é que se chamava mesmo a rapariga que me foi buscar esta manhã? Annie… Amy?

— Olá — diz ela, quando nos aproximamos. — Não acredito que voltaram cá depois do fim de semana passado.

— Porque é que não havíamos de voltar? — pergunta o Silas.

Eu sento-me no lugar que me foi oferecido e fico a olhar para os três.

— Dás um murro num tipo, atiras umas mesas ao chão e perguntas porque é que não deves voltar? — exclama o rapaz, com uma gargalhada.

Acho que é o namorado da Annie/Amy, pela forma como olha para ela, como se partilhassem alguma coisa. A vida, talvez.

É como eu e o Silas olhamos um para o outro. Mas nós partilhamos mesmo qualquer coisa.

— Agiste como um idiota — diz ela.

— Amy — diz o rapaz sobresselente. — Não.

Amy!

Quero saber mais sobre essa pessoa a quem o Silas deu um murro.

— Ele mereceu-o — digo.

A Amy ergue as sobrancelhas e abana a cabeça. O que quer que esteja a pensar, tem demasiado medo de o dizer, porque vira as costas. A seguir tento o namorado dela.

— Não achas? — pergunto de forma inocente.

Ele encolhe os ombros. Vai sentar-se ao lado da Amy. *Estão todos com medo de mim*, penso. *Mas porquê?*

Peço uma *Coca-Cola*. A cabeça da Amy volta-se para olhar para mim quando ouve.

— *Coca-Cola* normal? Não é zero?

— Tenho cara de quem precisa de beber zero? — respondo.

Ela encolhe-se. Não sei de onde veio isso, juro por Deus. Nem sei quanto é

que peso. Decido calar a boca e deixar o Silas fazer o trabalho de detetive antes que eu ofenda alguém de novo. Ele senta-se ao lado do namorado da Amy e começam a conversar. A música torna impossível escutar, e a Amy está a fazer o seu melhor para não olhar para mim, por isso eu observo as pessoas. As pessoas… todas elas têm memória… sabem quem são. Tenho inveja.

— Vamos, Charlie.

O Silas em pé a olhar para mim, à espera.

A Amy e o namorado estão a observar-nos do outro lado da mesa. É uma mesa grande, pergunto-me quem mais virá juntar-se a eles e quantas dessas pessoas me odiarão.

Saímos do restaurante e voltamos para a rua. O Silas pigarreia.

— Meti-me numa briga.

— Ouvi dizer… Disseram-te quem era?

— Sim.

Fico à espera e, como ele não me dá a informação, pergunto:

— Então…?

— Dei um soco na cara do dono. O pai do Brian.

Viro a cabeça de repente.

— O quê?

— Sim — responde ele. Esfrega a barba no queixo pensativamente. — Porque ele disse umas coisas sobre ti…

— Sobre mim?

Fico com uma sensação de enjoo no estômago. Sei o que está para vir, mas não sei o que está para vir.

— Ele disse-me que te ia dar um emprego como empregada de mesa.

Está bem, isso não é assim tão mau. Precisamos do dinheiro.

— Porque eras a miúda do Brian. Por isso dei-lhe um murro, acho eu.

— Caramba!

— Sim. Aquele miúdo, o Eller, disse-me que tínhamos de sair antes que o pai do Brian chamasse a polícia.

— A polícia?

— Acho que o pai do Brian e o meu pai tiveram uns negócios juntos. Ele

concordou em não apresentar queixa na semana passada por causa disso, mas não é suposto eu voltar cá. Além disso, o Landon tem andado a telefonar por aí, à minha procura. Aparentemente, o meu pai quer saber porque é que eu deixei o treino. Toda a gente está muito chateada com isso.

— Ups — digo.

— Sim, *ups*.

Ele diz isso como se não se importasse.

Voltamos pelo caminho pelo qual viemos, ambos calados. Passamos por alguns artistas de rua em que eu não tinha reparado antes. Dois deles parecem ser um casal. O homem está a tocar gaita de foles enquanto a mulher faz desenhos com giz colorido no chão. Contornamos os desenhos, ambos de cabeça baixa, examinando-os. O Silas pega na câmara fotográfica e tira algumas fotografias enquanto eu vejo a mulher transformar algumas linhas num casal a beijar-se.

Um casal a beijar-se. A propósito...

— Precisamos de nos beijar — digo-lhe.

Ele quase deixa cair o telemóvel. Tem os olhos arregalados quando olha para mim.

— Para ver se acontece alguma coisa… como nos contos de fadas de que falámos.

— Oh! — exclama ele. — Sim, claro. Sim, claro. Onde? Agora?

Reviro os olhos e afasto-me dele, em direção a uma fonte perto de uma igreja. O Silas segue-me. Quero ver a cara dele, mas não olho. É tudo trabalho. Não posso transformar isto noutra coisa. É uma experiência. É isso mesmo.

Quando chegamos à fonte, sentamo-nos à beirinha. Não quero fazer isto desta maneira, por isso levanto-me e encaro-o.

— Certo — declaro, pondo-me à frente dele. — Fecha os olhos.

Ele obedece, mas com um sorriso.

— Mantém-nos fechados — instruo-o.

Não quero que ele me veja. Mal sei qual é o meu aspeto, não sei se a minha cara se contorce sob pressão.

A cabeça dele está inclinada para cima, e a minha, para baixo. Pouso as mãos

nos ombros dele e sinto as suas mãos subirem até à minha cintura enquanto me puxa para mais perto, entre os seus joelhos. As mãos dele deslizam para cima sem aviso prévio, os polegares roçam a minha barriga e depois fazem uma passagem rápida pela parte de baixo do meu soutien. Sinto um aperto no estômago.

— Desculpa — diz ele. — Não consigo ver o que estou a fazer.

Desta vez sorrio e fico contente por ele não conseguir ver a minha reação neste momento.

— Volta a pôr as mãos na minha cintura — ordeno.

Ele coloca-as demasiado baixo e agora tem as palmas das mãos no meu rabo. Aperta um pouco e eu bato-lhe no braço.

— O que foi? — diz ele a rir-se. — Não consigo ver!

— Para cima.

Ele desliza-as um pouco mais para cima, mas lentamente. Sinto um formigueiro até aos dedos dos pés.

— Mais para cima — insisto.

Ele sobe-as meio centímetro.

— Isto é…

Antes que ele possa terminar a frase, beijo-o. Ele sorri ao princípio, ainda no meio do joguinho, mas quando sente os meus lábios, o seu sorriso dissolve-se.

A boca dele é macia. Levo as mãos ao seu rosto e acaricio-o enquanto ele me puxa com mais força, envolvendo-me as costas com os braços. Estou a beijá-lo de cima para baixo. No início, esperava dar-lhe apenas um pequeno beijo. É tudo o que mostram nos contos de fadas — uma bicada rápida e a maldição é quebrada. Já teríamos recuperado as nossas memórias se isto fosse resultar. A experiência devia ter terminado, mas nenhum de nós para.

Ele beija-me com lábios suaves e uma língua firme. Não é desleixada nem molhada, move-se para dentro e para fora da minha boca sensualmente enquanto os seus lábios sugam suavemente os meus. Passo os dedos pela nuca e pelo cabelo dele, e é então que ele se levanta, obrigando-me a dar um passo atrás e a mudar de posição. Disfarço muito bem o meu suspiro.

Agora está ele a beijar-me de cima para baixo. Só que ele está a abraçar-me,

com o braço à volta da minha cintura e a mão livre enrolada na minha nuca. Agarro-me à camisa dele, tonta. Lábios macios, arrastando-se… língua entre os meus lábios… pressão nas minhas costas… algo pressionando entre nós que me faz sentir uma onda de calor. Afasto-me, ofegante.

Fico ali a olhar para ele, ele a olhar para mim.

Aconteceu alguma coisa. Não foram as nossas memórias que despertaram, há outra coisa que nos faz sentir zonzos.

E ocorre-me, enquanto estou aqui, querendo que ele me beije de novo, que isto é exatamente o que não precisa de acontecer. Vamos querer mais do novo nós e vamos perder a concentração.

Ele passa uma mão pelo rosto, como se quisesse ficar sóbrio. Sorri.

— Não me interessa qual foi o nosso primeiro beijo verdadeiro — diz ele. — É deste que eu me quero lembrar.

Fico a olhar para o sorriso dele o tempo suficiente para me lembrar dele, e depois viro-me e afasto-me.

— Charlie! — grita ele.

Ignoro-o e continuo a andar. Isto foi uma estupidez. Em que é que eu estava a pensar? Um beijo não vai trazer as nossas memórias de volta. Isto não é um conto de fadas.

Ele agarra-me no braço.

— Ei! Mais devagar — diz. E depois: — Em que é que estás a pensar?

Continuo a andar na direção de onde tenho a certeza que viemos.

— Estou a pensar que preciso de ir para casa. Tenho de me certificar de que a Janette jantou… e…

— Sobre *nós*, Charlie.

Sinto-o a olhar para mim.

— Não *há* nós — respondo. Volto a fixar os olhos nos dele. — Não ouviste? Nós estávamos obviamente separados e eu andava com o Brian. O pai dele deu-me um emprego. E…

— Nós éramos um casal, Charlie. E, porra, estou a perceber porquê.

Abano a cabeça. *Não podemos perder a concentração*.

— Foi o teu primeiro beijo — digo. — Podia ser assim com qualquer uma!

— Então também foi assim para ti? — pergunta ele, correndo para ficar à minha frente.

Penso contar-lhe a verdade. Que se eu estivesse morta como a Branca de Neve e ele me beijasse daquela maneira, não tenho dúvidas de que o meu coração voltaria à vida. Que seria eu a matar dragões por aquele beijo.

Mas não temos tempo para nos beijarmos assim. Precisamos de descobrir o que aconteceu e como reverter a situação.

— Eu não senti nada — declaro. — Foi só um beijo e não funcionou. — *Uma mentira tão terrível que me queima as entranhas.* — Tenho de me ir embora.

— Charlie…

— Vemo-nos amanhã.

Levanto a mão sobre a cabeça e aceno, porque não me quero virar e olhar para ele. Tenho medo. Quero estar com ele, mas não é uma boa ideia. Não até descobrirmos mais sobre isto. Acho que ele me vai seguir, por isso aceno a um táxi. Abro a porta e olho para o Silas para lhe mostrar que estou bem. Ele anui e levanta o telemóvel para tirar uma fotografia minha. *A primeira vez que ela me deixou*, deve estar ele a pensar. Depois enterra as mãos nos bolsos e vira-se na direção do carro.

Espero que ele passe pela fonte antes de me inclinar para falar com o condutor.

— Desculpe, mudei de ideias.

Bato com a porta e volto para a berma. De qualquer forma, não tenho dinheiro para um táxi. Vou voltar ao restaurante e pedir boleia à Amy.

O taxista arranca e eu escondo-me numa ruela para que o Silas não me veja. Preciso de estar sozinha. Preciso de pensar.

14

Silas

Outra noite mal dormida. Mas, desta vez, não perdi o sono por estar preocupado comigo próprio, nem com o que fez com que eu e a Charlie perdêssemos as nossas memórias. Perdi o sono porque só conseguia pensar em duas coisas: o nosso beijo e a reação da Charlie ao nosso beijo.

Não sei porque é que ela se afastou, ou porque é que preferiu apanhar um táxi a vir comigo. Pela forma como reagiu durante o beijo, percebi que sentia o que eu estava a sentir. É claro que não foi como os beijos dos contos de fadas que podem pôr fim a uma maldição, mas acho que nenhum de nós estava à espera de que isso acontecesse. Não tenho a certeza de que tivéssemos alguma expectativa em relação ao beijo — apenas um pouco de esperança.

O que eu certamente não esperava era que tudo o resto ficasse em segundo plano quando os lábios dela se encostassem aos meus, mas foi exatamente isso que aconteceu. Deixei de pensar na razão pela qual nos estávamos a beijar e em tudo o que tínhamos passado ao longo do dia.

Só conseguia pensar na forma como ela apertava a minha camisa, puxando-me para mais perto, querendo mais. Conseguia ouvir os pequenos suspiros dela entre os beijos, porque assim que as nossas bocas se encontraram, ficámos ambos sem fôlego. E, apesar de ela ter parado o beijo e se ter afastado, ainda conseguia ver o olhar atordoado no seu rosto e a forma como os seus olhos se demoravam na minha boca.

No entanto, apesar de tudo isso, ela virou-se e foi-se embora. Mas se aprendi alguma coisa sobre a Charlie nestes últimos dois dias, é que tudo o que ela faz tem um motivo, e normalmente um bom motivo, e foi por isso que não tentei impedi-la.

O meu telemóvel recebe uma mensagem e quase caio quando saio do duche para pegar nele. Não tenho notícias dela desde que nos separámos ontem à noite e estaria a mentir se dissesse que não começo a ficar preocupado.

A minha esperança esvai-se quando vejo que a mensagem não é da Charlie. É do miúdo com quem falei no restaurante ontem à noite, o Eller.

> **Eller**: A Amy quer saber se a Charlie foi contigo para a escola. Ela não está em casa.

Fecho a torneira, apesar de ainda nem sequer ter tirado o sabonete do corpo. Pego numa toalha com uma mão e respondo à mensagem dele com a outra.

> **Eu**: Não, ainda nem sequer saí de casa. Ela já tentou ligar-lhe?

Assim que envio a mensagem, marco o número da Charlie, ponho em alta-voz e depois pouso o telemóvel na bancada. Já estou vestido quando a chamada vai parar ao voicemail.

— Merda — murmuro, desligando a chamada.

Abro a porta e paro no meu quarto o tempo suficiente para calçar os sapatos e pegar nas chaves. Desço as escadas, mas fico paralisado antes de chegar à porta de entrada.

Está uma mulher na cozinha, e não é a Ezra.

— Mãe?

A palavra sai-me da boca antes de me aperceber de que estou a falar. Ela vira-se e, apesar de só a reconhecer pelas fotografias na parede, acho que sinto qualquer coisa. Não sei o que é. Não é amor ou reconhecimento. Sinto-me apenas invadido por uma sensação de calma.

Não… é *conforto*. É isso que eu sinto.

— Olá, querido — diz ela, com um sorriso que lhe chega aos cantos dos

olhos. — Está a preparar o pequeno-almoço. Ou talvez esteja a limpar depois de ter acabado o pequeno-almoço. — Viste as cartas que pus na tua cómoda ontem? E como te sentes?

O Landon parece-se mais com ela do que eu. O maxilar dele é suave, como o dela. O meu é forte, como o do meu pai. O Landon também se comporta como ela. Como se a vida tivesse sido boa para eles.

Ela inclina a cabeça e encurta a distância entre nós.

— Silas, estás bem?

Dou um passo atrás quando ela tenta tocar com a mão na minha testa.

— Estou.

Ela leva a mão ao peito, como se estivesse ofendida por eu ter recuado.

— Oh — exclama. — Está bem. Ótimo. Já faltaste à escola esta semana e tens um jogo esta noite. — Volta para a cozinha. — Não devias ficar fora até tão tarde estando doente.

Olho para a parte de trás da cabeça dela, perguntando-me porque é que ela diria aquilo. É a primeira vez que a vejo desde que tudo isto começou. A Ezra ou o meu pai devem ter-lhe contado que a Charlie esteve cá.

Pergunto-me se o facto de a Charlie ter estado aqui a incomodou. Pergunto-me se ela e o meu pai partilham da mesma opinião sobre a Charlie.

— Sinto-me bem agora — respondo. — Estive com a Charlie ontem à noite, por isso é que cheguei tarde a casa.

Ela não reage ao meu comentário. Nem sequer olha para mim. Espero mais alguns segundos para ver se ela responde. Quando não o faz, viro-me e dirijo-me para a porta da frente.

O Landon já está no banco da frente quando chego ao carro. Abro a porta de trás e atiro a minha mochila lá para dentro. Quando abro a porta da frente, ele estende a mão na minha direção.

— Isto estava a tocar. Encontrei-o debaixo do teu banco.

Tiro-lhe o telemóvel. É o telemóvel da Charlie.

— Ela deixou o telemóvel no meu carro?

O Landon encolhe os ombros. Eu olho para o ecrã e há várias chamadas perdidas e mensagens de texto. Vejo o nome do Brian, junto com o da Amy.

Tento abri-las, mas é-me pedida uma palavra-passe.

— Despacha-te! Já estamos atrasados!

Entro no carro e pouso o telemóvel da Charlie na consola enquanto faço marcha-atrás. Quando volto a pegar nele para tentar descobrir a palavra-passe, o Landon arranca-mo das mãos.

— Não aprendeste nada com o teu acidente do ano passado?

Ele coloca o telemóvel de volta na consola.

Sinto-me desconfortável. Não gosto que a Charlie não tenha o telemóvel com ela. Não gosto que ela não tenha ido para a escola com a Amy. Se ela já saiu de casa antes de a Amy chegar, com quem é que ela foi para a escola? Não sei bem como vou reagir se descobrir que ela apanhou boleia com o Brian.

— A minha intenção é boa… — começa o Landon a dizer. Olho para ele, para o olhar cauteloso no rosto dele. — Mas… a Charlie está grávida?

Travo o carro. Felizmente, o semáforo à nossa frente fica vermelho, por isso a minha reação parece intencional.

— Grávida? Porquê? Porque é que perguntas isso? Ouviste isso de alguém?

O Landon abana a cabeça.

— Não, é só que… Sei lá. Eu estou a tentar descobrir que raio se está a passar contigo e essa parecia ser a única resposta aceitável.

— Eu faltei ao treino ontem e tu assumes que é porque a Charlie está grávida?

O Landon ri-se baixinho.

— É mais do que isso, Silas. É tudo. Tu a lutares com o Brian, os treinos que perdeste a semana toda, tu a faltares a meio dia de aulas na segunda, todo o dia na terça, meio dia na quarta. Nem parece teu. — *Eu faltei às aulas esta semana?* — Além disso, tu e a Charlie têm agido de forma estranha quando estão juntos. Não são como sempre. Esqueceste-te de me ir buscar depois das aulas, ficaste fora depois da hora de recolher num dia da semana. Tens andado muito desligado esta semana, e não sei se me queres dizer que raio se passa, mas começa a preocupar-me.

Vejo-lhe o desapontamento nos olhos.

Éramos chegados. Ele é sem dúvida um bom irmão, dá para perceber. Está habituado a saber todos os meus segredos, todos os meus pensamentos.

Pergunto-me se é nestas viagens de ida e volta de e para a escola que normalmente os partilhamos. Pergunto-me se ele acreditaria em mim se lhe contasse o que estou realmente a pensar.

— O semáforo está verde — diz ele, virado para a frente.

Arranco, mas não partilho nenhum segredo com ele. Não sei o que dizer, nem como começar a contar-lhe a verdade. Só sei que não quero mentir-lhe, porque isso não parece ser algo que o antigo Silas faria.

Quando paro num lugar de estacionamento, ele abre a porta e sai.

— Landon — digo, antes que ele feche a porta. Ele inclina-se e olha para mim. — Desculpa. Eu só estou a ter uma semana má.

Ele anui, pensativo, e volta a sua atenção para a escola. Mexe o maxilar para trás e para a frente e depois volta a olhar para mim.

— Espero que a tua semana se recomponha antes do jogo desta noite — diz ele. — Tens muitos colegas de equipa chateados neste momento.

Bate a porta e começa a caminhar em direção à escola. Pego no telemóvel da Charlie e dirijo-me para o interior do edifício.

Não a encontrei nos corredores, por isso fui para as minhas duas primeiras aulas. Vou agora para a terceira e ainda não tive notícias dela. Tenho a certeza de que adormeceu e que a vou ver quando tivermos aulas juntos no quarto período. Mas, mesmo assim, sinto que há algo de errado. Tudo me parece estranho.

Ela pode estar apenas a evitar-me, mas não me parece que o fizesse. Ela esforçar-se-ia para me dizer que não quer falar comigo. Atirava-me isso à cara.

Vou ao meu cacifo procurar o meu livro de Matemática para a terceira aula. Queria ver o cacifo dela para ver se algum dos seus livros está em falta, mas não sei a combinação. Estava escrita no horário dela, mas eu dei-lho ontem.

— Silas!

Viro-me e vejo o Andrew a tentar atravessar o corredor cheio de gente como um peixe a nadar contra a corrente. Finalmente desiste e grita:

— A Janette quer que lhe ligues!

Vira-se e segue novamente na direção oposta.

Janette… Janette… Janette…

A irmã da Charlie!

Encontro o nome dela nos contactos do meu telemóvel. Ela atende ao primeiro toque.

— Silas? — diz ela.

— Sim, sou eu.

— A Charlie está contigo?

Fecho os olhos, sentindo o pânico instalar-se no fundo do estômago.

— Não — respondo. — Ela não foi para casa ontem à noite?

— Não. Normalmente não ficaria preocupada, mas ela costuma dizer-me quando não vem para casa. Não me telefonou e agora não responde às minhas mensagens.

— Eu tenho o telemóvel dela.

— Porque é que tens o telemóvel dela?

— Ela deixou-o no meu carro — explico. Fecho o cacifo e começo a dirigir-me para a saída. — Discutimos ontem à noite e ela meteu-se num táxi. Assumi que fosse diretamente para casa.

Paro de andar quando me ocorre: a Charlie não tinha dinheiro para o almoço ontem, o que significa que não teria dinheiro para o táxi ontem à noite.

— Estou a sair da escola — digo à Janette. — Eu encontro-a.

Desligo antes mesmo de lhe dar hipótese de responder. Corro pelo corredor em direção à porta que dá para o parque de estacionamento, mas assim que viro a esquina, estaco.

Avril.

Merda. Agora não é altura para isto. Tento baixar a cabeça e passar por ela, mas ela agarra a manga da minha camisa. Sou obrigado a parar e olho para ela.

— Avril, agora não posso. — Aponto para a saída. — Tenho de me ir embora. É uma espécie de emergência.

Ela solta a minha camisa e cruza os braços sobre o peito.

— Ontem não apareceste durante o almoço. Pensei que talvez estivesses atrasado, mas quando fui ver no refeitório, estavas lá. Com *ela*.

Caramba, não tenho tempo para isto. Na verdade, acho que vou poupar-me a

qualquer problema futuro e acabar com isto agora.

Suspiro e passo uma mão pelo cabelo.

— Sim — respondo. — Eu e a Charlie… decidimos resolver as coisas.

A Avril inclina a cabeça e lança-me um olhar incrédulo.

— *Não,* Silas. Isso não é o que tu queres, e decididamente não é o melhor para mim.

Olho para a esquerda, para o fundo do corredor, e depois para a direita. Quando vejo que não há ninguém por perto, dou um passo em direção a ela.

— Ouça, menina Ashley — digo, tendo o cuidado de me dirigir a ela formalmente. Olho-a mesmo nos olhos. — Acho que não está em posição de me dizer como é que as coisas vão ser entre nós os dois.

Os olhos dela estreitam-se imediatamente. Fica em silêncio durante alguns segundos, como se estivesse à espera de que eu me ria e lhe diga que estou a brincar. Quando não vacilo, ela bufa e empurra-me o peito, tirando-me do caminho. O barulho dos seus saltos altos começa a desvanecer-se à medida que me afasto, em direção à saída.

Estou a bater pela terceira vez à porta da casa da Charlie quando esta finalmente se abre. A mãe dela aparece à minha frente. Cabelo selvagem, olhos ainda mais selvagens. É como se o ódio brotasse da sua alma no momento em que percebe que sou eu, à porta dela.

— O que é que queres? — cospe.

Tento olhar para trás dela, para ver o interior da casa. Ela move-se para bloquear a minha visão, por isso aponto por cima do seu ombro.

— Preciso de falar com a Charlie. Ela está em casa?

A mãe dela dá um passo para o exterior e fecha a porta atrás de si, de modo que eu não consiga ver lá para dentro.

— Não tens nada que ver com isso — sibila. — Sai imediatamente da minha propriedade!

— A Charlie está em casa ou não?

Ela cruza os braços sobre o peito.

— Se não saíres da minha entrada em cinco segundos, chamo a polícia.

Levanto as mãos em sinal de derrota e gemo.

— Estou preocupado com a sua filha, por isso pode pôr a sua raiva de lado por um minuto e dizer-me se ela está lá dentro?

Ela dá dois passos rápidos na minha direção e espeta-me um dedo no peito.

— Não te atrevas a levantar-me a voz!

Céus.

Passo por ela e abro a porta com um pontapé. A primeira coisa com que me deparo é o cheiro. O ar está estagnado. Uma névoa de fumo de cigarro espesso domina o ambiente e agride-me os pulmões. Sustenho a respiração enquanto me dirijo para a sala de estar. Há uma garrafa de whisky aberta no balcão, ao lado de um copo vazio. A correspondência está espalhada pela mesa, o que parece ser o equivalente a vários dias. É como se esta mulher não se importasse o suficiente para abrir qualquer uma das cartas. O envelope no cimo da pilha está endereçado à Charlie.

Vou buscá-lo, mas ouço a mulher entrar em casa atrás de mim. Dirijo-me até ao fundo do corredor e vejo duas portas à minha direita e uma à esquerda. Abro a porta da esquerda, no momento em que a mãe da Charlie começa a gritar atrás de mim. Ignoro-a e entro no quarto.

— Charlie! — grito.

Olho de relance para o quarto, sabendo que ela não está aqui, mas esperando estar enganado. Se ela não está aqui, não sei onde mais procurar. Não me lembro de nenhum dos sítios onde costumávamos ir. Mas a Charlie também não, imagino.

— Silas! — grita a mãe dela, da porta do quarto. — Sai! Vou chamar a polícia!

Ela desaparece de vista, provavelmente para ir buscar um telemóvel. Eu continuo a minha busca por… Nem sequer sei. É óbvio que a Charlie não está aqui, mas continuo a procurar na mesma, na esperança de encontrar algo que possa ajudar.

Sei qual é o lado do quarto da Charlie por causa da fotografia do portão por cima da cama dela. A que ela disse que eu tirei.

Olho em volta à procura de pistas, mas não encontro nada. Lembro-me de ela ter mencionado algo sobre um sótão no armário, por isso verifico o armário. Há um pequeno buraco no topo do armário. Parece que ela usa as prateleiras como degraus.

— Charlie! — grito.

Nada.

— Charlie, estás aí em cima?

No momento em que verifico a robustez da prateleira de baixo com o pé, algo me raspa de lado na cabeça. Viro-me, mas volto a baixar-me imediatamente quando vejo um prato a voar da mão da mãe da Charlie. Estilhaça-se contra a parede ao lado da minha cabeça.

— Sai daqui! — grita ela.

Ela procura mais coisas para atirar, por isso levanto as mãos em sinal de rendição.

— Eu vou! — digo-lhe. — Eu vou-me embora!

Ela afasta-se da porta para me deixar passar. Ainda está a gritar enquanto eu percorro o corredor. Ao dirigir-me para a porta da frente, pego na carta endereçada à Charlie que vi na bancada. Nem sequer me dou ao trabalho de dizer à mãe da Charlie para me ligar se ela chegar a casa.

Entro no carro e recuo para a rua.

Onde raio está ela?

Espero até estar a alguns quilómetros de distância e depois encosto para ver o telemóvel dela outra vez. O Landon disse que o ouviu a tocar debaixo do banco, por isso inclino-me e apalpo o tapete por baixo do assento. Tiro uma lata de refrigerante vazia, um sapato e, finalmente, a mala dela. Abro-a e vasculho-a, mas não encontro nada que já não saiba.

Ela está algures por aí, sem o telemóvel nem a carteira. Não sabe o número de ninguém de cor. Se ela não voltou para casa, para onde terá ido?

Dou um murro no volante.

— Merda, Silas!

Nunca a devia ter deixado sair sozinha. A culpa é toda minha.

O meu telemóvel recebe uma mensagem de texto. A mensagem é do Landon,

a perguntar porque é que eu saí da escola.

Atiro o telemóvel para o banco e reparo na carta que roubei da casa da Charlie. Não tem remetente. O carimbo de data no canto superior é de terça-feira, um dia antes de tudo isto acontecer.

Abro o envelope e encontro várias folhas lá dentro, dobradas juntas.

Na parte da frente, lê-se «Abrir imediatamente».

Desdobro as folhas e os meus olhos fixam-se logo nos dois nomes escritos no topo da página.

Charlie e Silas,

Está dirigida a nós os dois? Continuo a ler.

Se não sabem porque estão a ler isto, é porque se esqueceram de tudo. Não reconhecem ninguém, nem sequer a vocês próprios.

Por favor, não entrem em pânico e leiam esta carta na íntegra. Partilharemos tudo o que sabemos, o que neste momento não é muito.

Mas que raio?! As minhas mãos começam a tremer à medida que continuo a ler.

Não temos a certeza do que aconteceu, mas temos medo de que, se não escrevermos, possa voltar a acontecer. Pelo menos, com tudo escrito e deixado em mais de um sítio, estaremos mais preparados se voltar a acontecer.

Nas páginas seguintes, encontrarão toda a informação de que dispomos.

Talvez ajude de alguma forma.

Charlie e Silas

Fico a olhar para os nomes no fundo da página até a minha visão ficar desfocada. Volto a olhar para os nomes no cimo da página.

Charlie e Silas.

Olho para os nomes em baixo. *Charlie e Silas.*

Escrevemos uma carta a nós próprios?

Não faz sentido. Se escrevêssemos uma carta a nós próprios…

Passo imediatamente para as páginas seguintes. As duas primeiras páginas são coisas que já sei. As nossas moradas, os nossos números de telemóvel. Onde andamos na escola, quais são as nossas aulas, os nomes dos nossos irmãos, os nomes dos nossos pais. Leio tudo tão rapidamente quanto possível.

Quando chego à terceira página, as minhas mãos tremem tanto que mal consigo ler. Pouso a folha no colo para conseguir terminar. Tem mais informação pessoal — uma lista de coisas que já descobrimos um sobre o outro, a nossa relação, há quanto tempo estamos juntos. A carta menciona o nome do Brian como alguém que está sempre a enviar mensagens à Charlie. Passo por cima de toda a informação familiar até chegar perto do fim da terceira página.

As primeiras memórias que qualquer um de nós tem são de sábado, 4 de outubro, por volta das onze da manhã. Hoje é domingo, 5 de outubro. Vamos fazer uma cópia desta carta para nós, mas também enviaremos cópias pelo correio de manhã, por segurança.

Passo para a quarta página, que tem a data de terça-feira, 7 de outubro.

Aconteceu outra vez. Desta vez, aconteceu durante a aula de História, na segunda-feira, 6 de outubro. Parece ter acontecido à mesma hora do dia, quarenta e oito horas depois. Não temos nada de novo a acrescentar à carta. Ambos fizemos o nosso melhor para nos mantermos afastados dos amigos e da família no último dia, fingindo estar doentes. Temos estado a telefonar um ao outro com todas as informações que sabemos, mas até agora parece que isto aconteceu duas vezes. A primeira vez foi no sábado e a segunda na segunda-feira. Gostávamos de ter mais informações, mas ainda estamos um pouco assustados com o facto de isto estar a acontecer e não sabemos bem o que fazer. Vamos fazer o que fizemos da última vez e enviar cópias desta carta para nós próprios. Além disso, haverá uma cópia no porta-luvas do carro do Silas. Foi o primeiro sítio onde procurámos desta vez, por isso há uma boa hipótese de voltarem a procurar lá.

Nunca verifiquei o porta-luvas.

Vamos guardar as cartas originais num sítio seguro para que ninguém as encontre. Temos medo de que, se alguém vir as cartas, ou se alguém suspeitar de alguma coisa, pensem que estamos a ficar malucos. Tudo estará numa caixa na parte de trás da terceira prateleira do armário do quarto do Silas. Se este padrão se mantiver, há uma hipótese de voltar a acontecer na quarta-feira à mesma hora. Caso isso aconteça, esta carta deve chegar a ambos nesse dia.

Olho novamente para o carimbo da hora no envelope. Foi enviada logo na terça-feira de manhã. E quarta-feira às onze horas da manhã foi exatamente quando isto nos aconteceu.

Se descobrirem alguma coisa que possa ajudar, acrescentem-na à página seguinte e continuem com isto até descobrirmos o que começou. E como o parar.

Passo para a última página, mas está em branco.

Olho para o relógio. São 10h57. É sexta-feira. Isto aconteceu-nos há quase 48 horas.

O meu peito está a arfar. Isto não pode estar a acontecer.

As quarenta e oito horas vão acabar em menos de três minutos.

Abro a consola e procuro uma caneta. Não encontro nenhuma, por isso abro o porta-luvas. Em cima está uma cópia da mesma carta com o meu nome e o da Charlie. Levanto-a e há várias canetas, por isso pego numa delas e espalmo o papel contra o volante.

Aconteceu outra vez, escrevo. As minhas mãos tremem tanto que deixo cair a caneta. Volto a pegar nela e continuo a escrever.

Às onze horas da manhã de quarta-feira, 8 de outubro, eu e a Charlie perdemos a memória pelo que parece ser a terceira vez. Coisas que aprendemos nas últimas quarenta e oito horas:

– Dantes os nossos pais trabalhavam juntos.

– O pai da Charlie está preso.

Estou a escrever tão depressa quanto consigo, enquanto tento perceber quais são os pontos que devo escrever primeiro, quais são mais importantes, porque estou quase a ficar sem tempo.

– *Fomos a uma cartomante em St. Philip Street. Talvez valha a pena ir lá ver isso outra vez.*
– *A Charlie falou de uma rapariga da escola, a quem chamou «Camarão». Disse que queria falar com ela.*
– *A Charlie tem um sótão no roupeiro do quarto. Passa lá muito tempo.*

Sinto que estou a perder tempo. Sinto que não estou a acrescentar nada de importante a esta maldita lista. Se isto for verdade e estiver prestes a acontecer novamente, não terei tempo para enviar uma carta, muito menos para fazer cópias. Espero que, se a tiver nas minhas mãos, seja suficientemente inteligente para a ler e não a deitar fora.

Mordo a ponta da caneta, tentando concentrar-me no que vou escrever a seguir.

– *Crescemos juntos, mas agora as nossas famílias odeiam-se. Eles não nos querem juntos.*
– *O Silas andava a dormir com a orientadora, e a Charlie com o Brian Finley. Acabámos com os dois.*
– *O Landon é um bom irmão, provavelmente podes confiar nele se tiveres de o fazer.*

Continuo a escrever. Escrevo sobre as nossas tatuagens, o Electric Crush Diner, a Ezra, e tudo o que me consigo lembrar das últimas quarenta e oito horas.

Olho para o relógio. 10h59.

A Charlie não sabe desta carta. Se tudo o que está escrito nesta carta até agora estiver correto e se isto nos estiver a acontecer desde sábado passado, isso significa que ela está prestes a esquecer tudo o que descobriu nas últimas quarenta e oito horas. E eu não faço ideia de como a encontrar. De como a avisar.

Volto a encostar a caneta ao papel e escrevo um último ponto.

– A Charlie entrou num táxi na Bourbon Street ontem à noite e ninguém a viu desde então. Ela não sabe desta carta. Encontra-a. A primeira coisa que tens de fazer é encontrá-la. Por favor.

PARTE 2

15

Silas

Começa lentamente. A chuva.

Um salpico aqui, um borrifo ali. Primeiro no para-brisas à minha frente e depois nos vidros à minha volta. As gotas começam a parecer milhares de dedos a bater no capô em uníssono. *Tap-ta-tap-tap-ta-tap-tap-tap-tap-tap.* O som está agora à minha volta. Parece que vem de dentro de mim, e está a tentar sair. A chuva começa a escorrer pelo para-brisas, suficientemente espessa para formar longos rios que se assemelham a lágrimas. Deslizam para o fundo e desaparecem para lá do vidro. Tento ligar os limpa-para-brisas, mas o carro está desligado.

Porque é que o meu carro não está ligado?

Limpo o vidro embaciado com a palma da mão para poder ver o lado de fora, mas a chuva está a cair com tanta força que já não me permite ver nada.

Onde estou?

Viro-me e olho para o banco de trás, mas não está lá ninguém.

Não há nada no banco. Viro-me de novo para a frente.

Pensa, pensa, pensa.

Para onde é que eu estava a ir? Devo ter adormecido.

Não sei onde estou.

Não sei onde «eu» estou. Eu… eu… eu…

Quem sou eu?

Parece tão natural ter pensamentos que contêm a palavra «eu». Mas cada um

dos meus pensamentos é oco e sem peso, porque a palavra «eu» não está ligada a ninguém. Sem nome, sem rosto. Eu sou… *nada*.

O zumbido de um motor chama-me a atenção quando um carro abranda ao lado do meu na estrada. Ao passar por mim, salpica ainda mais água para o meu para-brisas. E então distingo as luzes dos faróis traseiros quando o carro encosta à minha frente.

Luzes de marcha-atrás.

O coração começa a bater-me na garganta, nas pontas dos dedos, nas têmporas. As luzes em cima do carro ganham vida. *Vermelho, azul, vermelho, azul*. Vejo alguém sair do veículo. Só consigo distinguir a sua silhueta quando começa a aproximar-se do meu carro. Mal mexo o pescoço enquanto se dirigem para a porta do passageiro, mantendo os olhos fixos neles quando chegam à janela.

Um toque.

Toque, toque, toque.

Carrego no botão para abrir as janelas. *Como é que eu sabia fazer isso?* Baixo o vidro.

Um polícia.

Socorro, quero dizer.

Esqueci-me do sítio para onde ia, quero dizer.

— Silas?

A voz dele assusta-me. Está a tentar competir com o som da chuva gritando a palavra Silas.

O que é que isso significa? *Silas*. Talvez ele seja francês. Talvez eu esteja em França e «Silas» seja um cumprimento. Talvez deva gritar «Silas» como resposta.

O homem aclara a garganta e pergunta:

— O teu carro avariou-se?

Não é francês.

Olho para os controlos no tabliê.

Forço os lábios a separarem-se para poder formar uma palavra. Em vez disso, arquejo, sem saber que estava a suster a respiração. Quando liberto o ar dos

pulmões, este sai entrecortado… embaraçoso. Olho para o agente que está à janela.

— Não — respondo.

A minha voz assusta-me. Não a reconheço.

O agente inclina-se e aponta para o meu colo.

— O que é que tens aí? — pergunta ele. — Direções para algum lado? Estás perdido?

Olho para uma pilha de papéis desconhecidos no meu colo. Empurro-os para o banco do passageiro, querendo tirá-los de cima de mim, e abano novamente a cabeça.

— Eu, hã… eu só estava…

As minhas palavras são interrompidas por um toque. Um toque alto, vindo do interior do carro. Sigo o som, tirando os papéis do assento para encontrar um telemóvel debaixo deles. Olho para o identificador de chamadas. «Janette».

Não conheço nenhuma Janette.

— Tens de sair da berma da estrada, filho — diz o agente, dando um passo atrás.

Pressiono um botão do lado do telemóvel para o pôr em silêncio.

— Vá lá, volta para a escola. Há um grande jogo esta noite.

Grande jogo. Escola.

Porque é que nada disso me parece familiar?

Assinto.

— A chuva deve estar quase a abrandar — acrescenta ele. Bate no tejadilho do meu carro como se me estivesse a mandar embora. Anuo de novo e ponho o dedo no botão que controla os vidros. — Diz ao teu pai que me guarde um lugar esta noite.

Volto a assentir. *O meu pai.*

O agente fica a olhar para mim durante mais alguns segundos, com um ar intrigado. Por fim, abana a cabeça e começa a afastar-se em direção ao carro dele.

Olho para o telemóvel. Quando estou prestes a premir um botão, começa a tocar novamente.

Janette.

Quem quer que seja a Janette, ela quer mesmo que alguém atenda este telemóvel. Passo o dedo pelo ecrã e aproximo-o do ouvido.

— Estou?

— Encontraste-a?

Não reconheço a voz ao telemóvel. Espero alguns segundos antes de responder, na esperança de me lembrar de alguma coisa.

— Silas? Estou?

Ela acabou de dizer a mesma palavra que o agente disse. «Silas». Mas disse-a como um nome.

O *meu* nome?

— O quê? — digo ao telemóvel, confuso com tudo.

— Encontraste-a? — Há pânico na voz ela.

Encontrei-a? E quem é que eu deveria estar a procurar? Viro-me para trás e verifico de novo no banco traseiro, apesar de saber que não está ninguém no carro comigo. Volto a virar-me para a frente, sem saber como responder à pergunta que ela me fez.

— Encontrei-a? — pergunto, repetindo a questão. — Eu… e *tu*, encontraste-a?

A Janette resmunga.

— Porque é que eu te estaria a telefonar se a tivesse encontrado?

Afasto o telemóvel do ouvido e olho para ele. Estou tão confuso. Volto a encostá-lo ao ouvido.

— Não — respondo. — Não a encontrei.

Talvez esta rapariga seja a minha irmã mais nova. Parece-me nova. Mais nova do que eu. Talvez tenha perdido a cadela e eu andasse à procura dela? Talvez eu tenha escorregado na chuva e batido com a cabeça.

— Silas, isto não é nada típico dela — elucida a Janette. — Ela dizia-me se não fosse voltar para casa ou faltar à escola hoje.

Pronto, não estamos a falar de um cão. E o facto de estarmos a falar de uma pessoa que aparentemente desapareceu deixa-me muito desconfortável, tendo em conta que neste momento nem sequer sei bem quem eu sou. Tenho de desligar

antes de dizer algo errado. Algo incriminatório.

— Janette, tenho de ir. Eu continuo a procurar.

Desligo o telemóvel e pouso-o no assento ao meu lado. Os papéis que estavam no meu colo chamam-me a atenção. Inclino-me e pego neles. As páginas estão agrafadas, por isso viro a primeira. É uma carta, dirigida a mim e a outro tipo chamado Charlie.

Charlie e Silas,

Se não sabem porque é que estão a ler isto, então esqueceram-se de tudo.

Mas que raio?! A primeira frase não é o que eu esperava ler. Não sei o que é que esperava ler.

Não reconhecem ninguém, nem sequer a vocês próprios. Por favor, não entrem em pânico e leiam esta carta na íntegra.

É um bocado tarde para a parte do «não entrem em pânico».

Não temos a certeza do que aconteceu, mas temos medo de que, se não escrevermos, possa voltar a acontecer. Pelo menos, com tudo escrito e deixado em mais de um sítio, estaremos mais preparados se voltar a acontecer.

Nas páginas seguintes, encontrarão toda a informação de que dispomos.

Talvez ajude de alguma forma.

Charlie e Silas

Não passo imediatamente para a página seguinte. Deixo cair as páginas no colo e levo as mãos ao rosto. Esfrego-as para cima e para baixo, para cima e para baixo. Olho para o retrovisor e desvio imediatamente o olhar quando não reconheço os olhos que me olham.

Isto não pode estar a acontecer.

Fecho os olhos e levo os dedos à ponte do nariz. Fico à espera de acordar. Isto é um sonho, e eu preciso de acordar.

Um carro passa e mais água é atirada para o para-brisas. Vejo-a escorrer de novo e desaparecer debaixo do capô.

Não posso estar a sonhar. Tudo é demasiado vívido, demasiado detalhado para ser um sonho. Os sonhos são difusos, e não fluem de um momento para o outro como tudo está a acontecer agora.

Volto a pegar nas páginas e, a cada frase, torna-se mais difícil de ler. As minhas mãos ficam cada vez mais instáveis. A minha mente está um turbilhão enquanto leio a página seguinte. Descubro que Silas é sem dúvida o meu nome e que Charlie é, na verdade, o nome de uma rapariga. Pergunto-me se será ela a rapariga que está desaparecida. Continuo a ler, apesar de não conseguir deixar a incredulidade de lado e aceitar as palavras à minha frente. Não sei porque não me permito acreditar, porque tudo o que estou a ler coincide certamente com o facto de não me lembrar de nada. É que ao abandonar a incredulidade seria admitir que isto é possível. Que, de acordo com o que estou a ler, acabei de perder a memória pela quarta vez consecutiva.

A minha respiração é quase tão irregular como a chuva que cai no tejadilho do carro. Levo a mão esquerda à nuca e aperto-a enquanto leio o último parágrafo. Um parágrafo que, aparentemente, acabei de escrever há dez minutos.

> *– A Charlie entrou num táxi na Bourbon Street ontem à noite e ninguém a viu desde então. Ela não sabe desta carta. Encontra-a. A primeira coisa que tens de fazer é encontrá-la. Por favor.*

As últimas palavras da carta estão rabiscadas, pouco legíveis, como se eu estivesse a correr contra o tempo quando as escrevi. Pouso a carta no assento, ponderando em tudo o que acabei de ficar a saber. A informação corre-me na cabeça mais depressa do que o coração bate no peito. Sinto um ataque de pânico a formar-se, ou talvez seja o início de um colapso. Agarro o volante com as duas mãos e inspiro e expiro pelo nariz. Não sei como é que sei que é suposto isso produzir um efeito calmante. No início, não parece estar a funcionar, mas repito-o durante vários minutos, a pensar em tudo o que acabei de ler. *Bourbon Street, Charlie, o meu irmão, a Camarão, a leitura de* tarot*, as tatuagens, o meu gosto pela fotografia*. Porque é que nada disto me parece familiar? Isto tem de ser uma piada. Isto tem de se referir a outra pessoa. Não posso ser o Silas. Se eu fosse o Silas, *sentir-me-ia* ele. Não sentiria esta separação completa da pessoa que é

suposto eu ser.

Pego novamente no telemóvel e abro a câmara. Inclino-me para a frente e estendo a mão para trás, puxando a camisa para a frente e por cima da cabeça. Seguro a câmara atrás de mim e tiro uma fotografia das minhas costas, depois volto a ajeitar a camisa e olho para o telemóvel.

Pérolas.

Tenho uma fiada de pérolas negras tatuada nas costas, tal como dizia a carta.

— Merda — sussurro, olhando para a imagem.

O meu estômago. Acho que estou prestes a…

Abro a porta do carro mesmo a tempo. O conteúdo do que quer que eu tenha comido ao pequeno-almoço está agora no chão, aos meus pés. As minhas roupas estão a ficar encharcadas enquanto estou aqui, à espera de vomitar outra vez. Quando penso que o pior já passou, volto a entrar no carro.

Olho para o relógio, que indica que são 11h11.

Ainda não sei bem em que acreditar, mas quanto mais tempo passa sem me lembrar, mais começo a achar que talvez tenha pouco mais de quarenta e sete horas até que isto volte a acontecer.

Estendo o braço e abro o porta-luvas. Não sei do que estou à procura, mas estar aqui sentado sem fazer nada parece-me uma perda de tempo. Tiro o conteúdo, deixando de lado as informações sobre o carro e o seguro. Encontro um envelope com os nossos nomes escritos. *Um duplicado de tudo o que acabei de ler*. Continuo a folhear os papéis até que um pedaço de papel dobrado no fundo do porta-luvas me chama a atenção. Tem o meu nome escrito na parte superior. Abro-o, e a primeira coisa que leio é a assinatura no fundo. É uma carta da Charlie. Volto ao início da página e começo a ler.

Querido Silas,

Isto não é uma carta de amor. Está bem? Não importa o quanto tentes convencer-te de que é, não é. Porque eu não sou esse tipo de rapariga. Odeio essas raparigas, sempre tão apaixonadas e nojentas. Argh.

De qualquer forma, isto decididamente não é uma carta de amor. Por exemplo, não gosto da forma como me trouxeste sumo de laranja e

medicamentos na semana passada, quando eu estava doente. E o que foi aquele cartão? Esperas que eu melhore depressa e amas-me? Pfft.

E não gosto mesmo nada da forma como finges que sabes dançar quando, na verdade, pareces um robô avariado. Não é adorável e não me faz rir, de todo.

Ah, e quando me beijas e te afastas para me dizer que sou bonita? Não gosto nem um bocadinho disso. Porque é que não podes ser como os outros tipos que ignoram as namoradas? É tão injusto que eu tenha de lidar com isto.

E por falar em como fazes tudo mal, lembras-te de quando me magoei nas costas durante o treino da claque? E tu faltaste à festa do David para me esfregares um analgésico nas costas e veres o Pretty Woman *comigo? Foi um sinal claro de quão carente e egoísta tu consegues ser.*

Como te atreves, Silas?!

Eu também não vou mais tolerar as coisas que tu dizes sobre mim perto dos nossos amigos. Quando a Abby gozou com a minha roupa naquele dia e tu lhe disseste que eu podia usar um saco de plástico e fazer com que parecesse alta-costura, isso foi muito despropositado. E foi ainda mais despropositado quando levaste a Janette ao oftalmologista porque ela estava sempre a ter dores de cabeça. Tens de te controlar. Todo este cuidado e consideração é muito pouco atrativo.

Por isso, estou aqui para te dizer que não te amo mais do que a qualquer ser humano neste planeta. E que não são borboletas que sinto sempre que entras numa sala, mas, sim, traças doentes, de uma só asa e bêbedas. Além disso, és muito, muito pouco atraente. Arrepio-me sempre que vejo a tua pele imaculada e penso: «Oh, céus, aquele miúdo seria muito mais atraente com algumas borbulhas e dentes tortos.» Sim, és nojento, Silas.

Não estou apaixonada.

De maneira nenhuma.

Nunca. Jamais.

Charlie

Fico a olhar para a forma como ela se despediu e leio aquelas palavras mais algumas vezes.

Não estou apaixonada.
De maneira nenhuma.
Nunca. Jamais.
Charlie

Viro a folha, na esperança de ver uma data. Não há nada que indique quando foi escrita. Se esta rapariga me escrevia cartas como esta, então como é que tudo o que acabei de ler nos meus apontamentos sobre o estado atual da nossa relação pode ser verdade? É óbvio que estou apaixonado por ela. Ou pelo menos estava apaixonado por ela.

O que é que nos aconteceu? O que é que lhe aconteceu a *ela*?

Dobro a carta e guardo-a onde a encontrei. O primeiro sítio aonde decido ir é à morada da casa da Charlie que está no papel. Se não a encontrar lá, talvez possa obter mais informações através da mãe dela ou de qualquer coisa com que me cruze que nos possa ter passado despercebida.

A porta da garagem está fechada quando entro na entrada da casa. Não consigo perceber se está lá alguém. A casa está suja. O caixote do lixo de alguém encontra-se na parte lateral, junto ao passeio, com o lixo a espalhar-se pela rua. Um gato está a esgaravatar o saco. Quando saio do carro, o gato corre para a rua. Olho em volta e dirijo-me para a porta da frente. Não há ninguém, as janelas e portas dos vizinhos estão todas bem fechadas. Bato várias vezes, mas ninguém responde.

Olho em redor uma última vez antes de rodar a maçaneta. *Não está trancada*. Abro a porta sem fazer barulho.

Nas cartas que escrevemos a nós próprios, mencionámos algumas vezes o sótão da Charlie, por isso é o primeiro sítio que procuro. «O sótão da Charlie». Vou conhecer o sótão antes de conhecer a rapariga. Uma das portas está aberta no corredor. Entro e encontro o quarto vazio. Duas camas. Deve ser aqui que a Charlie e a irmã dormem.

Vou até ao roupeiro e olho para o teto, onde encontro a entrada para o sótão.

Empurro a roupa para o lado e um cheiro enche-me o nariz. O cheiro dela? Floral. O cheiro é-me familiar, mas isso é uma loucura, certo? Se não me lembro dela, não tenho como me lembrar do cheiro dela. Uso as prateleiras do armário como escadas e subo.

A única luz no sótão vem da janela do outro lado da divisão. É suficiente para iluminar o recanto para onde vou, mas não muito, por isso pego no telemóvel e ligo a lanterna.

Faço uma pausa e olho para a aplicação aberta no telemóvel. *Como é que eu sabia onde a encontrar e como a ativar?* Gostava de entender a razão para me lembrar de algumas coisas e não de outras. Tento encontrar um ponto em comum entre as memórias, mas não me ocorre nada.

Tenho de me curvar porque o teto começa a ficar demasiado inclinado para me manter de pé. Continuo a atravessar o sótão, em direção a uma área de estar improvisada no lado mais afastado da divisão. Há uma pilha de cobertores com almofadas.

Ela dorme mesmo aqui em cima?

Estremeço ao tentar imaginar alguém que queira passar algum tempo num lugar tão isolado. Ela deve ser solitária.

Tenho de me curvar mais para não bater com a cabeça nas traves. Quando chego à zona que ela preparou para si, olho em volta. Há pilhas de livros ao lado das almofadas. Alguns dos livros que ela usa como mesas, cobertos com fotografias emolduradas.

Dezenas de livros. Pergunto-me se já os leu todos, ou se só precisa deles para se confortar. Talvez os use como um escape da vida real. Pelo aspeto do espaço envolvente, não a censuro.

Inclino-me e pego num. A capa é escura, tem uma casa e uma rapariga, fundindo-se num só elemento. É assustador. Não consigo imaginar-me aqui sentado sozinho, a ler livros destes no escuro.

Pouso o livro onde o encontrei e a minha atenção recai sobre uma arca de cedro encostada à parede. Parece pesada e antiga, como se fosse algo que tivesse sido passado de geração em geração na família dela. Vou até lá e abro a tampa. No interior, há vários livros, todos de capa branca. Pego no primeiro e abro-o.

7 de janeiro a 15 de julho de 2011

Folheio as páginas e vejo que se trata de um diário. Na caixa, debaixo deste, há pelo menos outros cinco.

Ela deve gostar de escrever.

Olho em redor, levantando almofadas e cobertores, à procura de algo onde colocar os diários. Se quero encontrar esta rapariga, preciso de saber os lugares que ela frequenta. Lugares onde ela possa estar, pessoas que possa conhecer. Os diários são a forma perfeita de descobrir essa informação.

A alguns metros de distância, encontro uma mochila vazia e gasta no chão. Pego nela e guardo lá dentro todos os diários. Começo a afastar coisas, a sacudir livros, à procura de qualquer coisa que me possa ajudar. Encontro várias cartas em diferentes sítios, algumas pilhas de fotografias, *post-its* aleatórios. Pego em tudo o que cabe na mochila e volto para a entrada do sótão. Sei que também há algumas coisas no meu quarto, por isso é para lá que vou a seguir, e tentar perceber tudo o mais depressa possível.

Quando chego à entrada, deixo cair primeiro a mochila pelo buraco do sótão. Bate no chão com um forte estrondo e eu estremeço, sabendo que devia ser mais silencioso. Começo a descer as prateleiras uma a uma, tentando imaginar a Charlie a subir e a descer estas escadas improvisadas todas as noites. A vida dela deve ser muito má, se foge para o sótão por opção. Quando chego ao fundo, pego na mochila e levanto-me. Ponho-a aos ombros e dirijo-me para a porta.

Fico paralisado.

Não sei bem o que fazer, porque o agente que bateu no vidro do meu carro há pouco está agora a olhar diretamente para mim.

É ilegal estar em casa da minha namorada?

Uma mulher aparece à porta, atrás do polícia. Os olhos dela estão frenéticos e cheios de rímel, como se tivesse acabado de acordar. Tem o cabelo desgrenhado e, mesmo a alguns metros de distância, consigo sentir o cheiro a álcool que emana.

— Eu disse-lhe que ele estava lá em cima! — grita ela, apontando para mim. — Avisei-o esta manhã para não entrar na minha propriedade e ele voltou!

Esta manhã?

Ótimo. Quem me dera ter-me informado desse facto na carta.

— Silas — diz o polícia. — Importas-te de vir lá fora comigo?

Anuo e dirijo-me cautelosamente para eles. Não me parece que tenha feito alguma coisa de errado, uma vez que ele só me está a pedir para falar com ele. Se assim fosse, ele ter-me-ia lido imediatamente os meus direitos.

— Ele sabe que não devia estar aqui, Grant! — grita a mulher, recuando pelo corredor, em direção à sala de estar. — Ele sabe disso, mas continua a voltar! Ele só está a tentar irritar-me!

Esta mulher odeia-me. E muito. E não saber porquê faz com que seja difícil não pedir desculpa pelo que quer que lhe tenha feito.

— Laura — diz ele. — Vou ter uma conversa com o Silas lá fora, mas tem de se acalmar e afastar-se para eu poder fazer isso.

Ela acede e dá um passo para o lado, olhando para mim quando passamos por ela.

— Tu safas-te de tudo, tal como o teu pai — dispara ela.

Desvio o olhar para que ela não veja a confusão no meu rosto e sigo o agente Grant até à rua, com a mochila ao ombro.

Felizmente, a chuva abrandou. Continuamos a andar até estarmos junto do meu carro. Ele vira-se para mim, e eu não faço ideia se serei capaz de responder às perguntas que está prestes a fazer-me, mas espero que não sejam muito específicas.

— Porque é que não estás na escola, Silas?

Eu cerro os lábios e penso na resposta para isso.

— Eu… — Olho por cima do ombro dele para um carro que passa. — Estou à procura da Charlie.

Não sei se devia ter dito isto. Se não era suposto a polícia saber que ela estava desaparecida, eu teria esclarecido isso na carta. Mas na carta está apenas que eu precisava de fazer tudo o que pudesse para a encontrar, e comunicar o desaparecimento dela parece-me ser o primeiro passo.

— Como assim? Porque é que ela não está na escola?

Encolho os ombros.

— Não sei. Ela não telefonou, a irmã não tem notícias dela, e não apareceu na escola hoje. — Aponto para trás, na direção da casa. — A mãe dela está obviamente bêbeda demais para dar pela falta da filha, por isso pensei tentar encontrá-la eu mesmo.

O agente inclina a cabeça, mas mais por curiosidade do que por preocupação.

— Quem foi a última pessoa que a viu? E quando?

Engulo enquanto me mexo desconfortavelmente, tentando lembrar-me do que estava escrito na carta sobre a noite passada.

— Eu. Ontem à noite. Discutimos e ela recusou-se a ir para casa comigo.

O agente Grant faz sinal para que alguém atrás de mim venha ter connosco. Viro-me e a mãe da Charlie está de pé junto da porta aberta. Ela atravessa a soleira e caminha até nós.

— Laura, sabe onde está a sua filha?

Ela revira os olhos.

— Está na escola, onde é suposto estar.

— Não está — interrompo.

O agente Grant mantém o olhar fixo na Laura.

— A Charlie voltou para casa ontem à noite?

A Laura olha para mim e depois volta a olhar para o agente.

— É claro que sim — responde ela. A voz diminui no final, como se não tivesse a certeza.

— Ela está a mentir — contraponho.

O agente Grant levanta uma mão para me calar, continuando a dirigir as suas perguntas à Laura.

— A que horas é que ela chegou a casa?

Consigo ver a confusão tomar conta do rosto da Laura. Ela encolhe os ombros.

— Eu pu-la de castigo por ter faltado às aulas esta semana. Por isso, estava no sótão, acho eu.

Reviro os olhos.

— Ela nem sequer estava em casa! — digo, levantando a voz. — Esta mulher estava obviamente demasiado bêbeda para saber se a própria filha estava em

casa!

Ela encurta a distância entre nós e começa a bater com os punhos nos meus braços e no meu peito.

— Sai da minha propriedade, seu filho da mãe!

O agente agarra-a com firmeza pelos braços e dirige o olhar para a minha carrinha.

— Pela última vez, Nash. Volta para a escola.

A Laura debate-se nos braços dele, tentando libertar-se. Ele mantém-na bem presa, sem se deixar afetar pelos movimentos dela. Parece algo tão normal para ele que fico a pensar se ela já terá chamado a polícia por minha causa antes.

— Mas… e a Charlie?

Fico confuso por mais ninguém parecer estar preocupado com o desaparecimento dela. Especialmente a própria mãe.

— Como a mãe dela disse, ela deve estar na escola. Seja como for, ela estará no jogo hoje à noite. Falamos nessa altura.

Aquiesço, mas sei perfeitamente que não vou voltar para a escola. Vou pegar na mochila com os segredos da Charlie e vou diretamente para minha casa para encontrar mais.

16

Silas

A primeira coisa que faço quando entro em minha casa é parar. Nada me parece familiar, nem sequer os quadros nas paredes. Espero alguns segundos, para absorver o que vejo.

Podia procurar em casa ou nas fotografias, mas provavelmente já o fiz. Tenho pouco tempo e, se quero descobrir o que aconteceu à Charlie — o que *nos* aconteceu —, tenho de me concentrar nas coisas que não perdemos tempo a fazer antes.

Encontro o meu quarto e vou diretamente ao armário, à prateleira que contém todas as outras coisas que recolhemos. Disponho tudo na minha cama, incluindo o conteúdo do saco. Reviro todos os objetos, tentando perceber por onde começar. Há tanta coisa. Pego numa caneta para tomar nota de tudo o que encontro e que possa ser útil, para a eventualidade de me esquecer de tudo outra vez.

Sei muitas coisas sobre a minha relação com a Charlie ultimamente, mas parece que não passa disso. Não sei quase nada sobre como decidimos namorar ou como as nossas famílias se afastaram. Não sei se isso sequer influenciou o que nos aconteceu, mas acho que o melhor sítio para começar é pelo princípio.

Pego num dos bilhetes mais antigos endereçados à Charlie, algo que eu próprio escrevi. Tem a data de há mais de quatro anos e é uma das muitas cartas que tirei do sótão dela. Talvez ler estas palavras sob a minha perspetiva me ajude

a perceber que tipo de pessoa sou, mesmo que esta carta tenha mais de quatro anos.

Sento-me na cama, encosto-me à cabeceira e começo a ler.

Charlie,

Lembras-te de uma única vez que tenhamos ido de férias um sem o outro? Estive a pensar nisso hoje. Sobre o facto de nunca sermos só eu e a minha família direta. São sempre os nossos pais, o Landon, a Janette, tu e eu.

Uma grande família feliz.

Também não sei se alguma vez passámos uma festividade separados. Natal, Páscoa, Ação de Graças. Partilhamo-las sempre juntos, em nossa casa ou na tua. Talvez seja por isso que nunca senti que éramos só eu e o meu irmão mais novo. Sempre senti que tinha um irmão e duas irmãs. E não consigo imaginar não me sentir assim, como se fizesses parte da minha família.

Mas tenho medo de ter destruído isso. E nem sequer sei o que te dizer, porque não quero pedir desculpa por te ter beijado ontem à noite. Sei que me devia arrepender, e sei que devia fazer tudo o que pudesse para compensar o facto de ter arruinado oficialmente a nossa amizade, mas não me arrependo. Há muito tempo que queria cometer esse erro.

Tenho tentado perceber quando é que os meus sentimentos por ti mudaram, mas esta noite percebi que não mudaram. Os meus sentimentos por ti, como minha melhor amiga, não mudaram de todo, apenas evoluíram.

Sim, eu amo-te, mas agora estou apaixonado por ti. E em vez de olhar para ti como se fosses apenas a minha melhor amiga, agora és a minha melhor amiga que eu quero beijar.

E, sim, eu amei-te como um irmão ama uma irmã. Mas agora amo-te como um rapaz ama uma rapariga.

Por isso, apesar daquele beijo, prometo que nada mudou entre nós. Apenas se tornou algo mais. Algo muito melhor.

Ontem à noite, quando estavas deitada ao meu lado nesta cama, a olhar

para mim sem fôlego de tanto rir, não consegui conter-me. Tantas vezes me tiraste o fôlego ou me fizeste sentir como se o meu coração estivesse preso dentro do meu estômago. Mas a noite passada foi mais do que qualquer rapaz de 14 anos poderia aguentar. Por isso peguei no teu rosto com as minhas mãos e beijei-te, tal como sonhava fazer há mais de um ano.

Ultimamente, quando estou perto de ti, sinto-me demasiado embriagado para falar contigo. E nunca sequer provei álcool, mas tenho a certeza de que a sensação que tive ao beijar-te é semelhante à de se estar bêbedo. Se for esse o caso, já estou preocupado com a minha sobriedade, porque vejo-me a ficar viciado em beijar-te.

Não sei nada de ti desde o momento em que saíste de debaixo de mim e do meu quarto ontem à noite, por isso começo a ficar preocupado com a possibilidade de não te lembrares desse beijo da mesma forma que eu. Não atendeste o telemóvel. Não respondeste às minhas mensagens. Então, escrevo-te esta carta para o caso de precisares de ser lembrada do que realmente sentes por mim.

Porque parece que estás a tentar esquecer.

Por favor, não esqueças, Charlie.

Nunca deixes que a tua teimosia te leve a acreditar que o nosso beijo foi errado.

Nunca te esqueças de como foi bom quando os meus lábios finalmente tocaram os teus. Nunca deixes de precisar que eu te beije daquela maneira outra vez.

Nunca te esqueças da forma como te aproximaste, querendo sentir o meu coração a bater dentro do teu peito.

Nunca me impeças de te beijar no futuro, quando uma das tuas gargalhadas me fizer desejar fazer parte de ti outra vez.

Nunca deixes de querer que eu te abrace como finalmente te abracei ontem à noite.

Nunca te esqueças de que eu fui o teu primeiro beijo verdadeiro. Nunca te esqueças de que serás o meu último. E nunca deixes de me amar entre todos eles.

Nunca deixes, Charlie.
Nunca te esqueças.
Silas

Não sei quanto tempo fico a olhar para a carta. O tempo suficiente para ficar confuso sobre como ela me faz sentir. Como é que, apesar de não conhecer esta rapariga, acredito em cada palavra desta carta? E talvez até as sinta um pouco. A minha pulsação começa a acelerar, porque fiz tudo o que podia na última hora para a encontrar, e a necessidade de saber que ela está bem é iminente. Estou preocupado com ela.

Preciso de a encontrar.

Pego noutra carta para procurar mais pistas, quando o meu telemóvel toca. Atendo sem olhar para o identificador de chamadas. Não vale a pena filtrar as chamadas, uma vez que não conheço nenhuma das pessoas que me podem ligar.

— Estou?

— Sabes que esta noite é um dos jogos mais importantes da tua carreira futebolística, certo? Por que raio não estás na escola?

A voz é forte e zangada.

Deve ser o meu pai.

Afasto o telemóvel do ouvido e olho para ele. Não faço ideia do que dizer. Preciso de ler mais cartas para saber como é que o Silas responde ao pai. Preciso de saber mais sobre estas pessoas que parecem saber tudo sobre mim.

— Estou? — repito.

— Silas, não sei o que é que se passa…

— Não te consigo ouvir — digo mais alto. — Estou?

Antes que ele possa falar novamente, desligo a chamada e deixo o telemóvel na cama. Encho a mochila com cartas e diários. Apresso-me a sair porque não devia estar aqui. Pode aparecer alguém com quem ainda não estou preparado para interagir.

Alguém como o meu pai.

17

Charlie

Onde é que estou?

Essa é a primeira pergunta. E depois: *Quem sou eu?*

Abano a cabeça, como se este simples gesto pudesse fazer com que o meu cérebro voltasse a funcionar. Normalmente, as pessoas acordam e sabem quem são… *não é*? O meu coração dói por bater tão depressa. Tenho medo de me levantar, medo do que vou ver quando o fizer.

Sinto-me confusa… atordoada, por isso começo a chorar. É estranho não sabermos quem somos, mas percebermos que não somos chorões? Estou tão zangada comigo mesma por estar a chorar que enxugo com força as lágrimas e me endireito, batendo com a cabeça com força nas barras de metal da cama. Estremeço e esfrego a cabeça.

Estou sozinha. Isso é bom.

Não sei como explicar a alguém que não faço a mínima ideia de quem sou ou onde estou. Estou numa cama. Num quarto. É difícil dizer que tipo de quarto, porque está muito escuro. Não tem janelas. Uma lâmpada pisca no teto, numa espécie de código Morse tremeluzente. Não é suficientemente forte para iluminar a pequena divisão, mas consigo ver que o chão é de tijoleira branca brilhante e as paredes são brancas, e não têm nada, exceto uma pequena televisão afixada à parede.

Há uma porta. Levanto-me para ir até ela, mas sinto um peso no estômago

quando coloco os pés um em frente do outro. *Vai estar trancada, vai estar trancada…*

Está trancada.

Sinto-me em pânico, mas acalmo-me, e digo a mim própria para respirar. Estou a tremer quando encosto as costas à porta e olho para o meu corpo. Estou a usar uma bata de hospital e meias. Passo as mãos pelas pernas para ver se estão peludas, mas não estão muito. Isso significa que me depilei recentemente? Tenho cabelo preto. Puxo uma madeixa para a frente do rosto para a examinar. Nem sequer sei o meu nome. Isto é de loucos. Ou talvez eu seja louca. *Sim. Oh, meu Deus*. Estou num hospital psiquiátrico. É a única coisa que faz sentido. Viro-me e bato à porta.

— Olá?

Encosto o ouvido à porta e tento ouvir alguma coisa. Ouço uma espécie de zumbido leve. Um gerador? Um ar condicionado? É algum tipo de máquina. Fico arrepiada.

Corro para a cama e encolho-me num canto para poder ver a porta. Encosto os joelhos ao peito, com a respiração pesada. Estou assustada, mas tudo o que posso fazer é esperar.

18

Silas

A alça da mochila enterra-se-me no ombro enquanto abro caminho pela multidão de alunos no corredor. Finjo saber o que estou a fazer — para onde vou —, mas não sei nada. Para mim, esta é a primeira vez que entro nesta escola. A primeira vez que vejo a cara destas pessoas. Elas sorriem-me, cumprimentam-me com a cabeça. Retribuo o melhor que consigo.

Avanço pelos corredores, olhando para os números nos cacifos até encontrar o meu. Segundo o que escrevi, estive aqui esta manhã, há algumas horas, à procura neste cacifo. É óbvio que não encontrei nada na altura, por isso estou certo de que não vou encontrar nada agora.

Quando, por fim, me encontro de frente para o meu cacifo, sinto a esperança que nem sequer sabia que tinha a evaporar-se. Acho que uma parte de mim acalentava a esperança de encontrar a Charlie ali, a rir-se da partida genial que me tinha pregado. De que esta confusão acabasse.

Não tenho essa sorte, obviamente.

Insiro primeiro a combinação do cacifo da Charlie e abro-o na tentativa de encontrar algo que nos tenha escapado antes. Quando estou a revirar o cacifo dela, sinto alguém a aproximar-se por trás de mim. Não me quero voltar e ter de interagir com um rosto desconhecido, por isso finjo que não reparo, contando que se vá embora.

— Do que é que estás à procura?

É a voz de uma rapariga. Como não faço ideia de como é a voz da Charlie, viro-me, esperando que seja ela. Mas, em vez disso, deparo com alguém que não é a Charlie a olhar para mim. Com base no aspeto dela, presumo que seja a Annika. Encaixa na descrição que a Charlie escreveu dos nossos amigos nos apontamentos.

Olhos grandes, cabelo escuro encaracolado, olha para nós com ar entediado.

— Estou só à procura de uma coisa — murmuro, voltando a virar-me para o cacifo da Charlie. Não encontro pista nenhuma, por isso fecho o cacifo e começo a inserir a combinação do meu próprio cacifo.

— A Amy disse que a Charlie não estava em casa esta manhã quando a foi buscar. A Janette nem sequer sabia onde ela estava — comenta a Annika. — Onde é que ela está?

Encolho os ombros e abro o meu cacifo, tentando disfarçar que estou a ler a combinação num pedaço de papel que tenho na mão.

— Não sei. Ainda não tive notícias dela.

A Annika fica imóvel, em silêncio, até eu acabar de procurar no meu cacifo. O telemóvel que tenho no bolso começa a tocar. É novamente o meu pai.

— Silas! — grita alguém que está a passar.

Olho para cima e vejo o meu reflexo, mas mais novo e menos… *intenso*.

O Landon.

— O pai quer que lhe ligues! — grita ele, caminhando de costas na direção oposta.

Seguro no telemóvel com o ecrã voltado para ele, para que ele saiba que já sei disso. Ele abana a cabeça, dá uma gargalhada e desaparece no corredor. Quero pedir-lhe que volte. Tenho tantas perguntas para lhe fazer, mas sei que tudo isto pareceria uma loucura.

Pressiono um botão para ignorar a chamada e volto a meter o telemóvel no bolso. A Annika ainda está aqui parada, e não faço ideia de como me livrar dela. O antigo Silas parecia não gostar de compromissos, por isso espero que a Annika não seja uma das suas conquistas.

O antigo eu está a tornar as coisas difíceis ao novo eu.

Quando começo a dizer-lhe que tenho de ir para a minha quarta aula, vejo uma

rapariga por cima do ombro da Annika. Os meus olhos cruzam-se com os dela, e ela desvia o olhar imediatamente. Percebo pela maneira como se afasta furtivamente que deve ser a rapariga a quem a Charlie chamou Camarão nos nossos apontamentos. Porque se parece um pouco com um camarão: pele rosada, cabelo claro e olhos escuros e brilhantes.

— Ei! — grito.

Ela continua a seguir na direção oposta.

Afasto a Annika e corro atrás da rapariga. Grito «Ei» novamente, mas ela acelera e encolhe-se ainda mais, nunca se voltando para trás. Eu devia saber o nome dela. Ela era capaz de parar se eu chamasse pelo nome dela. Tenho a certeza de que gritar «Ei, Camarão!» não cairia muito bem.

Que alcunha! Os adolescentes são muito cruéis. Tenho vergonha de ser um.

Mesmo antes de ela conseguir agarrar no puxador da porta da sala de aulas, eu deslizo para a sua frente e encosto-me à porta. Ela dá um passo atrás, surpreendida por eu estar a falar com ela. Agarra os livros contra o peito e olha em redor, mas estamos no fundo do corredor e não há ninguém à nossa volta.

— O que… o que é que queres? — pergunta ela num sussurro.

— Viste a Charlie?

A pergunta parece surpreendê-la mais do que o facto de eu estar a falar com ela. Afasta-se mais um passo de mim.

— Como assim? — pergunta de novo. — Ela não anda à minha procura, pois não?

A voz dela parece assustada.

Porque é que ela teria medo da Charlie?

— Ouve — digo, perscrutando o corredor para me certificar de que ninguém nos ouve. Volto a olhar para ela e percebo que está a suster a respiração. — Preciso de um favor, mas não quero falar disso aqui. Podemos encontrar-nos depois das aulas?

De novo, uma expressão de surpresa. Ela nega imediatamente com um movimento de cabeça. A hesitação dela em ter algo que ver comigo ou com a Charlie desperta o meu interesse. Ou sabe alguma coisa e não quer dizer, ou sabe algo e não faz ideia de que isso me pode ajudar.

— Só uns minutos… — imploro.

Ela abana de novo a cabeça quando alguém começa a caminhar na nossa direção. Eu interrompo a conversa e não lhe dou hipótese de recusar de novo.

— Vem ter comigo ao meu cacifo depois das aulas. Tenho umas perguntas para te fazer — digo-lhe, antes de me afastar.

Não olho para ela. Caminho pelo corredor, ainda que sem destino certo. Provavelmente deveria ir ao ginásio e procurar o meu cacifo lá. Segundo o que li nos nossos apontamentos, no balneário há uma carta que ainda não li, juntamente com algumas fotografias.

Dobro a esquina em passo apressado e vou de encontro a uma rapariga, que deixa cair a mala. Murmuro um pedido de desculpas, contorno-a e continuo o meu caminho pelo corredor.

— Silas! — grita ela.

Paro.

Merda. Não faço ideia de quem ela é.

Viro-me devagar e vejo que está parada e puxar a alça da mala para o ombro. Espero que ela diga mais alguma coisa, mas limita-se a olhar para mim. Uns segundos depois, ergue as mãos no ar.

— Então? — diz ela, frustrada.

Inclino a cabeça, confuso. Está à espera de um pedido de desculpas?

— Então… *o quê*?

Ela bufa e cruza os braços.

— Encontraste a minha irmã?

Janette. É a irmã da Charlie, a Janette. Merda.

Imagino que já seja suficientemente difícil procurar uma pessoa desaparecida, mas tentar procurá-la quando não fazemos a mais pequena ideia de quem somos, de quem ela é, ou de quem são todos os outros, parece-me uma missão impossível.

— Ainda não — digo-lhe. — Ainda estou à procura. E tu?

Ela dá um passo em frente e encolhe o queixo.

— Achas que se eu a tivesse encontrado te estava a perguntar se *tu* a encontraste?

Dou um passo atrás e crio uma distância segura do olhar fulminante dela.

Entendi. Então a Janette não é uma pessoa muito agradável. Devia escrever isso nos apontamentos para referência futura.

Ela tira o telemóvel da mala.

— Vou ligar à polícia — informa-me. — Estou mesmo preocupada com ela.

— Eu já falei com a polícia.

Ela olha para mim.

— Quando? O que é que eles disseram?

— Estive em tua casa. A tua mãe chamou a polícia quando me encontrou no sótão à procura da Charlie. Eu disse ao agente que ela está desaparecida desde ontem à noite, mas a tua mãe deu a entender que era exagero meu, por isso não me levaram a sério.

A Janette resmunga.

— Típico! Bem, vou ligar-lhes de novo. Tenho de ir lá para fora por causa da rede. Eu depois digo-te o que eles disseram.

Ela contorna-me para se dirigir ao exterior. Depois de ela se afastar, sigo na direção de onde acho que fica o ginásio.

— Silas — diz alguém, atrás de mim.

Estão a brincar comigo. Será que não consigo dar dois passos sem ter alguém a chamar por mim?

Viro-me para olhar para quem quer que me está a fazer perder tempo e vejo uma rapariga — ou melhor, uma mulher — que encaixa perfeitamente na descrição da Avril Ashley.

Isto é exatamente o que *não* preciso neste momento.

— Podes ir comigo até ao meu gabinete, por favor?

Eu aperto a nuca e abano a cabeça.

— Não posso, Avril.

Ela não revela nada do que está a pensar. Olha apenas para mim com um ar estoico e depois diz:

— O meu gabinete. Agora.

Vira-se e segue pelo corredor.

Penso correr na direção oposta, mas chamar a atenção negativamente não é

uma boa ideia. Sigo-a, relutante, até ela chegar à secretaria. Passamos pela secretária e entramos no gabinete dela. Eu afasto-me quando ela fecha a porta, mas não me sento. Observo-a atentamente, se bem que ela ainda não olhou para mim.

Vai até à janela e olha lá para fora, envolvendo o corpo com os braços. O silêncio é, no mínimo, constrangedor.

— Queres explicar-me o que aconteceu na sexta-feira à noite? — pergunta ela.

Começo imediatamente a procurar na minha memória recente aquilo a que ela se poderá estar a referir.

Sexta-feira, sexta-feira, sexta-feira.

Sem os apontamentos à minha frente, não chego lá. Não há maneira de me lembrar de todos os pormenores do que li nas últimas duas horas.

Quando não consigo responder, ela ri-se baixinho.

— Tu não existes — diz ela, virando-se agora para mim. Tem os olhos vermelhos, ainda que secos. — O que é que te deu para bateres no meu pai?

Ah. O restaurante. A briga com o dono, o pai do Brian.

Espera.

Endireito-me e os pelos no meu pescoço arrepiam-se. A Avril Ashley é *irmã* do Brian Finley? Como é que isso é possível? E porque é que eu e a Charlie estaríamos envolvidos com eles?

— Teve alguma coisa que ver com ela? — pergunta-me.

Ela está a atirar-me demasiadas coisas ao mesmo tempo. Agarro a nuca novamente e aperto-a para me acalmar. A Avril parece não se importar com o facto de eu não estar com disposição para discutir isto agora. Dá vários passos rápidos na minha direção, e toca com o dedo no meu peito.

— O meu pai ofereceu-lhe um emprego, sabias? Não sei o que andas a tramar, Silas. — Ela vira-se e volta para a janela, mas depois levanta as mãos em sinal de frustração e olha para mim. — Primeiro, entras aqui há três semanas e ages como se a Charlie estivesse a destruir a tua vida por causa do envolvimento dela com o Brian. Fazes-me sentir pena de ti. Até me fazes sentir culpada por ser irmã dele. E depois aproveitas-te disso e manipulas-me para que eu te beije, e quando eu finalmente cedo, apareces todos os dias para mais. Depois vais ao

restaurante do meu pai e ataca-lo, e a seguir acabas comigo. — Ela dá um passo atrás e leva a mão à testa. — Fazes ideia dos sarilhos em que me posso meter, Silas? — Então, começa a andar de um lado para o outro. — Eu gostava de ti. Arrisquei o meu *emprego* por ti. Arrisquei a minha relação com o meu próprio *irmão* por ti. — Olha para o teto, com as mãos nas ancas. — Sou uma idiota! Eu sou casada. Sou uma mulher casada e licenciada, e aqui estou eu a meter-me com um aluno só porque ele é atraente e eu sou demasiado tola para saber quando alguém me está a usar.

Demasiada informação. Nem sequer consigo responder enquanto assimilo tudo o que ela disse.

— Se contares isto a alguém, certifico-me de que o meu pai apresenta queixa contra ti — declara ela, com um olhar ameaçador.

A esse comentário eu consigo responder.

— Eu nunca vou contar a ninguém, Avril. Sabes bem que não.

Será que ela sabe? O antigo eu não parecia muito confiável.

Ela mantém os olhos fixos nos meus por uns instantes até parecer satisfeita com a minha resposta.

— Sai. E, se precisares de uma orientadora durante o resto do ano escolar, faz-nos um favor aos dois e muda de escola.

Levo a mão ao puxador da porta e espero que ela diga mais alguma coisa. Como não o faz, tento redimir-me pelo antigo Silas.

— Se servir de alguma coisa… desculpa.

Ela cerra os lábios. Vira-se e caminha furiosa até à secretária.

— Sai do meu gabinete, Silas.

Com todo o prazer.

19

Charlie

Devo ter adormecido. Ouço um sinal sonoro suave e depois o som de metal a deslizar contra metal. Os meus olhos abrem-se e, instintivamente, encosto-me com mais força à parede. Não acredito que adormeci. Eles devem ter-me drogado.

Eles. Estou prestes a descobrir quem são *eles*.

A porta abre-se e a minha respiração acelera enquanto me contorço contra a parede. Um pé, uns simples ténis brancos, e depois… o rosto sorridente de uma mulher. Ela entra a cantarolar e fecha a porta com o pé. Permito-me descontrair ligeiramente. Parece uma enfermeira, vestida com uma bata amarelo-clara. Tem o cabelo escuro, preso num rabo de cavalo baixo. É mais velha, talvez na casa dos 40. Por breves instantes, pergunto-me que idade terei. Levo a mão ao rosto, como se pudesse sentir a minha idade pela pele.

— Olá! — diz ela, alegremente.

Não olha logo para mim. Está atarefada com o tabuleiro de comida.

Abraço com mais força os joelhos. Ela pousa um tabuleiro numa mesinha ao lado da cama e olha para cima pela primeira vez.

— Trouxe-te o almoço. Tens fome?

Almoço. O que terá acontecido ao pequeno-almoço?

Como continuo sem responder, ela sorri e levanta a tampa de um dos pratos para me tentar.

— Hoje é esparguete. Tu gostas de esparguete.

Hoje? Mas há quantos dias estou aqui? Quero perguntar-lhe, mas a minha língua está paralisada de medo.

— Estás confusa. Está tudo bem. Estás segura aqui — assegura ela.

Engraçado, não me *sinto* nada segura.

Ela oferece-me um copo de papel. Eu olho para ele.

— Tens de tomar a medicação — diz ela, abanando o copo.

Ouço o chocalhar de mais de um comprimido no interior. *Estou a ser drogada.*

— Para que são?

Assusto-me com o som da minha própria voz. Rouca. Não a uso há muito tempo, ou tenho gritado muito.

Ela sorri de novo.

— O costume, tontinha.

Ela franze a testa e fica séria de repente.

— Tu sabes o que acontece quando não tomas a medicação, Sammy. Não queres voltar a seguir esse caminho.

Sammy!

Apetece-me chorar porque tenho um nome! Pego no copo. Não sei o que ela quer dizer, mas não quero voltar a seguir *esse* caminho. Esse caminho é provavelmente a razão de eu estar aqui.

— Onde é que eu estou? — pergunto.

Há três comprimidos: um branco, um azul e um castanho.

Ela vira a cabeça para o lado e dá-me um copo de plástico com água.

— Estás no hospital Saint Bartholomew. Não te lembras?

Olho para ela. É suposto lembrar-me? Se eu lhe fizer perguntas, ela é capaz de achar que estou louca, e, pelo que tudo indica, posso já ter enlouquecido mesmo. Não quero piorar as coisas, mas…

Ela suspira.

— Olha, eu estou a ter muita paciência contigo, miúda. Mas desta vez tens de te esforçar mais. Não queremos mais incidentes.

Sou uma miúda. Provoco incidentes. Deve ser por isso que estou presa aqui.

Inclino o copo até sentir os comprimidos na língua. Ela entrega-me a água e

eu bebo-a. Tenho sede.

— Come — diz ela, batendo com as mãos uma na outra.

Puxo o tabuleiro para mim. Tenho muita fome.

— Queres ver um pouco de televisão?

Anuo. Ela é muito simpática. E eu *quero* ver televisão. Ela tira um comando do bolso e liga-a. Está a dar um programa sobre uma família. Estão todos sentados à mesa a jantar. *Onde está a minha família?*

Começo a ficar de novo com sono.

20

Silas

É fantástico o quanto consigo saber simplesmente ficando de boca fechada.

A Avril e o Brian são irmãos.

A Avril é casada, mas eu consegui convencê-la a ter uma relação complicada. E é bastante recente, algo com que eu não contava. Também me parece estranho eu ter ido ter com ela em busca de conforto, sabendo que a Charlie e o Brian estavam juntos.

Tendo em conta o que aprendi sobre o Silas — ou sobre mim mesmo —, não me vejo a querer ficar com ninguém além da Charlie.

Vingança? Talvez eu só estivesse a usar a Avril para obter informações sobre a Charlie e o Brian.

Passo os dez minutos seguintes a pensar no que aprendi enquanto percorro a escola à procura do ginásio. Tudo me parece igual: os rostos, os edifícios, os estúpidos cartazes motivacionais. Acabo por desistir e enfio-me numa sala de aulas vazia. Sento-me numa mesa ao fundo da sala e abro a mochila cheia de coisas do meu passado. Tiro os diários e algumas cartas e organizo-os por data. As cartas são, na sua maioria, da Charlie ou minhas, mas há algumas do pai dela, escritas na prisão. Fico triste com isso. Há algumas de pessoas aleatórias, amigos dela, presumo. Os bilhetes deles para ela irritam-me, cheios de uma angústia adolescente superficial e erros de ortografia. Ponho-os de lado, frustrado. Tenho a impressão de que o que quer que nos esteja a acontecer não tem nada que ver

com outras pessoas.

Decido começar por ler uma das cartas que o pai da Charlie lhe escreveu.

Querida Amendoim,

Lembras-te porque é que te chamo isso, não lembras? Eras tão pequenina quando nasceste. Eu nunca tinha pegado num bebé antes, e lembro-me de dizer à tua mãe: «Ela é tão pequena, parece um amendoim humano!»

Tenho saudades tuas, minha querida. Sei que isto deve ser difícil para ti.

Tens de ser forte, pela tua irmã e pela tua mãe. Elas não são como nós, e precisam que tu resolvas as coisas por elas durante uns tempos. Até eu voltar para casa. Confia em mim, estou a esforçar-me para voltar para casa, para vocês. Entretanto, tenho lido muito. Até li aquele livro de que tu gostaste tanto. O da maçã na capa. Uau! Aquele Edward é… como é que tu disseste… um sonho?

Enfim, queria falar-te de uma coisa importante. Por isso, ouve-me. Eu sei que tu conheces o Silas há muito tempo. Ele é um bom miúdo. Não o culpo pelo que o pai dele fez. Mas tens de te afastar daquela família, Charlize. Não confio neles. Gostava de te poder explicar tudo, e um dia vou fazê-lo. Mas, por favor, afasta-te dos Nashes. O Silas é apenas um peão no jogo do pai dele. Tenho medo de que te usem para me prejudicar. Promete-me, Charlize, que te afastas deles. Disse à mãe que usasse o dinheiro da outra conta para pagar as contas por enquanto. Se tiver de ser, vende os anéis dela. Ela não vai querer, mas fá-lo de qualquer maneira.

Amo-te.

Pai

Leio a carta duas vezes para ter a certeza de que não deixei passar nada. O que quer que tenha acontecido entre os nossos pais foi grave. O homem está na cadeia e, pelo que li na carta, acha que a condenação não foi justa. Faz-me pensar se a culpa não será mesmo do meu pai.

Pouso a carta num monte novo para não a misturar com as restantes. Se eu deixar todas as cartas que podem ter algum significado numa pilha diferente e

ficarmos sem memória de novo, não vamos precisar de perder tempo a ler cartas que não ajudam em nada.

Abro outra carta que parece ter sido lida uma centena de vezes.

Charlie querida,

Ficas mesmo furiosa quando estás esfomeada. Ficas esfuriosa. Nem pareces a mesma pessoa. Não será melhor teres sempre algumas barras de cereais na mala, ou coisa assim? É que estou preocupado com os meus tomates. Os rapazes estão a começar a dizer que me tens preso pelos tomates. E eu sei que é isso que parece. Ontem saí a correr como um louco para te comprar um balde de frango e perdi a melhor parte do jogo. Perdi a maior reviravolta da história do futebol americano. Tudo porque estou assustado muito apaixonado por ti. Se calhar, tens-me mesmo preso pelos tomates. Estavas muito sexy com toda aquela gordura de frango na cara. A arrancar a carne com os dentes como uma selvagem. Meu Deus. Eu só quero casar contigo.

Nunca. Jamais.

Silas

Sinto um sorriso começar a formar-se no meu rosto, mas afasto-o imediatamente. O facto de esta rapariga estar algures por aí e não fazer ideia de quem é ou de onde está não deixa espaço para sorrisos. Pego noutra carta, desta vez para ler alguma coisa que ela me tenha escrito.

Silas querido,

Melhor. Concerto. De. Sempre. És capaz de ser ainda mais fofo do que o Harry Styles, especialmente quando fazes aquele movimento com o ombro e finges que estás a fumar um charuto. Obrigada por nos trancares no armário dos arrumos e por manteres a tua promessa. Gostei MUITO do armário dos arrumos. Espero que um dia possamos repeti-lo em nossa casa. Enfiamo-los lá dentro e curtimos enquanto as crianças estão a dormir. Mas com comida, porque… esfuriosa. E por falar em comida, tenho de ir, porque os miúdos de quem estou a tomar conta estão a despejar um

frasco de pickles na sanita. Ups! Talvez o melhor seja termos um cão.

Nunca. Jamais.

Charlie

Gosto dela. Até gosto de mim com ela.

Sinto uma dor surgir-me aos poucos no peito. Esfrego-o enquanto observo a letra dela. É familiar.

É tristeza. *Lembro-me do que é estar triste.*

Leio outra carta minha para ela, na esperança de saber mais sobre a minha personalidade.

Charlie querida,

Nunca senti tantas saudades tuas como hoje. Foi um dia difícil. Foi um verão difícil, na verdade. A aproximação do julgamento a chegar e a proibição de te ver tornaram oficialmente este ano o pior da minha vida.

E pensar que começou tão bem.

Lembras-te da noite em que entrei pela tua janela? Eu lembro-me bem, mas talvez seja porque ainda o tenho em vídeo e o veja todas as noites. Mas sei que, mesmo que não o tivesse em vídeo, me lembraria de todos os detalhes. Foi a primeira vez que passámos a noite juntos como casal, mesmo sabendo que não deveríamos passar a noite juntos.

Mas acordar e ver o sol pela janela a iluminar-te o rosto fez com que parecesse um sonho. Como se a miúda que esteve nos meus braços durante seis horas não fosse real. Porque era impossível a vida ser tão perfeita e simples como naquele momento.

Sei que às vezes me chateias por causa do quanto gostei daquela noite, mas acho que é porque nunca te disse porquê.

Depois de adormeceres, aproximei a câmara de vídeo de nós. Envolvi-te nos meus braços e ouvi-te respirar até adormecer.

Às vezes, quando tenho dificuldade em adormecer, vejo esse vídeo.

Sei que é estranho, mas é disso que tu gostas em mim. Tu gostas do quanto eu te amo. Porque é mesmo assim. Eu amo-te demasiado. Mais do que alguém merece ser amado. Mas não o consigo evitar. Fazes com que o

amor normal seja difícil. Fazes com que eu te ame de forma psicótica.

Um dia destes, toda esta confusão vai passar. As nossas famílias esquecerão o quanto se magoaram mutuamente. Vão ver a ligação que continuamos a ter e vão ser forçados a aceitá-la.

Até lá, nunca percas a esperança. Nunca deixes de me amar. Nunca te esqueças.

Nunca. Jamais.

Silas

Fecho os olhos e expiro lentamente. Como é possível sentir falta de alguém de quem não me lembro?

Ponho as cartas de lado e começo a percorrer os diários da Charlie. Preciso de encontrar os que falam do que aconteceu com os nossos pais. Parece ter sido o catalisador do nosso namoro. Agarro num e abro-o numa página aleatória.

Odeio a Annika. Oh, meu Deus, ela é tão estúpida.

Passo para outra página. Também odeio um pouco a Annika, mas isso agora não importa.

O Silas fez-me um bolo de aniversário. Estava horrível. Acho que se esqueceu dos ovos. Mas foi o desastre de chocolate mais bonito que eu já vi. Fiquei tão feliz que nem sequer me engasguei quando comi uma fatia. Mas, meu Deus, estava tão mau. Ele é o melhor namorado de sempre.

Quero continuar a ler esta entrada, mas não o faço. Que tipo de idiota é que se esquece dos ovos? Passo algumas páginas à frente.

Levaram o meu pai hoje. Sento-me direito.

Levaram o meu pai hoje. Não sinto nada. Será que os sentimentos vão chegar? Ou talvez sinta tudo. Tudo o que consigo fazer é ficar aqui sentada a olhar para a parede. Sinto-me tão impotente, como se devesse fazer alguma coisa. Tudo mudou, e dói-me o peito. O Silas continua a vir aqui a casa, mas eu não o quero ver. Não quero ver ninguém. Não é justo. Porquê ter filhos se vais fazer uma idiotice e deixá-los? O meu pai diz que não

passa de um mal-entendido e que a verdade virá ao de cima, mas a minha mãe não para de chorar. E não podemos usar os cartões de crédito, porque está tudo congelado. O telemóvel toca incessantemente, e a Janette está sempre sentada na cama dela a chupar o polegar como quando era pequena. Eu só quero morrer. Odeio quem quer que fez isto à minha família. Nem sequer…

Passo algumas páginas à frente.

Temos de sair desta casa. O advogado do meu pai disse-nos hoje. O tribunal apreendeu-a para pagar a dívida dele. Só sei isto porque estava a ouvir à porta do escritório quando ele disse isso à minha mãe. Quando ele se foi embora, ela trancou-se no quarto e recusou-se a sair durante dois dias. Temos de sair daqui a cinco dias. Comecei a embalar algumas das nossas coisas, mas nem sequer sei com o que é que podemos ficar. Ou para onde é suposto irmos. Começou a cair-me cabelo há uma semana. Caem-me madeixas enormes quando o penteio e quando tomo banho. E ontem a Janette meteu-se em sarilhos na escola por ter arranhado uma rapariga no rosto depois de ela ter gozado com ela por o nosso pai estar na cadeia.

Tenho uns dois mil dólares na conta-poupança, mas, a sério, quem é que me arrenda um apartamento? Não sei o que fazer. Ainda não vi o Silas, mas ele vem cá todos os dias. Peço à Janette que o mande embora. Sinto-me tão envergonhada. Toda a gente fala de nós, até os meus amigos. A Annika incluiu-me acidentalmente numa mensagem de grupo onde enviavam uns aos outros memes da prisão. Pensando bem, acho que não foi um acidente. Ela adoraria deitar as mãos ao Silas. Agora é a oportunidade dela. Mal ele perceba a vergonha que a minha família se tornou, não quererá mais nada comigo.

Argh. Que tipo de pessoa era eu? Porque é que ela pensava isso? Eu nunca… acho que eu nunca…

Será…? Fecho o diário e esfrego a testa. Estou a ficar com dores de cabeça, e acho que não estou mais perto de entender tudo isto. Decido ler mais uma

página.

Sinto falta da minha casa. Já não é a minha casa, por isso será que posso continuar a dizer isso? Sinto falta da casa que costumava ser minha. Às vezes vou até lá, fico do outro lado da rua, e deixo a memória fluir. Nem sequer sei se a vida antes de o pai ir para a cadeia era assim tão boa, ou se estávamos apenas a viver numa bolha de luxo. Pelo menos não me sentia assim. Como uma perdedora. A minha mãe passa o tempo a beber. Já nem sequer quer saber de nós. Pergunto-me se alguma vez quis, ou se eu e a Janette éramos apenas acessórios na vida glamorosa dela. Porque agora ela só quer saber de como se está a sentir.

Sinto-me mal pela Janette. Eu, pelo menos, tive uma vida real, com pais reais. Ela ainda é pequena. Isto vai mexer com a cabeça dela, porque ela nunca vai saber como é ter uma família completa. Ela está sempre zangada. Eu também. Ontem gozei com um miúdo até ele começar a chorar. Senti-me bem com isso. Mas também me senti mal. Mas, como dizia o pai, se eu for pior do que os outros, eles não me atingem. Ataco-os até que me deixem em paz.

Estive com o Silas um bocadinho depois das aulas. Ele levou-me a comer um hambúrguer e depois levou-me a casa. Foi a primeira vez que viu o lugar de merda onde moramos agora. Vi o choque no rosto dele. Ele deixou-me e, uma hora depois, ouvi um cortador de relva lá fora. Ele foi a casa buscar o cortador de relva e algumas ferramentas para dar um jeito à casa. Eu queria amá-lo por isso, mas tudo o que senti foi vergonha.

Ele finge que não se importa com o quanto a minha vida mudou, mas eu sei que sim. Tem de se importar. Eu não sou o que costumava ser.

O meu pai tem-me escrito. Disse algumas coisas, mas eu já não quero acreditar. Se ele tiver razão… nem sequer quero pensar.

Procuro entre as cartas do pai dela. A qual se estará a referir? Depois encontro-a. Sinto o estômago às voltas.

Querida Charlize,

Falei ontem com a tua mãe. Ela diz que continuas a ver o Silas. Estou desapontado. Eu avisei-te sobre a família dele. É por causa do pai dele que eu estou na cadeia, mas tu continuas a amá-lo mesmo assim. Imaginas o quanto isso me magoa?

Eu sei que tu achas que o conheces, mas ele é igual ao pai dele. É uma família de víboras. Charlize, por favor, acredita que não estou a tentar magoar-te. Quero manter-te a salvo daquelas pessoas, mas estou preso aqui, atrás destas grades, incapaz de tomar conta da minha própria família. A única coisa que consigo fazer é avisar-te e esperar que me ouças.

Perdemos tudo… a nossa casa, a nossa reputação, a nossa família. E eles continuam com o que era deles, assim como com tudo o que era nosso. Não está certo. Por favor, mantém-te afastada deles. Olha o que fizeram comigo. Connosco.

Por favor, diz à tua irmã que a amo.

Pai

Sinto pena da Charlie depois de ler a carta. Uma rapariga dividida entre um rapaz que obviamente a amava e um pai que a manipulava.

Tenho de visitar o pai dela. Encontro uma caneta e aponto o endereço das cartas que ele lhe enviou. Pego no telemóvel e procuro no *Google*. A prisão fica a cerca de duas horas e meia de Nova Orleães.

Duas horas e meia para cada lado é muito tempo perdido quando só tenho quarenta e oito horas no total. E parece-me que já desperdicei muito desse tempo. Anoto as horas de visita e decido que, se não encontrar a Charlie até amanhã de manhã, vou fazer uma visita ao pai dela. Com base nas cartas que acabei de ler, a Charlie é mais próxima do pai do que de qualquer outra pessoa. Bem, além do velho Silas. E se *eu* não faço ideia de onde ela está, o pai dela é provavelmente uma das poucas pessoas que fará. Pergunto-me se aceitaria encontrar-se comigo.

Quando me recosto no assento, toca a campainha, indicando o fim das aulas. Mantenho as cartas separadas e coloco-as todas bem arrumadas dentro da mochila. É a última aula, e espero que a Camarão esteja onde lhe pedi que

estivesse.

21

Charlie

Estou fechada numa divisão com um rapaz. A divisão parece minúscula e cheira a lixívia. Mais minúscula do que o quarto onde estava antes de adormecer. Não me lembro de ter acordado e de vir para aqui, mas aqui estou eu, e, para ser sincera, não me lembro de muita coisa ultimamente. Ele está sentado no chão encostado à parede, com os joelhos afastados. Vejo-o inclinar a cabeça para trás e cantar o refrão de *Oh Cecelia*. É muito giro.

— Oh, meu Deus — digo. — Se vamos ficar aqui trancados, podes ao menos cantar algo de jeito?

Não sei donde é que tirei aquilo. Nem sequer conheço este rapaz. Ele termina, pontuando a última palavra com um *eh-eh-eh-eh* desafinado. É então que percebo que não só reconheço a canção que ele está a cantar como sei a letra. As coisas mudam, e de repente já não sou a rapariga. Estou a observar a rapariga a observar o rapaz.

Estou a sonhar.

— Tenho fome — diz ela.

Ele ergue as ancas do chão, vasculha o bolso e tira de lá um *Life Saver*.

— És mesmo um salva-vidas — diz ela, aceitando o rebuçado.

Ela dá-lhe um pontapé no pé e ele esboça um sorriso amarelo.

— Porque é que não estás zangada comigo? — pergunta ele.

— Porque é que havia de estar? Por teres dado cabo da nossa noite fazendo-

nos perder o concerto para curtir no armário dos arrumos? Porque é que eu havia de ficar chateada? — Ela prende o rebuçado nos lábios de forma dramática. — Achas que nos vão ouvir aqui quando o concerto acabar?

— Espero que sim. Ou vais ficar mesmo esfuriosa e ser má para mim a noite toda.

Ela ri-se, e depois sorriem um ao outro como idiotas. Ouço a música a tocar. Agora, uma melodia mais lenta. Trancaram-se aqui para curtir. Que fofo. Tenho inveja deles.

Ela rasteja até ele, e ele baixa as pernas para a acomodar. Quando ela está em cima dele, ele acaricia-lhe as costas, para cima e para baixo. Ela tem um vestido roxo e umas botas pretas. Ao lado deles há algumas esfregonas sujas e um balde amarelo gigante.

— Prometo que isto não vai acontecer quando virmos os One Direction — declara ele, com um ar sério.

— Tu odeias os One Direction.

— Pois, mas preciso de te compensar por esta noite. Ser um bom namorado e tal.

As mãos dele provocam a pele exposta das pernas dela. Ele sobe os dedos pela coxa dela. Quase sinto os arrepios por ela.

Desta vez, é ela que lança a cabeça para trás e começa a cantar uma música dos One Direction. Compete com a música que se ouve em fundo, e ela ainda canta pior do que ele.

— Oh, meu Deus — queixa-se ele, cobrindo-lhe a boca. — Amo-te, mas não.

Ele afasta a mão, e ela agarra nela e beija-lhe a palma.

— Pois amas. Eu também te amo.

É quando eles se beijam que eu acordo. Fico desapontada. Fico muito quieta, à espera de adormecer de novo para ver o que viria a seguir. Preciso de saber se saíram a tempo de ver os The Vamps tocarem pelo menos uma música. Ou se ele cumpriu a sua palavra e a levou aos One Direction. A união deles fez-me sentir tão incrivelmente só que enterro a cara na almofada e choro. Gostava mais do quarto abafado deles do que do meu. Começo a cantarolar a melodia da música que estava a tocar e, de repente, fico de pé na cama.

Eles *saíram* mesmo. Durante o intervalo. Consigo ouvir o riso dele e ver a confusão na cara do contínuo que lhes abriu a porta. Como é que eu sei isso? Como é que posso ver algo que nunca aconteceu? A menos que…

Não era um sonho. Aconteceu mesmo. A mim.

Oh, meu Deus. A rapariga era *eu*.

Levo a mão ao rosto, sorrindo um pouco. Ele amava-me. Ele era tão… cheio de vida. Volto a deitar-me, a imaginar o que lhe aconteceu e se ele é o motivo por que estou aqui. Porque é que ele não veio à minha procura? Será possível esquecer um amor daqueles?

E como é que minha vida passou daquilo… para este pesadelo?

22

Silas

As aulas acabaram há quinze minutos. Os corredores estão vazios, mas eu continuo aqui parado, à espera de que a Camarão apareça. Não sei bem o que lhe perguntaria se ela aparecesse. Tive uma sensação quando a vi, uma sensação de que ela estava a esconder qualquer coisa. Talvez seja algo que ela nem saiba que está a esconder, mas quero descobrir o que ela sabe. Porque é que ela odeia tanto a Charlie. Porque é que ela me odeia tanto.

O meu telemóvel toca. É o meu pai novamente. Primo no botão para ignorar a chamada, mas depois vejo que recebi algumas mensagens. Abro-as, mas nenhuma é da Charlie. Não que pudessem ser, já que o telemóvel dela está comigo. Simplesmente aceitei o facto de que ainda me resta a esperança de que tudo isto seja uma brincadeira. Que ela vá telefonar ou enviar uma mensagem ou aparecer para se rir disto.

A mensagem mais recente é do Landon.

> **Landon**: Vem ao treino. Não volto a inventar desculpas por ti, e temos jogo daqui a três horas.

Não faço ideia de como usar o meu tempo mais eficientemente. De certeza que não é indo ao treino, tendo em conta que o que menos me preocupa agora é o futebol. Mas se o treino é onde eu normalmente estou a esta hora, então deveria estar lá no caso de a Charlie aparecer. Afinal de contas, toda a gente acha

que ela vai estar no jogo desta noite. E como não sei mais onde procurar ou o que fazer, acho que vou procurá-la lá. Parece que a Camarão não aceitou o meu pedido.

Encontro finalmente os balneários, e é com alívio que vejo que estão vazios. Todos os outros estão no campo, por isso aproveito a privacidade que tenho para procurar a caixa sobre a qual escrevi nas cartas. Quando a encontro na parte de cima do cacifo, pego nela, sento-me no banco e abro a tampa.

Passo os olhos pelas fotografias. *O nosso primeiro beijo. A nossa primeira discussão. Onde nos conhecemos.* Chego, então, à carta no fundo da caixa. Está endereçada à Charlie, numa caligrafia que já reconheço como sendo minha.

Olho em volta para me certificar de que tenho total privacidade e depois abro-a.

A data é da semana passada. Um dia antes de termos perdido a memória pela primeira vez.

Charlie,

Bem, acho que é isto. O fim de nós dois. O fim da Charlie e do Silas.

Pelo menos não foi uma surpresa. Ambos sabíamos, desde o dia em que o teu pai foi condenado, que não conseguiríamos ultrapassar isso. Tu culpas o meu pai, eu culpo o teu. Eles culpam-se um ao outro. As nossas mães, que costumavam ser melhores amigas, recusam-se a pronunciar o nome uma da outra em voz alta.

Mas pelo menos tentámos, certo? Tentámos muito, mas quando duas famílias estão destroçadas como a nossa, torna-se difícil olhar para o futuro que podemos ter e ficar entusiasmado com ele.

Ontem, quando me abordaste sobre a Avril, eu neguei. Aceitaste a minha negação, porque sabes que nunca te minto. De alguma forma, sempre pareceste saber o que se passa na minha cabeça antes mesmo de eu saber, por isso nunca questionas se estou a dizer a verdade ou não, porque já sabes.

E é isso que me chateia, teres aceitado tão facilmente a minha mentira,

quando sei que sabes que é verdade. E isso leva-me a acreditar que eu tinha razão. Não andas com o Brian porque gostas dele. Não andas com ele nas minhas costas para te vingares de mim. A única razão pela qual estás com ele é porque estás a tentar castigar-te. E aceitaste a minha mentira porque, se acabasses comigo, isso iria aliviar-te da tua culpa.

Tu não queres ser aliviada da tua culpa. A culpa é a tua forma de te castigares pelo teu comportamento recente e, sem ela, não serás capaz de tratar as pessoas como as tens tratado.

Eu sei isto sobre ti, porque eu e tu, Charlie, somos iguais. Por mais que estejas a tentar parecer forte, sei que, no fundo, o teu coração sofre na presença da injustiça. Sei que cada vez que atacas alguém, isso faz-te estremecer por dentro. Mas fazes isso porque achas que tens de o fazer.

Porque o teu pai está a manipular-te para acreditares que, se fores vingativa o suficiente, as pessoas não te tocarão.

Disseste-me uma vez que demasiadas coisas boas na vida de uma pessoa impedem o seu crescimento. Disseste que a dor é necessária, porque para uma pessoa ter sucesso, tem de aprender primeiro a vencer a adversidade. E é isso que tu fazes… crias adversidade onde achas melhor. Talvez o faças para ganhar respeito. Para intimidar. Sejam quais forem as tuas razões, não posso continuar a fazer isto. Não posso ver-te a destruir pessoas para te fortaleceres.

Prefiro amar-te quando estás no fundo do que desprezar-te quando estás no topo.

Não tem de ser assim, Charlie. Podes amar-me, apesar do que o teu pai diz. Podes ser feliz. O que não podes permitir é que a negatividade te sufoque até deixarmos de respirar o mesmo ar.

Quero que deixes de ver o Brian. Mas também quero que deixes de me ver. Quero que pares de tentar encontrar uma forma de libertar o teu pai. Quero que deixes de permitir que ele te engane. Quero que deixes de te ressentir comigo sempre que defendo o meu próprio pai.

Ages de uma forma à frente de toda a gente, mas à noite, quando estou ao telemóvel contigo, vejo a verdadeira Charlie. Vai ser uma tortura

absoluta não marcar o teu número e ouvir a tua voz antes de ir dormir todas as noites, mas não posso continuar a fazer isto. Não posso amar apenas essa parte de ti, a parte verdadeira de ti. Quero amar-te quando falo contigo à noite e também quero amar-te quando te vejo durante o dia, mas estás a começar a mostrar dois lados diferentes de ti.

E eu só gosto de um desses lados.

Por muito que tente, não consigo imaginar como deves estar magoada desde que o teu pai se foi embora. Mas não podes deixar que isso mude quem tu és. Por favor, para de te preocupares com o que as outras pessoas pensam. Para de permitir que as ações do teu pai te definam. Descobre o que fizeste com a Charlie por quem me apaixonei. E quando a encontrares, eu estarei aqui. Já te disse antes que nunca deixarei de te amar. Nunca esquecerei o que temos.

Mas, ultimamente, parece que te esqueceste.

Juntei algumas fotografias que quero que vejas. Espero que te ajudem a recordar o que podíamos ter de novo um dia. Um amor que não fosse ditado pelos nossos pais ou definido pelo nosso estatuto familiar. Um amor que não poderíamos conter mesmo que tentássemos. Um amor que nos ajudou a ultrapassar alguns dos momentos mais difíceis das nossas vidas.

Nunca te esqueças, Charlie.

Nunca deixes.

Silas

23

Silas

— Silas, o treinador quer que estejas equipado e no campo em cinco minutos.

Endireito-me quando ouço o som da voz dele. Não fico surpreendido por não reconhecer o tipo que está à entrada da porta dos balneários, mas anuo como se o reconhecesse. Começo a guardar todas as fotografias e cartas da caixa na mochila e arrumo-a no cacifo.

Eu ia acabar com ela.

Pergunto-me se acabei mesmo com ela. Mas ainda tenho a carta. Foi escrita um dia antes de perdermos as nossas memórias.

A nossa relação estava obviamente a entrar num declínio rápido. Se calhar dei-lhe a caixa e ela leu a carta e depois devolveu-ma?

Infinitas possibilidades e teorias atormentam a minha mente enquanto tento vestir o equipamento de futebol. Acabo por ter de procurar no *Google* como o fazer. Quando entro em campo, já se passaram pelos menos dez minutos. O Landon é o primeiro a reparar em mim. Sai da formação e corre na minha direção. Pousa as mãos nos meus ombros e inclina-se.

— Estou farto de inventar desculpas por ti. Esquece a merda que te está a dar cabo da cabeça. Tens de te concentrar, Silas. Este jogo é importante, e o pai vai ficar fulo se estragares tudo.

Depois solta-me os ombros e corre de volta para o campo. Os rapazes estão todos alinhados, fazendo o que parece ser um monte de nada. Alguns deles estão

a passar bolas de futebol para trás e para a frente. Outros estão sentados na relva, a fazer alongamentos. Eu sento-me na relva ao lado do Landon e começo a gozar com os movimentos dele.

Gosto dele. Só me lembro de duas conversas que tivemos na vida, e em ambas o Landon estava a dar-me algum tipo de ordem. Eu sei que sou o irmão mais velho, mas ele parece agir como se eu o tratasse com respeito. Tínhamos de ser próximos. Percebo pela forma como olha para mim que está desconfiado do meu comportamento. Conhece-me suficientemente bem para saber que se passa alguma coisa.

Tento aproveitar-me disso. Alongo a perna e aproveito para me inclinar para a frente.

— Não consigo encontrar a Charlie — digo-lhe. — Estou preocupado com ela.

O Landon ri-se baixinho.

— Eu já devia saber que isto tinha que ver com ela.

Ele troca de pernas e olha para mim.

— E o que queres dizer com não conseguires encontrá-la? O telemóvel dela estava no teu carro esta manhã. Ela não te consegue telefonar se não o tem. Provavelmente está em casa.

Aceno em negação.

— Ninguém sabe nada dela desde ontem à noite. Ela nunca chegou a casa. A Janette deu-a como desaparecida há uma hora.

Os olhos dele fixam-se nos meus, e vejo a expressão a mudar para preocupação.

— E a mãe dela?

Abano a cabeça.

— Tu sabes como ela é. Não será grande ajuda.

O Landon assente.

— É verdade — concorda. — É uma pena o que tudo isto provocou nela.

As suas palavras fazem-me pensar. Se ela não foi sempre assim, o que é que a fez mudar? Talvez a sentença a tenha destruído. Sinto um pouco de pena da mulher. Mais do que senti esta manhã.

— O que é que a polícia disse? Duvido que a considerem uma pessoa desaparecida se tudo o que ela fez foi faltar às aulas hoje. Precisam de mais provas do que isso.

A palavra «provas» mexe comigo mal sai da boca dele.

Não queria admitir isto a mim próprio, porque quero concentrar-me em encontrá-la, mas, no fundo, não deixo de estar preocupado comigo mesmo. Se ela estiver de facto desaparecida e não aparecer em breve, tenho a sensação de que a única pessoa que a polícia estará interessada em interrogar é a última pessoa que a viu. E, tendo em conta que tenho a mala dela, o telemóvel e todas as cartas e diários que ela escreveu, isso não é nada bom para o Silas Nash.

Se me interrogarem, como é que vou saber o que lhes dizer? Não me lembro das nossas últimas palavras. Não me lembro do que ela estava a usar. Nem sequer tenho uma desculpa válida para ter todos os seus pertences. Um polígrafo indicaria qualquer resposta que lhes desse como mentira porque não me lembro de nada disso.

E se lhe aconteceu alguma coisa e eu sou mesmo o responsável? E se eu tiver sofrido algum tipo de choque e esse for o motivo pelo qual não me lembro de nada? E se eu a magoei e esta é a forma de a minha mente me convencer de que não o fiz?

— Silas? Estás bem?

Pestanejo e encaro o Landon. *Tenho de esconder as provas.*

Pressiono as palmas das mãos no chão e levanto-me de um salto. Viro-me e corro na direção dos balneários.

— Silas! — grita ele.

Eu continuo a correr. Corro até chegar ao edifício, e empurro a porta com tanta força que bate na parede. Corro diretamente para o meu cacifo e abro-o.

Meto a mão lá dentro, mas não sinto nada.

Não.

Toco nas paredes, no fundo do cacifo, passo as mãos por cada centímetro vazio.

Não há nada.

Enredo as mãos pelo cabelo e começo a girar, perscrutando todo o balneário,

na esperança de ter deixado a mochila no chão. Abro o cacifo do Landon e esvazio-o. Também não está lá dentro. Abro o cacifo seguinte e faço o mesmo. Abro o seguinte. Nada.

A mochila não está em lado nenhum.

Ou estou a ficar maluco ou alguém esteve aqui.

— Merda. Merda, merda, merda.

Quando todos os pertences que existiam dentro da fila de cacifos estão espalhados no chão, passo para a outra parede de cacifos e começo a fazer o mesmo. Vasculho as mochilas das outras pessoas. Esvazio os sacos de ginástica, atirando a roupa para longe. Encontro tudo e mais alguma coisa, desde telemóveis a dinheiro e preservativos.

Mas nenhuma carta. Nenhum diário. Nem fotografias.

— Nash!

Viro-me e vejo um homem à porta, a olhar para mim como se não fizesse ideia de quem sou ou do que me deu. *Já somos dois.*

— Que raio estás a fazer?

Olho à minha volta para a confusão que fiz. Parece que o espaço foi apanhado por um tornado.

Como é que vou sair desta?

Acabei de vandalizar todos os cacifos. E que explicação é que eu lhes poderia dar? *Estou à procura de provas roubadas para que a polícia não me prenda pelo desaparecimento da minha namorada?*

— Alguém… — Volto a apertar a nuca. Deve ser um dos meus velhos tiques, apertar o pescoço para aliviar a tensão. — Alguém roubou a minha carteira — murmuro.

O treinador olha à volta do balneário, e a sua expressão furiosa não lhe abandona o rosto. Aponta para mim.

— Limpa isto, Nash! Já! E depois vai para o meu gabinete!

Ele vai-se embora, deixando-me sozinho.

Não perco tempo. Fico aliviado por ter deixado toda a minha roupa no banco e não no cacifo com as coisas que foram roubadas. As minhas chaves ainda estão no bolso das calças. Assim que tiro o equipamento de futebol e volto a vestir a

roupa, saio pela porta, mas não vou na direção dos gabinetes. Dirijo-me diretamente para o parque de estacionamento.

Para o meu carro.

Tenho de encontrar a Charlie. Esta noite.

Caso contrário, posso acabar, completamente indefeso, atrás das grades.

24

Charlie

Ouço a fechadura da porta novamente e sento-me. Os comprimidos que a enfermeira me deu fazem-me sentir sonolenta. Não sei quanto tempo estive a dormir, mas não é possível já ser hora de outra refeição. No entanto, ela entra com outro tabuleiro. Nem sequer tenho fome. Terei terminado o esparguete? Nem sequer me lembro de ter comido. Devo ser bem mais louca do que pensei. Mas tive uma recordação. Devo contar-lhe? Parece-me algo privado. Algo que quero guardar para mim.

— Hora do jantar! — diz ela, pousando o tabuleiro.

Ela levanta a tampa e revela um prato com arroz e salsichas. Olho para a comida cautelosamente, a imaginar se terei de tomar mais comprimidos. Como se me tivesse lido os pensamentos, ela entrega-me o minúsculo copo de papel.

— Ainda está aqui — digo eu, a tentar ganhar tempo. Os comprimidos deixam-me muito mal.

Ela sorri.

— Sim. Toma os teus comprimidos para poderes comer antes que fique frio.

Ela observa-me a pô-los na boca e a beber um gole de água.

— Se te portares bem hoje, podes ir um pouco até à sala de recreio amanhã. Tenho a certeza de que deves estar morta por sair do teu quarto.

O que é exatamente portar-me bem? Até agora não tive muita hipótese de fazer fosse o que fosse.

Como o jantar com um garfo de plástico sempre com os olhos dela postos em mim. Devo ser uma verdadeira delinquente, para ela ter de supervisionar o meu jantar.

— Preferia ir à casa de banho — digo-lhe.

— Come primeiro. Eu volto já e levo-te à casa de banho e tomas um duche.

Sinto-me mais uma prisioneira do que uma paciente.

— Porque é que estou aqui? — pergunto.

— Não te lembras?

— Não estaria a perguntar se me lembrasse — disparo.

Limpo a boca e ela semicerra os olhos.

— Acaba a tua comida — diz ela de modo seco.

Sou tomada por uma fúria em relação à minha situação, em relação à forma como ela controla cada segundo da minha vida, como se tivesse esse direito.

Lanço o prato para a outra ponta do quarto. Este estilhaça-se ao embater na parede junto à televisão. Arroz e salsichas voam por todo o lado.

Soube-me bem. *Mais* do que bem. Fez-me sentir *eu própria*.

Depois rio-me. Lanço a cabeça para trás e rio-me. Um riso profundo, maléfico.

Oh, meu Deus! É por isso que eu estou aqui. *Looouca*.

Vejo-a cerrar o maxilar. Deixei-a furiosa. *Ainda bem.* Levanto-me e corro a apanhar um caco do prato. Não sei o que me deu, mas parece-me acertado. Defender-me parece-me acertado.

Ela tenta agarrar-me, mas eu consigo soltar-me. Apanho um caco afiado de porcelana. Que tipo de hospital psiquiátrico serve a comida em pratos de porcelana? É um desastre anunciado. Seguro o caco voltado para ela e dou um passo em frente.

— Diga-me o que se passa.

Ela não se mexe. Parece muito calma, na verdade.

E é então que a porta atrás de mim provavelmente se abre, pois de repente sinto uma picada forte no pescoço e caio no chão.

25

Silas

Encosto o carro à berma da estrada. Agarro-me ao volante, tentando acalmar-me.

Desapareceu tudo. Não faço ideia de quem o levou. Alguém deve estar a ler as nossas cartas neste exato momento. Vão ler tudo o que escrevemos a nós próprios e, dependendo de quem as levou, vou parecer decididamente um louco.

Agarro numa folha em branco que encontro no banco de trás e começo a escrever tudo aquilo de que me consigo lembrar. Estou furioso, porque não me consigo lembrar nem de um terço do que estava nos bilhetes dentro da mochila. Os nossos endereços, o código dos nossos cacifos, os nossos aniversários, todos os nomes dos nossos amigos e família… Não me lembro de nada. Anoto o pouco de que me recordo. Não posso deixar que isso me impeça de a encontrar.

Não sei para onde ir a seguir. Podia ir à cartomante de novo, ver se ela voltou lá. Podia tentar encontrar a morada da propriedade que tem o portão que está na fotografia do quarto dela. Tem de haver uma ligação com a loja de *tarot* que exibe a mesma fotografia.

Podia ir até à prisão visitar o pai da Charlie, ver o que é que ele sabe.

Mas a prisão é provavelmente o último sítio aonde deveria ir.

Pego no telemóvel e começo a percorrê-lo. Vejo as fotografias da noite passada. Uma noite da qual não me lembro de um único segundo. Há fotografias minhas e da Charlie, fotografias das nossas tatuagens, fotografias de uma igreja, fotografias de um músico de rua.

A última fotografia é da Charlie, ao lado de um táxi. Parece que estou do outro lado da rua, a tirar-lhe uma fotografia enquanto ela se prepara para entrar no táxi.

Esta deve ter sido a última vez que a vi. Na carta dizia que ela tinha entrado num táxi na Bourbon Street.

Faço zoom na fotografia, com o entusiasmo a formar um nó na minha garganta. Há uma matrícula na parte da frente do táxi e um número de telemóvel na parte lateral.

Porque é que não me lembrei disto antes?

Anoto o número de telemóvel e a matrícula, e estabeleço a ligação de imediato. Sinto que estou finalmente a fazer progressos.

A empresa de táxis quase se recusou a dar-me informações. Acabei por convencer o operador de que era um inspetor da polícia e que precisava de interrogar o taxista sobre uma pessoa desaparecida. Isso é uma meia-verdade. O tipo que me atendeu disse que ia perguntar e que me voltava a ligar. Passaram cerca de trinta minutos até o meu telemóvel voltar a tocar.

Dessa vez, falei com o taxista. Ele disse que uma rapariga que correspondia à descrição da Charlie chamou o táxi de facto, mas antes que ele a pudesse levar a qualquer lado, ela disse-lhe que já não valia a pena, fechou a porta e afastou-se.

Ela simplesmente… foi-se embora?

Porque é que ela faria isso? Porque é que ela não foi atrás de mim? Ela tinha de saber que eu estava muito perto, se foi aí que nos separámos.

Ela tinha de ter um objetivo. Não me lembro de nada sobre ela, mas, com base no que li, tudo o que ela faz parece ter um objetivo. Mas qual poderia ter sido o objetivo dela na Bourbon Street àquela hora da noite?

As únicas coisas que me vêm à cabeça são a loja de *tarot* e o restaurante. Mas nos apontamentos dizia que a Charlie nunca voltou ao restaurante, com base em informações de alguém chamado Amy. Teria ido ter com o Brian? Sinto uma ponta de ciúmes ao pensar nisso, mas estou quase confiante de que ela não teria feito isso.

Tem de ser a loja de *tarot*.

Pesquiso no *Google*, incapaz de me lembrar do nome exato do local que vi escrito nos nossos apontamentos. Assinalo duas delas no Bairro Francês e programo o meu GPS para me levar até lá.

Ao entrar, percebo quase de imediato que se trata da loja que descrevemos nos apontamentos. A que visitámos ontem à noite.

Ontem à noite. *Meu Deus.* Porque é que não me consigo lembrar de algo que aconteceu há apenas um dia?

Percorro cada corredor, observando tudo à minha volta, sem saber ao certo o que procuro. Quando chego ao último corredor, reconheço a fotografia pendurada na parede. A fotografia do portão.

É meramente decorativa. Não está à venda. Ponho-me em bicos de pés até os meus dedos agarrarem a moldura e puxo-a para baixo para a ver mais de perto. O portão é alto, guarda uma casa ao fundo que mal consigo distinguir na fotografia. No canto de uma das colunas maciças presas ao portão está gravado o nome da casa. *Jamais Jamais*.[1]

— Posso ajudá-lo?

Olho para cima e vejo um homem a elevar-se sobre mim, o que é impressionante. Tenho um metro e oitenta, de acordo com a minha carta de condução. Ele deve ter mais de um metro e noventa.

Aponto para a fotografia que tenho nas mãos.

— Sabe onde foi tirada esta fotografia?

O homem arranca-me a moldura das mãos.

— A sério? — Parece agitado. — Não sabia o que era quando a tua namorada me perguntou ontem à noite, e continuo sem saber o que é hoje. É só uma maldita fotografia. — Ele volta a pendurá-la na parede. — E não toques em nada, a não ser que esteja à venda e tenciones comprá-lo.

Ele começa a afastar-se, e eu sigo-o.

— Espere — digo-lhe, tendo de dar dois passos a cada passada larga dele. — A minha namorada?

Ele não interrompe a marcha em direção à caixa registadora.

— Namorada. Irmã. Prima. Tanto faz.

— Namorada — esclareço, embora não saiba porque estou a esclarecer. Ele obviamente não quer saber. — Ela voltou cá ontem à noite? Depois de termos saído?

Ele dirige-se para trás da caixa registadora.

— Nós fechamos logo depois de vocês saírem.

Fixa o olhar no meu e arqueia uma sobrancelha.

— Vais comprar alguma coisa, ou vais ficar a seguir-me com perguntas estúpidas o resto da noite?

Engulo em seco. Ele faz-me sentir mais jovem. Imaturo. Ele é o expoente masculino, e o osso na sobrancelha faz-me sentir uma criança assustada.

Aguenta, Silas. Não és um medricas.

— Só tenho mais uma pergunta estúpida.

Ele começa a atender um cliente. Não responde, por isso continuo.

— O que é que significa *Jamais Jamais*?

Ele nem sequer olha para mim.

— Significa *nunca, jamais* — responde alguém atrás de mim.

Viro-me imediatamente, mas sinto os pés pesados, como se me tivesse afundado nos sapatos. *Nunca, jamais?*

Isto não pode ser coincidência. Eu e a Charlie repetimos essa expressão vezes sem conta nas nossas cartas.

A mulher a quem pertence a voz está a olhar para mim, de queixo levantado e cara séria. Tem o cabelo puxado para trás. É escuro, com algumas mechas grisalhas. Está vestida com uma peça de roupa comprida e esvoaçante, que se acumula no chão à volta dos seus pés. Nem sequer sei se é um vestido. Parece que ela criou aquele traje com um lençol e uma máquina de costura.

Tem de ser a cartomante. Está a desempenhar bem o papel.

— Onde é que fica aquela casa? A que está na fotografia na parede?

Aponto para a fotografia. Ela vira-se e fica a olhar para ela durante longos segundos. Sem voltar a olhar para mim, faz um sinal com o dedo para que a siga, e começa a dirigir-se para as traseiras da loja.

Eu sigo-a com relutância. Antes de passarmos por uma porta com cortinas de

contas, o meu telemóvel começa a vibrar no bolso das calças. Ele chocalha contra as minhas chaves e a mulher vira-se e olha para mim por cima do ombro.

— Desliga-o.

Olho para o ecrã e vejo que é o meu pai outra vez. Silencio o telemóvel.

— Não estou aqui para uma leitura — esclareço. — Só estou à procura de uma pessoa.

— A rapariga? — pergunta ela, sentando-se do outro lado de uma pequena mesa no centro da sala. Faz-me sinal para me sentar, mas eu recuso a oferta.

— Sim. Estivemos aqui ontem à noite.

Ela assente e começa a baralhar as cartas.

— Eu lembro-me — declara ela, e um sorriso afetado surge-lhe no canto da boca.

Eu observo enquanto ela separa as cartas em pilhas. Ela levanta a cabeça e o rosto dela está inexpressivo.

— Mas só um de nós se lembra, não é?

A afirmação dela causa-me arrepios nos braços. Dou dois passos rápidos em frente e agarro nas costas da cadeira vazia.

— Como é que sabe isso?

Ela faz sinal para a cadeira outra vez. Desta vez, sento-me. Espero que ela volte a falar, que me diga o que sabe. Ela é a primeira pessoa a saber o que me está a acontecer.

As minhas mãos começam a tremer. Sinto o coração bater-me atrás dos olhos. Fecho-os e passo as mãos pelo cabelo para esconder o nervosismo.

— Por favor — imploro-lhe. — Se sabe alguma coisa, por favor, diga-me.

Ela começa a abanar a cabeça lentamente. Para trás e para a frente, para trás e para a frente.

— Não é assim tão fácil, Silas — responde.

Ela sabe o meu nome. Apetece-me gritar «Vitória», mas ainda não tenho respostas.

— Ontem à noite, a vossa carta estava em branco. Eu nunca tinha visto tal coisa.

Ela passa a mão por uma pilha de cartas, alisando-as numa linha.

— Já tinha ouvido falar. *Todos* nós já ouvimos dizer que isso é possível. Mas não conheço ninguém que o tenha *visto* de facto.

Carta em branco? Parece-me que me lembro de ter lido isso nos nossos apontamentos, mas não ajuda nada quando já não tenho os apontamentos na minha posse. E a quem é que ela se refere quando diz que todos *nós* já ouvimos falar disso?

— O que é que isso significa? O que é que me pode dizer? Como é que eu encontro a Charlie? — As perguntas vão tropeçando à medida que saem da minha boca.

— Aquela fotografia… Porque é que estás tão curioso sobre aquela casa?

Abro a boca para lhe contar sobre a fotografia no quarto da Charlie, mas fecho-a com força. Não sei se posso confiar nela. Não a conheço. Ela é a primeira pessoa a saber o que se está a passar comigo. Isso pode ser uma resposta, ou pode ser um sinal de culpa. Se eu e a Charlie estamos sob algum tipo de feitiço, ela é provavelmente uma das poucas pessoas que saberiam como fazer algo dessa magnitude.

Meu Deus, isto é ridículo. Um feitiço? Porque é que me estou a permitir estes pensamentos?

— Só estava curioso sobre o nome — respondo, mentindo-lhe. — O que mais me pode dizer?

Ela continua a realinhar as pilhas de cartas, sem nunca as virar.

— O que te posso dizer… a *única* coisa que te vou dizer… é que tens de te lembrar do que é que alguém queria tão desesperadamente que esquecesses. — Os olhos dela encontram os meus, e ela levanta o queixo novamente. — Podes ir agora. Não te posso ajudar mais.

Ela afasta a cadeira da mesa e levanta-se. O seu vestido esvoaça com o movimento rápido, e os sapatos que tem calçados fazem-me questionar a sua autenticidade. Sempre assumi que uma cartomante andasse descalça. Ou será que ela é uma bruxa? Ou uma feiticeira? Seja o que for, quero desesperadamente acreditar que ela me pode ajudar mais do que já ajudou. Pela minha hesitação, posso dizer que não sou o tipo de pessoa que acredita nestas tretas. Mas o meu desespero é mais forte do que o meu ceticismo. Se for preciso acreditar em

dragões para encontrar a Charlie, então serei o primeiro a brandir uma espada diante do fogo.

— Tem de haver *alguma coisa* — digo. — Não consigo encontrar a Charlie. Não me consigo lembrar de nada. Nem sequer sei por onde começar a procurar. Tem de me dar mais informações do que isto.

Levanto-me, a minha voz está repleta de desespero e os meus olhos ainda mais.

Ela simplesmente inclina a cabeça e sorri.

— Silas, as respostas às tuas perguntas estão com alguém que está muito perto de ti. — E aponta para a porta. — Podes ir agora. Tens muito que procurar.

Muito próximo de mim?

O meu pai? O Landon? Além da Charlie, de quem mais eu era assim tão próximo? Olho para as cortinas de contas e depois de novo para a mulher. Ela já está a afastar-se, em direção a uma porta nas traseiras do edifício. Observo-a enquanto parte.

Passo as mãos pelo rosto. Quero gritar.

[1] Em francês no original: *Jamais Jamais*. [*N. T.*]

26

Charlie

Quando acordo, está tudo limpo. Não há arroz, nem salsicha, nem cacos de porcelana para ferir uma cabra.

Uau! De onde é que isto veio? Sinto-me tonta. Ela tem isto cronometrado à risca.

Põe a Sammy inconsciente, traz-lhe comida de merda, põe a Sammy inconsciente, traz-lhe comida de merda.

Mas desta vez, quando ela regressa, não traz comida de merda. Traz uma toalha e um sabonete.

Finalmente! Uma casa de banho.

— Hora do duche — diz ela.

Desta vez, não é tão simpática. A sua boca é uma linha apertada no rosto. Levanto-me, esperando cambalear um pouco. A agulha no pescoço exerceu um efeito mais forte do que as outras coisas que me têm dado, mas não me sinto tão tonta. A minha mente está alerta, o meu corpo está pronto a reagir.

— Porque é que é a única a tratar de mim? — pergunto. — Se é enfermeira, deve trabalhar por turnos.

Ela vira-se e dirige-se para a porta.

— Desculpe…?

— Porta-te bem — avisa ela. — Da próxima vez, as coisas não vão correr tão bem para ti.

Eu não respondo porque ela está a tirar-me deste cubículo, e eu quero mesmo, mesmo, mesmo ver o que está do outro lado daquela porta.

Ela abre a porta e deixa-me sair primeiro. Deparo logo com outra porta à minha frente. Fico confusa. Ela vira à direita e eu vejo que há um corredor. À minha direita há uma casa de banho. Não uso a casa de banho há horas e, assim que a vejo, a minha bexiga começa a doer. Ela dá-me a toalha.

— O duche só tem água fria. Não demores muito.

Fecho a porta. Parece um *bunker*. Sem janelas, betão bruto. A sanita não tem tampa nem assento, apenas um buraco sem rebordo com um lavatório ao lado. Uso-a na mesma.

Em cima do lavatório está uma bata de hospital nova e roupa interior. Estudo tudo enquanto me alivio, à procura de alguma coisa. Qualquer coisa. Há um cano enferrujado perto do chão, a sair da parede. Descarrego o autoclismo e dirijo-me para ele. Enfio a mão lá dentro e apalpo. *Que nojo.* Um pedaço do cano está corroído.

Vou abrir a água do duche, para o caso de ela estar a ouvir. É um pedaço de metal minúsculo, mas, com algum esforço, consigo soltá-lo da parede. É alguma coisa, pelo menos.

Levo-o comigo para o duche, segurando-o com uma mão enquanto me lavo. A água está tão fria que não consigo parar de bater os dentes. Tento apertar o maxilar com mais força, mas os meus dentes continuam a chocalhar dentro da cabeça, apesar de eu me esforçar para os manter quietos.

Sou assim tão patética? Não tenho controlo sobre os meus próprios dentes. Não tenho controlo sobre as minhas memórias. Não tenho controlo sobre quando como, durmo, tomo banho ou urino.

A única coisa que sinto que posso controlar é a minha eventual fuga de onde quer que esteja. Agarro o cano com todas as minhas forças, sabendo que pode ser a única coisa que me devolve alguma forma de controlo.

Quando saio da casa de banho, o tubo está embrulhado em papel higiénico e enfiado nas minhas cuecas, umas simples cuecas brancas que ela me deixou. Ainda não tenho um plano, vou esperar pelo momento certo.

27

Silas

Agora está escuro. Estou a conduzir há mais de duas horas sem saber para onde ir. Não posso voltar para casa. Não posso ir a casa da Charlie. Não conheço mais ninguém, por isso a única coisa que posso fazer é conduzir.

Tenho oito chamadas perdidas. Duas são do Landon. Uma da Janette. As restantes são do meu pai.

Também tenho oito mensagens de voz, mas ainda não ouvi nenhuma delas. Não quero preocupar-me com nenhum deles neste momento. Nenhum deles faz ideia do que realmente se está a passar e ninguém acreditaria em mim se eu lhes contasse. Não os censuro. Repeti-o o dia inteiro na minha cabeça, e parece-me demasiado ridículo para acreditar… e sou eu que o estou a *viver*.

É tudo demasiado ridículo, mas demasiado real.

Paro numa estação de serviço para abastecer o carro. Nem sequer tenho a certeza se comi alguma coisa hoje, mas sinto-me tonto, por isso pego num pacote de batatas fritas e numa garrafa de água quando entro na loja.

Enquanto encho o depósito de gasolina, questiono-me sobre a Charlie. Já de volta à estrada, continuo a pensar na Charlie. Pergunto-me se ela terá comido alguma coisa.

Pergunto-me se estará sozinha.

Pergunto-me se estarão a tomar conta dela.

Pergunto-me como é que a vou encontrar, pois ela pode estar em qualquer

parte do mundo neste momento. Tudo o que estou a fazer é conduzir em círculos, a abrandar sempre que passo por uma rapariga a caminhar num passeio. Não sei para onde olhar. Não sei para onde ir. Não sei como ser o homem que a vai salvar.

Pergunto-me o que fazem as pessoas quando não têm para onde ir nem onde estar.

Pergunto-me se ser louco é isso. Doido varrido. Sinto-me como se não tivesse qualquer controlo sobre a minha própria mente.

E se não sou eu que a controlo… quem controla?

O meu telemóvel toca outra vez. Olho para o identificador de chamadas e vejo que é o Landon. Não sei por que pego nele para atender. Talvez esteja cansado de estar dentro da minha própria cabeça e não obter respostas. Encosto na berma da estrada para falar com ele.

— Estou?

— Por favor, diz-me que raio se está a passar.

— Está aí alguém a ouvir?

— Não — responde ele. — O jogo acabou agora mesmo. O pai está a falar com a polícia. Estão todos preocupados contigo, Silas.

Não respondo. Sinto-me mal por eles estarem preocupados, mas ainda pior por ninguém parecer estar preocupado com a Charlie.

— Eles já encontraram a Charlie?

Consigo ouvir pessoas a gritar ao fundo. Parece que ele me ligou assim que o jogo acabou.

— Estão a procurar…

Mas há algo mais na sua voz. Algo não dito.

— O que é, Landon?

Ele suspira de novo.

— Silas… eles também andam à tua procura. Eles acham… — A voz dele está carregada de preocupação. — Eles acham que tu sabes onde ela está.

Fecho os olhos. Eu sabia que isto ia acontecer. Limpo as palmas das mãos nas calças de ganga.

— Eu não sei onde ela está.

Vários segundos se passam antes que o Landon fale novamente.

— A Janette foi à polícia. Ela disse que achava que tu estavas a agir de forma estranha, por isso, quando ela encontrou as coisas da Charlie numa mochila dentro do teu cacifo, entregou-as à polícia. Tu tinhas a mala dela, Silas. E o telemóvel dela.

— Encontrar as coisas dela na minha posse não é prova de que sou responsável pelo seu desaparecimento. É prova de que sou namorado dela.

— Vem para casa. Diz-lhes que não tens nada a esconder. Responde às perguntas deles. Se cooperares, não terão nenhum motivo para te acusar.

Ah, se fosse assim tão fácil responder às perguntas deles.

— Achas que eu tenho alguma coisa que ver com o desaparecimento dela?

— *Tiveste*? — pergunta ele de supetão.

— Não.

— Então não — diz ele. — Não acho que tenhas alguma coisa que ver com isso. Onde é que tu estás?

— Não sei.

Ouço um som abafado, como se ele estivesse a tapar o telemóvel com a mão. Ouço vozes ao fundo.

— Conseguiste falar com ele? — pergunta um homem.

— Ainda estou a tentar, pai — responde o Landon.

Mais murmúrios.

— Estás aí, Silas? — pergunta ele.

— Estou. Tenho uma pergunta. Já ouviste falar de um lugar chamado *Jamais Jamais*? — Silêncio. Espero que ele responda, mas ele não o faz. — Landon? Ouviste?

Outro suspiro pesado.

— É a casa antiga da Charlie, Silas. O que é que se passa contigo? Andas a drogar-te, não andas? Meu Deus, Silas. O que é que tomaste? Foi isso que aconteceu à Charlie? Foi por isso que…

Desligo o telemóvel sem ouvir o resto das perguntas dele. Procuro a morada do Brett Wynwood na Internet. Demoro um pouco, mas dois endereços aparecem nos resultados. Lembro-me de um deles, pois estive lá mais cedo. É

onde a Charlie mora atualmente.

Não reconheço o outro. É a morada de *Jamais Jamais*.

> A casa está situada num terreno com seis hectares, com vista para o lago Borgne. Foi construída em 1860, exatamente um ano antes do início da Guerra Civil. A casa foi originalmente batizada «La Terre Rencontre L'Eau», que significa «A Terra Encontra a Água».
>
> Foi usada como hospital durante a guerra, albergando soldados confederados feridos. Anos após a guerra, a casa foi comprada por um banqueiro, Frank Wynwood, em 1880. A casa permaneceu na família, passou por três gerações, e acabou por cair nas mãos de Brett Wynwood, então com 30 anos, em 1998.
>
> Brett Wynwood e a família ocuparam a casa até 2005, altura em que o furacão Katrina causou grandes danos na propriedade. A família foi forçada a abandonar a casa, que permaneceu intocada durante vários anos antes de se iniciarem as obras de renovação. Toda a casa foi demolida e reconstruída, tendo sido recuperadas apenas partes das paredes exteriores e do telhado originais.
>
> Em 2011, a família Wynwood mudou-se de novo para a casa. Durante a inauguração, Brett Wynwood anunciou que a casa tinha sido rebatizada «Jamais Jamais».
>
> Quando lhe perguntaram por que razão tinha escolhido a tradução francesa de «Nunca, Jamais», disse que a filha, Charlize Wynwood, de 14 anos, é que tinha escolhido o nome. «Ela diz que é uma homenagem à história da família. Nunca se esqueçam daqueles que abriram o caminho antes de vocês. Jamais parem de tentar melhorar o mundo para aqueles que o habitarão depois de vocês.»
>
> A família Wynwood ocupou a casa até 2013, quando foi executado o despejo na sequência de uma investigação sobre o grupo financeiro Wynwood-Nash. A casa foi vendida em leilão no final de 2013 a um licitante anónimo.

Adiciono a página aos meus favoritos no telemóvel e marco o artigo. Encontrei-o depois de chegar à propriedade, mesmo junto ao portão fechado.

A altura do portão é impressionante, como se quisesse dizer aos visitantes que as pessoas que estão para lá daquela armadura são mais poderosas do que as que não estão.

Pergunto-me se era assim que o pai da Charlie se sentia a viver aqui. Pergunto-me se se terá sentido tão poderoso quando outra pessoa tomou posse da propriedade que estava na sua família há gerações.

A propriedade fica localizada no final de uma estrada isolada, como se a estrada também pertencesse ao portão. Depois de tentar encontrar uma forma de atravessar o portão ou de o contornar, concluo que não existe. Está escuro, por isso pode estar a escapar-me uma entrada alternativa. Nem sequer sei bem

porque é que quero passar o portão, mas não consigo deixar de sentir que as fotografias desta propriedade são pistas.

Tendo em conta que sou procurado para interrogatório, provavelmente é melhor não conduzir mais do que o necessário esta noite, por isso decido ficar aqui até de manhã. Desligo o carro. Se quero conseguir fazer alguma coisa amanhã, preciso de tentar dormir pelo menos algumas horas.

Encosto-me no banco, fecho os olhos e pergunto-me se vou sonhar esta noite. Nem sequer sei com o que vou sonhar. Não posso sonhar se não dormir, e tenho a sensação de que adormecer esta noite vai ser impossível.

Os meus olhos voltam a abrir-se com esse pensamento.

O vídeo.

Numa das minhas cartas, referi que costumava adormecer ao som de um vídeo da Charlie a dormir. Procuro no meu telemóvel até o encontrar. Carrego no *play* e espero para ouvir a voz da Charlie pela primeira vez.

28

Charlie

Mais sono.

Mas desta vez não é por causa dos comprimidos. Fingi engoli-los, mas mantive-os na bochecha. Ela ficou aqui tanto tempo que eles começaram a dissolver-se. Mas mal a porta se fechou atrás dela, cuspi-os para a mão.

Já chega de sonolência. Preciso de me manter desperta.

Dormi por vontade própria e tive mais sonhos. Sonhos com o mesmo rapaz do primeiro sonho. Ou deverei dizer a primeira memória? No meu sonho, o rapaz conduzia-me por uma rua suja. Não olhava para mim, mas sempre em frente, com o corpo inclinado para a frente, como se uma força invisível o puxasse. Na mão esquerda tinha uma câmara fotográfica. Parou de repente e olhou para o outro lado da rua. Eu segui o olhar dele.

«Ali», diz ele. «Olha.»

Mas eu não queria olhar. Virei as costas ao que ele estava a ver e olhei para uma parede. De repente, a mão dele já não estava na minha. Virei-me e vi-o atravessar a rua e aproximar-se de uma mulher sentada de pernas cruzadas encostada a uma parede. Nos braços, segurava um pequeno bebé embrulhado num cobertor de lã. O homem agachou-se à frente dela. Falaram durante muito tempo. Ele entregou-lhe uma coisa e ela sorriu. Quando ele se levantou, o bebé começou a chorar. Foi nessa altura que ele tirou a fotografia.

Ainda conseguia ver a cara dela quando acordei, mas não era uma imagem

real, era uma fotografia. A que ele tirou. Uma mãe esfarrapada, com o cabelo despenteado, a olhar para o seu bebé, com a sua pequena boca aberta num grito, tendo como pano de fundo a pintura lascada de uma porta azul forte.

Quando o sonho acabou, não fiquei triste como da última vez. Queria conhecer o rapaz que documentava o sofrimento com cores tão vivas.

Fico acordada a maior parte do que presumo ser a noite. Ela volta com o pequeno-almoço.

— Você outra vez — digo-lhe. — Nunca tem um dia de folga… ou uma hora.

— É verdade. Estamos com falta de pessoal, por isso estou a trabalhar a dobrar. Come.

— Não tenho fome.

Ela oferece-me o copo de comprimidos. Não os tomo.

— Quero ver um médico — exijo.

— O médico está muito ocupado hoje. Posso marcar-te uma consulta. Provavelmente, ele pode ver-te na próxima semana.

— Não. Quero ir ao médico hoje. Quero saber que medicação me estão a dar e quero saber porque estou aqui.

É a primeira vez que vejo um indício de algo que não complacência na sua expressão. Ela inclina-se para a frente, e consigo sentir o cheiro a café no seu hálito.

— Não sejas uma pirralha — sibila ela. — Não podes fazer exigências aqui, percebeste?

E empurra os comprimidos na minha direção.

— Não os vou tomar até que um médico me diga porque é que os vou tomar — replico, acenando com a cabeça para o copo. — Entende?

Acho que ela me vai bater. Apalpo com a mão debaixo da almofada até encontrar o pedaço de tubo. Tenho os músculos dos ombros e das costas tensos, e pressiono as plantas dos pés contra a tijoleira do chão. Estou pronta para atacar se for preciso. Porém, a enfermeira vira-se, enfia a chave na porta e desaparece. Ouço o clique da fechadura e fico sozinha de novo.

29

Silas

— Não acredito que eles caíram nessa — digo-lhe.

Ponho-lhe as mãos na cintura e empurro-a até ela ficar de costas para a porta do quarto. Ela encosta as palmas das mãos ao meu peito e olha para mim com um sorriso inocente.

— Como assim?

Rio-me e pressiono os lábios contra o pescoço dela.

— Com que então, é uma *homenagem* à *história* da família? — Movo os lábios pelo pescoço dela, aproximando-me da sua boca. — O que é que vais fazer se alguma vez quiseres acabar comigo? Serás obrigada a viver numa casa que tem o nome da frase que usavas com o teu ex-namorado.

Ela abana a cabeça e empurra-me para poder passar por mim.

— Se alguma vez quiser acabar contigo, basta que o pai mude o nome da nossa casa.

— Ele nunca faria isso, Char. Achou o significado falso que lhe deste genial.

Ela encolhe os ombros.

— Então eu destruo-a com um incêndio.

Ela senta-se na beira do colchão e eu sento-me ao lado dela, empurrando-a para que se deite. Ela ri-se quando me debruço sobre ela e a abraço. É tão bonita.

Sempre soube que ela era bonita, mas este ano tem sido muito bom para ela. Muito bom *mesmo*. Olho para os seus seios. Não sou capaz de evitar. Ficaram

tão… perfeitos, este ano.

— Achas que as tuas mamas já pararam de crescer? — pergunto-lhe.

Ela ri-se e dá-me uma palmada no ombro.

— És nojento.

Levo os dedos até onde a t-shirt dela se dobra no pescoço. Percorro-lhe o peito com os dedos até encontrar o decote.

— Quando é que achas que me vais deixar vê-las?

— *Jamais, jamais* — diz ela, com uma gargalhada.

Resmungo.

— Vá lá, Charlie querida. Já te amo há 14 anos. Eu devia merecer alguma coisa por isso… uma olhadela, uma mão por baixo da camisola.

— Temos 14 anos, Silas. Pede de novo quando tivermos 15.

Sorrio.

— Só me faltam dois meses.

Encosto os lábios aos dela e sinto o seu peito subir e tocar o meu quando inspira. *Meu Deus, que tortura.*

A língua dela desliza para a minha boca à medida que as mãos me acariciam a nuca, puxando-me mais para si. *Que tortura deliciosa.*

Desço a mão até à cintura dela, levantando aos poucos a camisola até os meus dedos lhe tocarem na pele. Estendo bem os dedos, sentindo o calor do seu corpo na minha palma.

Continuo a beijar a Charlie enquanto minha mão continua a explorar o seu corpo, centímetro por centímetro, até à ponta de um dos meus dedos lhe tocar no tecido do soutien.

Não quero parar, para poder sentir a suavidade sob as pontas dos meus dedos. Quero…

— Silas!

A Charlie afunda-se no colchão. Todo o seu corpo é absorvido pelos lençóis, e eu fico a apalpar a almofada vazia.

Mas que raio? Onde é que ela foi? As pessoas não desaparecem assim.

— Silas, abre a porta!

Fecho bem os olhos.

— Charlie? Onde estás?

— Acorda!

Abro os olhos e já não estou na cama da Charlie. Já não sou um rapaz de 14 anos prestes a tocar um seio pela primeira vez.

Sou o… Silas. Perdido e confuso e adormecido no carro.

Um punho bate na janela do lado do condutor. Deixo que os meus olhos se ajustem mais uns segundos à luz que entra pelo carro antes de olhar para cima.

O Landon está junto à porta. Endireito-me imediatamente, volto-me e olho em volta e para trás de mim.

É apenas o Landon. Não está ninguém com ele.

Levo a mão ao puxador da porta e espero que ele se afaste para a abrir.

— Encontraram-na? — pergunto, saindo do carro.

Ele abana a cabeça.

— Não, continuam à procura.

Ele aperta a nuca, tal como eu faço quando estou nervoso ou stressado.

Abro a boca para lhe perguntar como é que ele sabia onde me encontrar. Mas volto a fechá-la depois de me lembrar que lhe perguntei acerca da casa mesmo antes de desligar a chamada. É claro que ele me viria procurar aqui.

— Tens de os ajudar a encontrá-la, Silas. Tens de lhes dizer tudo o que sabes.

Rio-me. *Tudo o que eu sei.* Encosto-me ao carro e cruzo os braços. Paro de sorrir ao pensar em quão ridícula é a situação e encaro o meu irmão mais novo.

— Eu não sei nada, Landon. Nem sei quem *tu* és. E, no que diz respeito à minha memória, nem sequer *conheço* a Charlize Wynwood. Como é que eu posso dizer isso à polícia?

O Landon tem a cabeça inclinada. Está a olhar para mim… calado e curioso. Pensa que eu enlouqueci, vejo-o nos seus olhos.

É capaz de ter razão.

— Entra no carro — digo-lhe. — Tenho muito que te contar. Vamos dar uma volta.

Abro a porta e volto a entrar. Ele espera alguns segundos, mas depois dirige-se ao carro estacionado na vala. Tranca-o e depois dirige-se ao lugar do passageiro.

— Deixa-me ver se entendi — diz ele, inclinando-se sobre a mesa. — Tu e a Charlie têm andado a perder a memória há mais de uma semana. Têm andado a escrever cartas a vocês próprios. Essas cartas estavam na mochila que a Janette encontrou e entregou à polícia. A única pessoa que sabe disto é uma cartomante qualquer. Acontece à mesma hora, a cada quarenta e oito horas, e tu dizes que não te lembras do que aconteceu no dia anterior a ela ter desaparecido?

Anuo.

O Landon ri-se e reclina-se no encosto. Abana a cabeça, pega na sua bebida e leva a palha à boca. Dá um gole e depois solta um longo suspiro e volta a pousar o copo na mesa.

— Se esta é a tua maneira de te tentares safar do homicídio dela, vais precisar de um álibi muito mais forte do que uma maldição vudu.

— Ela não está morta.

Ele ergue uma sobrancelha interrogativa. Não o posso censurar. Se fosse ao contrário, eu não acreditaria em nada do que acabou de sair da minha boca.

— Landon, eu não espero que acredites em mim. Realmente não espero. É ridículo. Mas, por brincadeira, podes fazer-me a vontade durante umas horas? Finge que acreditas em mim e responde-me às perguntas, mesmo que aches que eu já sei as respostas. Amanhã, se continuares a achar que estou maluco, podes denunciar-me à polícia.

Ele abana a cabeça, com um ar desapontado.

— Mesmo que achasse que estavas maluco, nunca te denunciaria à polícia, Silas. És meu irmão.

Chama o empregado e pede-lhe que volte a encher o copo. Dá um gole na bebida e depois senta-se de modo mais confortável.

— Pronto. Podes começar.

Sorrio. Eu sabia que tinha motivos para gostar dele.

— O que aconteceu entre o Brett e o nosso pai?

O Landon ri-se baixinho.

— Isto é ridículo — murmura. — Tu sabes mais acerca disso do que eu. — Mas depois inclina-se para frente e começa a responder à minha pergunta. — Há dois anos foi aberta uma investigação por causa de uma auditoria externa. Muita

gente perdeu muito dinheiro. O pai foi ilibado, mas o Brett foi acusado de fraude.

— O pai é mesmo inocente?

O Landon encolhe os ombros.

— Eu quero acreditar que sim. O nome dele foi arrastado pela lama e ele perdeu a maioria dos negócios depois do que aconteceu. Está a tentar reerguer-se, mas agora ninguém lhe confia o dinheiro. Ainda assim, não nos podemos queixar. Ficámos bem melhor do que a família da Charlie.

— O pai acusou a Charlie de tirar uns documentos do escritório dele. Do que é que ele estava a falar?

— Não perceberam para onde o dinheiro tinha ido, por isso presumiram que o Brett ou o pai o tinham escondido em contas *offshore*. Houve um período antes do julgamento em que o pai passou três dias sem dormir. Analisou os pormenores de todas as transações e todos os recibos dos últimos dez anos. Um dia, saiu do escritório dele com uns documentos. Disse que tinha chegado lá, que tinha descoberto onde o Brett guardava o dinheiro. Tinha finalmente a informação necessária para responsabilizar o Brett por tudo. Ligou ao advogado e disse-lhe que lhe entregaria as provas, mas que precisava de dormir umas horinhas antes. No dia seguinte… não encontrou os documentos. Deu-te uma bronca, porque achou que tu tinhas avisado a Charlie sobre isso. Até hoje, ele acredita que foi a Charlie que roubou os documentos. Ela negou. Tu negaste. E, sem as provas que ele dizia ter, o Brett nunca foi totalmente responsabilizado. Deve sair da cadeia daqui a uns cinco anos por bom comportamento, mas, pelo que diz o pai, com aqueles documentos seria condenado a prisão perpétua.

Meu Deus. É muita coisa para recordar.

Levanto um dedo.

— Já volto.

Levanto-me e saio a correr do restaurante em direção ao carro. Procuro mais papel onde tomar apontamentos. O Landon continua sentado à mesa quando eu volto. Não faço mais perguntas até anotar tudo o que ele me disse. E depois dou-lhe um nadinha de informação para ele assimilar e para eu ver como reage.

— Fui eu que roubei os documentos — digo-lhe.

Olho para o Landon e ele tem os olhos semicerrados.

— Pensei que tinhas dito que não te lembravas de nada.

Abano a cabeça.

— E não lembro. Mas apontei algo sobre uns documentos que encontrei escondidos. Porque é que achas que os tirei se eles provavam a inocência do pai?

O Landon reflete por instantes e depois abana a cabeça.

— Sei lá. Quem quer que os tenha tirado nunca fez nada com eles. Por isso, o único motivo para os teres escondido só podia ter sido para proteger o pai da Charlie.

— Porque é que eu havia de querer proteger o Brett Wynwood?

— Talvez não fosse por ele. Talvez estivesses a fazê-lo pela Charlie.

Deixo cair a caneta. *É isso mesmo.* Eu só tiraria aqueles documentos para proteger a Charlie.

— Ela era próxima do pai?

O Landon ri-se.

— Muito. Era a menina do papá. Honestamente, acho que a única pessoa que ela amava mais do que a ti era o pai.

Sinto que estou a resolver um quebra-cabeças, mesmo que não seja esse o quebra-cabeças que quero resolver. Conhecendo o velho Silas, ele teria feito qualquer coisa para fazer a Charlie feliz. E isso inclui impedi-la de descobrir a verdade sobre o pai.

— O que aconteceu entre mim e a Charlie depois disso? Quer dizer… se ela amava tanto o pai, era de esperar que o facto de o meu pai ter posto o dela atrás das grades fizesse com que ela nunca mais quisesse falar comigo.

O Landon abana a cabeça.

— Tu eras tudo o que ela tinha. Ficaste sempre ao lado dela, e nada chateava mais o pai do que saber que não estavas cem por cento ao lado dele.

— Eu achava que o pai estava inocente?

— Achavas — responde o Landon. — Mas fizeste questão de não tomar partidos no que dizia respeito ao pai e à Charlie. Infelizmente, para o pai isso significava ficar do lado deles. A vossa relação não é das melhores há um ou dois anos. Ele só fala contigo quando está a gritar das bancadas nos jogos de

sexta-feira à noite.

— Porque é que ele é tão obcecado com a ideia de eu jogar futebol americano?

O Landon ri-se de novo.

— Ele já estava obcecado com os filhos irem para a universidade onde ele andou mesmo antes de saber que ia ter filhos. Impingiu-nos o futebol mal começámos a andar. Eu não me importo, mas tu odeias. E isso faz com que ele se ressinta ainda mais contigo, porque tens talento para jogar. Está-te no sangue. Mas tudo o que sempre quiseste foi poder parar de jogar. — Ele sorri. — Meu Deus, devias tê-lo visto quando chegou lá ontem à noite e tu não estavas no campo. Chegou mesmo a tentar interromper o jogo até te encontrarmos, mas os oficiais não permitiram.

Aponto isto.

— Sabes… não me lembro de como se joga futebol.

Um esgar forma-se nos lábios do Landon.

— Bem, essa é a primeira coisa que dizes em que eu realmente acredito. No outro dia em campo parecias perdido. «Tu. Faz aquela coisa.» — Solta uma gargalhada. — Junta isso à tua lista. Esqueceste-te de como se joga futebol. Que conveniente.

Acrescento-o à lista.

Lembro-me de letras de músicas.
Esqueci-me de pessoas que conhecemos.
Lembro-me de pessoas que não conhecemos.
Lembro-me de como se usa uma câmara fotográfica.
Odeio futebol, mas sou obrigado a jogar.
Esqueci-me de como se joga futebol.

Fico a olhar para a lista. Tenho a certeza de que tinha muito mais coisas escritas na lista antiga, mas não me recordo de quase nada.

— Deixa-me ver isso — diz o Landon. Percorre as anotações que já tenho. — Merda. Tu estás mesmo a levar isto a sério.

Fita a lista durante alguns segundos e volta a entregar-ma.

— Parece que te lembras de coisas que quiseste aprender por ti próprio, como letras de músicas ou a tua câmara fotográfica. Mas esqueceste-te de tudo o resto que te ensinaram.

Ponho a lista à minha frente e analiso-a. Ele é capaz de ter razão, exceto o facto de não me lembrar de pessoas. Anoto isso e depois continuo as minhas perguntas.

— Há quanto tempo é que a Charlie anda com o Brian? Nós acabámos, foi isso?

Ele passa a mão pelo cabelo e dá um gole no refrigerante. Levanta os pés e encosta-se à parede, com as pernas em cima do assento.

— Vamos ficar aqui o dia todo, não vamos?

— Se for preciso.

— O Brian sempre teve um fraquinho pela Charlie, o que é do conhecimento geral. Tu e o Brian nunca se deram por causa disso, mas tu tentaste fazer com que se entendessem em prol da equipa de futebol. A Charlie começou a mudar depois de o pai dela ir para a prisão. Já não era tão simpática… apesar de ela nunca ter sido muito simpática. Mas ultimamente tinha-se tornado numa espécie de *bully*. Vocês agora só discutem. Para ser sincero, acho que eles não andam há muito tempo. No início, ela só lhe dava atenção quando tu estavas por perto, só para te deixar furioso. Imagino que, para dar continuidade, ela teve de manter as aparências com ele quando os dois estavam sozinhos. Mas não acredito que a Charlie goste dele. Ela é muito mais inteligente do que ele. Se alguém estava a ser usado, era o Brian.

Escrevo tudo, enquanto aceno em confirmação. Tinha um pressentimento de que ela não gostava mesmo daquele tipo. Parece que a minha relação com a Charlie estava a chegar ao limite, e ela fazia o que podia para testar a nossa força.

— Quais são as crenças religiosas da Charlie? Achas que ela acreditava em vudu ou algo do género?

— Que eu saiba, não. Fomos todos educados na religião católica. Não somos praticantes, exceto em festividades importantes.

Anoto isso e tento pensar noutra pergunta. Ainda tenho tantas que não sei qual

fazer a seguir.

— Há mais alguma coisa? Alguma coisa fora do comum que tenha acontecido na semana passada?

A forma como ele se remexe no banco e a sua expressão dão a entender que ele está a esconder qualquer coisa.

— O que é?

Ele tira os pés do assento e inclina-se para a frente, baixando a voz.

— A polícia… estiveram lá em casa hoje. Ouvi-os perguntar à Ezra se tinha visto alguma coisa fora do comum. A princípio ela disse que não, mas acho que a culpa falou mais alto. Então, disse que tinha encontrado uns lençóis sujos de sangue na tua cama.

Inclino-me para trás e olho para o teto. Isto não é bom.

— Espera — digo, voltando a inclinar-me para a frente. — Isso foi na semana passada. Antes de a Charlie desaparecer. Não pode estar relacionado com ela, se é isso que eles estão a pensar.

— Não, eu sei. A Ezra também lhes disse isso. Que foi na semana passada e que tinha visto a Charlie nesse dia. Mas, mesmo assim, Silas. O que é que andaste a fazer? Porque é que havia sangue nos teus lençóis? Já sabes como é a polícia. Devem presumir que tu batias na Charlie ou algo do género, e que a situação acabou por ir longe demais.

— Eu nunca lhe faria mal — rebato, na defensiva. — Eu amo aquela rapariga.

Mal as palavras saem da minha boca, abano a cabeça, sem perceber porque é que o disse. Nem sequer a conheço. Nunca falei com ela.

Mas, raios, acabei de dizer que a amo, e estava a ser totalmente sincero.

— Como é que a podes amar? Tu dizes que não te lembras dela.

— Posso não me lembrar dela, mas de certeza que ainda a sinto. — Levanto-me. — E é por isso que precisamos de a encontrar. A começar pelo pai dela.

O Landon tenta acalmar-me, mas ele não tem noção de quão frustrante é perder oito horas quando apenas temos um total de quarenta e oito.

Já passa das oito da noite e, oficialmente, desperdiçámos o dia inteiro. Assim

que saímos do restaurante, dirigimo-nos para a prisão para visitar o Brett Wynwood. Uma prisão que fica a quase três horas de distância. Juntando isso a uma espera de duas horas, só para nos dizerem que não estamos na lista de visitantes e que não há nada que possamos fazer hoje para mudar isso… Estou mais do que chateado.

Não me posso dar ao luxo de cometer erros quando me restam apenas algumas horas para descobrir onde ela está antes de perder tudo o que aprendi desde ontem.

Paramos junto ao carro do Landon. Desligo o motor, saio do carro e caminho até ao portão. Tem dois cadeados, e parece que nunca foram usados.

— Quem comprou esta casa? — pergunto ao Landon.

Ouço-o a rir-se atrás de mim, por isso viro-me. Ele percebe que não estou a achar graça à situação, por isso lança a cabeça para trás.

— Vá lá, Silas. Para de fingir. Tu sabes quem comprou a casa.

Inspiro calmamente pelo nariz e expiro pela boca, dizendo a mim próprio que não posso culpá-lo por achar que estou a inventar tudo. Assinto e depois volto-me para o portão.

— Faz-me a vontade, Landon.

Ouço-o dar um pontapé no cascalho e resmungar. Depois responde:

— A Janice Delacroix.

O nome não me diz nada, mas dirijo-me ao meu carro para anotar o nome.

— Delacroix. É um nome francês?

— É. Ela é dona de uma daquelas lojas para turistas, na Baixa. Lê cartas de *tarot* ou alguma merda do género. Ninguém sabe como é que ela conseguiu dinheiro para comprar a casa. A filha dela anda na nossa escola.

Paro de escrever. *A cartomante.* Isso explica a fotografia, e também porque é que não me deu mais informações sobre a casa: achou estranho eu fazer perguntas sobre a casa dela.

— Então há mesmo gente a *morar* aqui? — pergunto, virando-me para ele.

Ele encolhe os ombros.

— Sim. Mas são só elas as duas… ela e a filha. Devem usar outra entrada. Não me parece que este portão seja aberto regularmente.

Olho para lá do portão… para a casa.

— Como é que se chama a filha dela?

— Cora — responde ele. — Cora Delacroix. Mas todos a tratam por Camarão.

30

Charlie

Ninguém aparece durante muito tempo. Acho que estou a ser castigada. Tenho sede e preciso de ir à casa de banho. Depois de aguentar durante muito tempo, acabo por fazer chichi no copo de plástico que está no tabuleiro do pequeno-almoço e pouso o copo cheio num canto do quarto. Ando para trás e para a frente, a puxar o cabelo até achar que estou a ficar maluca.

E se ninguém vier? E se me deixaram aqui para morrer?

A porta não se mexe; magoo-me nos pulsos de tanto bater nela. Grito por ajuda até ficar rouca.

Estou sentada no chão com a cabeça pousada nas mãos quando a porta se abre finalmente. Dou um salto. Não é a enfermeira. Desta vez é outra pessoa, mais nova. A bata fica-lhe folgada no corpo pequeno. Parece uma miudinha a brincar aos disfarces. Olho para ela atentamente enquanto ela atravessa o pequeno quarto. Ela repara no copo no canto e ergue as sobrancelhas.

— Precisas de ir à casa de banho? — pergunta.

— Sim.

Ela pousa o tabuleiro e o meu estômago ronca.

— Eu pedi para falar com o médico — digo.

O olhar dela move-se da esquerda para a direita. *Ela está nervosa. Porque será?*

— O médico hoje está ocupado — responde, sem olhar para mim.

— Onde está a outra enfermeira?

— É o dia de folga dela.

Sinto o cheiro da comida. Tenho tanta fome.

— Preciso de ir à casa de banho. Pode levar-me lá?

Ela aquiesce, mas parece ter medo de mim. Sigo-a para o exterior do pequeno quarto até um corredor minúsculo. Que tipo de hospital não tem casas de banho nos quartos dos pacientes? Ela afasta-se enquanto eu uso a casa de banho, a torcer as mãos e ficando muito corada.

Quando a informo de que estou despachada, comete o erro de se virar para a porta. No momento em que a abre, tiro o pedaço de cano da bata e seguro-o de encontro ao pescoço dela.

Ela volta-se e os seus olhos brilhantes arregalam-se de medo.

— Deixa cair as chaves e afasta-te devagar — ordeno. — Ou enfio-te isto na garganta.

Ela assente. As chaves chocalham contra o chão e eu aproximo-me dela, com a minha arma apontada ao seu pescoço. Faço-a recuar até ao quarto e depois empurro-a para a cama. Ela cai e grita.

Depois saio porta fora, com as chaves na mão. Fecho a porta com força quando ela corre até lá, a gritar. Lutamos por momentos, ela a tentar abrir a porta e eu a inserir a chave na fechadura e a ouvir o clique do metal.

Tenho as mãos a tremer enquanto olho para as chaves à procura da que abre a próxima porta. Não sei o que esperar quando sair daqui. Um corredor de hospital, enfermeiras e médicos? Será que vai haver ali alguém para me arrastar de volta para aquele quarto minúsculo?

Não.

Não volto para ali, de maneira nenhuma. Vou atacar quem quer que me tente impedir de sair daqui.

Quando abro a porta, não vejo um hospital nem funcionários. O que vejo é uma adega impressionante. Há garrafas poeirentas em centenas de pequenos buracos. Cheira a fermento e a pó. Vejo uma escadaria de um dos lados da adega. Com uma porta no topo.

Corro pelas escadas acima, bato com o dedo com força no cimento e sinto

sangue húmido escorrer pelo pé. Quase escorrego, mas seguro-me a tempo ao corrimão.

O topo das escadas dá para uma cozinha, com uma única luz a iluminar as bancadas e o chão. Não paro para ver o que há em volta. Preciso de encontrar… uma porta! Agarro o puxador e, desta vez, não está trancada. Grito, triunfante, quando ela se escancara. O ar noturno atinge-me no rosto. Inspiro-o com gratidão.

Depois desato a correr.

31

Silas

— Não podes entrar aí, Silas! — grita o Landon.

Estou a tentar trepar o portão, mas o meu pé não para de escorregar.

— Ajuda-me a subir — grito-lhe.

Ele aproxima-se de mim e estende as mãos, com as palmas para cima, apesar de ainda estar a tentar verbalmente impedir-me de trepar. Subo para a mãos dele e ele iça-me, permitindo-me agarrar as barras no topo do portão.

— Volto daqui a dez minutos. Só quero ver a propriedade.

Sei que ele não acredita numa palavra do que eu disse hoje, por isso nem comento que acho que essa tal Cora está a par do que se está a passar. Se ela estiver dentro daquela casa, vou obrigá-la a falar comigo.

Chego, por fim, ao topo e desço pelo outro lado. Quando sinto que toco em terra, endireito-me.

— Não saias daí até eu voltar.

Viro-me e olho para a casa. Fica a uns duzentos metros, escondida atrás de filas de salgueiros. Parecem braços longos, balançando em direção à porta da frente, coagindo-me a avançar.

Percorro lentamente o caminho que leva até ao alpendre. A casa é bonita. Percebo porque é que a Charlie tinha tantas saudades dela. Olho para as janelas. Duas delas estão iluminadas no andar de cima, mas o andar de baixo está numa penumbra total.

Estou praticamente a chegar ao alpendre que se estende por toda a frente da casa. Tenho o coração tão acelerado que até o consigo ouvir. Além do ocasional som de insetos e o batimento da minha pulsação, o silêncio é absoluto.

Até deixar de ser.

O ladrar é tão alto e tão próximo que reverbera no meu estômago e vibra no meu peito. Não vejo de onde vem.

Fico paralisado, com medo de fazer movimentos bruscos.

Um rosnar grave espalha-se pelo ar como um trovão. Olho lentamente por cima do ombro sem virar o corpo.

O cão está atrás de mim, com os lábios repuxados enquanto rosna, os dentes tão brancos e afiados que parecem brilhar.

Está apoiado nas patas traseiras, prestes a levantar-se, e, mesmo antes de eu conseguir olhar em volta em busca de algo com que me defender, ele já está no ar, a lançar-se a mim.

Direto à minha garganta.

Sinto os dentes a furarem-me a pele da parte de trás da mão, e sei que, se não tivesse tapado a garganta, os dentes dele estariam agora na minha jugular. A imensa força do animal deita-me ao chão. Sinto a pele da mão rasgar-se enquanto ele abana a cabeça de um lado para outro e eu tento defender-me.

Até que alguma coisa bate nele ou cai sobre ele. Ouço um gemido e depois um baque.

E depois, silêncio.

Está demasiado escuro para ver o que aconteceu. Inspiro fundo e tento levantar-me.

Olho para o cão e tem um pedaço de metal afiado espetado no pescoço. O sangue acumula-se em volta da sua cabeça, manchando a relva com a cor da meia-noite.

E depois um cheiro forte a flores… *lírios*… rodeia-me com uma rajada de vento.

— És tu.

Reconheço imediatamente a voz dela, mesmo que tenha saído num sussurro. Está parada à minha direita, com o rosto iluminado pelo luar. Lágrimas

deslizam-lhe pelas bochechas, e ela tapa a boca com a mão. Olha para mim de olhos arregalados, em choque.

Ela está aqui. Está viva.

Quero pegá-la nos braços e abraçá-la e dizer-lhe que está tudo bem, que vamos resolver isto. Mas o mais provável é ela não saber quem eu sou.

— Charlie?

Ela tira lentamente a mão dos lábios.

— Eu chamo-me Charlie? — pergunta.

Anuo. A expressão de terror no rosto dela transforma-se lentamente em alívio. Então, dá um passo em frente e lança os braços em volta do meu pescoço, pressionando o rosto contra o meu peito. Os soluços fazem o corpo dela abanar.

— Temos de sair daqui — diz ela, em lágrimas. — Temos de sair daqui antes que eles me encontrem.

A encontrem?

Envolvo-a com os braços, e depois agarro-lhe na mão e corremos para o portão. Quando o Landon vê a Charlie, corre até ao portão e começa a abanar os cadeados. Tenta encontrar maneira de nos tirar dali sem que ela tenha de saltar o portão, mas não consegue.

— Usa o meu carro — digo. — Entorta o portão. Temos de nos apressar.

Ele olha para o meu carro e depois para mim.

— Queres que eu rebente com o portão? Silas, aquele carro é o teu bebé.

— Quero lá saber do carro! — grito. — Temos de sair!

Ele é rápido e corre para o carro.

— Saiam da frente! — grita, enquanto entra.

Faz marcha-atrás com o carro e depois acelera.

O som do ferro contra o metal não é tão forte como o som que o meu coração faz ao ver o carro ser desfeito em pedaços. Pelo menos agora eu não estava tão apegado a ele. Só o conheço há menos de dois dias.

Ele tem de fazer marcha-atrás e avançar mais duas vezes para dobrar o ferro o suficiente para que eu e a Charlie possamos passar. Quando estamos do outro lado do portão, abro a porta de trás do carro do Landon e ajudo-a a entrar.

— Deixa o meu carro aqui — digo-lhe. — Preocupamo-nos com isso depois.

Quando estamos todos no carro e já a afastarmo-nos da casa, o Landon pega no telemóvel.

— Vou ligar ao pai e dizer-lhe que a encontraste, para ele avisar a polícia.

Eu tiro-lhe o telemóvel das mãos.

— Não. Nada de polícia.

Ele bate com a mão no volante em sinal de frustração.

— Silas, tens de lhes dizer que ela está bem! Isto é ridículo. Vocês os dois estão a ser completamente ridículos em relação a isto.

Viro-me no meu lugar e olho para ele com firmeza.

— Landon, tens de acreditar em mim. Eu e a Charlie vamos esquecer o pouco que sabemos em pouco mais de doze horas. Tenho de a levar para um hotel para que lhe possa explicar tudo, e depois preciso de tempo para tirar apontamentos. Se avisarmos a polícia, eles podem separar-nos para interrogatório. Preciso de estar com ela quando isto voltar a acontecer. Não me interessa se não acreditas em mim, mas és o meu irmão e preciso que faças isto por mim.

Ele não responde ao meu pedido. Estamos a chegar ao fim da estrada e consigo ver o movimento da garganta dele enquanto engole em seco, tentando decidir se deve virar à esquerda ou à direita.

— Por favor — peço-lhe. — Dá-me só até amanhã.

Ele solta um suspiro reprimido e vira à direita, na direção oposta à das nossas casas. Eu suspiro de alívio.

— Fico a dever-te uma.

— É mais um milhão — murmura ele.

Espreito para a Charlie no banco de trás e reparo que me fita, obviamente aterrorizada com o que está a ouvir.

— O que é que queres dizer com «isto vai acontecer outra vez amanhã»? — pergunta ela, com a voz a tremer.

Rastejo até ao banco de trás e puxo-a para mim. Ela derrete-se contra o meu peito e consigo sentir o coração dela acelerar contra o meu.

— Eu explico tudo no hotel.

Ela aquiesce.

— Ele chamou-te Silas? É esse o teu nome?

Está rouca, como se tivesse gritado até perder a voz. Nem quero pensar no que ela passou desde que a deixei no táxi.

— Sim — respondo, esfregando-lhe o braço.

— Silas Nash.

— Silas — diz ela suavemente. — Tenho-me perguntado qual é o teu nome desde ontem.

Endireito-me imediatamente e olho para ela.

— O que queres dizer com isso? Como é que te lembras de mim?

— Sonhei contigo.

Ela sonhou comigo.

Tiro a minha pequena lista de apontamentos do bolso e peço uma caneta ao Landon. Ele tira uma da consola e entrega-ma. Tomo nota dos sonhos e de como a Charlie me conhecia sem ter memória de mim. Também anoto que o meu próprio sonho com ela parecia mais uma memória. Poderão os nossos sonhos ser pistas do nosso passado?

A Charlie observa-me enquanto anoto tudo o que se passou na última hora. Mas nunca me questiona. Dobro o papel e meto-o de novo no bolso.

— Então, o que é que se passa connosco? — pergunta ela. — Estamos tipo… apaixonados ou algo do género?

Dou uma gargalhada pela primeira vez desde ontem de manhã.

— Sim — respondo, ainda a rir. — Aparentemente, estou apaixonado por ti há dezoito anos.

Disse ao Landon que viesse ao nosso quarto de hotel às 11h30. Se isto acontecer novamente, precisaremos de tempo para nos ajustar e ler os apontamentos para nos acostumarmos à nossa situação. Ele hesitou, mas acabou por concordar. Disse que ia dizer ao pai que tinha andado à nossa procura o dia todo sem sucesso.

Sinto-me mal por deixar as pessoas preocupadas mais um dia, mas não vou arriscar perdê-la de vista outra vez. Raios, nem sequer a deixei fechar a porta quando ela disse que queria tomar um duche. Um duche *quente*, esclareceu.

Quando chegámos ao hotel, contei-lhe tudo o que sabia. O que, depois de o ter dito, não me pareceu muito.

Ela contou-me o que lhe tinha acontecido desde ontem de manhã. Fiquei aliviado por não ter sido nada de muito grave, mas perturbado por a manterem na cave. Porque é que a Camarão e a mãe dela estariam a manter a Charlie contra a sua vontade? A mulher estava obviamente a tentar enganar-me ontem quando disse: «As respostas às tuas perguntas estão com alguém que te é muito próximo».

Sim, eu diria que sim. A pessoa com as respostas estava *muito* perto de mim. A apenas dois metros de distância.

Sinto que esta informação é uma das melhores pistas que obtivemos na última semana, mas não faço ideia porque a mantinham presa. Essa é a primeira coisa que quero que descubramos amanhã. É por isso que estou a garantir que os nossos apontamentos são detalhados e precisos, para que possamos ter um avanço ainda maior.

Já tomei nota para que a Charlie vá à esquadra da polícia e peça que lhe devolvam todos os seus pertences. Não podem ficar com eles, agora que ela já não está desaparecida, e nós precisamos desesperadamente das cartas e dos diários. A chave de tudo pode estar lá escrita algures, e até que tudo esteja de novo na nossa posse, estamos completamente bloqueados.

A porta da casa de banho abre-se mais e ouço-a caminhar em direção à cama. Estou sentado à secretária, ainda a fazer apontamentos. Olho para ela, que se senta no colchão, com os pés pendurados na borda da cama, a observar-me.

Esperava que depois daquela provação ela estivesse mais abalada, mas a Charlie é forte. Ouviu atentamente quando lhe expliquei tudo o que sabia, e nunca duvidou de mim. Ela própria até lançou algumas teorias.

— Conhecendo-me, provavelmente vou tentar fugir amanhã se acordar num quarto de hotel com um tipo que nunca conheci — diz ela. — Por isso, devia escrever um bilhete a mim própria e colá-lo na maçaneta da porta, indicando que devo esperar pelo menos até ao meio-dia antes de me pôr a andar daqui para fora.

Estão a ver? Durona *e* inteligente.

Dou-lhe um pedaço de papel e uma caneta, e ela escreve um bilhete a si própria e depois leva-o até à porta do quarto do hotel.

— Devíamos tentar dormir um pouco — digo-lhe eu. — Se isto voltar a acontecer, temos de estar bem descansados.

Ela anui e sobe para a cama. Nem sequer me dei ao trabalho de pedir duas camas. Não sei porquê. Não que eu tenha alguma ideia de como a noite se vai desenrolar. Acho que sou extremamente protetor em relação a ela. A ideia de não saber que ela está mesmo ao meu lado deixa-me demasiado desconfortável, mesmo que fosse uma cama diferente a apenas dois metros de distância.

Acerto o alarme para as 10h30. Isso vai dar-nos tempo para acordar e prepararmo-nos, e ainda teremos umas boas seis horas de sono. Apago as luzes e deito-me na cama ao lado dela.

Ela está de um lado da cama e eu no outro, e estou a esforçar-me para não me aproximar e fazer conchinha com ela, ou pelo menos pôr o meu braço à sua volta. Não a quero assustar, mas também me parece natural fazer essas coisas.

Afofo a almofada e viro-a de modo que o lado mais frio fique encostado à minha bochecha. Fico de frente para a parede e de costas para ela, para garantir que ela não se sente desconfortável por ter de partilhar a cama comigo.

— Silas? — sussurra ela.

Gosto da voz dela. É reconfortante, mas elétrica.

— Sim?

Sinto-a virar-se para mim, mas ainda estou de costas para ela.

— Não sei porquê, mas sinto que ambos dormimos melhor se me abraçares. Não te tocar parece mais estranho do que tocar-te.

Apesar de estar escuro no quarto, tento esconder o meu sorriso. Viro-me imediatamente para o lado e ela encosta-se ao meu peito. Envolvo-a com o braço e aproximo-me dela, o seu corpo curvando-se perfeitamente no meu, os pés dela a prenderem-se aos meus. *Isto*.

Deve ter sido por isto que senti uma necessidade inabalável de a encontrar. Porque, até este preciso momento, eu não sabia que a Charlie não era a única desaparecida. Quando ela desapareceu, parte de mim deve ter desaparecido com ela. Porque esta é a primeira vez que me sinto eu próprio — Silas Nash — desde

o segundo em que acordei ontem.

Ela encontra a minha mão no escuro e entrelaça os dedos nos meus.

— Estás com medo, Silas?

Suspiro, odiando o facto de ela estar a adormecer a pensar nisso.

— Estou preocupado — respondo. — Não quero que aconteça outra vez. Mas não tenho medo, porque desta vez sei onde estás.

Se fosse possível ouvir um sorriso, o dela seria uma canção de amor.

— Boa noite, Silas — diz ela, baixinho.

Os seus ombros sobem e descem quando ela solta um suspiro profundo. A sua respiração começa a abrandar após alguns minutos, e eu sei que ela está a dormir.

Antes de eu fechar os olhos, ela reajusta ligeiramente a posição e eu vislumbro a tatuagem dela. A silhueta das árvores espreita por cima da parte de trás da camisola.

Gostava que houvesse uma carta que descrevesse a noite em que fizemos estas tatuagens. Eu daria tudo para ter essa memória de volta, para ver como era entre nós quando nos amávamos o suficiente para acreditar que era para sempre.

Talvez sonhe com essa noite se adormecer a pensar nela. Fecho os olhos, sabendo que é exatamente assim que deve ser.

Charlie e Silas.

Juntos.

Não sei porque é que nos começámos a afastar, mas tenho a certeza de uma coisa: nunca mais vou permitir que isso aconteça.

Dou-lhe um beijo suave no cabelo. Algo que provavelmente já fiz um milhão de vezes, mas as traças embriagadas e de uma só asa a esvoaçar no meu estômago fazem com que pareça a primeira vez.

— Boa noite, Charlie querida.

32

Charlie

Acordo com a luz do sol.

Está a entrar pela janela e a aquecer-me o rosto. Viro-me para procurar o Silas, mas o lado dele da cama está vazio.

Por momentos, receio que me tenha deixado, ou que alguém o tenha levado. Mas depois ouço o tilintar de uma chávena e o som dele a mexer-se. Fecho os olhos com gratidão. Sinto o cheiro a comida. Viro-me para o lado.

— Pequeno-almoço — ouço-o dizer.

Levanto-me da cama, sentindo-me constrangida com o meu aspeto. Passo os dedos pelo cabelo e esfrego os olhos. O Silas está sentado à secretária, a beber café e a escrever qualquer coisa num papel.

Puxo uma cadeira, sento-me à frente dele, pego num croissant e ponho o cabelo atrás das orelhas. Não me apetece comer, mas como na mesma. Ele quer que estejamos bem descansados e alimentados antes de o relógio bater as onze horas. Mas o meu estômago está cheio de nervos, pensando em como me senti ao acordar sem memória há dois dias. Não quero que isso volte a acontecer. Não gostei nessa altura, e não vou gostar desta vez.

De vez em quando, ele olha para mim e os nossos olhares fixam-se antes de voltar ao trabalho. Também parece nervoso.

Depois do croissant, como bacon, a seguir os ovos e um pãozinho. Acabo o café do Silas, bebo o meu sumo de laranja e afasto a cadeira da mesa. Ele sorri e

toca no canto da boca. Levanto-me e tiro as migalhas da cara, sentindo um calor nas bochechas. Mas ele não se está a rir de mim. Eu sei disso.

Ele dá-me uma escova de dentes ainda na embalagem e segue-me até à casa de banho. Lavamos os dentes juntos, olhando-nos ao espelho. O cabelo dele está em pé, e o meu está emaranhado. É um pouco cómico. Não acredito que estou no mesmo quarto que o rapaz dos meus sonhos. É uma sensação surreal.

Olho para o relógio quando saímos da casa de banho. Faltam dez minutos. O Silas tem os apontamentos prontos, assim como eu. Colocamo-los em cima da cama, de modo que todos nos cerquem. Tudo o que sabemos está aqui. Desta vez vai ser diferente. Estamos juntos. Temos o Landon. Vamos resolver isso.

Sentamo-nos, de frente um para o outro na cama, com os joelhos a tocarem-se. De onde estou sentada, consigo ver as letras vermelhas do despertador a bater as 10h59.

Um minuto. O meu coração está acelerado. Tenho tanto medo.

Começo a contagem decrescente na minha cabeça. *59… 58… 57… 56…*

Conto até 30, e o Silas de repente inclina-se para a frente. As mãos dele cobrem o meu rosto. Sinto o cheiro dele, sinto o hálito dele nos meus lábios.

Perco a noção do tempo. Não faço ideia do segundo em que estou.

— Nunca, jamais — sussurra ele.

O calor dele, os lábios dele, as mãos dele.

Ele encosta a boca à minha e beija-me profundamente e eu…

PARTE 3

33

Charlie

A primeira coisa em que reparo é no coração a bater-me no peito. É tão rápido que chega a ser doloroso. Porque é que um coração precisa de bater com tanta força? Respiro fundo pelo nariz e abro os olhos ao expirar.

Depois atiro-me para trás.

Por sorte, estou numa cama e caio no colchão. Afasto-me do homem que me olha fixamente e ponho-me de pé. Olho para ele enquanto me afasto. Ele está a observar-me, mas não se mexeu. Isso alivia-me um pouco a pulsação no peito. *Um pouco*.

Ele é jovem. Não é bem um homem, talvez esteja no fim da adolescência ou no início dos 20. Tenho vontade de fugir. Uma porta… Preciso de encontrar uma porta, mas, se tirar os olhos dele, ele pode…

— Quem raio és tu? — pergunto.

Não importa quem ele é. Só preciso de o distrair enquanto procuro uma maneira de sair daqui.

Ele fica calado por uns momentos enquanto me avalia.

— Ia perguntar-te a mesma coisa — diz ele.

A voz dele faz-me parar de tentar fugir por segundos. É profunda… calma. Profundamente calma. Talvez esteja a exagerar. Tento responder-lhe — o que seria a coisa razoável a fazer quando alguém nos pergunta quem somos —, mas não consigo.

— Eu perguntei primeiro — rebato. Porque é que a minha voz me parece tão pouco familiar?

Levo uma mão à garganta e envolvo o pescoço.

— Eu… — ele hesita. — Não sei?

— Não sabes? — replico, com incredulidade. — Como é que não sabes?

Avisto a porta e aproximo-me, sem tirar os olhos dele. Embora ele continue ajoelhado na cama, consigo perceber que é alto. Tem os ombros largos e a t-shirt que traz vestida fica esticada. Se ele vier para cima de mim, duvido que seja capaz de o enfrentar. Os meus pulsos parecem-me pequenos. *Parecem* pequenos? Porque é que eu não sei se os meus pulsos *são* pequenos?

É agora. Tenho de o fazer.

Corro para a porta. Está apenas a alguns metros de distância; se a conseguir abrir, posso correr para pedir ajuda. Grito enquanto corro. É um grito horripilante, de fazer doer os tímpanos. A minha mão agarra-se à maçaneta e olho para trás para ver onde ele está.

Continua no mesmo sítio, com as sobrancelhas levantadas.

— Porque é que estás a gritar?

Eu paro.

— Porque… porque é que não vens atrás de mim?

Estou mesmo em frente à porta. Tecnicamente, posso abrir a porta e sair a correr daqui antes de ele se levantar. Ele sabe disso, e *eu* sei disso, então porque é que ele não tenta impedir-me?

Ele passa uma mão pelo rosto e abana a cabeça, suspirando profundamente.

— Como é que te chamas? — pergunta.

Abro a boca para lhe dizer que não é da conta dele, mas depois apercebo-me de que não sei. Não sei qual é o raio do meu nome.

Nesse caso…

— Delilah.

— *Delilah.*…? — pergunta ele.

Está bastante escuro, mas quase posso jurar que ele está a sorrir.

— Sim… não é suficientemente bom para ti?

Ele abana a cabeça.

— Delilah é um ótimo nome — responde. — Ouve… Delilah. Não sei exatamente o que estamos a fazer aqui, mas mesmo atrás da tua cabeça está um papel colado à porta. Podes pegar nele e lê-lo?

Tenho medo de que, se me virar, ele me ataque. Estico a mão para trás sem olhar e apalpo. Tiro o papel da porta e coloco-o à frente da minha cara.

Charlie! Não abras a porta ainda! O tipo que está no quarto contigo… podes confiar nele. Volta para a cama e lê todos os apontamentos. Eles vão explicar tudo.

— Acho que é para ti — digo-lhe. — Chamas-te Charlie?

Volto a olhar para o tipo na cama. Ele também está a ler qualquer coisa. Então olha para cima e segura um pequeno retângulo branco na minha direção.

— Olha para isto — diz.

Dou um passo em frente, e depois outro, e outro. É uma carta de condução. Estudo a fotografia e depois a cara dele. A mesma pessoa.

— Se o teu nome é Silas, quem é o Charlie?

— És *tu* — diz ele.

— Sou *eu*?

— Sim.

Ele inclina-se para apanhar um pedaço de papel de caderno da cama.

— Diz aqui.

Ele estende-me o papel e eu devolvo-lhe a carta de condução.

— Charlie não é um nome de rapariga — contraponho.

Começo a ler o que está escrito nas páginas e esqueço tudo o resto. Deixo-me cair pesadamente na beira da cama.

— Mas que raio?

O tal Silas também está a ler. Os seus olhos percorrem o papel que tem à frente do rosto. Olho-o furtivamente enquanto ele lê e, quando o faço, o meu coração bate um pouco mais depressa.

Leio mais. Fico cada vez mais confusa. Os apontamentos são supostamente meus e deste tipo, mas nada faz sentido. Enquanto leio, pego numa caneta e copio o papel que encontrei na porta, para ver se *fui* mesmo eu que o escrevi.

A caligrafia coincide na perfeição.

— Uau, uau, uau! — digo. — Isto é de loucos!

Pouso a página e abano a cabeça. Como é que tudo isto pode ser verdade? É como ler um romance. Memórias perdidas, pais que traíram as suas famílias, vudu. *Meu Deus*. De repente, apetece-me vomitar.

Porque é que não me consigo lembrar de quem sou? Do que fiz ontem? Se o que estes apontamentos dizem é verdade…

Estou prestes a dizer isto quando o Silas me passa a folha de papel.

Só tens quarenta e oito horas. Não te concentres na razão pela qual não te lembras das coisas ou em como tudo isto é estranho. Concentra-te em arranjar uma solução para isto antes que te esqueças outra vez.

Charlie

É a minha letra outra vez.

— Estou a ser convincente — digo.

Ele anui.

— Então… onde é que estamos?

Dou uma volta completa, reparando na comida acabada de comer em cima da mesa. O Silas aponta para um daqueles pequenos expositores de cartão na mesa de cabeceira. Um hotel. Em Nova Orleães. *Ótimo*.

Estou a dirigir-me para a janela para espreitar lá para fora quando batem à porta do quarto. Ficamos os dois especados a olhar nessa direção.

— Quem é? — grita o Silas para a porta.

— Sou *eu*! — responde uma voz.

O Silas faz-me sinal para ir para o outro lado do quarto, longe da porta. Eu não vou.

Só me conheço há alguns minutos, mas sei que sou teimosa.

O Silas destranca a porta e abre apenas uma fresta, por onde aparece uma cabeça castanha e despenteada.

— Olá — diz o rapaz. — Estou de volta. Às 11h30 em ponto, tal como disseste.

Ele tem as mãos enfiadas nos bolsos e a cara vermelha, como se tivesse estado

a correr. Desvio o olhar dele para o Silas, e de novo para ele. São parecidos.

— Vocês conhecem-se? — pergunto.

A versão mais nova do Silas assente.

— Somos irmãos.

Diz isto em voz alta enquanto aponta primeiro para o Silas e depois para si próprio.

— Eu sou teu irmão — diz ele novamente, olhando para o Silas.

— Isso é o que tu dizes — replica o Silas, com um ligeiro sorriso no rosto. Olha para mim, e depois de volta para o Landon. — Importas-te que eu veja a tua identificação?

O rapaz revira os olhos, mas tira uma carteira do bolso de trás.

— Eu gosto do modo engraçado como reviras os olhos — diz o Silas, enquanto abre a carteira do rapaz.

— Como é que te chamas? — pergunto-lhe.

Ele inclina a cabeça, semicerrando os olhos.

— Sou o *Landon* — responde, como se eu já devesse saber. — O filho mais bonito dos Nashes.

Esboço um ligeiro sorriso enquanto o Silas analisa a identificação do Landon. É um bom rapaz. Dá para ver pelos olhos dele.

— Então — digo, olhando para o Silas. — Tu também não sabes quem és? E nós estamos a tentar descobrir tudo isto juntos? E a cada quarenta e oito horas esquecemo-nos outra vez?

— Sim — confirma ele. — Parece que é isso.

Só pode ser um sonho. Não pode ser real.

E depois percebo. *Estou a sonhar*. Desato à gargalhada quando o Landon me entrega um saco. Acho que o meu riso o apanhou de surpresa.

— O que é isso? — pergunto, abrindo o saco.

— Pediste-me para te trazer uma muda de roupa.

Olho para a bata que estou a usar e depois para as roupas.

— Porque é que estou a usar isto?

Ele encolhe os ombros.

— Era o que tinhas vestido ontem à noite quando o Silas te encontrou.

O Silas abre-me a porta da casa de banho. As roupas têm etiquetas, por isso tiro-as e começo a mudar de roupa. Uma camisola preta gira com mangas compridas e calças de ganga que me servem como se tivessem sido feitas para mim. *Quem é que recebe roupas novas nos seus sonhos?*

— Adoro este sonho! — grito pela porta da casa de banho.

Quando acabo de me mudar, abro a porta e bato palmas.

— Muito bem, rapazes. Vamos lá. Para onde?

34

Silas

Verifico rapidamente o quarto de hotel enquanto a Charlie e o Landon saem. Pego no saco de lixo vazio do pequeno caixote debaixo da escrivaninha e enfio todos os nossos apontamentos nele. Seguro de ter tudo comigo, sigo a Charlie e o Landon até à rua.

A Charlie ainda está a sorrir quando chegamos ao carro. Acha realmente que isto é um sonho, e eu não tenho coragem de lhe dizer que não é. Não é um sonho. Na verdade, é um pesadelo e nós estamos a vivê-lo há mais de uma semana.

O Landon entra no carro, mas a Charlie espera por mim na porta de trás.

— Queres ir à frente com o teu *irmão*? — pergunta ela, fazendo aspas com os dedos.

Eu abano a cabeça e passo a mão em volta dela para abrir a porta.

— Não, podes ir à frente.

Ela começa a virar-se quando lhe agarro no braço. Inclino-me para o seu ouvido e sussurro.

— Não estás a sonhar, Charlie. Isto é real. Está a acontecer-nos alguma coisa e tens de levar isto a sério para podermos descobrir, está bem?

Quando recuo, os olhos dela estão arregalados. O sorriso desapareceu do seu rosto e ela não acena com a cabeça. Entra no carro e fecha a porta.

Eu ocupo o meu lugar no banco de trás e tiro o telemóvel do bolso.

Há um lembrete nele, por isso abro-o.

Vão primeiro à esquadra de polícia. Peguem na mochila da Charlie e leiam todos os apontamentos e diários que conseguirem… o mais depressa que conseguirem.

Fecho o lembrete, sabendo que terei mais cinco lembretes nas próximas duas horas. Sei isso… pois lembro-me de ter criado cada um deles na noite passada.

Lembro-me de ter escrito todos os apontamentos que estão neste pequeno saco de lixo de hotel que tenho na mão.

Lembro-me de agarrar no rosto da Charlie mesmo antes de o relógio bater as onze horas.

Lembro-me de lhe ter sussurrado «Nunca, jamais», mesmo antes de a beijar.

E lembro-me de que, dez segundos depois de os nossos lábios se tocarem… ela afastou-se e não fazia ideia de quem eu sou. Não tinha memória das últimas quarenta e oito horas.

E, no entanto… eu lembro-me de cada minuto dos últimos dois dias.

Não podia dizer-lhe a verdade. Não a queria assustar, e fazê-la acreditar que estava na mesma situação que ela parecia ser a opção mais reconfortante.

Não sei porque é que não me esqueci desta vez, ou porque é que ela se esqueceu. Devia estar aliviado por tudo o que se tem passado entre nós parecer ter acabado para mim, mas não estou nada aliviado. Estou desiludido. Preferia ter perdido a memória outra vez com ela do que tê-la sozinha nisto. Pelo menos, quando estávamos juntos nisto, sabíamos que era algo que podíamos resolver juntos.

O que parecia ser um padrão foi agora quebrado, e sinto que isto só torna tudo ainda mais difícil de perceber. Porque é que fui poupado desta vez? Porque é que ela não foi? Porque é que sinto que não posso ser honesto com ela? Será que sempre carreguei tanta culpa?

Ainda não sei quem sou, ou quem costumava ser. Só tenho as últimas quarenta e oito horas para seguir, o que não é muito. Mas ainda é melhor do que a meia hora de memórias que a Charlie tem.

Devia ser honesto com ela, mas não consigo. Não quero que isso a assuste, e

sinto que o único conforto que ela tem agora é saber que não está sozinha nisso.

O Landon está sempre a olhar para mim e depois para ela. Sei que ele acha que estamos malucos. E *estamos* um pouco malucos, mas não da forma que ele pensa.

Gosto dele. Não tinha a certeza se ele ia aparecer esta manhã como lhe pedi, uma vez que ainda tem dúvidas. Gosto de ver que, apesar de duvidar, a lealdade dele é mais forte do que a razão. Acredito que pouquíssimas pessoas têm essa qualidade.

Seguimos em silêncio a caminho da esquadra, até que a Charlie se vira para o Landon e olha para ele.

— Como é que sabes que nós não estamos a mentir-te? — pergunta ela. — Porque é que nos farias a vontade se não tiveres algo que ver com o que nos aconteceu?

Ela está mais desconfiada dele do que de mim.

O Landon agarra o volante e olha para mim pelo retrovisor.

— *Não* sei se vocês os dois não estão a mentir. Para mim, estão apenas a gozar com a minha cara. Noventa por cento de mim acham que estão a mentir e não têm nada melhor para fazer. Cinco por cento de mim acham que talvez estejam a dizer a verdade.

— Isso só perfaz só noventa e cinco por cento — comento, do banco de trás.

— Isso é porque os outros cinco por cento de mim acham que *eu* é que fiquei maluco!

A Charlie ri-se.

Paramos na esquadra de polícia e o Landon encontra uma vaga para estacionar.

— Só para que fique claro, o que é que eu tenho de dizer? — pergunta a Charlie, antes de ele desligar o carro. — Que estou aqui por causa da minha mochila?

— Eu vou contigo — reconforto-a. — O bilhete dizia que todos pensavam que estavas desaparecida e que eu era suspeito do teu desaparecimento. Se entrarmos juntos, eles não terão motivos para continuar a investigar.

Ela sai do carro e, enquanto caminhamos para a esquadra, diz:

— Porque é que não lhes dizemos o que se está a passar? Que não nos lembramos de nada?

Faço uma pausa com a mão na porta.

— Porque não, Charlie. Nós avisámo-nos especificamente nos apontamentos para *não* fazermos isso. Prefiro confiar nas versões de nós próprios de que não nos lembramos do que confiar em pessoas que não nos conhecem de todo.

Ela aquiesce.

— Bem visto. — Faz uma pausa e inclina a cabeça para o lado. — Pergunto-me se serás inteligente.

O comentário dela faz-me rir.

Não há ninguém no átrio quando entramos. Aproximo-me de uma janela de vidro. Também não há ninguém atrás do balcão, mas há um intercomunicador, por isso carrego no botão ao lado e ouço-o estalar.

— Estou? — pergunto. — Está cá alguém?

— Estou a ir! — ouço uma mulher gritar.

Alguns segundos depois, ela aparece atrás da secretária. Os seus olhos ficam alarmados quando me vê a mim e à Charlie.

— Charlie? — pergunta ela.

A Charlie acena, torcendo as mãos nervosamente.

— Sim. Vim buscar as minhas coisas. Uma mochila?

A mulher olha para a Charlie durante alguns segundos e os seus olhos descem para as mãos dela. A postura da Charlie fá-la parecer nervosa… como se estivesse a esconder alguma coisa. A mulher diz-nos que vai ver o que pode fazer e desaparece da secretária outra vez.

— Tenta relaxar — sussurro à Charlie. — Não faças com que pareça que te obriguei a fazer isto. Eles já desconfiam de mim.

A Charlie cruza as mãos sobre o peito, assente, e depois leva o polegar à boca. Começa a morder o dedo.

— Eu não sei como parecer relaxada — replica. — Não estou *nada* relaxada. Estou confusa como o raio.

A mulher não regressa, mas uma porta à nossa esquerda abre-se e um agente fardado aparece na entrada. Olha para a Charlie e depois para mim. Faz sinal

para que o sigamos.

Entra num gabinete e começa a sentar-se atrás da secretária. Acena com a cabeça para as duas cadeiras à sua frente e sentamo-nos os dois. Ele não parece nada satisfeito quando se inclina para a frente e pigarreia.

— Faz ideia de quantas pessoas andam à sua procura neste momento, minha menina?

A Charlie fica tensa. Consigo sentir a confusão a sair dela. Sei que ela ainda está a tentar perceber o que aconteceu na última hora, por isso respondo por ela.

— Lamentamos imenso — digo.

Os olhos dele permanecem na Charlie durante alguns segundos, e depois deslizam para mim.

— Tivemos uma discussão. Ela decidiu desaparecer durante uns dias para processar tudo. Não sabia que alguém andaria à procura dela, ou que seria dada como desaparecida.

O agente parece aborrecido comigo.

— Agradeço a sua capacidade de responder pela sua namorada, mas gostaria de ouvir o que a menina Wynwood tem a dizer.

Ele levanta-se, elevando-se sobre nós, e faz sinal para a porta.

— Espere lá fora, Sr. Nash. Gostava de falar com ela a sós.

Merda.

Não a quero deixar sozinha com ele. Hesito, mas a Charlie pousa uma mão tranquilizadora no meu braço.

— Está tudo bem. Espera lá fora — diz ela.

Olho para ela com atenção, mas parece-me confiante. Levanto-me com demasiada força e a cadeira faz um barulho horrível ao recuar. Não volto a olhar para o agente. Saio, fecho a porta atrás de mim e começo a andar de um lado para o outro no átrio vazio.

A Charlie aparece uns minutos depois com uma mochila ao ombro e um sorriso presunçoso no rosto. Sorrio-lhe, sabendo que nunca deveria ter acreditado que os nervos dela levariam a melhor. Esta é a quarta vez que ela começa do zero, e parece ter conseguido safar-se nas primeiras vezes. Não será diferente agora.

Desta vez, não se senta no banco da frente.

— Vamos sentar-nos os dois atrás para podermos ver isto tudo — diz ela, quando nos aproximamos do carro.

O Landon está irritado porque acha que a nossa partida está a durar demasiado tempo e agora estamos a obrigá-lo a ser nosso motorista.

— Para onde vamos agora? — pergunta ele.

— Vai conduzindo até descobrirmos para onde queremos ir a seguir — respondo.

A Charlie abre o fecho da mochila e começa a remexer nela.

— Acho que devíamos ir à prisão — sugere. — O meu pai pode ter alguma explicação.

— De novo? — pergunta o Landon. — Eu e o Silas tentámos isso ontem. Eles não nos deixaram falar com ele.

— Mas eu sou a filha.

Ela olha para mim como se estivesse silenciosamente a pedir a minha aprovação.

— Concordo com a Charlie — declaro. — Vamos ver o pai dela.

O Landon suspira pesadamente.

— Estou morto para que isto acabe — queixa-se ele, virando à direita para sair do parque de estacionamento da esquadra. — Ridículo — murmura.

Aproxima-se do rádio e aumenta o volume, abafando-nos.

Começamos a tirar objetos da mochila. Há duas pilhas separadas que me lembro de ter feito há uns dias, quando comecei a analisar estes objetos. Uma delas é útil para nós, a outra não. Dou à Charlie os diários e eu começo a separar as cartas, esperando que ela não perceba que estou a saltar as que sei que já li.

— Todos estes diários estão cheios — diz ela, folheando-os. — Se eu escrevia tanto e com tanta frequência, não teria um atual? Não consigo encontrar um deste ano.

Ela tem razão. Quando estive no sótão dela a recolher todas estas coisas, não reparei em nada que parecesse estar a ser usado presentemente. Encolho os ombros.

— Talvez nos tenha escapado quando pegámos nisto tudo.

Ela inclina-se para a frente e fala por cima da música.

— Eu quero ir a minha casa — diz ela ao Landon.

Depois recosta-se no banco, segurando a mochila contra o peito. Não continua a ler as cartas ou os diários. Apenas olha calmamente pela janela enquanto nos aproximamos da rua onde vive.

Quando chegamos a casa dela, hesita antes de abrir a porta do carro.

— É aqui que eu moro? — pergunta.

Tenho a certeza de que ela não estava à espera disto, mas não posso tranquilizá-la nem avisá-la do que vai encontrar lá dentro, porque ela ainda acredita que eu também perdi a memória.

— Queres que eu entre contigo?

Ela abana a cabeça.

— Provavelmente não é boa ideia. Os nossos apontamentos dizem que deves manter-te longe da minha mãe.

— É verdade — digo. — Bem, os apontamentos diziam que encontrámos todas estas coisas no teu sótão. Desta vez, talvez seja melhor veres o teu quarto. Se tinhas um diário onde escrevias ativamente, deve estar perto do sítio onde dormes.

Ela anui, sai do carro e começa a caminhar em direção a casa. Eu observo-a até ela desaparecer lá dentro.

Consigo ver o Landon a observar-me desconfiado pelo retrovisor. Evito o contacto visual com ele. Sei que ele já não acredita em nós, mas se ele descobre que eu tenho alguma memória das últimas quarenta e oito horas, vai pensar *mesmo* que eu estou a mentir. E então deixará de nos ajudar.

Encontro uma carta que ainda não li e, quando estou a abri-la, a porta de trás abre-se. A Charlie atira uma caixa para dentro do carro e fico aliviado por ver que ela encontrou mais coisas, incluindo outro diário. Ela desliza para dentro do carro quando a porta da frente se abre. Olho para o banco da frente e vejo a Janette juntar-se à festa.

A Charlie inclina-se até os nossos ombros se tocarem.

— Acho que ela é minha irmã — sussurra. — E não parece gostar muito de mim.

A porta da Janette fecha-se e ela vira-se imediatamente no seu lugar e olha para mim.

— Obrigada por me dizeres que a minha irmã está viva, idiota.

Vira-se de novo para a frente e eu apanho a Charlie a suster uma gargalhada.

— A sério?! — diz o Landon, olhando para a Janette no banco ao seu lado.

Ele não parece nada satisfeito com o facto de a Janette nos ir fazer companhia.

A Janette vira a cabeça e geme.

— Oh, vá lá — diz ela ao Landon. — Já faz um ano que terminámos. Não vais morrer por estares sentado no mesmo carro que eu. Além disso, eu não vou ficar em casa o dia todo com a Loco Laura.

— Caraças — murmura a Charlie. Inclina-se para a frente. — Vocês namoravam?

O Landon anui.

— Sim. Mas foi há muito tempo. E durou, tipo, uma semana.

Ele faz marcha-atrás com o carro.

— *Duas* semanas — especifica a Janette.

A Charlie olha para mim e ergue uma sobrancelha.

— E o enredo adensa-se… — diz ela.

Pessoalmente, acho que a presença da Janette vai ser mais intrusiva do que útil. Pelo menos o Landon sabe o que se está a passar connosco. Não me parece que a Janette vá reagir muito bem a uma coisa destas.

Ela tira um *gloss* da bolsa e começa a aplicá-lo, olhando-se ao espelho do passageiro.

— Então, onde é que vamos?

— Ver o Brett — responde a Charlie, despreocupadamente, enquanto vasculha a caixa no banco de trás.

A Janette vira-se para trás.

— O Brett? O *pai*? Vamos ver o *pai*?

A Charlie assente e puxa do diário.

— Sim — responde ela. Olha para Janette. — Se tiveres algum problema com isso, podemos levar-te de volta para casa.

A Janette fecha a boca e volta-se lentamente para a frente.

— Não tenho nenhum problema com isso. Mas eu não vou sair do carro. Não o quero ver.

A Charlie ergue uma sobrancelha para mim e depois volta a encostar-se no assento, abrindo o diário. Uma carta dobrada cai e ela começa por a abrir. Respira fundo, olha para mim e diz:

— Bem, aqui vamos nós, *Silas querido*. Vamos conhecer-nos um ao outro.

Abre a carta e começa a ler.

Abro uma carta que ainda não li e também me recosto.

— Aqui vamos nós, *Charlie querida*.

35

Charlie

Charlie querida,

A minha mãe viu a minha tatuagem. Achei que ia conseguir escondê-la por uns anos, mas — raios me partam! — ela entrou no meu quarto esta manhã sem bater à porta precisamente quando estava a tirar a ligadura.

Há três anos que ela não entrava no meu quarto sem bater à porta! Acho que pensou que eu não estava em casa. Devias ter visto a cara dela quando se apercebeu do que eu tinha feito. A tatuagem em si já fez estragos suficientes. Nem quero imaginar o que teria acontecido se ela tivesse percebido que te representa a ti.

Já agora, obrigado por isso. Os significados ocultos dos nossos nomes foi uma sugestão muito melhor do que tatuarmos os nomes um do outro. Disse-lhe que o colar de pérolas representa as portas peroladas do céu, ou uma treta do género. Depois dessa explicação, ela não discutiu muito, visto que é presença assídua mal as portas da igreja abrem.

Ela queria saber quem me fez a tatuagem, uma vez que só tenho 16 anos, mas recusei-me a dizer-lhe. Estou surpreendido por ela não ter adivinhado, porque tenho quase a certeza de que no mês passado mencionei que o irmão mais velho do Andrew era tatuador.

Enfim. Ela ficou chateada, mas eu jurei-lhe que não faria outra. Disse-me que não tirasse a camisola à frente do meu pai.

Ainda estou um pouco chocado por termos ido os dois para a frente com isto. Estava a brincar quando disse que o devíamos fazer, mas quando pareceste entusiasmada, percebi que estava a falar a sério. Sei que dizem para nunca se fazer uma tatuagem em honra de alguém com quem se está numa relação, e sei que só temos 16 anos, mas não vejo nada que possa acontecer nesta vida que me faça não te querer na minha pele.

Nunca vou amar ninguém como te amo a ti. E se o pior acontecer e nos separarmos, nunca me vou arrepender desta tatuagem. Tens sido uma grande parte da minha vida durante os dezasseis anos que já vivi e, quer acabemos juntos quer não, quero recordar esta parte da minha vida. E talvez estas tatuagens sejam mais um elemento comemorativo do que a assunção de que vamos passar o resto das nossas vidas juntos. De qualquer forma, espero que daqui a quinze anos olhemos para estas tatuagens e estejamos gratos por este capítulo das nossas vidas, e não haja um pingo de arrependimento. Quer estejamos juntos quer não.

Devo dizer que acho que és muito mais forte do que eu. Estava à espera de ter de ser eu a acalmar-te e a assegurar-te que a dor era apenas temporária, mas acabou por ser o contrário. Talvez a minha tenha doído mais do que a tua. ;)

Pronto, já é tarde. Estou prestes a telefonar-te e a dar-te as boas-noites, mas, como sempre, tinha de te dizer tudo o que penso por carta. Sei que já o disse antes, mas adoro o facto de ainda escrevermos cartas um ao outro. As mensagens de texto são apagadas e as conversas desvanecem-se, mas juro que vou guardar todas as cartas que me escreveste até ao dia em que morrer. #CorreioParaSempre

Amo-te. O suficiente para te camuflar na minha pele.

Nunca deixes. Nunca te esqueças.

Silas

Olho de relance para o Silas, do outro lado do banco, mas ele está absorto na sua própria leitura. Gostava de ver a tatuagem pessoalmente, mas ainda não me sinto suficientemente à vontade para lhe pedir que tire a camisola.

Folheio mais cartas até encontrar uma que lhe escrevi. Estou curiosa para ver se estou tão apaixonada como ele parece estar.

Silas, não consigo parar de pensar na outra noite em que nos beijámos. Nem na tua carta a explicar o que sentias sobre isso.

Eu nunca tinha beijado ninguém antes. Não fechei os olhos. Estava demasiado assustada. Nos filmes, eles fecham os olhos, mas eu não conseguia obrigar-me a fazê-lo. Queria saber se os teus olhos estavam fechados, e como eram os teus lábios quando se encostavam aos meus. E queria saber que horas eram para me poder lembrar sempre do momento exato em que demos o nosso primeiro beijo (eram onze horas, já agora). E mantiveste os olhos fechados o tempo todo.

Depois de me vir embora, fui para casa e fiquei a olhar para a parede durante uma hora. Ainda conseguia sentir a tua boca na minha, apesar de já não estares lá. Foi uma loucura e não sei se é suposto isso acontecer. E desculpa ter ignorado todos os teus telefonemas depois disso. Não era minha intenção preocupar-te, mas precisava de tempo. Tu sabes isso sobre mim. Tenho de processar tudo, e tenho de o fazer sozinha. E tu beijares-me era algo que precisava de ser processado. Há muito que queria que isto acontecesse, mas sei que os nossos pais vão pensar que somos malucos. Ouvi a minha mãe dizer que as pessoas da nossa idade não estão realmente apaixonadas, mas não acho que isso seja verdade. Os adultos gostam de fingir que os nossos sentimentos não são tão intensos e importantes como os deles — que somos demasiado novos para sabermos realmente o que queremos. No entanto, acho que o que nós queremos é semelhante ao que eles querem. Queremos encontrar alguém que acredite em nós. Que fique do nosso lado e nos faça sentir menos sozinhos.

Tenho tanto medo de que aconteça alguma coisa e que isso faça com que deixes de ser o meu melhor amigo. Ambos sabemos que há muitas pessoas que se dizem nossas amigas e depois não agem como tal, mas tu nunca foste assim. Estou completamente a divagar. Eu gosto mesmo de ti, Silas. Muito mesmo. Talvez mais do que de algodão-doce de maçã verde, e Nerds

cor-de-rosa, e até mesmo de Sprite! Sim, isso mesmo.

Charlie

É amoroso. Eu era querida — uma rapariga a apaixonar-se por um rapaz pela primeira vez. Gostava de me lembrar de como foi o nosso primeiro beijo. Pergunto-me se fizemos mais do que apenas beijarmo-nos. Folheio mais cartas, examinando cada uma delas. Chego a uma com uma palavra que me chama a atenção.

Querido Silas, estou a tentar escrever esta carta há uns trinta minutos e não sei como dizer o que quero dizer. Acho que vou ter de arranjar uma maneira, não é? Tu dizes sempre as coisas tão bem e eu é que fico sempre com a língua presa.

Não consigo parar de pensar no que fizemos na outra noite. Aquela coisa que fazes com a língua… dá-me vontade de desmaiar só de pensar nisso. Estou a ser demasiado honesta? A abrir o meu jogo? É o que o meu pai me diz sempre. «Não mostres todo o teu jogo às pessoas, Charlie.»

Eu não quero esconder o meu jogo de ti. Sinto que te posso confiar todos os meus segredos. Silas, mal posso esperar que me voltes a beijar assim. Ontem à noite, depois de saíres, tive sentimentos irracionais e de raiva por todas as raparigas do planeta.

Sei que é estúpido, mas não quero que faças essa coisa com a língua a mais ninguém. Não me sinto uma pessoa ciumenta, mas tenho ciúmes de qualquer pessoa que tenhas desejado antes de mim. Não quero que penses que sou louca, Silas, mas se alguma vez olhares para outra rapariga como olhas para mim, arranco-te os olhos com uma colher. Também a matava e culpava-te por isso. Por isso, a menos que queiras ser um prisioneiro cego, sugiro que mantenhas os olhos em mim. Vemo-nos ao almoço!

Amo-te!

Charlie

Coro e dou uma espreitadela ao Silas. Então nós… Eu tive…

Enfio o bilhete debaixo da perna para que ele não o possa ler. Que

embaraçoso. Fazer isso com alguém e não se lembrar. Especialmente quando ele é aparentemente tão bom naquela coisa com a língua. *Que coisa?* Olho de novo para ele, e desta vez ele também está a olhar para mim. Sinto-me imediatamente quente por todo o lado.

— O que foi? Porque é que estás com essa cara?

— Qual cara? — pergunto, desviando o olhar.

É então que me ocorre que não sei como é a minha cara. Será que sou sequer agradável à vista? Vasculho a mochila até encontrar a minha carteira. Tiro a minha identificação e olho para ela. Sou… *normal*. Reparo primeiro nos meus olhos, porque são parecidos com os da Janette. Mas sinto que a Janette pode ser um pouco mais bonita do que eu.

— Achas que somos mais parecidas com a mãe ou com o pai? — pergunto à Janette.

Ela põe os pés em cima do tabliê e diz:

— Com a mãe, graças a Deus. Morria se tivesse nascido tão pálida como o pai.

Afundo-me um pouco no assento com esta resposta. Esperava que nos parecêssemos mais com o pai, para que, quando o vir daqui a pouco, ele me pareça um bocadinho familiar. Pego no diário, para me distrair do facto de não me lembrar de nada sobre as pessoas que me deram vida.

Avanço para o último dia em que escrevi no meu diário. Provavelmente era o que eu deveria ter lido primeiro, mas queria um pouco de contexto. Há duas entradas nesse dia, por isso começo pela primeira.

SEXTA-FEIRA, 3 DE OUTUBRO

O dia em que o teu cão é atropelado.
O dia em que o teu pai vai para a prisão.
O dia em que tens de sair da tua casa de infância e ir para uma lixeira.
O dia em que a tua mãe deixa de olhar para ti.
O dia em que o teu namorado bate no pai de alguém.

Todos os piores dias da minha vida. Nem sequer quero falar sobre isso.

Mas na próxima semana toda a gente o vai fazer. As coisas estão a piorar cada vez mais. Estou a esforçar-me muito para resolver tudo, para corrigir tudo. Impedir que a minha família vá para a sarjeta, apesar de ser exatamente para aí que estamos a ir. Sinto que estou a nadar contra esta grande onda e que não há maneira de vencer. As pessoas na escola olham para mim de forma diferente. O Silas diz que é tudo imaginação minha, mas é mais fácil para ele acreditar nisso. Ele ainda tem pai. A vida dele ainda está intacta. Talvez não seja justo da minha parte dizer isso, mas fico furiosa quando ele me diz que tudo vai ficar bem, porque não vai. É óbvio que não vai. Ele acha que o seu pai é inocente. EU NÃO! Como é que posso estar com alguém cuja família me despreza? O meu pai não está cá para eles odiarem, por isso transferiram tudo para mim. A minha família fez com que a preciosa família deles ficasse mal vista. O meu pai está a apodrecer na prisão enquanto eles andam por aí e continuam com as suas vidas, como se ele nem sequer importasse. O que eles fizeram à minha família importa e nem tudo vai ficar bem. O meu pai odeia o Silas. Como é que eu posso estar com alguém que está ligado à pessoa que o prendeu? Faz-me sentir tão mal. No entanto, é-me tão difícil afastar-me dele. Quando fico zangada, ele diz todas as coisas certas. Mas eu sei, no fundo do meu coração, que isto não é bom para nenhum de nós. Contudo, o Silas é muito teimoso. Mesmo que eu tentasse acabar com ele, ele não me deixaria. É como um desafio para ele.

Eu ajo como se não me importasse? Ele age como se não se importasse também.

Traio-o com o inimigo mortal dele?

Ele trai-me com a irmã do inimigo mortal dele.

Ele ouve dizer que estou no restaurante com amigos? Aparece lá com os amigos dele.

Somos voláteis juntos. Nem sempre fomos assim. Tudo começou quando a situação com os nossos pais ficou insustentável. Antes disso, se um dia alguém me dissesse que eu faria tudo para me livrar dele, ter-me-ia rido na cara dessa pessoa. Quem diria que as nossas vidas, que se encaixavam tão

perfeitamente, se tornariam irreconhecíveis de um dia para o outro?

As vidas do Silas e da Charlie já não se encaixam. Agora é demasiado difícil. Está a exigir mais esforço do que qualquer um de nós é capaz.

Não quero que ele me odeie. Só não quero que ele me ame mais.

Por isso… tenho andado a agir de forma diferente. Não é assim tão difícil agir de forma diferente, porque na verdade eu estou diferente depois de tudo o que aconteceu. Mas tenho deixado que ele o veja em vez de o esconder. Sou má. Não sabia que era capaz de ser assim tão má. E estou distante. E estou a deixar que ele me veja namoriscar com outros tipos. Há umas horas, ele deu um murro ao pai do Brian quando o ouviu dizer a outro cliente que eu era namorada do filho. Não sei se alguma vez nos envolvemos numa discussão tão grande. Eu queria que ele gritasse comigo. Queria que ele me visse como realmente sou.

Queria que ele visse que merece muito melhor.

Em vez disso, mesmo antes de o expulsarem do restaurante, ele deu um passo na minha direção. Inclinou-se até ter a boca junto ao meu ouvido e sussurrou: «Porquê, Charlie? Porque é que queres que eu te odeie?»

O meu soluço ficou preso na garganta quando ele foi afastado de mim. Ele manteve os olhos nos meus enquanto o acompanhavam lá fora. O olhar dele… nunca tinha visto aquele olhar antes. Estava cheio de… indiferença. Como se finalmente tivesse deixado de ter esperança.

E, com base na mensagem que recebi dele antes de começar a escrever neste diário… acho que finalmente deixou de lutar por nós. A mensagem dizia: «Estou a caminho da tua casa. Deves-me uma separação decente.»

Ele está farto de tudo isto. E acabou tudo entre nós. Acabou mesmo. Eu devia estar contente, porque era o meu plano desde o início, mas, na verdade, não consigo parar de chorar.

36

Silas

A Charlie tem estado extremamente calada enquanto lê. Não está a fazer apontamentos nem a dizer-me nada que possa ser útil para nós.

A certa altura, vi-a passar a mão por baixo do olho, mas, se era uma lágrima, escondeu-a bem. Fiquei curioso sobre o que ela estava a ler, por isso espreitei e tentei ler o diário.

Era sobre a noite em que acabámos. O que aconteceu entre nós há cerca de uma semana. Tudo o que eu quero é aproximar-me e ler o resto com ela, mas em vez disso, ela diz ao Landon que tem de ir à casa de banho.

Ele para numa estação de serviço a cerca de uma hora da prisão. A Janette fica no carro e a Charlie permanece ao meu lado quando entramos na loja. Ou talvez seja *eu* quem permanece ao lado *dela*. Não tenho a certeza. O desejo de a proteger não me abandonou de todo. Pelo contrário, envolvi-me ainda mais. O facto de me lembrar de tudo o que se passou nos últimos dois — quase três dias — tornou mais difícil para mim esquecer que não é suposto reconhecê-la. Ou amá-la. Mas tudo o que consigo fazer é pensar no beijo desta manhã, quando achámos que não nos iríamos lembrar um do outro quando tudo acabasse. A maneira como ela me deixou beijá-la e abraçá-la até que deixasse de ser a Charlie.

Fiz um esforço tremendo para não me rir quando ela fingiu que sabia o seu nome. *Delilah?* Mesmo sem a memória, ela continua a ser a teimosa Charlie. É

espantoso como algumas partes da personalidade dela ainda hoje transparecem, tal como na noite passada. Pergunto-me se sou minimamente parecido com o que era antes de tudo isto começar.

Espero por ela até que saia da casa de banho. Dirigimo-nos para os frigoríficos de bebidas e pego numa água. Ela agarra numa *Pepsi* e quase dou por mim a dizer-lhe que sei que ela prefere *Coca-Cola* com base em algo que li numa das cartas de ontem, mas não é suposto lembrar-me de ontem. Levamos as nossas bebidas para a caixa registadora e pousamo-las.

— Será que *gosto* de *Pepsi*? — sussurra ela.

Rio-me.

— Foi por isso que trouxe água. Estou a jogar pelo seguro.

Ela pega num saco de batatas fritas de um expositor e coloca-o no balcão para que o empregado a registe. Depois pega num saco de *Cheetos*. Depois num saco de *Funyuns*. Depois em *Doritos*. Continua a empilhar pacotes no balcão. Estou a olhar para ela quando ela olha para mim com um encolher de ombros.

— Estou a jogar pelo seguro — diz ela.

Quando voltamos para o carro, temos dez pacotes diferentes de aperitivos e oito tipos diferentes de refrigerantes. A Janette lança um olhar à Charlie quando vê toda aquela comida.

— O Silas está com muita fome — diz ela à Janette.

O Landon está sentado ao volante, com o joelho a balançar para cima e para baixo. Tamborila os dedos no volante e diz:

— Silas, tu lembras-te de como se conduz, certo?

Eu sigo o olhar dele e vejo dois carros da polícia parados na berma da estrada à nossa frente. Temos de passar por eles para sair, mas não sei por que razão isso está a deixar o Landon nervoso. A Charlie já não está desaparecida, por isso não temos motivo para ficarmos paranoicos com a polícia.

— Porque é que *tu* não podes conduzir? — pergunto.

Ele vira-se e olha para mim.

— Eu acabei de fazer 16 anos! Só tenho uma licença. Ainda não pedi a carta

de condução.

— Fantástico — murmura a Janette.

Considerando o panorama geral, conduzir sem carta não é realmente uma prioridade na lista de coisas com que me preocupar.

— Acho que temos problemas maiores do que uma multa — diz a Charlie, expressando os meus pensamentos em voz alta. — O Silas não precisa de conduzir. Ele está a ajudar-me a resolver esta merda toda.

— Ler cartas de amor antigas não é importante — diz a Janette. — Se o Landon for multado por conduzir com uma licença, não vai poder tirar a carta.

— Então não sejas parado pela polícia — digo-lhe eu. — Ainda temos duas horas de viagem e três horas de regresso. Não posso perder cinco horas só porque estás preocupado com a tua carta de condução.

— Porque é que vocês os dois estão tão estranhos? — pergunta a Janette. — E porque é que estão a ler velhas cartas de amor?

A Charlie continua a olhar para o diário quando dá à Janette uma resposta sem convicção.

— Estamos a sofrer de um caso invulgar de amnésia e não nos lembramos de quem somos. Eu nem sequer sei quem *tu* és. Vira-te e mete-te na tua vida.

A Janette revira os olhos e bufa, depois vira-se para trás.

— Doidos — murmura ela.

A Charlie sorri-me e de seguida aponta para o diário.

— Toma. Estou prestes a ler a última entrada.

Eu afasto a caixa que está entre nós e aproximo-me dela para poder ler a última entrada com ela.

— É estranho? Partilhar o teu diário comigo?

Ela abana ligeiramente a cabeça.

— Nem por isso. Sinto-me como se não fôssemos eles.

SEXTA-FEIRA, 3 DE OUTUBRO

Só passaram quinze minutos desde a última vez que escrevi neste diário. Assim que o fechei, o Silas enviou-me uma mensagem a dizer que estava lá fora. Como a minha mãe já não o deixa entrar em casa, fui ter com ele

para ouvir o que tinha para dizer.

Fiquei sem ar ao vê-lo e imediatamente odiei-me por isso. A forma como ele estava encostado ao seu Land Rover *— os pés cruzados à altura dos tornozelos, as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Um arrepio percorreu-me o corpo, mas preferi assumir que se deveu ao facto de estar com um pijama de alças finas.*

Ele nem sequer olhou para cima quando me aproximei. Encostei-me ao carro ao lado dele e cruzei os braços. Ficámos ali parados alguns instantes, em silêncio.

— Posso fazer-te uma pergunta? — disse ele.

Afastou-se do carro e pôs-se à minha frente. Fiquei rígida quando os braços dele se aproximaram da minha cabeça e me encurralaram. Ele baixou a cabeça uns centímetros até ficarmos olhos nos olhos. A posição em que nos encontrávamos não era nova. Já tínhamos ficado assim um milhão de vezes, mas desta vez ele não estava a olhar para mim como se me quisesse beijar. Desta vez, estava a olhar para mim como se estivesse a tentar perceber quem raio eu era. Observava o meu rosto como se estivesse a olhar para uma perfeita desconhecida.

— Charlie — disse ele, com a voz rouca. Mordeu o lábio inferior enquanto pensava no que ia dizer a seguir. Suspirou e depois fechou os olhos. — Tens a certeza de que é isto que queres?

— Sim.

Ele abriu os olhos bruscamente ao sentir a firmeza da minha resposta. Senti uma dor no coração ao perceber que ele estava a tentar disfarçar. O choque. A perceção de que não me ia convencer a desistir.

Bateu com o punho no carro duas vezes e depois afastou-se de mim. Contornei-o imediatamente, querendo entrar em casa enquanto ainda tinha forças para o deixar ir-se embora. Tive de me recordar repetidamente da razão por que estava a fazer isto. Não somos um bom par. Ele acha que o meu pai é culpado. As nossas famílias odeiam-se. Agora somos diferentes.

Quando cheguei à porta de casa, o Silas disse uma última coisa antes de entrar no carro.

— Não vou sentir a tua falta, Charlie. — O comentário dele chocou-me, por isso virei-me e olhei para ele. — Vou sentir falta do que eras antes. Vou sentir falta da Charlie por quem me apaixonei. Mas a pessoa em que te estás a tornar… — Ele moveu a mão para cima e para baixo, na direção do meu corpo. — Não vou sentir falta dela.

Então entrou no carro e bateu com a porta. Arrancou, com os pneus a rangerem nas ruas do meu bairro de lata.

E agora foi-se embora.

Uma pequena parte de mim está zangada por ele não se ter esforçado mais. Mas a maior parte de mim está aliviada por ter finalmente acabado.

Durante todo este tempo, ele fez tudo o que podia para se lembrar de como as coisas eram entre nós. Convenceu-se a si próprio de que, um dia, as coisas podiam voltar a ser assim.

Enquanto ele passa todo o seu tempo a tentar lembrar-se… eu passo todo o meu tempo a tentar esquecer.

Não quero lembrar-me de como é beijá-lo.

Não quero lembrar-me de como é amá-lo.

Quero esquecer o Silas Nash, e tudo no mundo que me faça lembrar dele.

37

Charlie

A prisão não é o que eu estava à espera. E de que é que eu estava à espera exatamente? Algo escuro e deteriorado, com um céu cinzento e terra árida como pano de fundo? Não me lembro de como sou, mas lembro-me do estereótipo de uma prisão. Rio-me quando saio do carro e aliso as minhas roupas. O tijolo vermelho contrasta com o céu azul. Há flores a crescer ao longo da relva, dançando um pouco quando a brisa as alcança. A única coisa feia neste cenário é o arame farpado que percorre o topo da vedação.

— Isto não parece assim tão mau — digo.

O Silas, que sai atrás de mim, ergue uma sobrancelha.

— Não és tu que estás aqui fechada.

Sinto o rosto aquecer. Posso não saber quem sou, mas sei que isto foi uma coisa extremamente estúpida de se dizer.

— Pois — concordo. — Acho que a Charlie é uma parvalhona.

Ele ri-se e agarra a minha mão antes que eu possa protestar. Olho para trás, para o carro, onde a Janette e o Landon estão a observar-nos pelas janelas laterais. Parecem cachorrinhos tristes.

— Devias ficar com eles — sugiro. — A gravidez na adolescência é um assunto sério.

Ele ri-se.

— Estás a brincar comigo? Não viste como eles discutiram o caminho todo

até aqui?

— Tensão sexual — cantarolo, enquanto abro a porta para a receção principal.

Cheira a suor. Enrugo o nariz quando me aproximo do guiché. Há uma mulher à minha frente, com duas crianças, uma em cada mão. Ela pragueja com elas antes de dizer o nome à rececionista e lhe entregar a identificação.

Merda. Qual é a idade mínima para visitar alguém aqui? Tento encontrar a minha carta de condução e espero pela minha vez. O Silas aperta-me a mão e eu viro-me e esboço um sorriso fraco.

— Próximo — diz uma voz.

Aproximo-me do guiché e digo a uma mulher de rosto severo quem é que vim ver.

— Está na lista? — pergunta ela.

Aceno que sim com a cabeça. As cartas indicavam que eu tinha ido visitar o meu pai várias vezes desde que ele foi preso.

— E ele?

Ela acena com a cabeça para o Silas, que mostra a carta de condução. Ela empurra a identificação dele para trás e abana a cabeça.

— Ele não está na lista.

— Oh! — exclamo.

Ela demora alguns minutos a introduzir tudo no computador e depois entrega-me um cartão de visitante.

— Deixe a mala com o seu amigo — ordena ela. — Ele pode esperar aqui fora.

Apetece-me gritar. Não quero entrar ali sozinha e falar com um homem que não reconheço. O Silas tem a cabeça no lugar. Quero que ele venha comigo.

— Não sei se consigo fazer isto — queixo-me. — Nem sequer sei o que lhe hei de pedir.

Ele agarra-me nos ombros e inclina a cabeça para me olhar nos olhos.

— Charlie, com base nas cartas manipuladoras dele, este gajo parece ser um idiota. Não caias na conversa dele. Arranja respostas e sai, está bem?

Anuo.

— Está bem. — Olho em redor da sala de espera suja, as paredes amarelas e

os vasos de plantas descaradamente pensados. — Vais ficar aqui fora à espera?

— Sim — diz ele de modo suave.

Ele está a olhar-me nos olhos, com um ligeiro sorriso nos lábios. Faz-me sentir que me quer beijar, e isso assusta-me. É perigoso beijar estranhos. Só que eu já sei qual é a sensação de o beijar. Só não me consigo lembrar.

— Se demorar muito, devias ir esperar no carro com o Landon e a Janette — digo. — Tu sabes… gravidez na adolescência e essas merdas. — Ele sorri, de modo tranquilizador. — OK — digo, dando um passo atrás. — Vemo-nos do outro lado.

Tento parecer durona enquanto passo pelos detetores de metais e um guarda me revista. Sinto as pernas a tremer. Olho para trás, para o Silas, que está de pé com as mãos nos bolsos, a observar-me. Ele acena com a cabeça para me incentivar a avançar, e eu sinto uma pequena vaga de coragem.

— Eu consigo fazer isto — digo, baixinho. — É só uma visitinha ao papá.

Levam-me para uma sala e dizem-me para esperar. Há vinte e poucas mesas espalhadas por todo o lado. A mulher que estava à minha frente na fila está sentada numa mesa com a cabeça entre as mãos, enquanto os filhos brincam a um canto, empilhando blocos. Sento-me o mais longe possível deles e fico a olhar para a porta. A qualquer momento, o meu suposto pai vai entrar por aquelas portas e eu nem sequer sei como ele é. E se me engano? Estou a considerar ir-me embora, sair a correr e dizer aos outros que ele não me queria ver, quando de repente ele entra. Sei que é ele porque os seus olhos encontram-me imediatamente.

Ele sorri e caminha na minha direção. «Caminha» não é a palavra certa para descrever o que ele faz. Ele passeia-se. Não me levanto.

— Olá, Amendoim — cumprimenta ele. Abraça-me desajeitadamente enquanto eu me sento rígida como uma tábua.

— Olá… pai.

Ele desliza para o lugar à minha frente, ainda a sorrir. Consigo ver como seria fácil adorá-lo. Mesmo com o seu uniforme de presidiário, ele destaca-se. Parece deslocado — com os seus dentes brancos e brilhantes e o seu cabelo loiro bem penteado. A Janette tinha razão. Devemos parecer-nos com a nossa mãe, porque

não nos parecemos nada com ele. Eu tenho a boca dele, acho eu. Mas não o seu tom de pele pálido. Não tenho os olhos dele. Quando vi a minha fotografia, foi a primeira coisa em que reparei. Eu tenho olhos tristes. Ele tem olhos sorridentes, embora provavelmente não tenha nada de que se rir. Sinto-me seduzida por ele.

— Há duas semanas que não vens cá — diz ele. — Estava a começar a pensar que vocês me tinham deixado aqui a apodrecer.

As vibrações paternas que estava a sentir há um minuto desapareceram. *Narcisista de merda.* Já consigo perceber como ele funciona e acabei de o conhecer. Diz as coisas com olhos risonhos e um sorriso no rosto, mas as palavras golpeiam como um chicote.

— Deixaste-nos sem nada. Não posso pegar no carro, por isso é difícil vir até tão longe. E a minha mãe é alcoólica. Acho que estou zangada contigo por isso, mas não me lembro.

Ele fica a olhar para mim durante um minuto, com o sorriso congelado no rosto.

— Lamento que te sintas assim.

Cruza os braços sobre a mesa e inclina-se para a frente. Está a estudar-me. Isso deixa-me desconfortável, como se ele me conhecesse melhor do que eu me conheço a mim própria. O que provavelmente é verdade, considerando a minha situação atual.

— Recebi um telefonema esta manhã — diz ele, recostando-se no seu lugar.

— Ah, sim? De quem?

Ele abana a cabeça.

— Não interessa de quem foi. O que importa é o que me disseram. Sobre ti.

Não lhe dou qualquer informação. Não consigo perceber se está a tentar arrancar algo de mim.

— Há alguma coisa que me queiras contar, Charlize?

Inclino a cabeça. Que tipo de jogo é que ele está a fazer?

— Não.

Ele acena um pouco com a cabeça e depois cerra os lábios. Apoia o queixo sobre o polegar e o indicador enquanto me olha fixamente do outro lado da mesa.

— Disseram-me que foste apanhada a invadir propriedade privada. E que há razões para crer que estavas sob a influência de drogas.

Demoro algum tempo a responder-lhe. Invasão de propriedade? *Quem é que lhe diria que eu estava a invadir propriedade alheia?* A cartomante? Foi na casa dela que eu estive. Que eu saiba, não contámos a ninguém o que tinha acontecido. Fomos diretamente para o hotel ontem à noite, de acordo com os nossos apontamentos.

Passam-me muitas coisas pela cabeça. Estou a tentar organizá-las a todas.

— Porque é que estavas na nossa antiga propriedade, Charlie?

A minha pulsação começa a acelerar. Levanto-me.

— Há alguma coisa para beber aqui? — pergunto, andando às voltas. — Estou com sede.

Vejo a máquina de refrigerantes, mas não tenho dinheiro comigo. Nesse momento, o meu pai mete a mão no bolso e tira uma mão-cheia de moedas. Passa-as para o outro lado da mesa.

— Deixam-te ter dinheiro aqui?

Ele assente, olhando-me desconfiado o tempo todo. Pego nos trocos e dirijo-me à máquina de refrigerantes. Introduzo as moedas e olho para ele. Ele não está a olhar para mim. Está a olhar para as mãos cruzadas sobre a mesa.

Espero que a minha bebida caia no fundo e, depois disso, espero mais um minuto enquanto a abro e dou um gole. Este homem deixa-me nervosa e não sei porquê. Não sei como é que a Charlie o admira tanto. Acho que se tivesse recordações dele como meu pai, talvez me sentisse diferente em relação a ele. Mas eu não tenho recordações. Só posso basear-me no que estou a ver, e o que vejo agora é um criminoso. Um homem patético, pálido e de olhos redondos.

Quase deixo cair o refrigerante. Cada músculo do meu corpo enfraquece com a constatação. Lembro-me de uma descrição que eu ou o Silas escrevemos nos nossos apontamentos. Uma descrição física da Camarão. Da *Cora*.

«Chamam-lhe Camarão porque tem olhos redondos e a pele fica toda rosada quando fala.»

Merda. Merda, merda, merda.

O Brett é pai da Cora?

Agora está a olhar para mim, provavelmente a perguntar-se porque é que estou a demorar tanto tempo. Caminho na direção dele. Quando chego à mesa, olho-o fixamente. Uma vez sentada, inclino-me para a frente e não deixo que nem um bocadinho do meu receio se infiltre na minha confiança.

— Vamos jogar um jogo — digo-lhe.

Ele ergue uma sobrancelha divertida.

— Está bem.

— Vamos fingir que eu perdi a memória. Sou um quadro em branco. Estou a reunir informações que talvez não tivesse visto antes, quando te idolatrava. Estás a perceber…?

— Nem por isso — responde ele. Tem um ar amargurado. Pergunto-me se ficará assim quando as pessoas não fazem tudo para lhe agradar.

— Por acaso tens outra filha? Não sei, talvez uma com uma mãe louca, que me possa ter prendido contra a minha vontade?

Ele fica branco. Começa imediatamente a negar, vira o corpo para longe de mim e chama-me louca. Mas eu vi o pânico na cara dele, e sei que descobri alguma coisa.

— Ouviste a última parte da minha frase ou estás apenas concentrado em manter as aparências?

Decide encarar-me e, desta vez, os seus olhos já não são delicados.

— Ela raptou-me — afirmo. — Manteve-me trancada num quarto em casa dela, na *nossa* antiga casa.

A maçã de Adão dele sobe e desce quando engole em seco. Acho que está a decidir o que me dizer.

— Ela encontrou-te a invadir a propriedade dela — responde ele, por fim. — Disse que estavas enlouquecida. Que não fazias ideia de onde estavas. Ela não quis chamar a polícia porque está convencida de que andas a consumir drogas, por isso ficou contigo para te ajudar a desintoxicar. Ela tinha a minha autorização, Charlie. Ela ligou-me assim que te encontrou em casa dela.

— Não ando a *consumir drogas*. E quem é que no seu perfeito juízo prenderia alguém contra a sua vontade?

— Preferias que ela tivesse chamado a polícia? Estavas a dizer disparates! E

entraste em casa dela a meio da noite!

Não sei no que acreditar neste momento. A única memória que tenho dessa experiência são os apontamentos que escrevi para mim própria.

— E essa rapariga é minha meia-irmã? A Cora?

Ele fixa o olhar na mesa, incapaz de me enfrentar. Como não responde, decido entrar no jogo.

— É do teu interesse ser honesto comigo. Eu e o Silas encontrámos uns documentos que o Clark Nash tem procurado desesperadamente desde antes do teu julgamento.

Ele nem sequer vacila. O rosto dele é demasiado impenetrável. Não me pergunta que documentos é que eu tenho. Diz apenas:

— Sim. Ela é tua meia-irmã. Eu tive um caso com a mãe dela há uns anos.

É como se tudo isto estivesse a acontecer a uma personagem de um programa de televisão. Pergunto-me como é que a verdadeira Charlie reagiria a isto. Desataria a chorar? Levantava-se e saía a correr? Dava um murro na cara do gajo? Pelo que já li sobre ela, provavelmente a última opção.

— Uau. Uau. A minha mãe sabe?

— Sim. Ela descobriu depois de perdermos a casa.

Que homem patético. Primeiro, trai a minha mãe. Engravida outra mulher. E depois esconde isso da mulher e das filhas até ser apanhado?

— Céus! Não admira que ela seja alcoólica. — Recosto-me no meu lugar e olho para o teto. — Alguma vez assumiste? A rapariga sabe?

— Ela sabe — diz ele.

Sinto-me ferver de raiva. Pela Charlie, por esta pobre rapariga que tem de ir para a escola com a Charlie e vê-la viver a vida que não teve, e por toda esta situação de merda.

Demoro um momento a recompor-me, e ele sempre em silêncio. Gostava de poder dizer que ele está a sofrer com a culpa, mas não sei se este homem é capaz de sentir culpa.

— Porque é que elas vivem na casa onde eu cresci? Foste tu que lha deste?

Esta pergunta deixa-o ligeiramente corado. Ele estala o maxilar enquanto os seus olhos se movem da esquerda para a direita. A sua voz é mais baixa quando

fala, para que só eu o possa ouvir.

— Aquela mulher era minha cliente, Charlie. E um erro. Acabei tudo com ela há muitos anos, um mês antes de ela descobrir que estava grávida. Chegámos a uma espécie de acordo. Que eu estaria presente financeiramente, mas nada mais. Era melhor para toda a gente assim.

— Então o que estás a dizer é que compraste o silêncio dela?

— Charlie… Eu cometi um erro. Acredita em mim, paguei por ele dez vezes mais do que merecia. Ela usou o dinheiro que eu lhe enviei durante todos estes anos para comprar a nossa antiga casa num leilão. Fez isso só para me irritar.

Então ela é vingativa. E talvez um pouco louca. E o meu pai é o culpado disso?

Meu Deus. Isto está a ficar cada vez pior.

— Fizeste o que eles dizem que fizeste? — pergunto-lhe. — Já que estamos a dizer a verdade, acho que tenho o direito de saber.

Os olhos dele voltam a percorrer a sala para ver quem está a ouvir.

— Porque é que estás a fazer todas estas perguntas? — sussurra. — Isto nem parece teu.

— Tenho 17 anos. Acho que tenho o direito de mudar.

Este gajo… Quero revirar os olhos para ele, mas primeiro preciso que me dê mais respostas.

— Foi o Clark Nash que te mandou fazer isto? — pergunta ele, inclinando-se para a frente com acusação tanto nas palavras como no rosto. — Estás outra vez envolvida com o Silas?

Ele está a tentar virar a situação contra mim. Mas já não me consegue atingir.

— Sim, papá — respondo, sorrindo docemente. — Estou envolvida com o Silas de novo. E estamos apaixonados e muito felizes. Obrigada por perguntares.

As veias saltam-lhe nas têmporas e ele cerra os punhos.

— Charlie, tu sabes o que eu penso sobre isso.

A reação dele deixa-me irritada. Levanto-me e a minha cadeira range ao recuar.

— Deixa-me dizer-te o que *eu* penso, pai. — Afasto-me um pouco da mesa e aponto para ele. — Arruinaste muitas vidas. Pensaste que o dinheiro podia

substituir as tuas responsabilidades. As tuas escolhas levaram a minha mãe a beber. Deixaste as tuas próprias filhas sem nada, nem sequer um modelo a seguir. Já para não falar de todas as pessoas a quem roubaste dinheiro na tua empresa. E culpas todos os outros. Porque és um ser humano de merda. E um pai mais merdoso ainda! — desabafo. — Não conheço bem a Charlie e a Janette, mas acho que elas merecem melhor.

Viro-me e vou-me embora, lançando um par de palavras finais por cima do ombro.

— Adeus, Brett! Tem uma boa vida!

38

Silas

Estou sentado de pernas cruzadas no capô do carro, encostado ao para-brisas e a tomar notas quando ela regressa. Esteve lá dentro mais de uma hora, por isso fiz o que ela disse e vim esperar aqui fora para vigiar os nossos irmãos. Sento-me direito quando a vejo. Não lhe pergunto se descobriu alguma coisa. Fico à espera de que ela diga alguma coisa. Neste momento, parece que não quer que falem com ela.

Dirige-se diretamente para o carro, fazendo um breve contacto visual comigo quando passa por mim. Viro a cabeça e observo-a enquanto caminha rapidamente para a traseira do carro e depois para a frente. Depois para a traseira. E de novo para a frente.

Tem os punhos cerrados ao lado do corpo. A Janette abre a porta e sai do carro.

— O que é que o melhor pai-preso do mundo tinha a dizer?

A Charlie detém-se.

— Sabias da Cora?

A Janette retrai o pescoço e abana a cabeça.

— A Cora? Qual Cora?

— A Camarão! — diz a Charlie em voz alta. — Sabias que ele é pai dela?

A Janette fica boquiaberta e eu salto imediatamente do capô do carro.

— Espera. *O quê*? — exclamo, caminhando em direção à Charlie.

Ela ergue as mãos e esfrega o rosto, depois apoia o queixo dos dedos e inspira lentamente.

— Silas, acho que tinhas razão. Isto não é um sonho.

Consigo ver o medo em cada parte do corpo dela. O medo que ainda não se tinha instalado desde que ela perdeu as memórias novamente há várias horas. Só agora é que a ficha está a cair.

Dou um passo lento em frente e estendo a mão.

— Charlie. Está tudo bem. Nós vamos resolver isto.

Ela dá um passo rápido para trás e começa a abanar a cabeça.

— E se não conseguirmos? E se isto continuar a acontecer? — Então recomeça a andar, desta vez com as mãos atrás da cabeça. — E se acontecer vezes sem conta até que as nossas vidas se esgotem?

O peito dela começa a subir e a descer à medida que ela inspira e expira profundamente.

— O que é que se passa contigo? — pergunta a Janette. Dirige a sua próxima pergunta a mim. — O que é que eu perdi?

O Landon está agora ao meu lado, por isso viro-me para ele.

— Vou levar a Charlie a dar uma volta. Explicas à Janette o que nos está a acontecer?

O Landon cerra os lábios e anui.

— Sim. Mas ela vai pensar que estamos todos a mentir.

Agarro o braço da Charlie e peço para ela vir comigo. As lágrimas caem-lhe pelo rosto e ela enxuga-as com raiva.

— Ele estava a viver uma vida dupla — diz ela. — Como é que ele lhe pôde fazer isso?

— A quem? — pergunto. — À Janette?

Ela detém-se.

— *Não*, à Janette não. Nem à Charlie. Nem à minha mãe. À *Cora*. Como é que ele foi capaz de saber que tinha uma filha e recusar-se a ter algo que ver com ela? Ele é uma pessoa horrível, Silas! Como é que a Charlie não *viu* isso?

Ela está preocupada com a Camarão? A rapariga que ajudou a mantê-la *presa* durante um dia inteiro?

— Tenta respirar, Charlie — digo-lhe, agarrando-lhe nos ombros e obrigando-a a encarar-me. — Provavelmente nunca viste esse lado dele. Ele era bom para ti. Tu amava-lo com base na pessoa que ele fingia ser. E não podes ter pena daquela rapariga, Charlie. Ela ajudou a mãe a prender-te contra a tua vontade.

Ela começa a abanar a cabeça para um lado e para o outro freneticamente.

— Elas nunca me fizeram mal, Silas. Eu fiz questão de sublinhar isso na carta. Ela foi mal-educada, é certo, mas fui eu que invadi a casa delas! Devo tê-la seguido até lá na noite em que não entrei no táxi. Ela pensou que andávamos a consumir drogas, porque eu não me lembrava de nada, e não a censuro! E depois voltei a esquecer-me de quem era e se calhar comecei a entrar em pânico.

A Charlie expira bruscamente e para por um momento. Quando olha para mim, parece mais calma. Junta os lábios e humedece-os.

— Acho que ela não teve nada que ver com o que nos aconteceu. É apenas uma mulher louca e amarga que odeia o meu pai e que provavelmente queria vingar-se de mim pela forma como tratei a filha dela. Mas fomos nós que a metemos nisto. Este tempo todo temos estado a procurar outras pessoas… a tentar culpar outras pessoas. Mas e se… — Ela suspira antes de continuar. — E se nós fizemos isto *um ao outro*?

Largo-lhe os ombros e dou um passo atrás. Ela senta-se no passeio e segura a cabeça com as mãos. Não é possível que tenhamos feito isto a nós mesmos de propósito.

— Não me parece que isso seja possível — digo, sentando-me ao lado dela. — Como é que podíamos fazer isto? Como é que duas pessoas deixam de se lembrar ao mesmo tempo? Tem de ser algo maior do que nós.

— Se tem de ser maior do que *nós*, então também tem de ser maior do que o meu pai. E do que a Cora. E do que a mãe da Cora. E do que a minha mãe. E os teus pais. E se *nós* não somos capazes de causar isto, então mais ninguém deveria ser capaz de o fazer.

Assinto.

— Eu sei.

Ela leva o polegar à boca durante um segundo antes de continuar.

— Então, se isto não nos está a acontecer por causa de outras pessoas… o que

poderá ser?

Sinto os músculos do meu pescoço contraírem-se. Ponho as mãos atrás da cabeça e olho para o céu.

— Algo maior?

— O que é que é maior? O universo? *Deus*? Será este o início do apocalipse? — Ela levanta-se e anda de um lado para o outro à minha frente. — Achas que acreditávamos em Deus? Antes de isto nos ter acontecido?

— Não faço ideia. Mas rezei mais nos últimos dias do que provavelmente rezei em toda a minha vida.

Levanto-me e pego na mão dela, puxando-a na direção do carro.

— Eu quero saber tudo o que o teu pai disse. Vamos voltar para trás e podes escrever tudo o que ele te disse enquanto eu conduzo.

Ela entrelaça os dedos nos meus e volta para o carro comigo. Quando chegamos, a Janette está encostada à porta do passageiro. A olhar para nós.

— Então não se lembram mesmo de nada? Nenhum de vocês?

A atenção dela agora está focada apenas na Charlie.

Eu faço sinal para que ela e o Landon se sentem no banco de trás desta vez. Abro a porta do condutor enquanto a Charlie lhe responde.

— Não. Não lembramos. E eu juro que não estou a pregar-te uma partida, Janette. Eu não sei que tipo de irmã tenho sido, mas *juro* que não inventaria uma coisa destas.

A Janette olha para a Charlie por momentos.

— Tens sido uma irmã *de merda* nos últimos anos. Mas acho que se tudo o que o Landon me disse é verdade, e vocês realmente não se lembram de nada, então isso explica porque é que nenhum de vocês, seus palermas, me deu os parabéns hoje.

Ela abre a porta de trás, entra, e depois fecha-a com força.

— Au — diz a Charlie.

— Pois — concordo. — Esqueceste-te do *aniversário* da tua irmã? Isso é muito egoísta da tua parte, Charlie.

Ela dá-me uma palmada de brincadeira no peito. Agarro-lhe na mão e juro que há um clima entre nós. Um único segundo em que ela me olha como se pudesse

sentir o que sentia antigamente por mim.

Mas depois pestaneja, afasta a mão da minha e entra no carro.

39

Charlie

A culpa não é minha se o universo me estiver a castigar. A castigar-nos *aos dois*.

Ao Silas e a mim.

Estou sempre a esquecer-me de que o Silas também está lixado, o que provavelmente significa que sou uma narcisista. *Que maravilha!* Penso na minha irmã, que está no carro comigo e a ter um aniversário de merda. E na meia-irmã que vive na minha antiga casa com uma mãe meio louca. De acordo com os meus diários, tenho torturado essa rapariga há uma década. Sou uma pessoa má, e uma irmã ainda pior.

Será que *quero* recuperar as minhas memórias?

Olho pela janela e vejo-nos passar por todos os outros malditos carros. Não tenho nenhuma memória, mas posso pelo menos garantir que a Janette tenha alguma memória deste dia.

— Silas, podes pôr qualquer destino nesse GPS chique?

— Sim — responde ele. — Tipo o quê?

Não conheço a rapariga que está no banco de trás. Tanto quanto sei, ela pode gostar muito de videojogos.

— Um salão de jogos — sugiro.

Vejo o Landon e a Janette a animarem-se no banco de trás. *Boa!* Felicito-me a mim própria. Todos os adolescentes gostam de videojogos. É um facto.

— É uma altura um pouco estranha para querer ir jogar — comenta o Silas. —

Não achas que devíamos…

— Acho que devíamos jogar videojogos — interrompo. — Porque é o aniversário da Janette.

Arregalo os olhos para que ele perceba que isto já está decidido. Ele faz uma careta e levanta o polegar. A Charlie odeia polegares para cima, consigo perceber pela reação imediata do seu corpo.

O Silas encontra um salão de jogos não muito longe de onde estamos. Quando chegamos lá, saca da carteira e procura um cartão de crédito.

A Janette olha para mim, como se estivesse envergonhada, mas eu encolho os ombros. Mal conheço este tipo. O que é que interessa que ele gaste o dinheiro dele connosco? Além disso, eu não tenho dinheiro nenhum. O meu pai perdeu-o todo e o pai do Silas ainda tem algum, por isso está tudo bem. *Além de narcisista, também sou boa a dar justificações.*

Levamos as nossas fichas em copos de papel e, assim que entramos no salão de jogos, a Janette e o Landon afastam-se para ir à vida deles. *Juntos*. Olho para o Silas e articulo «Estás a ver?»

— Anda — diz ele. — Vamos comer uma pizza. Deixa as crianças brincarem.

Ele pisca-me um olho, e eu tento não sorrir.

Encontramos uma mesa para esperar pela pizza, e eu sento-me no banco, envolvendo os joelhos com os braços.

— Silas… E se isto continuar a acontecer-nos? Este ciclo interminável de esquecimento. O que é que vamos fazer?

— Não sei — responde ele. — Encontramo-nos uma e outra vez. Não é assim tão mau, pois não?

Olho de relance para ele para ver se está a brincar.

Não é assim tão mau. Mas a situação é.

— Quem é que quer passar a vida sem saber quem é?

— Eu não me importava de passar os meus dias a conhecer-te de novo, Charlie, e acho que não me cansaria disso.

O calor sobe pelo meu corpo e eu rapidamente desvio o olhar. É o que eu faço com o Silas: *não olhar para ele, não olhar para ele, não olhar para ele.*

— És um tonto — digo. Mas ele não é tonto. É um romântico e as palavras

dele são poderosas. A Charlie não é, dá para perceber. Mas quer ser… também dá para perceber isso. Ela quer desesperadamente que o Silas lhe mostre que não é tudo uma mentira. Sempre que olha para ele, sente-se atraída por ele. Parece um puxão, e eu quero afastá-lo sempre que isso acontece.

Suspiro e rasgo um pacote de açúcar, despejando o pó em cima da mesa. Ser adolescente é cansativo. O Silas observa-me em silêncio a desenhar padrões no açúcar até que finalmente agarra a minha mão.

— Nós vamos resolver isso — garante. — Estamos no bom caminho.

Limpo as mãos às calças.

— Está bem.

Apesar de saber que não estamos em caminho nenhum. Estamos tão perdidos como estávamos quando acordámos hoje no hotel.

Também sou mentirosa. *Narcisista, justificadora, mentirosa.*

A Janette e o Landon vêm ter connosco mal a pizza chega. Sentam-se à nossa mesa, à gargalhada e com as bochechas coradas. Desde que conheço a Janette, isto é, desde o início do dia, nunca a vi sequer chegar perto do riso. Neste momento, odeio ainda mais o pai da Charlie. Por destruir uma adolescente. *Duas*, se contar comigo. Bem… *três*, agora que sei da Cora.

Vejo a Janette dar uma dentada na pizza. As coisas não têm de ser assim. Se eu conseguisse sair desta… *coisa*… Podia cuidar dela. Ser melhor. Para nós as duas.

— Charlie — diz ela, pousando a sua fatia. — Queres vir jogar comigo?

Sorrio.

— Claro.

O rosto dela ilumina-se e de repente sinto o coração a insuflar. Quando olho para o Silas, ele está a olhar para mim, com os olhos brilhantes. Os cantos da sua boca erguem-se num pequeno sorriso.

40

Silas

Está escuro quando paramos na entrada da casa da Charlie e da Janette.

Há um momento constrangedor em que eu provavelmente deveria acompanhar a Charlie até à porta, mas com base no modo como o Landon e a Janette têm vindo a namoriscar no banco de trás, não sei como é que nós os quatro faríamos isso ao mesmo tempo.

A Janette abre a porta dela, e depois o Landon abre a dele, por isso eu e a Charlie esperamos no carro.

— Eles estão a trocar números de telemóvel — diz ela, observando-os. — Que fofos.

Ficamos sentados em silêncio a vê-los namoriscar até a Janette desaparecer dentro de casa.

— É a nossa vez — diz a Charlie, abrindo a porta.

Eu caminho lentamente com ela até ao passeio, torcendo para que a mãe dela não me veja aqui. Não tenho energia para lidar com aquela mulher esta noite. Sinto-me mal por a Charlie estar prestes a fazer isso mesmo.

Ela está a torcer as mãos com nervosismo. Sei que está a empatar porque não quer que eu a deixe sozinha esta noite. Todas as lembranças que ela tem são de nós os dois.

— Que horas são? — pergunta ela.

Tiro o telemóvel do bolso para ver.

— Passa das dez.

Ela assente com a cabeça e depois olha para a casa atrás dela.

— Espero que a minha mãe esteja a dormir — diz. E depois: — Silas…

Eu interrompo o que quer que ela ia dizer.

— Charlie, acho que não nos devemos separar esta noite.

Os olhos dela fixam os meus novamente. Parece aliviada. Afinal, sou a única pessoa que ela conhece. A última coisa de que precisamos neste momento é ser distraídos por pessoas que não conhecemos.

— Ótimo. Eu ia mesmo sugerir isso.

Aceno com a cabeça na direção da porta atrás dela.

— Mas temos de fazer com que pareça que estás em casa. Entra. Finge que vais para a cama. Eu vou deixar o Landon em minha casa e venho buscar-te daqui a uma hora.

Ela aquiesce.

— Encontro-me contigo ao fundo da rua — propõe ela. — Onde é que achas que devemos ficar esta noite?

Penso um pouco nisso. Talvez o melhor seja ficarmos em minha casa, para podermos ver se há alguma coisa útil no meu quarto que nos tenha escapado.

— Eu ajudo-te a subir às escondidas até ao meu quarto. Temos muita coisa que ver esta noite.

A Charlie olha para o chão.

— Subir? — pergunta ela com curiosidade. Ela inspira devagar, e consigo ouvir o ar deslizar por entre os dentes dela. — Silas? — Ela olha-me com os olhos semicerrados. Tem um ar acusatório e eu não faço ideia do que fiz para provocar isso. — Tu não me mentirias, pois não?

Inclino a cabeça, sem saber se ouvi direito.

— O que queres dizer com isso?

— Tenho reparado em algumas coisas. *Coisinhas*…

Sinto o meu coração afundar-se. *O que é que eu disse?*

— Charlie… não sei onde queres chegar.

Ela dá um passo atrás. Cobre os lábios com as mãos por instantes, e depois aponta para mim.

— Como é que sabes que tens de subir para o teu quarto se ainda não foste a tua casa? — *Merda*. Eu disse *subir*. — E hoje na prisão fizeste um comentário — acrescenta ela, abanando a cabeça. — Que tens rezado muito nestes últimos dias, mas é suposto nós os dois só nos lembrarmos do dia de hoje. E esta manhã… quando eu te disse que o meu nome era Delilah? Eu vi-te a tentar não sorrir. Porque sabias que eu estava a mentir.

O tom de voz dela começa a alternar entre a desconfiança e o medo. Ergo a palma da mão para a tranquilizar, mas a Charlie dá outro passo atrás, na direção da casa.

Isto é um problema. Não sei como a tranquilizar. Não gosto de saber que ela preferia fugir para uma casa que há cinco minutos a aterrorizava a estar perto de mim. *Porque é que lhe menti esta manhã?*

— Charlie, por favor, não tenhas medo de mim.

Percebo que já é tarde para isso.

Ela corre para a porta da frente, por isso eu avanço e envolvo-a com os braços, puxando-a contra o peito. Ela começa a gritar, e eu tapo-lhe a boca com a mão.

— Acalma-te — digo-lhe ao ouvido. — Eu não te vou magoar.

A última coisa de que preciso é que ela desconfie de mim. Ela agarra o meu braço com as duas mãos, tentando libertar-se.

— Tens razão. Charlie, tens razão. Eu menti-te. Mas se te acalmares por dois segundos, eu explico-te porquê.

Ela levanta uma perna enquanto eu ainda a agarro por trás. Pressiona o pé contra a casa e dá um impulso muito forte, fazendo-nos cair para trás. Perco o controlo sobre ela e ela começa a arrastar-se para longe de mim, mas consigo agarrá-la novamente e deitá-la de costas. Ela olha para mim com os olhos arregalados, mas desta vez não grita. As minhas mãos estão a pressionar os braços dela contra o chão.

— *Para* — digo-lhe.

— Porque é que mentiste? — grita ela. — Porque é que estás a fingir que isto também te aconteceu a ti?

Ela debate-se mais um pouco e eu aperto-lhe o braço.

— Eu não estou a fingir, Charlie! Tenho-me esquecido, tal como tu. Mas hoje

não me aconteceu nada. Não sei porquê. Mas só me lembro dos últimos dois dias. Juro.

Olho-a nos olhos e ela mantém os olhos fixos nos meus. Continua a debater-se ligeiramente, mas percebo que também quer ouvir a minha explicação.

— Esta manhã não quis que tivesses medo de mim, por isso fingi que me tinha acontecido novamente. Mas juro que, até hoje de manhã, tem-nos acontecido aos dois.

Ela desiste de se debater e deixa a cabeça pender para o lado. Fecha os olhos, completamente exausta. Emocional e fisicamente.

— Porque é que isto está a acontecer? — murmura, derrotada.

— Não sei, Charlie — respondo, libertando um dos seus braços. — Não sei. — Afasto-lhe o cabelo do rosto. — Estou prestes a soltar-te. Vou levantar-me e entrar no carro. Depois de deixar o Landon, venho buscar-te, OK?

A Charlie aquiesce, mas não abre os olhos. Solto-lhe o outro braço e levanto-me devagar. No instante em que deixo de a prender ao chão, ela senta-se rapidamente e afasta-se de mim antes de se levantar.

— Eu menti para te proteger. *Não* para te magoar. Acreditas em mim, certo?

Ela esfrega o lugar no braço onde eu a segurei e assente timidamente. Depois, pigarreia e responde:

— Volta daqui a uma hora. E nunca mais voltes a mentir-me.

Espero que ela entre em casa antes de me dirigir ao carro.

— O que é que foi aquilo? — pergunta o Landon.

— Nada — respondo, olhando pela janela à medida que passamos pela casa dela. — Estava a dar-lhe as boas-noites. — Estico-me para o banco de trás e pego em todas as nossas coisas. — Vou até *Jamais Jamais* buscar o meu *Land Rover*.

O Landon ri-se.

— Nós quase o destruímos ontem à noite. Quando derrubámos o portão.

Eu lembro-me. Eu estava lá.

— Pode ser que ainda ande. Vale a pena tentar, e não posso continuar a usar… De quem é mesmo este carro?

— Da mãe — responde ele. — Enviei-lhe uma mensagem esta manhã a dizer

que o teu estava na oficina e que precisávamos do dela hoje.

Eu sabia que gostava deste miúdo.

— Então… a Janette, hã? — pergunto-lhe.

Ele vira-se para a janela.

— Cala-te.

A parte da frente do *Land Rover* era uma mistura de metal torcido e escombros. Mas, aparentemente, os danos eram apenas cosméticos, porque o carro arrancou de imediato.

Tive de me esforçar para não entrar no portão outra vez e gritar com aquela psicopata por nos ter levado na direção errada, mas não o fiz. O pai da Charlie já causou merda demais na vida dela.

Conduzo calmamente o meu carro até à casa da Charlie e espero por ela ao fundo da rua, como combinámos. Envio-lhe uma mensagem de texto para a avisar de que estou noutro carro.

Começo a analisar as teorias na minha cabeça enquanto espero por ela. É difícil para mim manter-me cético e tentar explicar a nossa situação, mas as únicas coisas que me ocorrem são sobrenaturais.

Uma maldição.

Um rapto alienígena.

Viagens no tempo.

Tumores cerebrais gémeos?

Nada disso faz sentido.

Estou a tirar apontamentos quando a porta do passageiro se abre. Uma rajada de vento segue a Charlie para dentro do carro, e dou por mim a desejar que a empurrasse para o meu lado. Tem o cabelo húmido e está com roupas diferentes.

— Olá.

— Olá — responde ela, pondo o cinto de segurança. — O que estavas a escrever?

Entrego-lhe o caderno e a caneta e faço marcha-atrás. Ela começa a ler o meu resumo.

— Nada disto faz sentido, Silas — diz ela, quando termina. — Discutimos e acabámos na noite antes de isto começar. No dia seguinte não nos lembrámos de mais nada além de coisas aleatórias, como livros e fotografia. Isso continua a acontecer durante uma semana, até que tu *não* perdes a memória e eu *sim*.

Ela apoia os pés no assento e bate com a caneta no caderno.

— O que é que nos está a escapar? Tem de haver alguma coisa. Não me lembro de nada antes desta manhã, por isso o que é que aconteceu ontem que te fez *parar* de esquecer? Aconteceu alguma coisa ontem à noite?

Não lhe respondo de imediato. Pondero nas perguntas dela. Como, desde o início, termos estado a assumir que outras pessoas têm algo que ver com isto. Pensámos que a Camarão estava envolvida, que a mãe dela estava envolvida. Durante algum tempo, quis acusar o pai da Charlie. Mas se calhar não é nada disso. Se calhar não tem nada que ver com mais ninguém e tem tudo que ver connosco.

Chegamos a minha casa e não estamos mais perto da verdade do que estávamos esta manhã. Do que estávamos há dois dias. Do que estávamos na semana passada.

— Vamos pela porta das traseiras, para o caso de os meus pais estarem acordados.

A última coisa de que precisamos agora é que eles me vejam a esconder a Charlie no meu quarto para passar a noite. Se entrarmos pela porta das traseiras, não passamos pelo escritório do meu pai.

Está destrancada, por isso entro primeiro. Quando vejo que o caminho está livre, agarro-lhe na mão e corro com ela pela casa, subo as escadas e vou até ao meu quarto. Quando fecho a porta atrás de nós e a tranco, estamos ambos a respirar pesadamente. Ela ri-se e cai na minha cama.

— Foi divertido — diz ela. — Aposto que já fizemos isto antes.

Ela senta-se e tira o cabelo dos olhos, sorrindo. Começa a olhar em redor, como se estivesse a ver o espaço pela primeira vez. Fico imediatamente com aquela saudade no peito, semelhante à que senti ontem à noite no hotel quando ela adormeceu nos meus braços. A sensação de que faria absolutamente tudo para poder lembrar-me de como era amá-la. *Meu Deus, eu quero isso de volta*.

Porque é que acabámos? Porque é que deixámos que tudo o que aconteceu entre as nossas famílias se intrometesse entre nós? Olhando de fora, quase acreditava que éramos almas gémeas antes de deixarmos tudo desmoronar. *Porque é que pensámos que podíamos alterar o destino?*

Faço uma pausa.

Quando ela olha para mim, sabe que há uma teoria a formar-se na minha mente. Senta-se à beira da cama e inclina a cabeça, com uma expressão interrogativa.

— Lembraste-te de alguma coisa?

Sento-me na cadeira da secretária e viro-me para ela. Pego nas suas mãos e aperto-as.

— Não — respondo. — Mas… sou capaz de ter uma teoria.

Ela endireita-se.

— Que *tipo* de teoria?

Tenho a certeza de que isto vai parecer ainda mais louco depois de sair da minha boca do que é agora na minha cabeça.

— OK, então… isto pode parecer estúpido. Mas ontem à noite… no hotel… — Ela acena com a cabeça, encorajando-me a continuar. — Um dos últimos pensamentos que tive antes de adormecermos foi que, enquanto estavas desaparecida, não me sentia completo. E quando te encontrei foi a primeira vez que me senti o Silas Nash. Até essa altura, não me sentia *ninguém*. E lembro-me de ter jurado a mim próprio, mesmo antes de adormecer, que nunca mais permitiria que nos afastássemos. Então eu estava a pensar…

Solto-lhe as mãos e levanto-me. Caminho pelo quarto algumas vezes até ela se levantar também. Não devia ter vergonha de dizer esta parte em voz alta, mas tenho. É ridículo. Mas tudo o que está a acontecer no mundo também é.

Esfrego a nuca para acalmar os nervos e olho-a nos olhos.

— Charlie? E se… quando acabámos… tivermos alterado o destino?

Fico à espera de que ela se ria, mas, em vez disso, vejo os braços dela arrepiarem-se. Ela faz questão de os esfregar quando se senta e se chega para trás na cama.

— Isso é ridículo — murmura. Mas não sinto convicção nas suas palavras, o

que significa que talvez uma parte dela ache que vale a pena explorar esta teoria.

Volto a sentar-me na cadeira e posiciono-me de frente para ela.

— E se o nosso destino *for* estarmos juntos? E se mexer com isso causou algum tipo de… sei lá… rutura?

Ela revira os olhos.

— Então o que estás a insinuar é que o universo apagou todas as nossas memórias porque nós *acabámos*? Isso parece-me um pouco narcisista.

Abano a cabeça.

— Eu sei o que parece. Mas sim. Hipoteticamente falando… e se as almas gémeas existirem? E se, uma vez unidas, não se podem separar?

Ela junta as mãos no colo.

— Como é que isso explica porque é que tu te lembraste desta vez e eu não?

Caminho mais um pouco pelo quarto.

— Deixa-me pensar… — digo. Ela espera pacientemente enquanto eu ando de um lado para o outro. Levanto um dedo. — Ouve-me, está bem?

— Estou a ouvir.

— Amamo-nos desde crianças. É óbvio que tínhamos uma ligação que durou toda a nossa vida. Até que fatores externos começaram a intrometer-se no nosso caminho. O problema com os nossos pais, as nossas famílias a odiarem-se. Tu a guardares rancor por eu acreditar que o teu pai era culpado. Há aqui um padrão, Charlie.

Pego no caderno onde escrevi anteriormente e vejo todas as coisas de que nos lembramos naturalmente e todas as coisas de que não nos lembramos.

— E as nossas memórias… conseguimos lembrar-nos de coisas que não nos foram impostas. Coisas de que gostávamos por conta própria. Tu lembras-te dos livros. Eu lembro-me de como se usa uma câmara fotográfica. Lembramo-nos das letras das nossas canções favoritas. Lembramo-nos de certos eventos históricos, ou de histórias aleatórias. Mas as coisas que nos foram impostas por outros, esquecemo-las. Como o futebol.

— E as pessoas? — pergunta ela. — Porque é que nos esquecemos de todas as pessoas que conhecemos?

— Se nos lembrássemos das pessoas, teríamos *outras* memórias. Lembrar-

nos-íamos de como as conhecemos, do impacto que tiveram nas nossas vidas. — Coço a parte de trás da cabeça. — Não sei, Charlie. Muita coisa ainda não faz sentido. Mas ontem à noite, voltei a sentir uma ligação contigo. Como se te tivesse amado durante anos. E esta manhã… não perdi as minhas memórias como tu perdeste. Tem de haver um significado nisso.

A Charlie levanta-se e começa a andar de um lado para o outro no quarto.

— *Almas gémeas*? — murmura ela. — Isto é quase tão ridículo como uma maldição.

— Ou duas pessoas a desenvolver amnésia em sincronia?

Ela semicerra os olhos. Consigo ver a sua mente a trabalhar enquanto ela morde o polegar.

— Então explica-me como é que voltaste a apaixonar-te por mim em apenas dois dias. E se somos almas gémeas, porque é que eu não me apaixonei por *ti*?

Ela para de andar e espera pela minha resposta.

— Passaste muito tempo fechada na tua antiga casa. Eu passei todo esse tempo à tua procura. Li as nossas cartas de amor, vi o teu telemóvel, li os teus diários. Quando te encontrei ontem, senti que já te conhecia. Para mim, ler tudo do nosso passado ligou-me a ti de novo… como se alguns dos meus sentimentos antigos tivessem voltado. Mas para ti… eu era pouco mais do que um estranho.

Estamos ambos sentados de novo. A pensar. A considerar a possibilidade de que esta teoria pode ser o mais próximo que chegamos de qualquer tipo de padrão.

— Então o que estás a sugerir é que… éramos almas gémeas. Mas depois influências externas arruinaram-nos como pessoas e deixámos de nos amar?

— Sim. Talvez. Acho que sim.

— E isso vai continuar a acontecer até que consigamos resolver as coisas?

Encolho os ombros, porque não tenho a certeza. É só uma teoria. Mas faz mais sentido do que qualquer outra coisa que tenhamos inventado.

Passam cinco minutos sem que nenhum de nós diga uma única palavra. Finalmente, ela cai de novo na cama com um suspiro pesado.

— Sabes o que é que isto significa? — diz ela.

— Não.

Ela apoia-se nos cotovelos e olha para mim.

— Se isto for verdade… só tens trinta e seis horas para me fazeres apaixonar por ti.

Não sei se estamos a descobrir alguma coisa, ou se estamos prestes a passar o resto do nosso tempo atrás de um beco sem saída, mas sorrio, porque estou disposto a sacrificar as próximas trinta e seis horas por esta teoria. Aproximo-me da cama e deito-me ao lado dela. Estamos os dois a olhar para o teto quando lhe digo:

— Bem, Charlie querida. É melhor começarmos.

Ela cobre os olhos com o braço e geme.

— Não te conheço muito bem, mas já sei que te vais divertir com isto.

Eu sorrio, porque ela tem razão.

— Já é tarde — digo-lhe. — Devíamos tentar dormir um pouco, porque o teu coração vai ter um treino a sério amanhã.

Ponho o despertador para as seis da manhã, para nos podermos levantar e sair de casa antes que os outros acordem. A Charlie dorme mais perto da parede e apaga numa questão de minutos. Não me parece que eu vá conseguir adormecer tão cedo, por isso tiro um dos diários dela da mochila e decido ler um pouco antes de adormecer.

O Silas é louco.

Tipo… decididamente louco. Mas, meu Deus, divirto-me tanto com ele.

Ele inventou um jogo que me obriga a jogar às vezes: o Silas Manda. É exatamente o mesmo que o Rei Manda, mas com o nome dele em vez de Rei. Não interessa. Ele é muito mais fixe do que o Rei.

Hoje, na Bourbon Street, o calor era tanto que estávamos ambos a transpirar e a sentirmo-nos pessimamente. Não fazíamos ideia do sítio para onde os nossos amigos tinham ido e ainda faltava uma hora para irmos ter com eles. Quando se trata de mim e do Silas, sou sempre eu a chorona, mas desta vez estava tanto calor que até ele se estava a queixar um pouco.

De qualquer forma, passámos por um tipo que estava apoiado num banco e que se tinha pintado de prateado, como um robô. Havia um cartaz

encostado ao banco dele onde se lia «Faz-me uma pergunta. Obtém uma resposta verdadeira. Apenas 25 cêntimos.»

O Silas deu-me uma moeda e eu deixei-a cair no balde.

— Qual é o sentido da vida? — perguntei ao homem prateado.

Ele virou a cabeça com firmeza e olhou-me diretamente nos olhos. Com uma voz robotizada muito impressionante, disse:

— Isso depende da vida para a qual procuras significado.

Revirei os olhos para o Silas. Mais um a tentar enganar os turistas. Expliquei melhor a pergunta para que, pelo menos, a moeda não fosse completamente desperdiçada.

— Está bem — disse eu. — Qual é o sentido da minha vida?

Ele desceu trémulo do seu banco e curvou-se num ângulo de noventa graus. Com os seus dedos de robô prateados, tirou a minha moeda do balde e colocou-a na palma da minha mão. Olhou para o Silas, depois para mim e sorriu.

— Tu, minha querida, já encontraste o teu sentido. Tudo o que resta fazer agora… é dançar.

Então, o tipo prateado começou a dançar. Tipo… dança a sério. Nem sequer foi em estilo de robô. Tinha um grande sorriso pateta na cara, levantou os braços como uma bailarina e dançou como se ninguém o estivesse a ver.

Nessa altura, o Silas agarrou nas minhas mãos e disse com uma voz robotizada: «Dança. Comigo.» Tentou puxar-me para a rua para dançar com ele, mas eu não queria. Que vergonha. Afastei-me dele, mas ele envolveu-me com os braços e encostou a boca ao meu ouvido. Ele sabe que eu adoro isso, por isso foi muito injusto.

— O Silas manda dançar — sussurrou.

Não sei o que é que ele tinha naquele momento. Não sei se foi porque não se importava mesmo que alguém nos estivesse a observar, ou se foi por ainda estar a falar comigo com aquela voz ridícula de robô.

Seja por que razão for, tenho quase a certeza de que me apaixonei por ele hoje. De novo. Pela décima vez.

Então, eu fiz o que o Silas mandou. Dancei. E sabes que mais? Foi divertido. Muito divertido. Dançámos por toda a Jackson Square e ainda estávamos a dançar quando os nossos amigos nos encontraram. Estávamos cobertos de suor e sem fôlego, e se eu estivesse a ver-nos do passeio, provavelmente seria a rapariga que franziu o nariz e murmurou «Que nojo».

Mas eu não sou essa rapariga. Nunca quero ser essa rapariga. Para o resto da minha vida, quero ser a rapariga que dança com o Silas na rua.

Porque ele é louco. É por isso que o amo.

Fecho o diário. *Será que isto aconteceu mesmo*? Quero ler mais, mas receio que, se continuar, me depare com coisas de que não me quero lembrar.

Ponho o diário na mesa de cabeceira e viro-me para a envolver com o braço. Quando acordarmos amanhã, só nos resta um dia. Quero que ela seja capaz de esquecer tudo o que se passa entre nós, para que se possa concentrar genuinamente em mim e na nossa ligação e nada mais.

Conhecendo a Charlie… isso vai ser difícil. Vai ser preciso usar muita loucura para conseguir fazer isso.

Mas felizmente… eu sou louco. *É por isso que ela me amava.*

41

Charlie

— OK, então como é que isto funciona exatamente? — pergunto, enquanto caminhamos para o carro dele. — Vamos flutuar pelo *bayou* num barco a remos enquanto as criaturas à nossa volta cantam *Kiss the Girl*?

— Não sejas espertinha — responde o Silas, a sorrir. Depois, agarra a minha mão e puxa-me para trás antes de chegarmos ao carro. Olho para ele com surpresa. — Charlize — diz ele, olhando primeiro para os meus lábios, e depois para os meus olhos. — Se me deres meia oportunidade, posso fazer com que te apaixones por mim.

Aclaro a garganta e tento não desviar o olhar, embora o queira fazer.

— Bem… estás a começar bem.

Ele ri-se. Sinto-me tão estranha que não sei o que fazer comigo própria, por isso finjo que espirro. Ele nem sequer diz «saúde». Apenas sorri, como se soubesse que era um espirro falso.

— Para com isso — digo-lhe. — Estás a olhar para mim.

— É esse o objetivo, Charlie. *Olha-me nos olhos*.

Desato a rir-me.

— Tu tens lábia, Silas Nash — replico, caminhando para o meu lado do carro.

Quando estamos os dois com o cinto de segurança posto, o Silas vira-se para mim.

— De acordo com uma carta que escreveste, a primeira vez que fizemos sexo

foi… — começa ele a dizer.

— Não. Eu não quero ir por aí. Onde é que encontraste essa carta? Pensei que a tinha escondido.

— Não a escondeste suficientemente bem.

O Silas sorri.

Acho que gosto do Silas namoradeiro. Mesmo que amanhã esqueçamos tudo de novo, pelo menos hoje será um bom dia.

— Vamos para um sítio divertido — proponho. — Não me lembro da última vez que me diverti.

Começamos a rir-nos os dois ao mesmo tempo. Gosto dele. Gosto mesmo. É tão fácil estar com ele. Ele ri-se demasiado, talvez. Tipo, estamos completamente lixados e ele continua a sorrir. Preocupa-te um pouco, meu. Ele faz-me rir quando eu devia estar a preocupar-me.

— OK — diz ele, olhando para mim. — Eu preferia ir para aquele lugar na carta onde te fiz aquela coisa com a língua, mas…

É automático — deve ser algo da Charlie —, mas assim que as palavras saem da boca dele, a minha mão atravessa o espaço entre nós e dou-lhe uma palmada no braço. Ele agarra na minha mão antes que eu me possa afastar e encosta-a ao peito. Isto também parece algo que já foi feito antes, uma coisa deles, da Charlie e do Silas, não minha e deste tipo.

Sinto-me cansada por estar assim encostada a ele, mesmo que seja só a minha mão. Não me posso dar ao luxo de estar cansada, por isso afasto-me dele e olho pela janela.

— Estás mesmo a lutar contra isto — diz ele. — Isso contraria o objetivo.

Ele tem razão. Aproximo-me e agarro-lhe a mão.

— Isto sou eu a apaixonar-me por ti. Um amor profundo e verdadeiro.

— Pergunto-me se serás menos ridícula quando tiveres a tua memória.

Ligo o rádio com a minha mão livre.

— Duvido — respondo.

Gosto de o fazer sorrir. Não é preciso muito para fazer com que os cantos da boca dele se ergam, mas, para conseguir que os lábios dele se curvem totalmente para cima, tenho de ser especialmente atrevida. Agora os lábios dele estão

totalmente curvados quando ele conduz e eu consigo observá-lo sem que ele me observe. Estamos a agir como se nos conhecêssemos, apesar de as nossas mentes conscientes não se conhecerem. Porquê?

Pego na mochila, para procurar a resposta nas cartas ou nos diários deles.

— Charlize, a resposta não está aí. Fica comigo. Não te preocupes com isso.

Largo a mochila. Não sei para onde ele está a conduzir. Não sei se ele sabe para onde está a conduzir, mas acabamos num parque de estacionamento no momento em que começa a chover. Não há outros carros por perto e está a chover demasiado para que eu possa distinguir os edifícios à nossa volta.

— Onde é que estamos?

— Não sei — responde o Silas. — Mas devíamos sair do carro.

— Está a chover.

— Pois está. O Silas manda sair do carro.

— O Silas manda…? Como no *Rei* manda?

Ele fica a olhar para mim com expectativa, por isso encolho os ombros. Honestamente, o que é que eu tenho a perder? Abro a porta do carro e saio para a chuva. É uma chuva quente. Inclino a cara para cima e deixo que ela me atinja.

Ouço a porta dele a bater e depois ele corre para a frente do carro e fica à minha frente.

— O Silas manda correr à volta do carro cinco vezes.

— És esquisito, sabias?

Ele fica a olhar para mim. Eu encolho os ombros outra vez e começo a correr. Sinto-me bem. Como se, a cada passo, alguma da tensão estivesse a sair do meu corpo.

Não olho para ele quando passo por ele a correr, concentro-me apenas em não tropeçar. Talvez a Charlie tenha feito atletismo ou algo do género. Cinco voltas ao carro depois, paro à frente dele. Estamos os dois encharcados. Gotas de água pendem-lhe das pestanas e escorrem-lhe pelo pescoço bronzeado. Porque é que tenho vontade de tocar com a minha língua naquelas linhas de água?

Ah, pois é. Estávamos apaixonados. Ou se calhar é porque ele é mesmo sexy.

— O Silas manda ir àquela loja e pedir um cachorro-quente. Quando disserem que não vendem cachorros-quentes, bate com o pé com força e grita como

fizeste no hotel esta manhã.

— Hã?

Ele cruza os braços sobre o peito.

— O Silas manda.

Por que raio estou a fazer isto? Lanço-lhe o olhar mais fulminante que consigo e vou na direção da loja que ele me indicou. É uma agência de seguros. Abro a porta e três adultos com ar rezingão levantam a cabeça para ver quem entrou. Um deles até tem a audácia de enrugar o nariz, como se eu não soubesse que estou a pingar água por todo o lado.

— Queria um cachorro-quente com tudo — digo.

Os olhares são inexpressivos.

— Esteve a beber? — pergunta-me a rececionista. — Precisa de ajuda? Como é que se chama?

Bato com o pé e solto um grito lancinante, ao que os três deixam cair o que estão a segurar e olham uns para os outros.

Aproveito o momento de surpresa deles para sair a correr. O Silas está à minha espera do lado de fora da porta. De tanto rir, está dobrado e agarrado à barriga.

Dou-lhe um soco ao de leve no braço e depois corremos os dois para o *Land Rover*.

Consigo ouvir o meu próprio riso a misturar-se com o dele. Foi divertido. Entramos no carro e arrancamos quando os Rezingões Um, Dois e Três saem para nos ver.

O Silas conduz durante alguns quilómetros antes de encostar noutro parque de estacionamento. Desta vez consigo ver o letreiro luminoso a anunciar «O Melhor Café e *Beignets* do Louisiana!»

— Estamos encharcados — digo, parecendo não conseguir tirar o sorriso do rosto. — Tens noção da bagunça que os *beignets* fazem?

— O Silas manda comermos dez *beignets* — diz ele sem hesitar.

— Porque é que tens de agir como um robô quando jogas este jogo? Está a assustar-me.

Ele não responde. Arranjamos uma mesa perto da janela e pedimos café e

duas dúzias de *beignets*. A empregada não parece incomodada com a nossa roupa molhada ou com o facto de o Silas estar a falar com uma voz de robô.

— A empregada acha-nos giros — digo-lhe. — E somos.

Reviro os olhos. Isto é divertido. *Será que a Charlie acharia isto divertido?*

Quando os nossos *beignets* chegam, estou com tanta fome que não me importo com as roupas e o cabelo molhados. Devoro-os, gemendo quando a massa quente toca na minha língua. O Silas observa-me, divertido.

— Gostas mesmo deles, hã?

— Na verdade, são muito nojentos — respondo. — Só que estou a adorar este jogo.

Comemos todos os que conseguimos até ficarmos cobertos de açúcar em pó. Antes de sairmos, o Silas esfrega-me um pouco na cara e no cabelo. Para não sair a perder, faço-lhe o mesmo. Meu Deus, este tipo é divertido. Talvez agora perceba o que a Charlie vê nele.

42

Silas

Ela está a gostar disto. Praticamente não sorriu nos últimos dias que passei com ela, mas agora não consegue *parar* de sorrir.

— Onde é que vamos agora? — pergunta, batendo as palmas. Ainda tem açúcar em pó no canto da boca. Estico-me para o outro lado do banco e limpo-o com o polegar.

— Vamos ao Bairro Francês — respondo. — Há lá muitos sítios românticos.

Ela revira os olhos, percorrendo o telemóvel.

— Não sei o que costumávamos fazer para nos divertirmos. Além de tirar *selfies*.

— Pelo menos eram todas boas *selfies*.

Ela lança-me um olhar de pena.

— Isso é uma contradição. Não existem *boas selfies*.

— Estive a ver a galeria de fotos do teu telemóvel e tenho a dizer que não concordo.

Ela baixa a cabeça e olha pela janela, mas consigo ver o tom rosado das suas bochechas ficar mais intenso.

Quando estacionamos, não tenho plano absolutamente nenhum. Comemos tantos *beignets* que duvido que já queira almoçar.

Passamos o início da tarde a percorrer as ruas, parando em quase todas as lojas. É como se ambos estivéssemos tão fascinados com a paisagem que nos esquecêssemos do objetivo do dia. É suposto eu fazê-la apaixonar-se por mim. É suposto ela apaixonar-se por mim. *Concentra-te, Silas.*

Estamos na Dauphine Street quando passamos pelo que parece ser uma livraria. A Charlie vira-se e agarra nas minhas mãos.

— Vamos — diz ela, puxando-me para dentro da loja. — Tenho quase a certeza de que o caminho para o meu coração está aqui.

Por todo o lado há livros empilhados do chão ao teto. De lado, de cima para baixo, livros usados como prateleiras para mais livros. Há um homem sentado atrás de uma caixa registadora à direita, coberta com ainda mais livros. Acena-nos quando entramos. A Charlie dirige-se para as traseiras da loja, que não ficam muito longe. É uma loja pequena, mas tem mais livros do que alguém conseguiria ler em toda a sua vida. Ela toca com os dedos nas lombadas à medida que passa por eles, olhando para cima, para baixo, à volta. Chega mesmo a rodopiar quando alcança o fim do corredor. Está sem dúvida no seu elemento, quer se lembre quer não.

Quando a vejo virada para um canto, a tirar um livro vermelho da prateleira, aproximo-me por trás e dou-lhe outra tarefa do Silas Manda.

— O Silas manda… abrir o livro numa página qualquer e ler as primeiras frases…

Ela ri-se.

— Isso é fácil.

— Ainda não acabei — digo. — O Silas manda ler as frases a plenos pulmões.

Ela vira-se para mim, com os olhos arregalados. Mas depois um sorriso malicioso surge no seu rosto. Levanta-se e segura o livro à sua frente.

— Está bem. Foste tu que pediste. Ela aclara a garganta, e depois, lê o mais alto que consegue. — «TIVE VONTADE DE CASAR COM ELA! TIVE VONTADE DE LHE COMPRAR UM AVIÃO MÁGICO E LEVÁ-LA PARA UM LUGAR ONDE NADA DE MAL PUDESSE ACONTECER! TIVE VONTADE DE DESPEJAR COLA DE CONTACTO NO PEITO E DEPOIS DEITAR-ME EM CIMA DELA PARA FICARMOS COLADOS, E PARA QUE DOESSE MUITO SE ALGUMA VEZ NOS TENTÁSSEMOS SEPARAR!»

A Charlie está a rir-se quando termina. Mas quando começa a assimilar as palavras que leu, o seu riso desvanece-se. Passa os dedos pelas frases como se tivessem significado para si.

— Isto é muito bonito — comenta. Folheia o livro até parar com o dedo noutro parágrafo. Depois, num sussurro, começa a ler de novo. — «O destino é a atração magnética das nossas almas para as pessoas, lugares e coisas a que pertencemos.»

Fica a olhar para o livro por momentos e depois fecha-o. Volta a colocá-lo na prateleira, mas retira dois livros do caminho para que este fique exposto com mais destaque.

— Acreditas nisso?

— Em que parte?

Ela encosta-se de lado a uma parede de livros e fica a olhar por cima do meu ombro.

— Que as nossas almas são atraídas para as pessoas a quem pertencemos.

Estendo-lhe a mão e seguro uma madeixa do cabelo dela. Passo os dedos por ela e enrolo-a à volta do meu dedo.

— Não sei se normalmente acredito em almas gémeas — respondo. — Mas nas próximas vinte e quatro horas, apostaria a minha vida para que isso fosse verdade.

Ela roda o corpo até ficar com as costas encostadas à parede de livros, virada para mim. Neste momento eu *apostaria* a minha vida no destino. De alguma forma, tenho mais sentimentos por esta rapariga do que aqueles que cabem dentro de mim. E quero, mais do que tudo, que ela sinta a mesma coisa. Que *queira* a mesma coisa que eu. E… neste preciso momento… o que eu quero é a minha boca na dela.

— Charlie… — Solto-lhe a madeixa de cabelo e levo a mão ao rosto dela. Toco-lhe suavemente… traçando-lhe a maçã do rosto com as pontas dos dedos. Consigo ouvir a respiração dela, curta e rápida. — Beija-me.

Ela inclina-se um pouco para a minha mão e os olhos dela pestanejam. Por momentos, penso que ela pode mesmo fazê-lo. Mas depois um sorriso rouba-lhe a expressão excitada e ela diz:

— O Silas não mandou.

Passa por baixo do meu braço e desaparece no corredor seguinte. Não a sigo. Pego no livro que ela leu e enfio-o debaixo do braço enquanto me dirijo para a caixa registadora.

Ela sabe o que estou a fazer. Durante todo o tempo em que estou na caixa, ela observa-me do fundo do corredor. Depois de comprar o livro, saio e deixo a porta fechar-se atrás de mim. Espero alguns segundos para ver se ela me segue, mas não o faz. Continua a mesma Charlie teimosa.

Tiro a mochila do ombro e guardo o livro lá dentro. Aproveito e retiro a minha câmara fotográfica e ligo-a.

Ela fica dentro da livraria durante mais meia hora. Não me importo com isso. Sei que ela sabe que ainda estou cá fora. Tiro fotografia atrás de fotografia, absorto nas pessoas que passam e na forma como o sol se está a pôr por cima dos edifícios, lançando sombras até nos objetos mais pequenos. Tiro fotografias de tudo. Quando a Charlie finalmente regressa à rua, a minha bateria está quase a atingir o limite.

— Onde está o meu livro? — pergunta ela, aproximando-se de mim.

Ponho a mochila ao ombro.

— Não comprei o livro para ti. Comprei-o para mim.

Ela bufa e segue atrás de mim enquanto eu desço a rua.

— Isso não é uma boa jogada, Silas. É suposto seres atencioso. Não egoísta. Eu quero apaixonar-me por ti, não ficar irritada contigo.

Rio-me.

— Porque é que eu tenho a sensação de que contigo o amor e a irritação andam de mãos dadas?

— Bem, *tu* conheces-me há mais tempo do que eu me conheço a mim própria. — Ela agarra a minha mão para que eu pare. — Olha! Lagostins! — diz ela, puxando-me na direção do restaurante. — Gostamos de lagostins? Estou cheia de fome!

Acontece que *não* gostamos de lagostins. Felizmente, tinham panados de frango

na ementa. Pelo vistos, gostamos os dois de frango.

— Devíamos escrever isto algures — diz ela, andando para trás no meio da rua. — Que detestamos lagostins. Não quero ter de passar por essa experiência horrível outra vez.

— Espera! Vais… — A Charlie cai de rabo no chão antes que o resto da frase possa sair da minha boca. — Tropeçar num buraco — termino.

Estico a mão para a ajudar a levantar-se, mas não há muito que eu possa fazer em relação às calças dela. Tínhamos finalmente secado depois da chuva do início do dia, mas agora ela está outra vez encharcada. Desta vez de água lamacenta.

— Estás bem? — pergunto-lhe, tentando não me rir. *Tentar* é a palavra-chave aqui. Porque estou a rir-me mais do que alguma vez me ri em todo o dia.

— Sim, sim — diz ela, tentando limpar a lama das calças e das mãos. Ainda me estou a rir quando ela semicerra os olhos e aponta para a poça de lama. — A Charlie manda sentares-te no buraco, Silas.

Abano a cabeça.

— Não. Nem pensar. O jogo chama-se *Silas* Manda, não *Charlie* Manda.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Oh, a sério? — Ela dá um passo para mais perto de mim e diz: — A Charlie manda sentarmo-nos no buraco. Se o Silas fizer o que a Charlie manda, a Charlie faz o que o Silas manda.

Isso é uma espécie de convite? *Estou a gostar da Charlie namoradeira.* Olho para o buraco. Não é assim tão fundo. Viro-me e baixo-me até ficar sentado de pernas cruzadas na poça de água lamacenta. Mantenho os olhos no rosto da Charlie, não querendo testemunhar a atenção que provavelmente estamos a atrair dos transeuntes. Ela engole o riso, mas eu consigo ver o quanto está a gostar disto.

Continuo sentado no buraco até que a Charlie começa a ficar embaraçada. Passados alguns segundos, inclino-me para trás sobre os cotovelos e cruzo as pernas. Alguém tira uma fotografia minha no buraco e ela faz-me sinal para me levantar.

— Levanta-te — diz ela, olhando em volta. — Despacha-te.

Eu abano a cabeça.

— Não posso. A Charlie não mandou.

Ela agarra a minha mão, a rir-se.

— A Charlie manda *levantar*, seu idiota.

Ela ajuda-me a levantar e agarra na minha camisola, pressionando a cara contra o meu peito.

— Oh, meu Deus, estão todos a olhar para nós.

Envolvo-a com os meus braços e começo a balançar-me para a frente e para trás, o que provavelmente não era o que ela estava à espera que eu fizesse. Então olha para mim, ainda agarrada à minha camisola.

— Já podemos ir?

Eu abano a cabeça.

— O Silas manda dançar.

Ela franze as sobrancelhas.

— Não podes estar a falar a sério!

Há, agora, várias pessoas paradas na rua, algumas delas a tirarem-nos fotografias. Não as censuro. Provavelmente também tiraria fotografias a um idiota que se sentasse de bom grado numa poça de lama.

Solto-lhe os dedos da minha camisola e seguro nas mãos dela enquanto a obrigo a dançar ao som de uma música inexistente. Ela no início fica rígida, mas depois parece deixar que o riso se sobreponha ao embaraço. Balançamos e dançamos pela Bourbon Street, esbarrando nas pessoas à medida que avançamos. Durante todo o tempo, ela está a rir-se como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

Depois de alguns minutos, somos obrigados a parar por causa da multidão. Paro de a rodar o tempo suficiente para a puxar contra o meu peito e balançar suavemente, para a frente e para trás.

Ela está a olhar para mim, a abanar a cabeça.

— Tu és louco, Silas Nash.

Assinto.

— Ótimo. É por isso que tu me amas.

O sorriso dela desvanece-se por momentos e o olhar dela faz-me parar de

balançar. Pousa a palma da mão sobre o meu coração e olha para as costas da mão. Já sei que não está a sentir um batimento cardíaco, mas sim um tambor em pleno desfile.

Os olhos dela voltam a encontrar-se com os meus. Afasta os lábios e sussurra:

— A Charlie manda… beijar a Charlie.

Eu tê-la-ia beijado mesmo que a Charlie não tivesse mandado. Enrosco a mão no cabelo dela um segundo antes de os meus lábios se encontrarem com os dela. Quando a sua boca se aproxima da minha, sinto-me como se ela tivesse furado o meu peito e apertado o meu coração. Dói, não dói, é lindo, é aterrador. Quero que dure uma eternidade, mas ficarei sem fôlego se este beijo se prolongar por mais um minuto. O meu braço envolve a cintura dela e, quando a puxo para mais perto, ela geme baixinho na minha boca. *Meu Deus.*

A única coisa para a qual tenho espaço na cabeça neste momento é a firme convicção de que o destino existe *realmente*. Destino… almas gémeas… viagens no tempo… o que for. Tudo isso existe. Porque é a isso que o beijo dela sabe. À própria *existência*.

Somos momentaneamente sacudidos quando alguém esbarra em nós. As nossas bocas separam-se, mas é preciso esforço para nos libertarmos do que quer que nos prendeu. A música que emana de todas as portas abertas ao longo da rua volta a ouvir-se. As luzes, as pessoas, os risos. Todas as coisas externas que os dez segundos de beijo bloquearam estão a regressar. O sol está a pôr-se, e a noite parece transformar toda esta rua num mundo totalmente diferente. Não há nada que eu queira mais neste momento do que tirá-la daqui. No entanto, nenhum de nós parece conseguir mexer-se, e o meu braço parece pesar uns dez quilos quando pego na mão dela. Ela entrelaça os dedos nos meus e começamos a caminhar em silêncio em direção ao parque de estacionamento onde está o meu carro.

Nenhum de nós diz uma palavra durante toda a caminhada. Quando estamos os dois dentro do carro, espero um momento antes de o ligar. As coisas estão demasiado pesadas. Não quero começar a conduzir antes de dizermos o que quer que seja que precisamos de dizer. Beijos como aquele devem ser reconhecidos.

— E agora? — pergunta ela, olhando pela janela.

Olho para ela por instantes, mas ela não se mexe. É como se estivesse congelada. Suspensa no tempo entre o último beijo e o próximo.

Aperto o cinto de segurança e ligo o carro. *E agora?* Não faço a mínima ideia. Quero beijá-la assim um milhão de vezes mais, mas cada beijo acabaria como aquele. Com medo de não me lembrar dele amanhã.

— Devíamos voltar para casa e ter uma noite de sono decente — digo. — Também precisamos de tomar mais notas para o caso de…

Não termino a frase.

Ela põe o cinto de segurança.

— Para o caso de as almas gémeas não existirem… — conclui ela.

43

Charlie

Durante a viagem até casa do Silas, penso em tudo o que aprendemos hoje. Penso no meu pai e em como ele não é um bom ser humano. Parte de mim tem medo de que isso seja hereditário. Já li o suficiente sobre como eu era dantes para saber que não tratava as pessoas muito bem. Incluindo o Silas. Só posso esperar que a pessoa em que me tornei seja o resultado de influências externas, e que isso signifique que não serei sempre assim. Uma pessoa vingativa e traidora.

Abro a mochila e começo a ler mais apontamentos enquanto o Silas conduz. Deparo-me com algo sobre documentos que o Silas roubou ao pai, e como suspeitamos que possam implicar o meu pai. Porque é que o Silas os roubaria ao pai? Se o meu pai é culpado, o que eu acredito que seja, porque é que o Silas quereria esconder isso?

— Porque é que achas que roubaste os documentos ao teu pai? — pergunto-lhe.

Ele encolhe os ombros.

— Não sei. O único motivo que me ocorre é que talvez os tenha escondido porque me senti mal por ti. Talvez eu não quisesse que o teu pai ficasse ainda mais tempo na prisão, porque isso te deixaria arrasada.

Isso parece-me algo que o Silas faria.

— Eles ainda estão no teu quarto? — pergunto.

O Silas assente.

— Acho que sim. Tenho quase a certeza de que li algures que os guardo perto da minha cama.

— Quando chegarmos a tua casa esta noite, acho que os devias entregar ao teu pai.

O Silas olha na minha direção.

— Tens a certeza disso?

Anuo.

— Ele arruinou muitas vidas, Silas. Merece pagar por isso.

— A Charlie não sabia que tinhas isto?

Estou à porta do escritório do pai do Silas. Quando ele me viu entrar em casa dele com o Silas, pensei que lhe ia bater. O Silas pediu-lhe cinco minutos para se explicar. Subiu as escadas, foi buscar os documentos e devolveu-os ao pai.

Não consigo ouvir a conversa toda. O Silas está a explicar que os escondeu para me proteger. Está a pedir desculpa. O pai dele está calado. E então…

— Charlie? Podes vir aqui, por favor?

O pai dele assusta-me. Não da mesma forma que o meu pai. O Clark Nash é intimidante, mas não parece mau. Não como o Brett Wynwood.

Entro no escritório e ele faz-me sinal para me sentar ao lado do Silas. Eu obedeço. Começa a dar alguns passos de um lado para o outro da secretária e depois detém-se. Quando se vira para nós, olha diretamente para mim.

— Devo-te um pedido de desculpas.

Não tenho dúvidas de que ele consegue ver o choque na minha expressão.

— Deve?

Ele aquiesce com a cabeça.

— Tenho sido muito duro contigo, Charlie. O que o teu pai me fez… o que fez à nossa empresa… não teve nada que ver contigo. No entanto, foi a ti que atribuí as culpas quando os documentos desapareceram, porque sabia quão ferozmente o tinhas apoiado. — Então, olha para o Silas e continua: — Estaria a mentir se dissesse que não estou desapontado contigo, Silas. O facto de teres interferido numa investigação federal…

— Eu tinha 16 anos, pai. Não sabia o que estava a fazer. Mas agora sei, e tanto eu como a Charlie queremos corrigir as coisas.

O Clark Nash acena e contorna a secretária para se sentar.

— Então isto significa que te vamos ver mais vezes, Charlie?

Olho de relance para o Silas e depois para o pai dele.

— Sim, senhor.

Ele esboça um ligeiro sorriso, um sorriso parecido com o do Silas. O Clark devia sorrir mais vezes.

— Muito bem, então.

Eu e o Silas interpretamos isso como a nossa deixa para sair. Quando subimos as escadas, o Silas simula uma queda, atirando-se para o primeiro degrau de cima enquanto aperta o peito.

— Cristo, aquele homem é aterrador — diz ele.

Eu rio-me e ajudo-o a levantar-se.

Pelo menos, se amanhã as coisas não correrem bem a nosso favor, teremos feito uma boa ação.

— Charlie, hoje levaste tudo na desportiva — diz o Silas, atirando-me uma t-shirt. Estou sentada de pernas cruzadas no chão do quarto. Apanho-a e estico-a para a ver melhor. É de uma colónia de férias. Ele não me deu nenhumas calças.

— É essa a tua maneira de te atirares a mim? — pergunto. — Usando o desporto nos teus elogios?

O Silas faz uma careta.

— Olha bem à tua volta. Vês alguma coisa relacionada com desporto?

É verdade. Ele parece gostar mais de fotografia do que de qualquer outra coisa.

— Estás na equipa de futebol — digo.

— Pois, mas não queria.

— A Charlie manda deixares a equipa de futebol — ordeno.

— Talvez o faça — responde ele. Depois, abre a porta do quarto. Ouço-o descer as escadas a correr, duas de cada vez. Espero um momento para ver o que

ele foi fazer e, pouco depois, ouço-o subir as escadas a correr. A porta abre-se de novo e ele sorri. — Acabei de dizer ao meu pai que saí da equipa de futebol — diz ele, com orgulho.

— O que é que ele disse?

O Silas encolhe os ombros.

— Não sei. Devo ter medo dele, porque voltei a correr cá para cima assim que lhe contei.

Ele pisca-me o olho.

— E o que é que *tu* vais abandonar, Charlize?

— O meu pai. — A minha resposta sai facilmente. — A Charlie precisa de se afastar de coisas que impedem o seu crescimento emocional.

O Silas para o que está a fazer para olhar para mim. É um olhar estranho. Um olhar com o qual não estou familiarizada.

— *O que foi?* — exclamo, na defensiva.

Ele abana a cabeça.

— Nada. Foi uma boa ideia, só isso.

Abraço os joelhos e fico a olhar para o tapete. Porque é que, quando ele me elogiou, o meu corpo entrou em parafuso? De certeza que as opiniões dele não eram assim tão importantes para a Charlie. Para *mim*. Se fossem, eu lembrar-me-ia. E de quem devem ser as opiniões mais importantes na vida, afinal? Dos pais? *Os meus estão lixados*. Do namorado? *Se o namorado não for um santo como o Silas Nash, isso podia correr muito mal*. Penso no que diria à Janette se ela fizesse essa pergunta.

— Confia no teu instinto — digo, em voz alta.

— Do que é que estás a falar?

Ele está a remexer numa caixa que encontrou no armário, mas inclina-se para trás para olhar para mim.

— Confia no teu instinto. Não no teu coração, porque ele quer agradar às pessoas, nem no teu cérebro, porque ele se baseia demasiado na lógica.

Ele anui lentamente, sem tirar os olhos de mim.

— Charlize, acho muito sexy quando dizes coisas profundas como essa. Por isso, a menos que queiras outra rodada de Silas Manda, o melhor será deixares

de fazer reflexões tão profundas.

Largo a t-shirt e fico a olhar para ele. Penso no dia de hoje. Penso no nosso beijo e em como estaria a mentir se dissesse que não esperava que ele me beijasse assim novamente esta noite. Desta vez em privado, sem uma dezena de olhares postos em nós. Estico a mão e agarro um pedaço do tapete. Sinto o rosto aquecer.

— E se eu *quiser* outra rodada de Silas Manda? — pergunto.

— Charlie… — começa ele, quase como se o meu nome fosse um aviso.

— O que é que o Silas mandaria?

Ele levanta-se e eu também. Vejo-o passar a mão na nuca, e o meu coração bate como se estivesse a tentar soltar-se e sair a correr do quarto antes que o Silas consiga chegar até ele.

— De certeza que queres jogar? — pergunta ele, percorrendo-me com os olhos.

Eu assinto. *Porque não?* De acordo com as nossas cartas, não será a primeira vez que fazemos isto. E é provável que amanhã nem nos lembremos de nada.

— Tenho a certeza — respondo, tentando parecer muito mais confiante do que realmente me sinto. — É o que eu mais gosto de fazer.

De repente, ele parece mais firme, mais confiante em si mesmo. É emocionante ver isso.

— O Silas manda… tirar a camisola.

Ergo as sobrancelhas, mas faço o que ele manda, levantando o cós da camisola por cima da cabeça. Ouço a respiração dele, mas não consigo encará-lo. A alça do meu soutien escorrega pelo ombro.

— O Silas manda… baixar a outra alça do soutien.

A minha mão treme um pouco quando o faço. Ele dá um passo lento na minha direção, olhando para baixo, para onde o meu braço ainda está cruzado sobre o peito. Os olhos dele encontram os meus. Os cantos da sua boca erguem-se num sorriso. Ele acha que estou prestes a desistir deste jogo. Consigo perceber isso.

— O Silas manda… abrir o fecho.

É um fecho frontal. Mantenho os olhos fixos nos dele enquanto o abro. Ele engole em seco enquanto eu tiro o soutien e o seguro na ponta do dedo. O ar frio

e os seus olhos fazem-me querer afastar-me. O olhar dele segue o soutien quando este cai no chão. Quando volta a olhar para mim, está a sorrir. Mas, ao mesmo tempo, não está. Não sei como é que ele consegue fazer isso… parecer feliz e sério ao mesmo tempo.

— O Silas manda vires até aqui.

Não consigo afastar-me quando ele olha para mim assim. Caminho até ele e, quando estou suficientemente perto, ele aproxima-se de mim. Coloca a mão atrás da minha cabeça e passa os dedos pelo meu cabelo.

— O Silas manda…

— Cala-te, Silas — interrompo. — Beija-me de uma vez.

Ele baixa a cabeça e prende os meus lábios num beijo profundo que me obriga a inclinar a cabeça para o encontrar. Pressiona a boca contra a minha num beijo suave, uma, duas, três vezes antes de separar os meus lábios com a língua. Beijar o Silas parece rítmico, como se tivéssemos tido mais do que apenas esta tarde para treinarmos. A mão dele agarra com força o meu cabelo e os meus joelhos fraquejam. Estou sem fôlego e os meus olhos estão vidrados.

Será que confio nele?

Confio nele.

— A Charlie manda tirares a camisa — digo, contra a sua boca.

— Este jogo chama-se *Silas* Manda.

Passo as mãos pela pele quente do estômago dele.

— Agora já não.

44

Silas

— Charlie querida — sussurro, deslizando um braço sobre ela. Pressiono os lábios contra a curva do seu ombro. Ela mexe-se e depois puxa os cobertores para cima da cabeça. — Charlie, está na hora de acordar.

Ela vira-se de frente para mim, mas fica debaixo do cobertor. Eu levanto-o sobre a cabeça até estarmos ambos cobertos. Ela abre os olhos e franze o sobrolho.

— Cheiras bem — diz ela. — Não é justo.

— Tomei um duche.

— E lavaste os dentes?

Assinto e ela franze as sobrancelhas.

— Isso não é justo. Quero lavar os dentes.

Levanto-lhe os cobertores da cabeça e ela tapa os olhos com a mão e geme.

— Então despacha-te a lavar os dentes para poderes voltar e beijar-me.

Ela arrasta-se para fora da cama e vai até à casa de banho. Ouço a água no lavatório, mas o som é rapidamente abafado pelos ruídos que vêm lá de baixo. Tachos e panelas a fazer barulho, portas de armários a bater. Parece que alguém está a limpar. Olho para o relógio e são quase nove da manhã.

Mais duas horas.

A porta da minha casa de banho abre-se e a Charlie atravessa o quarto a correr para depois saltar para a cama, puxando rapidamente os cobertores para cima de

si.

— Está frio cá fora — diz ela, com os lábios a tremer.

Puxo-a para mim e encosto a boca à dela.

— Melhorou — murmura ela.

E é isto que fazemos enquanto eu me esforço por perder a noção do tempo. Beijamo-nos.

— Silas — sussurra ela, enquanto lhe beijo o pescoço. — Que horas são?

Estendo o braço na direção da mesa de cabeceira e olho para o telemóvel.

— Nove e quinze.

Ela suspira, e eu sei exatamente no que ela está a pensar. Eu também estou a pensar nisso.

— Não me quero esquecer desta parte — diz ela, olhando para mim com olhos que parecem dois corações partidos.

— Eu também não — sussurro.

Ela beija-me de novo, suavemente. Consigo sentir o seu coração a acelerar no peito e sei que não é por estarmos a beijar-nos debaixo dos lençóis. É porque está assustada. E gostava de conseguir fazer com que ela deixasse de ter medo, mas não consigo. Puxo-a para mim e abraço-a. Ficaria com ela aqui para sempre, mas sei que há coisas que temos de fazer agora.

— Podemos esperar pelo melhor, mas acho que nos devíamos preparar para o pior — digo.

Ela aquiesce com a cabeça encostada ao meu peito.

— Eu sei. Mais cinco minutos, por favor? Vamos ficar debaixo do cobertor mais cinco minutos e fingir que estamos apaixonados como dantes.

Eu suspiro.

— Por esta altura não preciso de fingir, Charlie.

Ela sorri e encosta os lábios ao meu peito.

Dou-lhe quinze minutos. Cinco não bastam.

Quando o nosso tempo acaba, arrasto-me para fora da cama e puxo por ela.

— Temos de tomar o pequeno-almoço. Assim, se chegarem as onze da manhã e nos passarmos de novo, teremos algumas horas antes de nos preocuparmos com a comida.

Vestimo-nos e descemos as escadas. A Ezra parece estar a preparar o pequeno-almoço quando entramos na cozinha. Vê a Charlie a esfregar os olhos e ergue uma sobrancelha na minha direção. Ela acha que estou a abusar da sorte ao ter a Charlie cá em casa.

— Não te preocupes, Ezra. O pai diz que agora posso gostar dela.

A Ezra retribui o meu sorriso.

— Estão com fome? — pergunta-nos.

Assinto.

— Sim, mas podemos fazer a nossa própria comida.

A Ezra desconsidera a sugestão com um gesto.

— Que disparate — diz ela. — Eu preparo o vosso petisco preferido num instante.

— Obrigada, Ezra — diz a Charlie, com um sorriso. Um leve olhar de surpresa surge no rosto da Ezra antes de ela se dirigir à despensa.

— Meu Deus — sussurra a Charlie. — Achas que eu costumava ser assim tão horrível? A ponto de alguém ficar chocado por me ouvir agradecer?

Nessa altura, a minha mãe entra na cozinha. Estaca quando vê a Charlie.

— Passaste a noite aqui? — pergunta ela, não parecendo muito satisfeita.

— Não — minto pela Charlie. — Fui buscá-la esta manhã.

A minha mãe semicerra os olhos. Não preciso de me lembrar dela para saber que não acredita muito nisso.

— Porque é que vocês os dois não estão na escola?

Ficamos os dois calados por instantes, mas depois a Charlie diz:

— É um dia flexível.

A minha mãe acena com a cabeça sem mais perguntas. Dirige-se à despensa e começa a falar com a Ezra.

— O que é um dia flexível? — sussurro.

A Charlie encolhe os ombros.

— Não faço ideia, mas pareceu-me bem — argumenta, com um sorriso, e depois sussurra: — Como é que a tua mãe se chama?

Abro a boca com a intenção de responder à pergunta, mas fico completamente sem palavras.

— Caramba! Não faço ideia. Não sei se cheguei a tomar nota disso em algum apontamento.

A minha mãe espreita para fora da despensa.

— Charlie, vais jantar connosco esta noite?

A Charlie olha para mim e depois para a minha mãe.

— Sim, senhora. Se me lembrar.

Eu rio-me e a Charlie sorri, e, por uma fração de segundo, esqueço-me de que estamos prestes a passar por tudo outra vez.

Apanho a Charlie a olhar para o relógio do forno. Consigo ver a preocupação, não só nos seus olhos, mas em todo o seu corpo. Pego na mão dela e aperto-a.

— Não penses nisso — sussurro. — Só daqui a uma hora.

— Não faço ideia de como é que alguém pode esquecer como isto é magnífico — diz a Charlie, dando a última dentada no que quer que seja que a Ezra cozinhou para nós. Há quem lhe chame pequeno-almoço, mas comida como esta merece a sua própria categoria.

— O que é isto? — pergunta a Charlie à Ezra.

— Rabanadas com *Nutella* — responde ela.

A Charlie escreve «Rabanadas com *Nutella*» numa folha de papel e rabisca dois corações ao lado. Depois acrescenta a frase: «Tu detestas lagostins, Charlie!!!»

Antes de sairmos da cozinha e voltarmos para o meu quarto, a Charlie vai ter com a Ezra e dá-lhe um grande abraço.

— Obrigada pelo pequeno-almoço, Ezra.

A Ezra faz uma pausa antes de retribuir o abraço.

— Não tens de quê, Charlize.

— Faz-me isso para a próxima vez que eu cá vier tomar o pequeno-almoço? Mesmo que eu não me lembre de o ter comido hoje?

— Claro — responde a Ezra, encolhendo os ombros.

— Sabes que mais? — comenta a Charlie aleatoriamente quando estamos a subir as escadas. — Acho que foi o dinheiro que nos tornou maus.

— Do que é que estás a falar?

Chegamos ao meu quarto e eu fecho a porta atrás de nós.

— Parece-me que talvez tenhamos sido ingratos. Um bocadinho mimados. Não sei se os nossos pais nos ensinaram a ser humanos decentes. Por isso, de certa forma… estou grata por isto nos ter acontecido.

Sento-me na cama e encosto-a ao meu peito. Ela apoia a cabeça no meu ombro e inclina o rosto para o meu.

— Acho que sempre foste um pouco mais simpático do que eu. Mas acho que nenhum de nós se pode orgulhar de quem foi.

Dou-lhe um beijo rápido nos lábios e encosto a cabeça à parede.

— Acho que éramos um produto do nosso meio ambiente. Por dentro, somos boas pessoas. Podemos voltar a perder as nossas memórias, mas por dentro continuamos a ser os mesmos. Bem no fundo, queremos fazer o bem. Ser *bons*. No fundo, amamo-nos. Muito. E o que quer que seja que nos está a acontecer, não está a afetar isso.

Ela entrelaça os dedos nos meus. Ficamos sentados em silêncio durante algum tempo. De vez em quando, olho para o telemóvel. Faltam cerca de dez minutos para as onze da manhã e acho que nenhum de nós sabe como passar esse tempo. Já escrevemos mais notas do que seremos capazes de compreender nas próximas quarenta e oito horas.

Tudo o que podemos fazer é esperar.

45

Charlie

O meu coração bate com tanta força que está a perder o ritmo. Tenho a boca seca. Pego na garrafa de água que está na mesa de cabeceira do Silas e bebo um grande gole.

— Isto é aterrador — digo. — Gostava que pudéssemos acelerar os próximos cinco minutos e acabar com isto.

Ele endireita-se e agarra-me na mão.

— Senta-te à minha frente.

Eu sento-me à frente dele. Estamos os dois de pernas cruzadas na cama, na mesma posição em que estávamos no quarto de hotel há dois dias. Pensar nessa manhã aflige-me. Não quero reconhecer a possibilidade de, dentro de alguns minutos, poder não saber quem ele é.

Desta vez, tenho de ter fé. Isto não pode continuar para sempre. *Será que pode?*

Fecho os olhos e tento controlar a respiração. Sinto a mão do Silas aproximar-se e afastar-me o cabelo dos olhos.

— O que te aterroriza mais esquecer? — pergunta ele.

Abro os olhos.

— De ti.

Ele passa o polegar na minha boca e inclina-se para me beijar.

— Eu também. Amo-te, Charlie.

— Eu também te amo, Silas — respondo, sem hesitar.

Quando os seus lábios encontram os meus, perco o medo. Porque sei que o que quer que aconteça nos próximos segundos… estarei com o Silas, e isso tranquiliza-me.

Ele entrelaça os dedos nos meus.

— Dez segundos.

Respiramos fundo. Consigo sentir as mãos dele a tremer, mas não tanto como as minhas.

— Cinco… quatro… três… dois…

46

Silas

O único som que ouço é o bater do meu coração. O resto do mundo está assustadoramente silencioso.

Os meus lábios ainda estão delicadamente encostados aos dela. Os nossos joelhos tocam-se, os nossos olhos estão fechados, a nossa respiração confunde-se enquanto espero para dar o próximo passo. Tenho a certeza de que desta vez não perdi a memória. Já são duas vezes seguidas… mas não sei como está a Charlie.

Abro lentamente os olhos para poder ver o que me dizem os seus. Os olhos dela permanecem fechados. Observo-a durante alguns segundos, à espera de ver qual será a sua primeira reação.

Será que se vai lembrar de mim?

Será que não faz ideia de onde está?

Ela começa a afastar-se, lentamente, e abre as pálpebras.

Há uma mistura de medo e choque na sua expressão. Então, recua mais alguns centímetros, estudando o meu rosto. Vira a cabeça e olha em volta.

Quando olha para mim, o meu coração desce-me pelo peito como se fosse uma âncora. *Ela não sabe onde está*.

— Charlie?

Os seus olhos marejados de lágrimas fixam-se nos meus e ela tapa rapidamente a boca com a mão. Não consigo perceber se está prestes a gritar. Devia ter posto um bilhete na porta, como fizemos da última vez.

Depois olha para a cama e leva a mão ao peito.

— Estavas vestido de preto — sussurra. — O olhar dela incide na almofada ao meu lado. Aponta para ela. — Estávamos mesmo ali. Estavas a usar uma t-shirt preta, e eu estava a rir-me de ti porque achei que te ficava muito apertada. Disse que te fazia parecer o Simon Cowell. Tu prendeste-me ao colchão, e depois… — Os olhos dela encontram os meus. — E depois beijaste-me.

Anuo, porque de alguma forma, lembro-me de cada instante do momento que ela descreve.

— Foi o nosso primeiro beijo. Tínhamos 14 anos — digo. — Mas eu queria beijar-te assim desde os 12.

A Charlie leva a mão de novo aos lábios e começa a soluçar, com o corpo todo a tremer. Ela avança, envolvendo os braços à volta do meu pescoço. Puxo-a para se deitar ao meu lado e tudo vem à tona em ondas.

— A noite em que foste apanhado a entrar à socapa? — diz ela.

— A tua mãe foi atrás de mim com um cinto. Perseguiu-me até à janela do teu quarto.

A Charlie começa a rir-se entre as lágrimas. Eu seguro-a contra mim, com a cara encostada ao pescoço dela. Fecho os olhos e procuro todas as recordações. As boas. As más. Todas as noites em que ela chorou nos meus braços por causa da forma como as coisas se passaram entre os pais dela.

— Os telefonemas — diz ela, baixinho. — Todas as noites.

Sei exatamente do que ela está a falar. Eu ligava-lhe todas as noites e ficávamos ao telemóvel durante uma hora inteira. Quando as nossas memórias nos deixaram, não conseguíamos perceber porque falávamos tanto tempo todas as noites se a nossa relação se estava a desmoronar.

— O Jimmy Fallon — digo eu. — Ambos adorávamos o Jimmy Fallon. E eu ligava-te todas as noites quando o programa dele começava, e víamos juntos.

— Mas nunca falávamos — acrescenta ela. — Víamos o programa juntos sem falar e depois íamos logo dormir.

— Porque eu adorava ouvir-te rir.

Não são apenas as memórias que me estão a inundar neste momento, mas também os sentimentos. Todos os sentimentos que alguma vez tive por esta

rapariga estão a revelar-se e, por um segundo, não tenho a certeza se consigo absorver tudo.

Abraçamo-nos com força, enquanto analisamos uma vida inteira de recordações. Passam vários minutos enquanto ambos nos rimos das boas recordações e depois passam mais minutos enquanto sucumbimos às menos boas. O sofrimento que a ação dos nossos pais nos infligiu. O sofrimento que causámos um ao outro. O sofrimento que causámos a outras pessoas. Estamos a sentir tudo ao mesmo tempo.

A Charlie agarra-se à minha camisola e enterra a cara no meu pescoço.

— Isto dói, Silas. Não quero voltar a ser aquela rapariga. Como é que podemos ter a certeza de que não somos as mesmas pessoas que éramos antes de isto nos ter acontecido?

Passo a mão pela nuca dela.

— Mas nós *somos* essas pessoas — respondo. — Não podemos apagar o que fomos no passado, Charlie. Mas podemos controlar quem somos no presente. — Levanto-lhe a cabeça do meu ombro e seguro-lhe o rosto entre as mãos. — Charlie, tens de me prometer uma coisa. — Limpo-lhe as lágrimas com o polegar. — Promete-me que nunca mais vais deixar de me amar. Porque eu não quero voltar a esquecer-te. Não quero esquecer um único segundo contigo.

Ela assente.

— Juro. Nunca vou deixar de te amar, Silas. E nunca me vou esquecer.

Inclino a cabeça até a minha boca encontrar a dela.

— *Nunca, jamais*.

Epílogo

Mais de vinte anos depois

Charlie

O Silas ficou de trazer o jantar. Espero por ele à janela da cozinha enquanto finjo que estou a lavar vegetais para uma salada. Gosto de fingir que estou a lavar coisas no lava-loiça, só para poder ver quando ele entra na garagem.

O carro dele chega dez minutos depois, tenho os dedos enrugados de estarem tanto tempo dentro de água. Pego num pano da loiça, sentindo aquelas malditas borboletas no estômago. Nunca desapareceram. Pelo que ouvi dizer, isso é raro depois de tantos anos de casamento.

Os miúdos saem do carro primeiro. A Jessa, a nossa filha, e depois o namorado dela, o Harry. Normalmente os meus olhos iriam para o Silas a seguir, mas algo me faz continuar focada na Jessa e no Harry.

A Jessa é exatamente como eu: teimosa, desbocada e distante. Daria para chorar, não fosse ela fazer-me rir com as suas tiradas. Gosto do Harry. Eles estão juntos desde o primeiro ano e planeiam ir para a mesma faculdade quando se formarem no ano que vem. São normalmente o epítome do amor adolescente, com os olhos brilhantes e sensíveis como eu e o Silas éramos. *E ainda somos*. Mas hoje a Jessa está parada na berma da estrada, de braços cruzados sobre o peito.

O Harry sai do carro e vai para junto dela. *Devem estar zangados*, penso. A

Jessa às vezes gosta de namoriscar com o filho do vizinho, e o Harry fica aborrecido.

O Silas entra um minuto depois. Agarra-me por trás, envolvendo-me com os braços e beijando-me no pescoço.

— Ei, Charlie querida — diz ele, respirando fundo.

Encosto-me a ele.

— O que é que se passa com aqueles dois? — pergunto, ainda a olhar para eles pela janela.

— Não sei. Eles estavam muito estranhos no caminho para casa. Mal falaram.

— Oh, não — exclamo. — Deve ser o vizinho jeitoso de novo.

Ouço a porta da frente bater e chamo a Jessa à cozinha.

— Jessa, vem cá!

Ela entra, lentamente, sem o Harry a reboque.

— O que é que se passa? — pergunto-lhe. — Pareces em estado de choque.

— Pareço? — pergunta ela.

Olho para o Silas e ele encolhe os ombros.

— Onde está o Harry?

A Jessa aponta com o polegar por cima do ombro.

— Está lá dentro.

— OK, bem, vão arranjar-se para o jantar. Vamos comer assim que a salada estiver pronta.

Ela anui, e eu posso jurar que ela está prestes a chorar.

— Jessa — chamo, assim que ela se vira para se ir embora.

— Sim?

— Estava a pensar que podíamos ir a Miami no teu aniversário, no mês que vem. Parece-te bem?

— Sim — responde ela. — Fixe.

Quando ela se afasta, viro-me para o Silas, que tem as sobrancelhas franzidas.

— Eu não sabia que íamos a Miami — diz ele. — Não consigo tirar folga do trabalho assim de repente.

— Silas — digo, abruptamente. — O aniversário dela é só daqui a seis meses.

A ruga na testa dele relaxa e ele abre a boca.

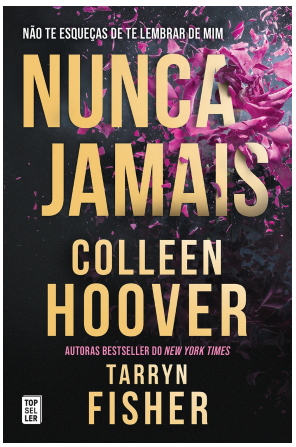
— Ah, pois é — responde. E depois chega lá. — Ah. *Ah.* — Leva uma mão à nuca. — Merda, Charlie. Outra vez não.

Obrigada aos nossos leitores.
Vocês são muito importantes para nós.

TARRYN E COLLEEN

Sobre este livro

ESQUECER PODE SER TERRÍVEL, MAS RELEMBRAR PODE SER AINDA PIOR…



Charlie e Silas estão apaixonados desde os 14 anos, mas há uma manhã em que tudo muda e eles se tornam completos desconhecidos. O primeiro beijo, o momento em que se apaixonaram, a primeira discussão… todas as suas memórias desaparecem. Quando se apercebem de que ambos se encontram nesta estranha situação, Charlie e Silas decidem trabalhar em conjunto para descobrir o que lhes está a acontecer, dando assim início a uma jornada de autodescoberta e de reflexão sobre si próprios e o seu mundo.

Contudo, quanto mais descobrem sobre as pessoas que eram, mais se questionam acerca do que os faz permanecer juntos...

Sobre as autoras

Colleen Hoover é autora norte-americana bestseller do *New York Times* que tem vindo a comover milhares de leitores em todo o mundo com os seus fantásticos romances, já traduzidos para dezenas de línguas.

Tarryn Fisher é autora bestseller do *New York Times* e do *USA Today*, com mais de uma dezena de livros publicados.

Saiba mais sobre as autoras:

www.colleenhoover.com

www.tarrynfisher.com